



o
Cisne Negro

O LAGO DOS CISNES LIVRO 1

STELLA CASTELL

O CISNE NEGRO

Coleção: O LAGO DOS CISNES - Livro 1

Stella Castell

o
Cisne Negro



Copyright © 2022 Stella Castell

PLÁGIO É CRIME!

SEJA CRIATIV@! ESCREVA SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS!

Direitos Autorais © 2022 Stella Castell Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

A violação dos direitos de autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Não recomendado para menores de 18 anos por conter linguagem inapropriada, sexo e conteúdo sensível.



Gênero: Romance/Drama



Palavras-chave: adulto, amizade, amor, ballet, bilionário, chantagem, drama, ficção, hot, inimigos, literatura feminina, máfia, mentira, new-adult, paixão, passado, romance, romântico, segredos, trauma, vingança.



Público Alvo: New Adult (18+)



SOBRE A OBRA:

O CISNE NEGRO

É o PRIMEIRO livro da SÉRIE/COLEÇÃO: O LAGO DOS CISNES

Os outros títulos são (por enquanto):

- **A DANÇA DO CISNE** - livro #2

- **O MERGULHO DO CISNE** - livro #3

- **O CANTO DO CISNE** - livro #4 (talvez)

Os livros são parte da mesma história - não são 'standalones', logo, o desenrolar da história acontece pelos três, ou possivelmente, quatro livros/partes.

A história (dentro de três livros) já está completa, e seus lançamentos estão agendados para:

Livro 1 - Novembro/22

Livro 2 - Janeiro/23

Livro 3 - Março/23

Livro 4 (talvez) - Maio/23



Livro #1 - SINOPSE:

LIZ SWAN:

Casar-se por amor: Rara oportunidade.

Casar-se com o grande amor de sua vida: Extremo fortúnio.

Deveria sentir-me privilegiada, pois o homem com quem me casei é exatamente isso.

Mas, não há nada romântico nessa união. Pouco reconheço do meu amor de infância nele.

Arrogante, narcisista e mentiroso.

Luto contra as memórias vivas de seu amor, cuidado e proteção. Contra meu coração que insiste em acelerar quando está muito próximo. Contra a confusão em minha cabeça quando me surpreende com atitudes gentis e gestos nobres.

Preciso ser forte. Não sou mais a garota ingênua sobre quem sempre teve total controle.

TRISTAN SAWYER:

Casamento sempre esteve fora dos meus planos.

Trazer Liz para perto depois de sete anos, também.

A culpa é minha.

Sempre a mantive por perto. Protegendo-a, sendo seu porto seguro.

Dando-lhe o que esperava de mim, mesmo sabendo que jamais seria capaz de retribuir seu amor.

Eu não amo ninguém. Talvez nem a mim mesmo.

É difícil saber amar quando tudo que aprendeu desde pequeno é a odiar.

Sou feito de ira, de força, de violência. Não há espaço dentro de mim para amar ou ser amado.

Me amar é fardo pesado, impossível de ser carregado. Uma prisão perpétua com grades intransponíveis.

Por isso esse casamento tem data de validade.

Tudo que preciso fazer é **mantê-la segura e distante de mim** (e do meu coração) e de quem quer lhe fazer mal.

Preciso de tempo para cumprir uma antiga promessa e, finalmente, **libertá-la.**



Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência



Cover design : Stella Castell



Contents

[Title Page](#)

[Copyright](#)

[PRÓLOGO \(1\)](#)

[UM CISNE NEGRO \(2\)](#)

[LAGO DOS CISNES \(3\)](#)

[LIZ SWAN \(4\)](#)

[A DANÇA DOS CISNES – Parte 1 \(5\)](#)

[A DANÇA DOS CISNES – Parte 2 \(6\)](#)

[A DANÇA DOS CISNES – Parte 3 \(7\)](#)

[A VALSA DOS PEQUENOS CISNES \(8\)](#)

[SAWYER, SWAN E LEBEDEV \(9\)](#)

[O MERGULHO DO CISNE \(10\)](#)

[SERVIR E PROTEGER \(11\)](#)

[A CRUELDADE DE COISAS SINGELAS \(12\)](#)

[O VAZIO DE SE AMAR COISAS BELAS \(13\)](#)

[TRINTA GRAUS MAIS PRÓXIMOS – Parte 1 \(14\)](#)

[TRINTA GRAUS MAIS PRÓXIMO – PART 2 \(15\)](#)

[O QUE NOS MANTÉM AQUI \(16\)](#)

[PERDAS E DANOS \(17\)](#)

[FELIZ ANIVERSÁRIO, LINDA BALLERINA \(18\)](#)

[O QUE RESTOU DE NÓS \(19\)](#)

[SOB SUAS ASAS \(20\)](#)

[PRIMA-BALLERINA \(21\)](#)

[OBRIGADA POR LER MEU LIVRO!](#)

[o que vem por aí:](#)

PRÓLOGO (1)

"Quando a alma sofre demais, ela desenvolve um gosto pelo infortúnio."

— *Albert Camus, O Primeiro Homem*



atualmente

Uma lágrima.
Solitária.
Abandonada.
Resignada.

Todo o sofrimento que permiti sentir. Toda a dor que deixei transparecer.

Forço meu corpo a relaxar contra a poltrona da limusine blindada; minhas costas, quentes, se aconchegando no encosto gelado e de couro da poltrona que me acolhe num abraço estéril. Filetes grossos e prateados como mercúrio descem por vidros escurecidos, deixando a tarde chuvosa ainda mais melancólica.

Não é comum chover em dias de casamento. Os poucos 'sortudos', agraciados por ela, lhe recebem, geralmente, no final dum quente dia de primavera ou verão, suas gotas inconvenientes misturando-se aos raios de sol persistentes. Efêmera e implicante, cai sem causar muitos danos, exceto aos cabelos e vestimentas dos convidados. A de agora era diferente. Caía no Outono. Chorada e contínua, como a que cai no dia de finados, ou quando uma pessoa muito querida morre.

Morrer...Poderia sorrir dessa doce ironia.

Já morri uma vez. Sete anos atrás. Num dia chuvoso e escuro como esse. A minha morte durou duas longas semanas. Acordei vestida de colcha de retalhos. Meus pedaços colocados de volta com grampos, linhas, pontos e pinos.

Apesar de me chamarem pelo mesmo nome, só precisei de poucos minutos para entender que não tive uma segunda chance na vida. Tive a chance única duma segunda vida. Mudei meu nome, meu endereço e meus objetivos...

Tudo ia bem até ele aparecer, alterando, mais uma vez, o curso de tudo.

Manipulador.

Chantagista.

Tristan Sawyer.

Um dia, meu grande amor, no outro – em tantos outros que estão por vir –, meu inimigo.

Viro o rosto o suficiente para achá-lo pelo canto do olho.

O console gigante, que nos coloca em lados opostos, é a metáfora do que será esse casamento. Seu corpo está tenso contra o conforto do luxuoso assento. Extensas pernas atléticas, cruzadas pelos calcanhares em cima da poltrona virada para ele. Uma metáfora do que será esse casamento de fachada.

Impessoal.

Distante.

Como em todas as outras – poucas – vezes que nos encontramos antes do casamento, veste calça social e camisa branca, as mangas enroladas até o cotovelo; na frente dos olhos, óculos de grau de lentes finas e quadradas, a atenção voltada para a tela do *laptop* em cima da bandeja, que parece flutuar no seu colo. Mais uma artimanha do console que provavelmente foi desenvolvido para ser posto num avião.

Os sapatos, o terno e a gravata foram dispensados assim que entramos; jogados. O lindo *boutonnière*, feito das mesmas flores que o buquê, caído e amassado no assoalho do carro. Seu destino e propósito já servidos. Nada desse dia será guardado, nem como *memento* ou vislumbre. O mesmo acontecerá comigo uma vez que Tristan atingir seus objetivos egoístas e megalomaniacos.

O carro desacelera suavemente, fazendo diminuir o som dos pingos contra a lataria e teto solar, assim como o chiado estranhamente acolhedor dos pneus vencendo as poças d'águas ao longo da extensa avenida. Me resta o barulho dos dedos rápidos de Tristan pelo teclado, no ritmo da sua indiferença, e o mais absoluto silêncio – réquiem de mais uma versão de vida que me era tirada.

Procuro movimento do lado de fora, espiando pessoas disputando espaço nas calçadas, carregando suas sombrinhas – a maioria cinza como a cidade cujas cores foram lavadas e levadas pela chuva, num vai-e-vem que testemunho pela pequena janela privada na altura do meu ombro. A única cujas cortinas consegui abrir apertando um dos muitos botões no confuso display. Limusines costumavam ser mais espaçosas. Pelo menos, na que me levou ao baile de formatura – minha única experiência em um algo tão luxuoso – couberam todas as garotas da nossa turma.

Mordi o lado de dentro de uma bochecha tentando me desvencilhar da lembrança dos últimos momentos felizes da minha antiga vida. Preferi trocá-la pela total recusa de tornar memorável qualquer segundo daquela cerimônia, do seu início, passando pela assinatura do contrato de casamento – com dezenas de cláusulas especiais – e o de confidencialidade; até quando o juiz de paz disse o famoso: 'pode beijar a noiva'.

Não posso negar que o que ainda restou da garota ingênua de 17 anos dentro de mim, aquele pouco que era apaixonada por Tristan Sawyer, e que eu tentava suprimir a todo custo, sentiu um rápido frio na barriga. A ansiedade aumentou minha pulsação quando se virou para mim, realmente me olhando nos olhos por mais que poucos segundos desde que nos reencontramos.

— Nunca vou te perdoar por isso, Tristan! — sussurrei, agressiva, no volume suficiente para que ele, somente ele, me ouvisse.

Apesar de minha voz contida, minha garganta ardia por segurar o soluço de um choro que parecia vir da minha alma, e meu coração se

debatia contra meu peito, exaltando o medo de uma mulher eternamente apaixonada por uma ideia de homem que nunca existiu.

Nunca existirá.

A nossa diferença de altura, de muitas dezenas de centímetros, ainda mais enfatizada pela forma robótica como ele se inclinou para mim, ignorando meu protesto, seus lábios se aproximando dos meus para selar um compromisso como qual não concordei.

Sua reação aos meus argumentos, aprendi nos últimos dias, era sempre um tique rápido no lado direito do maxilar, como se fosse imune às minhas provocações.

Tenho me esforçado bastante nessa área. Provocá-lo, expô-lo, fazê-lo perder o controle... Causar uma reação que fosse além da porcaria do tique rápido no seu maxilar quadrado. Para minha total decepção, no entanto, tem surtido pouquíssimo efeito.

— Nem eu. — rebateu ele, apertando minha cintura com a ponta dos dedos.

Há pouco, eles apenas descansavam leves na curva do meu quadril mandando mensagens quentes e dúbias ao meu cérebro. O movimento parecia garantir que eu não tivesse uma mudança repentina de atitude. A estranheza do contato mantendo-me ali, queixo apontando para cima, quase encostando no seu peitoral avantajado, subjugada pela sua altura, seus músculos, sua força, seu poder...sua chantagem.

Fechei os olhos. Cílios longos e artificiais roçando minha pele como lixa. Não queria testemunhar, ou ter lembranças gráficas, de seus lábios – isentos de intento – roubando, sequer, o calor dos meus. Eles mudaram o percurso no último segundo. A conclusão me acertando com um misto de alívio e contradição ao senti-los, secos e duros, contra minha testa.

UM CISNE NEGRO (2)

"Aquele que tem consciência sofrerá ao reconhecer seu erro,
um castigo tão grande quanto a própria prisão."

— *Fiódor Dostoiévski, Crime e Castigo*



Onze meses atrás

Quando as luzes se apagam, mantenho meus olhos no pequeno palco redondo. A iluminação de LED azul somente nas bordas dá um ar de mistério e antecipação para a performance mais aguardada da noite.

Se fechar meus olhos, por um instante, consigo vê-la: na coxia, puxando o ar para dentro dos pulmões bem fundo, indo na ponta dos pés várias vezes, fazendo repetidos movimentos com os braços. Testando, prevendo seus próprios passos, buscando a perfeição. O ritual era o mesmo desde muito pequena. Sua forma de manter a ansiedade e o medo escondidos num lugar bem longe dos seus nervos. Sempre conseguia, pois a dança, o balé, era sua essência. Vivia da ambição de prima ballerina, respirava a leveza de cada movimento.

Os primeiros acordes, um oboé solitário e melódico, silencia a plateia e põe os pelos dos meus braços de pé.

Vou vê-la.

Em alguns segundos, estarei o mais próximo dela nos últimos sete anos. Meu pulso engaja numa ira repentina, disparando meu coração.

Vergonha e culpa roubando para si o oblívio que emoldura tudo o que faço desde seu acidente. Faço da negação e da dormência as boias que mantêm minha cabeça fora das águas escuras do que poderia ter acontecido –o que poderia ter sido evitado.

Eu poderia ter evitado.

Contra um canhão de luz ofuscante, o cisne negro surge: braços fluidos, subindo e descendo, imitando o movimento de asas. Penas artificiais, escuras, presas aos longo deles até os ombros. Corpo equilibrado na ponta de sapatilhas pretas – fitas de cetim da mesma cor, envolvendo seus tornozelos e panturrilhas – movimentam-se em pequenos saltos, cobrindo cada centímetro do curto palco, de um lado ao outro, com a dignidade de primeira bailarina duma das mais tradicionais companhias de balé do mundo.

Prima Ballerina.

Esse era o destino dela até... Até minha vaidade e meu orgulho, minha raiva e minha covardia, transformarem dois pontos na história de vida que escrevia: o começo de tudo que ela se tornaria; em imprevisíveis e cruéis reticências...

À medida que o tom dramático da música sobe, aumentando a tensão, a luz do canhão diminui. Lá está meu pequeno cisne: Cygnet. Seu corpo esguio e delicado ornado por músculos definidos, potentes, capazes de movimentos que desafiam as leis da física. No seu rosto, maquiagem esconde boa parte dele e destaca a sutileza de um sorriso que nunca se desfaz.

Sua máscara.

Os lembretes do que lhe causei também estão lá, disfarçados por tatuagens de penas subindo da parte baixa de sua coxa direita até o seu quadril, cruzando seu corpo em diagonal até o ombro oposto, preenchendo seu braço esquerdo até o punho.

O canhão de luz finalmente se apaga. O palco, agora completamente aceso, destaca, com luz vindo de baixo para cima, seu corpo, que parece flutuar na plataforma elevada um par de metros. A revelação de sua beleza seminua leva a plateia, predominantemente de homens, ao delírio.

Quero me levantar da mesa e socar a cara de cada um deles por ousarem vê-la além da beleza plástica de seus movimentos, objetificada, como entretenimento sexual barato; embora este seja o real motivo de sua

performance numa noite de quinta-feira num clube exclusivo como o *BLOSSOM*.

Assobios e aplausos abafam a parte final da música, o ápice de sua performance. Nunca tinha visto sua apresentação antes, mas sei aquela parte de cor: um *pirouette*... Ou será um *fouetté*? Com certeza, ficaria zangada comigo por ainda não saber a diferença.

Mais um.

Suor brota na minha testa, meus dedos ficam inquietos. Ela vai tentar? Apoiando na perna direita?

Não, Cygnet. Por favor, não.

Busco algo ao que me agarrar. O desespero de vê-la sofrer, mais uma vez, por minha causa, rasga-me por dentro.

Seguro a ponta da mesa com uma das mãos; a outra, circula o copo, vazio do uísque que bebi minutos antes.

Mais um, com três rodopios no próprio eixo. Posso ver a dor trincando a máscara de seu sorriso.

Pare, Liz.

O que deveria ter dito sete anos atrás: ‘Pare, Liz. Não vá!’ Impedido que entrasse naquele carro. O que esperava que acontecesse deixando-a dirigir naquele estado, num dia de estradas e trânsito castigados pela chuva? Me pergunto se, intrinsicamente, não queria puni-la pela opção que fizera no dia anterior.

Mais um *fouetté*.

Seu rosto indo da dor, disfarçada, para a impassividade; então, para a total entrega. Seu corpo gira, cada vez mais veloz, com o crescente da música. A perfeição do movimento. Os movimentos rápidos e precisos faz parte da plateia se levantar e aplaudir. Os acordes chegam num estrondo, o fim iminente e sob gritos e assobios. Um último rodopio e ela aterrissa em sincronia com o fim da música. Braço direito a frente, esquerdo para trás, pernas flexionadas, mantendo o equilíbrio, na transição perfeita de um movimento muscular intenso para o mais gentil.

Pisco, tentando me livrar dos flashes de lembrança daquela noite. A imagem do carro que Liz ganhara em seu aniversário de 16 anos parecia uma miniatura tão profundo era o precipício onde o veículo mergulhou de frente. A chuva, a escuridão, tudo parecia jogar contra as chances de ser resgatada com vida. O desespero fazendo parecer que meu coração batia do lado de fora de meu peito.

Em sincronia com seu movimento o oboé solitário retorna. Escorrendo como água para o chão, ela dobra o tronco sobre as pernas. A cabeça próximas aos pés, braços super alongados – suas asas – para trás.

Meu pequeno cisne ferido.

Então, música e luzes cessam, e ela desaparece na escuridão.

Os gritos assobios e aplausos quase me fazem esquecer que estou numa porcaria de clube privado.

— Um pote de ouro no fim do nosso arco-íris. — a mulher de corpo escultural e lábios pintados de vermelho sensual disse ao ocupar o assento do outro lado da minha mesa na cabine privativa. — Uma peça de valor inestimável que lhe fez sair da sua caverna e nos agraciar com sua presença mais uma vez, Tom.

Por um segundo quase me esqueço que Tom é o meu nome dentro da Blossom. Não posso correr o risco de ser reconhecido. Mais do que isso, não posso arriscar que Liz me reconheça. — Priscilla. — aceno com a cabeça, sabendo de quem e do que estamos falando. — Quantos? — vou direto ao assunto.

— Seis. — responde ela sem hesitar. Seus olhos investigativos, piscando no dançar das luzes ofuscantes que dão o tom para a performance seguinte.

Seis idiotas que vão continuar sonhando em tê-la para eles. — O mais alto?

— 7 mil por esta noite.

Idiotas mesquinhos. — Como farão a divisão? — pergunto para manter o disfarce. Vou pagar o que precisar para garantir que ninguém encoste um dedo nela.

— 40/60. Ela é iniciante... — a gerente do clube explica.

— Além de um pote de ouro. — meu instinto de negociação é mais forte do que minha pressa em resolver o assunto e garantir a segurança de Liz. — Você mesma disse...

— Por que tenho a impressão de que invertemos os papéis aqui, Tom? — seu sorriso endurecido era parte irritação e parte desconfiança.

Um bom sinal.

Sei que o clube e a mulher a minha frente têm cuidado bem do meu pequeno cisne, mas não posso deixá-la ditar as regras aqui. Negociar era um dos meus *hobbies* favoritos. É como praticar *boxe* e xadrez ao mesmo tempo. Minha intenção, no entanto, não era pagar menos. Ao contrário,

queria que a minha oferta fosse a melhor – mesmo se bem maior – para Priscilla não se sentir tentada a abrir caminho para um dos outros caras escondidos em suas cabines privativas. Ver um idiota desses perto de meu cisne, me faria colocar o plano que construí, água abaixo.

Não me importava quem a tocasse fora dali. Entretanto, havia um linha tênue e ameaçadora na lista de frequentadores da *Blossom*. O clube reúne homens ricos e poderosos – bilionários excêntricos, políticos corruptos, chefões da máfia local –, muitos deles meus rivais; oferecendo boa bebida, drogas, jogatina e muito...muito sexo. Mulheres lindas, de corpos perfeitos e gargantas mágicas.

— Gato comeu sua língua, Tom? — Priscilla provoca, trazendo minha mente de volta para o momento.

— 15 mil. — Minha fala é acompanhada pelo maço de notas dentro do envelope branco que meu guarda-costas, Jerry, joga em cima da mesa. Nosso movimento bem ensaiado. — Sem negociações. Fora daquele palco, o cisne negro é meu em qualquer dia da semana.

Ela se ajeita no assento, sua feição inquisitiva mostrava alarmes tocando em unísono dentro de sua cabeça.

Sei o que está pensando. Em quem está pensando. Se pergunta se não está entregando seu pote de ouro à um psicopata. Prendendo o cisne negro numa gaiola que depois não conseguirá tirá-la.

Parabéns, Priscilla. Ganhou pontos comigo.

— Bem, ela só está aqui às quintas... — me surpreende com sua honestidade.

— Mais que dobrei o valor da sua oferta mais alta. — aponto. Não quero ouvir nenhum tipo de ‘contraproposta’. — Se não aqui, posso arranjar outra forma de tê-la. Num outro clube, talvez? Um preço mais alto, sem divisão... — sei que a acertei no ponto certo.

— Tudo bem! — ela reage exatamente como imaginei, pegando o envelope de cima da mesa. Seu rosto antagônico com a escolha que fizera.

Como disse, negociar é um dos meus passatempos preferidos, e eu costumo ganhar.

— Só mais uma coisa, Priscilla. — adicionei, agora que ela estava com a guarda baixa. — 70/30.

Colocando o envelope preso por dentro do elástico da sua calça de escama de peixe colorida e coladíssima, ela deixa escapar um sorriso resignado. — Tudo bem, Tom. O resto do mês adiantado, no máximo, até 2^a

feira. Se levanta, despedindo-se com um beijo soprado à Jerry por lábios deliciosamente grossos.

LAGO DOS CISNES (3)

"Não é a força do corpo que conta, mas a força do espírito."
— J.R.R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis*.



Dezessete anos atrás

— De tirar o fôlego, não é mesmo?

A pergunta rouca, veio do Velho Joe – como todos o chamavam na cidade – ao passar por mim, descendo, em passos lentos, a avenida. Costas curvadas, carregando duas sacolas de compras, uma em cada mão. Tinha mais anos do que eu podia imaginar alguém conseguia viver, entretanto sempre demonstrou muita força e disposição. Vivia me fazendo perguntas sobre o que eu sentia e o que pensava. Coisa rara vinda de um adulto em relação a uma garota de oito anos.

Demorei um pouco para entender o que tirava o fôlego de Joe – além do esforço de carregar duas sacolas entupidas de frutas e legumes – e que afirmava que eu podia notar.

Sentada na curta escadaria, do lado de fora do estúdio de dança, onde esperava por alguém vir me buscar há quase uma hora, não precisei muito, além de um erguer de olhos. Diante de mim, um cenário magnífico

se espalhava, distraíndo meus pensamentos ansiosos e meu estômago, que não parava de roncar. Havia algo absolutamente encantador no que a chegada do verão fazia com o azul do céu e do mar, e o verde das árvores, na pequena ilha de Avalon, Massachussetts.

— Uau! — Meu suspiro alto fez Velho Joe, que já tomava distância, olhar para trás e soltar uma risada abafada.

Num mero segundo, comecei a entender, além do sentido prático, o significado das estações do ano. Até então, tudo se revolia dentro da dualidade do tempo bom para se brincar do lado de fora e do mau tempo para fazê-lo.

Voltei a observar, assistir, as pessoas caminhando pelas calçadas sozinhas, em duplas ou trios. Pareciam mais felizes por se livrarem das muitas camadas de roupas do inverno, ou até mesmo dos agasalhos finos que usavam no final da tarde durante a primavera.

Liberdade. Talvez tenha sido o valor real dessa a expressão que, com uma mera pergunta, o Velho Joe me ajudou a encontrar naquela tarde do mês de Junho. Contagiada, e com a segurança que sempre me visitou, porém nunca quisera ficar dentro de mim, levantei-me.

Mochila nas costas, sapatilhas amarradas pelo lado de fora, esperei um grupo de garotas mais velhas, sorrindo e cochichando, passarem por mim. Segui o fluxo, descendo a avenida principal de uma cidade de pouco mais de, na época, dois mil habitantes.

Pelo menos, era assim até Julho e o verão intenso chegarem. Depois, uma invasão turística tomava conta das ruas, das casas, e de qualquer lugar que quisesse visitar. Meu pai dizia que, apesar de perdermos a atmosfera calma dos outros meses do ano, Avalon precisava muito daquelas pessoas. Principalmente ele, que trabalhava no único cassino da ilha.

Depois de muitos quarteirões, finalmente dobro a esquina. Não era o final da minha jornada, apenas o sinal de que uma etapa foi cumprida.

A fome começava a fazer coisas engraçadas com minha cabeça e meu corpo. As vezes minha pernas não pareciam me obedecer, as vezes pontinhos coloridos pintavam minha vista. Para ajudar, um besouro resolveu me atormentar.

A princípio parecia apenas perdido, por isso pousou no meu ombro para descansar. Já havia até me conformado com sua companhia quando um sopro de vento forte e a buzina de um carro vinda da rua ao nosso lado, me

assustou e, como consequência, mandou meu camarada de jornada para bem longe.

Minha caminhada solitária durou apenas alguns minutos, pois ele voltou, furioso, ameaçando voar no meu rosto, fazendo um barulho alto e grosso no meu ouvido. Amedrontador.

Com um grito de medo, comecei a correr. Minhas pernas não estavam mais tão firmes, e cada passo jogava a mochila pesada contra minhas costas. Não demorou muito para o óbvio acontecer. Pisei em falso quando o besouro enfurecido, mais uma vez, deu um voo rasante perto meu ouvido. Aterrissei de quatro no cimento áspero, esfolando a carne da palma das minhas mãos, a meia calça fazendo pouco para proteger meus joelhos pontiagudos.

A dor intensa me permitiu apenas soltar um ‘hmmm’ longo e trêmulo. O besouro gigante e malfeitor, por ironia, caiu ao meu lado. De ‘barriga pra cima’, seu casco duro e convexo, lhe tirava a possibilidade de virar-se e continuar me perturbando.

Minha raiva pela miniatura extraterrestre, no entanto, durou apenas poucos segundos. Vendo sua luta para sair daquela posição comprometedor, admirei-o por arriscar morrer de exaustão do que se render ao acaso, a improvável possibilidade do vento – ou alguém – ajudá-lo a virar-se de volta.

Com braços e pernas tão cansados, deite-me no chão, barriga para baixo, rosto virado para meu amigo guerreiro.

Uma vez meu pai me contou que em algumas religiões crê-se que, quando as pessoas morrem, ao invés de viverem eternamente no céu, voltam para a terra em uma nova forma, habitando o corpo de uma criatura da terra. Qualquer criatura: um gato persa, uma linda borboleta monarca... Ou, sei lá, esse besouro grande e feio. De qualquer forma, deveríamos sempre respeitar todas as criaturas. Uma delas pode ser alguém que você gosta muito te fazendo uma visita. Como não falam nossa língua, eles se comunicam como podem, miam, rugem...fazem voos rasantes no seu rosto.

Coloquei o antebraço direito como apoio para meu rosto, protegendo-o da aspereza do cimento da calçada, e arrisquei:

— Mãe, é você? — Usei o dedo indicador para brincar com suas perninhas desesperadas. — Sou sua filha, Elizaveta. — Sussurrei, bem devagar.

O inseto se agarrou ao meu dedo como sua última chance de sobrevivência. Continuei:

— Não sei se consegue se lembrar de mim. Eu tinha acabado de nascer quando você foi...embora.

Virei o dedo com cautela, sentido sua meia dúzia de patinhas pinçarem minha pele, forçando-o a buscar a posição correta para levantar voo. Ao invés, ele caminhou tranquilo pelo meu dedo e desceu para o chão. Não sabia se estava conformado com a minha presença ou exausto da sua luta pela vida.

— Se não for minha mãe, mas souber onde ela está, peça para me visitar, por favor. — Pedi apressada, quando asas surgiram por debaixo de seu casco preto, e ele ensaiou um decolagem. — Você é um cara legal besouro grande e feio...

Então, veio a sombra, e depois o barulho, que assombraria meus sonhos por muito tempo. Fibras duras e fortes para uma pequena criatura ofereceram nenhuma resistência ao peso e força imposta contra elas pelo tênis cinza e preto sob o qual o pobre animal, num mero segundo, desapareceu.

Bílis de terror e fome subiram até minha garganta. Virei o rosto, sem coragem de encarar, o que sobrara meu amigo.

— Você está bem? Ele te picou? — A voz desesperada veio acompanhada de dois braços que me puxaram do chão pelos ombros com facilidade e agora me viravam de um lado para o outro. — Ele te picou? Responde!

— O que você fez? — Gritei chorosa, esmurrando o peito de Tristan com meus punhos fechados. Seu tamanho e sua força, apesar dos poucos 12 anos, não cederam. — Você o matou, seu monstro! — Cobri o rosto com as mãos, atordoada.

— Aquele bicho estava atacando você, Liz! — Ele soltou meus ombros e deu um passo para trás, erguendo as mãos, querendo dizer que esmagar a criatura, que poderia me conectar a minha mãe, mereceu seu fim trágico.

— Mentira! Você não se importa, seu assassino! — Empurro-o com toda a minha força e raiva. Se eu pudesse, pisaria nele também. Tristan dá um longo passo para trás, desvencilhando da minha investida furiosa. Fiquei satisfeita quando tropeçou sozinho na sua própria bicicleta jogada na grama, ao lado da calçada, e caiu de bunda.

— Liz, você é alérgica! — Finalmente, perdeu a paciência. Seus olhos esverdeados alternaram entre o escuro da raiva e o da preocupação. Quem não conhecia meu amigo de infância, poderia até confundir a leitura entre esses dois sentimentos. Eu, não! Mesmo que, ultimamente, tenha se tornado mais um cão de guarda do meu pai do que meu melhor amigo.

— Alérgica a abelhas, seu burro! — Caminho até ele, abaixo-me para olhar dentro dos seus olhos, as lágrimas escorrendo do meu rosto e caindo nas suas canelas. — Aquilo era um besouro!

Sento-me no chão ao lado dele, junto os joelhos ao corpo e choro. Pelo besouro e sua morte injusta e terrível; pela possibilidade de ter testemunhado a segunda morte de minha mãe; pela saudade de alguém que nunca conheci, porém me fazia tanta falta, o tempo inteiro.

Tudo que sabia era que se chamou Maria, uma linda bailarina de uma famosa companhia Russa; e que conheceu meu pai no Cassino da cidade. Quando pedia mais detalhes sobre ela, meu pai sempre inventava uma desculpa para mudar de assunto. Algumas vezes, acho que eles não se deram bem, outras, crio essa teoria que ela, talvez, esteja viajando com sua companhia de balé, fazendo shows pelo mundo e que um dia vai voltar para me conhecer. A maioria das vezes, apenas sinto que não fui muito sortuda em ter nascido nessa família que não existe. Meu pai quase nunca está em casa. Raramente, conseguimos fazer coisas juntos. Senão por Tristan e seus pais, minha vida seria como ficar sentada na escadaria do estúdio de dança olhando as pessoas pela cidade, todos os dias da vida. Expectadora da beleza do mundo e da felicidade das pessoas, presa na solidão e negligência de uma realidade que parecia ser propositalmente afastada de mim.

— Liz... — Tristan põe a mão no meu ombro. — Lembra quando você foi picada pelas abelhas?

— Você é cego? Não consegui ver o tamanho daquele besouro grande e feio? — Levanto a cabeça e o encaro com toda a raiva e decepção dentro de mim. A raiva, porém, fica amena quando acho preocupação e remorso no rosto dele.

— A gente só descobriu que era alérgica quando foi picada por elas. Não ia esperar que fosse picada por aquele besouro enorme para descobrir se teria alergia a ele também. Quer ficar internada de novo?

Burro! Não entende. Não percebe. As lágrimas voltam a encher meus olhos. Tiro as mãos dele de mim.

Ele se levanta, bufando. — Por que continua chorando? Eu posso ter acabado de salvar sua vida, sabia? — Puxa a bicicleta e sobe nela, batendo o pé nos pedais para tirar a terra presa na corrente.

— Você é um ignorante. Aquele bichinho podia ser minha mãe! Você fala assim por que tem a sua!

Por um segundo, senti que Tristan entendeu o que queria dizer, que conhecia a história que meu pai contou, que podia sentir minha dor. No momento seguinte, com uma arfada de impaciência jogou o sentimento para o lado e fez cara de bravo.

— A gente está atrasado. Minha mãe vai matar a gente! Sobre logo na *bike*, Liz!

— Você está atrasado! Como todos os outros dias da semana! — Pensei em fazer mais uma acusação. Sobre ele estar namorando Samara Leighton escondido.

Há semanas chega atrasado para me buscar. Já tinha ouvido Tia Pam dizer que os meninos mudam muito quando passam a gostar das meninas. Tristan mudou muito depois que o vi beijando Samara atrás do refeitório da escola.

O ano passado até fiz pedidos para ele não gostar de nenhuma garota. Não para sempre, pelo menos, até eu ficar mais velha. Reforcei esse pedido no começo do ano quando Jennie e eu vimos uma estrela cadente. Pelo visto, não surtiu nenhum defeito.

— Sobe logo! — Ele parou a bicicleta na minha frente e me ajudou a ajeitar a mochila nas costas.

A bicicleta dele não tinha garupa, apenas um pino grande em cada lado da roda de trás onde mal cabia meus pés. Por mais desconfortável que parecia, valia a pena pela sensação boa de vento na cara e liberdade.

Adorava jogar o peso do corpo contra as costas de Tristan e abrir os braços. Ele odiava. Ameaçava parar se eu não voltasse a segurá-lo pelos ombros. Tinha medo de que eu caísse e me esfolasse toda. Uma vez, até me fez pedalar com ele – tão maior e mais pesado que eu – atrás.

— Olha! — Usando as solas dos tênis para frenar a bicicleta lentamente, ele apontou.

Passávamos na frente da prefeitura, mais precisamente pelo lago artificial, onde pássaros brincavam e pessoas sentavam-se nos bancos ao seu redor. Na direção de seu dedo vi um cisne branco adulto, seguido por seus filhotes, nadando tranquilo.

Desço e caminho com interesse. Tristan me acompanha.

— Acho que quando sua mãe vier te visitar, virá na forma de um bicho bem bonito, como aquele cisne branco.

Não contendo meu sorriso. — É lindo. Você acha que pode ser ela? — Meu coração se enche de esperanças.

— Por que não? — Ele dá de ombros. — Você é bonita e seu pai é feio. — Sua honestidade ganha toda minha atenção – e um pedacinho do meu coração, também. — Sua mãe só pode ser muito bonita para apagar a parte dele.

— Então, aqueles são meus irmãos e imãs? — Aponto para os filhotes e damos risada juntos.

— Você é pequena e delicada como eles. Além disso, tem um pescoço longo e fino.

Viro-me para ele, com meu rosto finjo indignação, ameaçando um soco no seu ombro, levanto os punhos.

Ele me segura pelos punhos de leve. — É verdade. Você é um filhotinho de cisne. Um *cisninho*.

A tristeza, por um instante, some de dentro de mim. No lugar, sinto como se o ‘antigo’ Tristan, meu amigo, estivesse de volta. Jogo os braços em volta de seu pescoço. — Obrigada por isso, Trist. — Sinto seu corpo quente relaxar contra o meu. Me abraça de volta com um de seus braços, me trazendo paz instantânea. Sentado na bicicleta fica mais fácil para descansar minha cabeça no seu ombro. — Me promete que não vai mais sair matando criaturas inocentes por aí, Tristan Sawyer.

O corpo dele endurece e ele termina o abraço de repente. — Eu prometo. — diz, sem graça. — Até porque, tenho certeza de que se um dia voltar para a terra, voltarei em forma de um besouro grande e feio como aquele.

Rimos. Ele continua:

— Já matei um membro da família deles. Não quero ter problemas em ser aceito no grupo.

Com o assunto superado, e a promessa de fazermos visitas aos cisnes até quando partirem para o sul em busca de águas menos frias, chegamos a nossa rua.

— Merda!

Tristan viu Tia Pam, sua mãe, com os braços na cintura, impaciente, vindo ao nosso encontro numa marcha ameaçadora.

— Onde estavam? — Ela se aproximou. O rosto sisudo encarando Tristan. Porém, foi minha mão que ela puxou com força, me levando para debaixo de seu braço, possessiva. Protetiva. — Tristan? — Exigiu explicações.

Trocamos um olhar de cumplicidade. Vi medo nos olhos dele. Apesar de nunca falarmos sobre isso, sabia que a punição na casa dele, ia além de não poder brincar na rua ou jogar vídeo game por uma semana. As piores vinham de seu pai... Não queria que sofresse por minha causa, apesar de morrer de vontade de puni-lo por ter beijado Samara Leighton.

— A gente passou no lago para dar pão para os pássaros... — Menti.

Senti – sentimos – um alívio enorme quando Tia Pam, que não era minha tia de verdade, pareceu convencida e começamos a caminhar. Paramos na frente da casa onde tudo era pintado de branco: portas, janelas, a pequena cerca e os pilares da varanda. A casa dos Sawyer parecia um prédio público, ou uma igreja, era a casa que se destacava no meio de todas as outras.

— Tristan. Direto para o banheiro! Eu vou levar Liz para casa buscar uma muda de roupas, pois ela vai ficar com a gente essa noite.

Não fiquei surpresa. Quando meu pai se despediu de mim dois dias atrás, senti nas suas palavras que o seu ‘volto logo’ seria ainda mais longo que o anterior. Que foi mais longo que o anterior, e assim tornou-se rotina.

Olhei para Tristan, seu cabelo loiro encaracolado e rebelde grudado na testa, longo o suficiente para tampar o olho direito. Sua expressão era sempre a mesma quando me dava os recados de ausência do meu pai. Deve sentir tanta pena de mim, a garota sem família, como o pessoal da escola, do estúdio de dança, da padaria. Até o Velho Joe deve sentir pena de mim...

LIZ SWAN (4)

“O sofrimento tem sido mais forte do que todos os outros ensinamentos, e me ensinou a entender como o seu coração costumava ser. Fui dobrado e quebrado, mas espero que tenha me deixado em melhor forma.”

— *Charles Dickens, Grandes Expectativas.*



Dez meses atrás

De tirar o fôlego, não é mesmo? — Billy põe a última caixa da mudança perto da porta.

Tiro os olhos do desenho formado no horizonte pela sombra do pôr do sol no contorno dos prédios, as montanhas ao fundo, cobertas de névoa. Era bom estar em Seattle. A cidade que se tornou minha casa, meu berço.

Com um suspiro de alívio e satisfação viro-me para ele e concordo dando-lhe um sorriso espremido e um aceno de cabeça. Fico impressionada que subiu dois andares de escadas múltiplas vezes, carregando tanto peso, mesmo assim, mal notava-se suor na sua testa.

— Obrigada por isso, Billy. — Sorriu e caminhou até ele devagar, disfarçando a diferença nos passos.

Pura força do hábito, pois ele sabe muito bem da minha... dificuldade. Não foi exatamente por isso que fez questão de me ajudar? Na verdade, fez a mudança praticamente sozinho. Não que eu tenha tanta coisa assim. Além disso, insistiu em carregar as caixas escada à cima ao invés do elevador de serviço. Segundo ele, era bom exercício físico.

— De nada.

Posso jurar que ele sorriu para mim.

Billy não era de sorrisos, mas sempre de muita gentileza. Seu tipo físico, no entanto, quase dois metros de altura e bíceps mais grossos que minhas coxas – talvez que as duas juntas – mandavam uma mensagem diferente. A falta de simpatia talvez combine mais com ela do que sua atitude de gigante gentil.

Demorei um pouco para descobrir esse lado ‘bonzinho’ dele. De pouquíssimas palavras, cara de mau e uma cicatriz enorme na sobrancelha direita, sempre me senti intimidada por seu olhar. Pelo menos no início, logo que comecei na BLOSSOM.

Billy parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Tinha olhos para tudo e todos. Um dia, durante uma apresentação, um político local, com narinas brancas, subiu no palco e tentou me tocar. Não sei que parte da física explicaria um corpo se mover tão rápido na gravidade, pois, de seu lugar perto das escadas que levam as cabines privadas até o palco há bons 50 metros. Sem falar que aquela quinta-feira estava bem movimentada. Todas as mesas ocupadas. Garçons e garçonetes em todos os corredores. Nada, no entanto, foi páreo para Billy na sua missão de garantir que eu, ou nenhuma das outras garotas que se apresentam para o público, fosse fisicamente assediada.

Santo Billy. Conseguiu segurar o cara pelo colarinho com uma mão e usar o outro braço para me pegar pela cintura e evitar que fosse arremessada para fora do palco, caindo de costas no duro assoalho. Meu corpo já era remendado demais para conseguir assimilar tantos impactos abruptos.

Depois disso nos aproximamos. Aprendi que é pai de duas lindas garotinhas, uma delas, com deficiência visual parcial, algumas semanas depois se tornaria minha aluna no balé.

— Ainda tem muito trabalho pela frente. — Ele ergueu o queixo apontando para as outras dezenas de caixas espalhadas por todo o salão. — Se quiser que eu venha amanhã para ajudá-la, vai poder abrir o estúdio já na segunda-feira.

— De certa forma, tem razão, Billy. Porém, você e Elena já me ajudaram tanto. Fiz uma promessa a mim mesma. Nada de plataforma de streaming esse fim de semana. Tempo de dedicação integral a todas essas caixas.

Endireitando o corpo, puxando o boné da cabeça e usando a mesma mão que o segura para coçar a testa, o semblante de meu amigo muda para algo cheio de desconfiança e eu espero pelo seu comentário, me agarrando na esperança que não mencionará que apesar da mudança ainda moro sozinha, o que – na opinião dele – era inseguro.

Tudo isso porque algum maluco achou que uma pobretona como eu tivesse algo de valor escondido em algum lugar do pequeno apartamento antigo. Tudo não passou de um susto. Encontrei minhas coisas reviradas, mas nada foi levado, ninguém se machucou, troquei a fechadura e tudo ficou bem.

O evento também serviu de incentivo, pois, há meses, sonho em poder me mudar para um lugar maior e abrir meu estúdio. Este, especialmente, é um salão enorme. O espaço de três apartamentos que eu alugava antes em um. Me dá mais segurança e ainda me presenteava com a vista mais linda da minha ‘nova’ cidade natal. Morar mesmo, só no apartamento do canto, o suficiente para uma pessoa só.

O espaço duplo da frente se transformará no meu estúdio de dança. Não mais precisarei me deslocar como louca pela cidade para conciliar minhas aulas no estúdio com os ensaios e performance na BLOSSOM.

Graças ao clube – e um patrocinador misterioso – consegui juntar o dinheiro necessário para pagar tantos meses do aluguel adiantado. Uma noite de trabalho lá é o suficiente para cobrir os gastos por aqui, uma vez que minhas aulas são gratuitas. Por isso, e por mais que minha chefe, Priscilla, insista em me oferecer duas outras noites para performance – por mais rentável que seja – prefiro acreditar que conseguirei sobreviver do meu sonho. Mesmo que este tal sonho não seja o mesmo de sete anos atrás.

— A gente se fala, Swan. — Billy beija-me o topo da cabeça. — Me acompanha até a porta?

— Claro.

Sigo seus passos. Tem um vazio estranho na boca do meu estômago. Uma vontade de dizer que não quero ficar aqui sozinha. Não por medo. Porque é melhor quando tenho Billy, Elena e as meninas por perto. Por vezes, o meu total distanciamento de todos do meu passado cobra seu preço e bate uma nostalgia chata.

Sei que são saudades romantizadas de uma vida que nunca foi feliz. Tive um pai ausente, fui criada por amigos e empregados dele, vivia da ilusão que um dia encontraria ou faria minha mãe se orgulhar de mim.

Eu nem sei se minha mãe foi mesmo primeira bailarina de uma grande companhia russa como meu pai sempre contava.

Hoje eu duvido de tudo isso. Não vivo mais uma realidade mascarada, ou da felicidade utópica, que não sobreviveram quando o carro que eu dirigia despencou de um penhasco direto para dentro de um rio centenas de metros abaixo.

— Deixa o celular carregado e perto de você. Qualquer coisa pode nos ligar. Qualquer hora...

Abro um sorriso de agradecimento e vou fechando a porta aos poucos enquanto observo Billy caminhar pelo corredor – ignorando, mais uma vez, o elevador parado naquele andar – e sumir pelas escadas de emergência.

Ao fechar-me dentro do meu novo lar sinto alívio e orgulho pela minha conquista. Quando meu caminho cruzou com o de Priscilla, fui contratada para desenvolver coreografias mais modernas e temáticas para as performances, uma espécie de arte sensual, para um clube exclusivo chamado Blossom.

Blossom... Nunca me imaginei trabalhando lá. Todas as minhas visitas, durante o dia, pouco captaram o que realmente era. Uma única visita noturna, todavia, mudou a percepção que tinha do lugar. Além de misterioso e extremamente envolvente, era onde circulavam muito poder, dinheiro, drogas e, claro, sexo.

Foi por causa de uma brincadeira durante os ensaios que acabei sendo contratada como uma das performers. Sara, uma das dançarinas, contou que o prédio costumava ser uma casa de ópera. A última performance fora de uma pequena companhia de balé que apresentou o *'Lago dos Cisnes'* para uma seleta plateia.

Por brincadeira, fiz alguns passos clássicos da obra como demonstração. Não imaginava que a gerente do local acharia aquilo

interessante e quis arranjar uma forma de colocar Tchaikovsky como um dos números. Por ser quase impossível fazer uma das dançarinas sem formação clássica passar por todos as intempéries de um en pointé, Priscilla preferiu me fazer o convite. Aceitei como desafio e por curiosidade. Posso ter sido também pela oportunidade de subir num palco – independentemente de onde – e dançar balé para o público. O tipo de público não importava.

“Você só precisa estar preparada para o que pode acontecer depois da performance. Nossos membros e frequentadores são poderosos e generosos. Pode ser convidada até a cabine privativa deles. Para uma conversa, ou mesmo...”, foi o que Priscilla me disse.

Não. Não estava preparada. Fizemos um pacto de que minha primeira noite seria ‘experimental’, logo nada de ofertas ou visitas. Na segunda semana, para minha total surpresa, e mais tarde, alívio, fui informada que um ‘patrocinador’ anônimo havia reservado todos os meus horários pós performance. Ele nunca apareceu, mas o pagamento estava sempre lá... *Santo ‘patrocinador’ anônimo.*

“Você tem que se preparar, Liz. Uma hora ele vai aparecer”, Sara explicou. Ela tinha razão. Mesmo assim, sei que nunca vou estar preparada para isso.

Termino de fechar a porta, checando todas as trancas extras que Billy instalou. Começo a tirar a roupa e caminhar para o banheiro. Mesmo com a vantagem de, finalmente, ter uma banheira, preferi uma ducha rápida. Nada que me relaxasse demais e me tirasse o ânimo para continuar a arrumação.

Pouco tempo depois, peço uma pizza e me sento no meio das caixas. Algumas estão abertas, transbordando com roupas, acessórios, utensílios de cozinha; outras fechadas com fita. Fiz questão de rotulá-las para saber o que priorizar na arrumação, e o que deixar para ‘depois’.

Olho para frente, para o espelho, oposto às janelas panorâmicas, que cobrem toda a parede por dezenas de metros. O rosto que me encara de volta continua com enormes olheiras escuras, a felicidade dentro do meu coração ainda não pode ser traduzida para fora. Ver meu reflexo, por muito tempo foi algo que evitava. Precisei me acostumar com minha nova aparência e voltar a gostar do meu próprio corpo. As marcas nele simbolizavam extremos: vitória e derrota, independência e submissão, solidão e contentamento, aceitação e sede de vingança... Meu corpo sofria

para manter tanto antagonismo dentro dos limites. Intimamente, eu o aceito, mas minha mania de usar roupas de manga comprida e que nunca revelam meu abdome ou a parte de minhas coxas sugere que ainda preciso aceitar o olhar das outras pessoas nele.

No canto, periférico ao meu foco, uma caixa de sapatos azul chama a minha atenção. Seu reconhecimento traz calafrios que percorrem meu corpo como raios em dia de tempestade. Rodo o corpo, ainda sentada e com um pouco de esforço, alcanço-a. Já devia ter queimado seu conteúdo. Toda vez que chego perto de fazê-lo, no entanto, uma ponta de arrependimento me toma e mudo de ideia.

Não preciso olhar seu conteúdo pois o sei de cor. Pequenos fragmentos de um passado que não merecia – nem por mérito, nem por valor – ser guardado por tanto tempo.

Tiro a tampa de cima e o primeiro item, no topo de tudo, é uma foto de minha infância com as duas pessoas mais importantes da minha vida na época. Lembro-me bem desse dia, férias de verão, voltávamos de uma tarde de pescaria e mergulho no lago. Se fechasse os olhos conseguia sentir o cheiro peculiar da vegetação ao redor, da árvore frondosa cujos galhos usávamos como trampolim, e a sombra que nos acolhia para nosso piquenique da tarde.

Meu pai tirou essa foto, ele estava de saída para mais uma de suas longas viagens misteriosas. Disse que queria uma lembrança pois passaria muitos dias fora. Para lembrar de mim.

O garoto ao meu lado esquerdo, com o braço sobre meu ombro, e esboçando o sorriso mais sarcástico que uma criança pode dar é Ozzie. Uma verdadeira pestinha na escola. A professora costumava dizer que as iniciais de seu nome: Oswald Michael Gordon, não formavam O.M.G (*oh my god*) à toa. Mal sabia ela que aquele apelido o seguiria por muitos anos e seria proferido por muitas bocas femininas nos corredores da escola, atrás do vestiário do ginásio, debaixo das escadas do pátio, embaixo da árvore frondosa do lago... Apesar de ser quase do mesmo tamanho que eu, era dois anos mais velho. Tinha os olhos amendoados e frios como de seu pai, um policial durão, com um problema com o álcool e as dívidas do pôquer.

O outro garoto, ao meu lado direito, era Tristan. *Tristan Sawyer*. Sempre muito mais alto que todos, ele era mais velho, também. Quase cinco anos mais velho que eu. De braços e pernas muito compridas e corpo esguio, seu apelido na escola não foi profestado por um professor e não

rolava mole e cheio de segundas intenções na boca das garotas. Ao contrário, eram os garotos que criavam os nomes mais variados: salsichão, linguiça, filhote de girafa, poste... Para o azar deles, Tristan tinha o pavio curtíssimo. Antes de começar o ensino médio já tinha usado o punho várias vezes para ensinar os caras da escola a chamá-lo pelo sobrenome.

Esse era Tristan. Tão diferente de mim e Ozzie, parecia uma peça solta no nosso trio dinâmico. Sempre sisudo e preocupado, mal-humorado e impaciente, era adorado pelo meu pai. “O filho que nunca tive”, deixou escapar uma vez, bem na minha frente. O rosto de Tristan se encheu de brilho e orgulho. A última, ou única vez que o vi sorrir. Porém, seu verdadeiro pai era Chuck Sawyer, braço direito do meu pai e muitos anos depois, meu pai de criação. Não há um momento sequer de minha vida até o fim dos meus 17 anos que não esteja atrelado a presença de Tristan. Eu nunca me importei. Sua presença me dava segurança e garantia que por mais complicada que fosse minha vida por causa das enrascadas que meu pai se metia, eu jamais estaria sozinha.

A DANÇA DOS CISNES – Parte 1 (5)

"Sou uma gaiola em busca de um pássaro."
— *Franz Kafka, Aforismos*



Atualmente

Três dias.

Três porcarias de dias foi o que demorou para ela começar a quebrar as regras do contrato que assinou.

Solto um suspiro frustrado enquanto para o carro na frente do pequeno edifício de dois andares. Ver Jerry e seus homens na porta alivia minha apreensão, mas não contém minha irritação. O que eles têm embaixo dos paletós pretos é o suficiente para protegê-la – ou começar uma pequena guerra –, porém nenhum armamento era páreo para as atitudes de Liz. Assim como nenhum deles era tão rápido no gatilho quanto ela era em dar respostas provocativas e irritantes. De alguma forma, ela sempre consegue vencer as batalhas de argumentos e dobrar aqueles que lhe tentam impor limites. Imagino a lógica deturpada que pode ter usado para convencer meus melhores homens a deixarem que ficasse fora de casa depois das oito da noite.

— Sozinha? — respondo o aceno de cabeça de Jerry com a indagação. Jogo a chave na sua direção. Seus olhos consentem e me dão todos os detalhes necessários para entender por que ela ainda estava naquele estúdio

de dança. Claro que, amanhã de manhã, esse será o primeiro assunto a ser tratado com todos eles. Agora, porém, eu só queria poder ir para a porcaria da minha casa e colocar a merda da minha cabeça num travesseiro macio e dormir mais do que as três horas dos últimos meses.

Resisto ao comodismo de tomar o elevador para subir apenas um andar e ataco a escada como um obstáculo, subindo os degraus de dois em dois.

Já no andar de cima, meus passos ecoam contra o assoalho de cerâmica, me alertando sobre o desespero, ou saudade, que parece só diminuir quando coloco os olhos nela. Minha aproximação vai sendo abafada pela música clássica de um piano delicado e melódico. A composição é familiar. Posso ter ficado sete anos sem conviver com ela, contudo, bastou alguns poucos acordes e tudo voltou à superfície de minha memória, com cores, textura e cheiro. Sete anos sem ela não se comparam aos dezessete que vivemos juntos, a maioria deles sob o mesmo teto. Decorei seus passos, os nomes técnicos – cheio de sons com acento agudo –, e suas composições preferidas, por necessidade.

Passo pela recepção. A escrivaninha velha, de madeira e design antigos, está limpa e vazia. Escaneio a pequena sala de espera, tudo também está vago, e suas luzes apagadas. Mais alguns passos e já posso vê-la. Mascaro qualquer emoção que possa estar revelando quando nossos olhares se cruzam pelo reflexo no espelho. Aprendi bem a esconder meus sentimentos nos últimos anos. “Longe dos olhos, longe do coração” é o que dizem por aí. Nenhum dos dois, porém, ficaram tão longe de Liz, apesar da distância que ela achou que tomou de sua antiga vida. Disfarcei minha necessidade de estar perto dela vestindo o usual discurso de que é minha obrigação protegê-la desde que fiz essa promessa ao seu pai, no dia que foi levado para a prisão.

Por obrigação, promessa ou necessidade, Liz sempre teve um lugar no meu coração. Quando pequena, eu fazia de tudo para agradá-la. Seu sorriso era o prêmio final. Na adolescência, me contentava com a figura de irmão mais velho, sempre lhe oferecendo o ombro e os ouvidos para discutirmos seus problemas e inseguranças. Finalmente, quando o rosto sardento, e o corpo longilíneo e afinado tomou a forma curvilínea de uma mulher adulta, percebi que precisava colocar muitas barreiras entre nós para não deixar meus sentimentos estúpidos e hormônios incontroláveis assumirem o controle. E falhei miseravelmente.

— Estou terminando em dez minutos. Não precisava se dar ao trabalho de vir até aqui.

Mesmo fazendo movimentos leves com os braços e cabeça, a frase que interrompeu meus pensamentos veio em tom de insulto. Esse é o tom usual com o qual se dirige a mim, e isso não me surpreende. Ela me culpa pelo acidente. Sei que jamais me perdoará por isso. Eu nunca vou me perdoar.

Trazer Liz para perto foi a decisão mais difícil que já tomei. É perto de mim que está segura. É perto de mim, também, que corre o pior dos perigos, pois perto dela corro o perigo de me esquecer de todas as minhas promessas e obrigações, me entregar aos meus instintos mais básicos e tê-la apenas para mim. Me enterrar na doçura de seu corpo, mente e alma.

Não vou cometer o mesmo erro duas vezes, as memórias do passado são o que a manterão à uma distância segura.

— Esse estúdio é o último lugar que eu queria estar, Elizabeth. — devolvo, com demora, a resposta para seu comentário malcriado. — Termine logo essa rotina para irmos para casa. — uso meu tom mais exigente.

— O meu cativado, você quer dizer. — diz, e com toda leveza do mundo, desce o tronco até sua cabeça encostar nos seus joelhos. Sua voz saindo clara, sem refletir qualquer esforço pelo movimento difícil que faz de pé.

— Não é um cativado, Liz. — dou passos para dentro do salão de dança. — Se continuar quebrando as regras, talvez precise ser posta em um. Foi minha tentativa estúpida de usar o humor.

Claro que nos ouvidos de Liz, isso soou diferente. Notando minha aproximação, ela termina o movimento bruscamente e caminha para o outro lado, buscando sua bolsa em cima de uma cadeira perto da janela.

— Quero que fique segura, Cygnet. — tento consertar. Mesmo com meu cérebro ordenando, meus pés não obedecem e continuam me levando até ela, como se um imã me puxasse. — Nós temos inimigos...

O corpo dela, antes inclinado para frente enquanto guardava suas roupas e toalha dentro da mochila, fica ereto imediatamente. Por sobre seu ombro, me olha com uma mistura de quem achou verdade nas minhas palavras, e estava cansada de ouvir aquilo de mim. Se não passasse tanto tempo me contrariando, provocando, fazendo o contrário do que peço, eu não precisaria me tornar um papagaio demente.

— Desde quando seus inimigos são um problema meu?

— Desde quando esses inimigos são os mesmos que um dia foram de seu pai. Os que separaram vocês dois. Que o colocou na cadeia há quase quinze anos. — é tudo que posso lhe revelar sobre a nossa verdade.

— Por que eles se importam comigo agora? Estava sozinha, vivendo a vida, andando por aí, e ninguém nunca fez nada comigo. Nada! — sua voz aumenta pelo menos dois tons no volume. Ela joga o resto das coisas dentro da bolsa de qualquer jeito.

Poderia explicar que ela nunca esteve sozinha. Porém, novamente, ela entenderia isso de forma oposta ao que gostaria, logo, vou me poupar de ter que continuar dando explicações que só complicam mais nossa relação. — Você escolhe o quão difícil quer tornar nosso acordo, Liz.

Só percebo o quão próximos estamos quando me sinto quase afogando no oceano azul dos olhos dela. O brilho triste lá no fundo, dentro de uma penumbra de repulsa que, tinha certeza, ela guardava só para mim. — Coisas piores poderiam acontecer com você do que dividir o mesmo teto que eu. — completo, sabendo que sua resposta viria como um projétil na minha direção.

Indo na ponta dos pés, aproximando seu rosto ainda mais do meu, travamos a batalha de encaradas do milênio. Ira dança na sua íris. Gotículas de suor brotam da sua testa, resultado do esforço que fazia até poucos minutos atrás; um leve tremor no seu queixo, enfatizando o esforço que fazia para manter os lábios cerrados e sugados para dentro, como se domasse a fera machucada e rancorosa que parecia despertar sempre que ficava próxima a mim.

Não era para ser uma disputa. Só queria ir para a merda da minha casa, deitar-me na merda da minha cama, e não precisar resolver problemas por algumas horas. Tê-la por perto seria uma solução rápida para meu maior problema, não a destruição de toda uma rotina que custei tanto estabelecer.

— Estamos aqui, Cygnet. — digo, me esforçando para não quebrar a encarada. Se eu desviar o olhar primeiro, pode entender isso com uma vitória, e adeus qualquer outra regra ou cláusula no nosso contrato. — Você e eu, juntos pelo contrato nupcial e o divino matrimônio. — continuo eu com irironia. — Eu não quero uma prisioneira vivendo sob o mesmo teto que eu.

A minha intenção era que minha voz saísse forte e segura. As modulações para baixo, impregnadas de resignação e impaciência, fizeram

os músculos do rosto dela relaxarem num quase-sorriso e seu corpo foi lentamente descendo, até plantar os pés por inteiro no chão.

— Não vou ficar naquela casa enorme sozinha e sem fazer nada o dia inteiro. Eu tenho compromisso com meus alunos. Essas aulas são tudo que me restou... — sua voz falta e ela para de falar para evitar que o desespero se aflore. — Tristan, eu não sou mais aquela garota idiota e manipulável que você tinha na ponta dos dedos como uma marionete. Você pode ter me transformado em algum tipo de moeda de troca nos negócios escusos do meu pai, que você tão orgulhosamente herdou, mas não vou permitir que me tire a única coisa mais próxima do meu sonho. Não faça isso, Tristan Sawyer. Não de novo.

Os olhos dela quebraram nossa encarada e eu me perguntei se era porque estava satisfeita ou a menção de seu acidente lhe deixou vulnerável. Puxou a alça para o ombro direito e rumou para a porta em passos rápidos. Seguro-a pelo cotovelo, impedindo que me deixe falando sozinho.

— Você sempre usa esse argumento de que não é mais a garotinha do passado. — digo, pois precisava deixar claro que o Tristan que ela tentava convencer com aquele discurso também não existia mais. Estava sufocado, preso no cativeiro da culpa dentro de mim. Usar o acidente para me convencer de seu argumento era pura perda de tempo. — Saiba, Cygnet, que você não é a única que mudou. Eu tenho uma versão bem pior guardada para quem merece. Não me force a sê-la com você. Pela última vez, sobre suas aulas aqui no estúdio: você tem um horário a ser cumprido, e vai obedecê-lo.

Tento ignorar o falto de que aquela conversa não precisava ter chegado a tal ponto. Desde que nos reencontramos, trocamos poucas palavras. Havia tanta vida, tanta verdade para ser conversada, discutida, contada entre nós. No entanto, nunca conseguimos. Tudo machucava. Línguas usadas como adagas, ferindo fundo o coração do outro.

A risada sarcástica transformou seu rosto. O desprezo pela minha fala era desmoralizante. Um alívio meus homens não estarem por perto para testemunhar essa troca humilhante.

— Pare de disfarçar sua violência com essas ameaças veladas. — tenta puxar o braço.

Mesmo afrouxando a pegada, não a solto. Revezando o olhar entre meu rosto e a mão que a segura e lhe mantém próxima a mim, ela continua:

— O que essa ‘versão ainda pior’ sua vai me fazer seu eu quebrar suas regras ridículas? Me bater? Cortar um pedaço da minha orelha e mandar para meu pai na prisão? Ou vai deixar o serviço sujo para um dos seus trogloditas de preto? É esse o tipo de homem no qual se transformou, Tristan?

Havia muitos acertos na sua descrição. E isso me irritou. Precisava encerrar aquela conversa ali. — Isso, Cygnet, quem vai decidir é você. — solto seu braço, controlando meu ímpeto, me fazendo uma promessa silenciosa que essa foi a última vez que pus as mãos nela. — Vamos para casa. Agora.

A DANÇA DOS CISNES – Parte 2 (6)

"Não faça perguntas, e não ouvirá mentiras."
– Charles Dickens, **Grandes Expectativas**



Atualmente

— Senhorita! Graças à Deus! — Tuka desceu as escadas pela porta da frente, braços erguidos e palmas juntas apontado para os céus. Ela era a governanta do presídio onde eu era mantida cativa, e se tornou muito próxima a mim nas últimas semanas.

Essa metáfora, no entanto, só poderia fazer perto dela em pensamento, uma vez que, segundo a própria Tuka, ela foi traficada e mantida presa numa ilha do atlântico norte como escrava sexual de um magnata Europeu. O escândalo da revelação desse lado tão obscuro de um homem poderoso – que era cercado de políticos e líderes mundiais com igual, ou até, mais poder – de quase dez anos atrás, ficou famoso e chocou a todos. Encontrar alguém que sofreu esse abuso na pele, a personificação das histórias que lemos e ouvimos, sendo contadas em terceira pessoa, tinha um outro peso.

Tuka, no entanto, não foi libertada dez anos atrás. Ela foi comprada por um jovem rico Americano no começo dos anos 90, quando tinha dezesseis anos. Além de tirá-la do abuso e da humilhação, o homem – na época um jovem com menos de trinta anos – lhe trouxe para a América, onde ganhou sua liberdade, um teto para viver até decidir seu caminho, e sua identidade de volta.

O 'bom homem', como a jovem senhora o chama, era meu pai. O mesmo homem que já passou um terço da vida numa cadeia de segurança máxima, condenado por uma gama infinita de crimes, que vão de lavagem de dinheiro, tráfico de influência, extorsão e sonegação de impostos até sequestro, cárcere privado e homicídio... um pena de mais de 150 anos.

Eu só descobri o que meu pai fazia quando seus negócios na pequena cidade de Avalon progrediram e nossa vida foi mudando aos poucos. Meu pai não deixou de ser um pai ausente. Nosso tempo juntos continuava restrito. Porém, ele também ficou mais paranoico, mais misterioso. Levei tempo para juntar as coisas. Vivi muito tempo dentro de uma redoma de vidro, isolada e superprotegida.

— O menino Tristan estava muito preocupado, disse que coisas ruins poderiam acontecer com a Senhorita. — Ela se aproximou, puxando a bolsa do meu ombro e acertando o ritmo do passo com o meu, lento e manco. — Ele se preocupa muito com a senhorita. Como o senhor seu pai...

A minha atenção, entretanto, se desvia para a conversa cochichada que Tristan está tendo, com Jerry, que chegara na SUV que fez nossa escolta. Quando passamos pela porta do elevador, arrisco olhar para trás rapidamente. Vejo Tristan rumar para a casa de hóspedes com dois seguranças lhe seguindo.

— Hoje é o dia do menino dormir na casa pequena. Lá eles bebem, jogam e fazem bastante barulho.

A notícia me intriga, contudo, também me alivia. Vou passar mais uma noite sem precisar me preocupar em ter que dividir a cama com Tristan. Sua viagem à negócios logo depois da cerimônia de casamento foi a única coisa boa que aconteceu aquele dia. Tive tempo para me adaptar à minha nova realidade, à nova rotina.

Não seria a primeira vez que dividiria a cama com ele. As coisas, porém, eram bem diferentes entre a gente. Não éramos mais aquelas pessoas do passado.

O elevador sobe lento até o segundo andar da casa. Tão devagar que Tuka já escolheu e colocou em cima da enorme cama de casal king-size a roupa que usarei para dormir. O vapor aromático e relaxante vindo da água quente preenchendo a banheira do outro lado da parede me traz alívio profundo. Mesmo com as aulas reduzidas para apenas uma vez por semana meu corpo dá centenas de sinais que tenho feito muito esforço.

— A senhorita ainda vai precisar de mim? — Tuka pergunta da porta do banheiro.

— Não, Tuka. Só preciso de um bom banho e uma noite tranquila de sono.

— Boa noite, então, senhorita. — ela hesita, mas me abraça apertado, como tem feito desde o primeiro dia que o fez, me consolando de um choro que eu não conseguia fazer parar.

— Ah, Tuka! — Faço-a parar por um instante. — Por favor, me chame de Liz. — Já tínhamos intimidade suficiente para isso.

Ela aquiesce enfaticamente. — Okay...Liz. Boa noite. — se despede com um sorriso, sumindo pela porta.



Emergi de meu sono aos poucos, levantando as pálpebras lentamente, dando tempo para meus olhos se acostumarem com a luminosidade –, ou falta dela – no ambiente. O barulho de risadas femininas e vozes masculinas bem ao longe invadiram meus sonhos, e como uma mão gentil, me puxou de volta para a realidade. Confusa e sonolenta, elevo o tronco com dificuldades até sentar-me na banheira, piscando algumas vezes para reconhecer meus arredores.

A cor branco-pérola dos azulejos que envolviam as quatro paredes; e o teto branco, emoldurado por placas de gesso imitando ondas do mar, foi informação suficiente para lembrá-la onde estava. A baixa temperatura da água na banheira e as gotículas condensadas no vidro da enorme janela ao seu lado indicavam que seu cochilo foi longo. As folhas das palmeiras reais decorativas do lado de fora balançavam num movimento frenético, indicando que o vento soprava forte. Observo a quantidade de luzes acesas. Ainda não me acostumei com a opulência e beleza daquela mansão. Mesmo no escuro da noite, era de tirar o fôlego.

Encosto a testa nos joelhos e suspiro, ensaiando uma caminhada até a cama onde jogaria meu corpo dolorido. Estava exausta. Com Tristan dormindo do outro lado da propriedade, talvez nem me vista da roupa que Tuka separou.

Usando os apoios de mão na borda da banheira, preciso usar um pouco de força para me equilibrar de pé. Novamente, risadas e conversa ecoam para dentro apesar da janela de vidro duplo, que – baseado na intensa segurança ao redor de toda a propriedade – deve ser à prova de bala de alto calibre, também.

Piso para fora, no tapete antiderrapante, e alcanço o roupão, jogando-o por cima dos ombros. Saindo do banheiro, vou direto à janela do quarto, que oferece um ângulo mais favorável para descobrir o que acontece no estacionamento, seguinte ao portão principal, ao lado da entrada de funcionários e serviços. Havia segurança pesada por lá, e uma fila de pessoas e carros, que esperavam pacientemente pela sua vez de entrar na casa pequena – a casa de hóspedes. O lugar onde Tuka disse Tristan passaria à noite.

O corpo cansado, dolorido e juntado pelos avanços da ciência e da tecnologia não foi páreo para a criança curiosa dentro de mim. Coloco as roupas, jogo um sobretudo para me proteger do vento frio e vou investigar a interessante rotina do meu novo lar. Sei que não posso descer pelo elevador, se quero fazer com que minha ‘fuga’ não seja notada, ou que, ao menos, consiga sair de dentro dessa casa.

Com dificuldades, desço as escadas, meu corpo rente a parede. Ouço vozes distantes, o tom é contido e parece vir da cozinha.

Preciso mudar parte do meu plano, já que não poderei sair pela porta dos fundos, ao lado da cozinha. O pouco que consegui aprender sobre a casa nesses últimos dias, sei que na sala de estar e TV há uma porta francesa que leva a uma varanda. Passando por ela – e pulando a grade, estarei num atalho que leva até o lago artificial. Seria uma ótima rota, uma vez que a casa de hóspedes é vizinha do lago.

Chego ao fim da escada com cautela. Colo as costas na parede e aguardo um momento antes de voltar a me mover. As luzes estão parcialmente apagadas pelo caminho que escolhi. Minha figura pequena me ajuda a me camuflar nas sombras que se formam em móveis e paredes até que eu atravesse toda a sala de estar e chegue à porta de vidro.

Empurro seus lados e sinto-me aliviada quando parte dela desliza tranquila para o lado. Olho para os lados, e para cima, temendo não ser pega no flagra por alguma câmera de segurança. Muitas delas, é obvio, me acompanharão, mas conto com o tempo que levarão para me identificar e decidir como farão minha abordagem. Esse é o tempo que terei para descobrir o que toda essa gente faz aqui toda semana. O momento mais difícil: pular a grade. Felizmente, ela é baixa o suficiente para jogar uma perna, depois a outra – domando o incômodo do impacto da minha perna ‘ruim’.

O vento sopra forte e abre meu sobretudo. Não posso parar. Meus pés afundam na grama alta e densa, alguns cachos voam na frente dos meus olhos, mas não tiro o foco da casa adjacente, que dentro dos meus padrões já seria considerada uma mansão. Tudo isso comprado com dinheiro que meu pai fez nos seus ‘negócios’. De proveniência lícita ou não, esse foi o grande mérito de Viktor Lebedev : soube lavar cada nota, tirar possíveis formas de ser rastreado como um bom alvejante tira manchas.

Meus pensamentos me desconcentram do caminho e eu chego à borda do lago de quatro, quase enterrando minha cara na terra molhada. No tropeço, perdi um dos meus chinelos. Olho para a frente, lambendo os lábios ressecados pelo vento, e penso se ainda tenho pernas para contornar metade do lago para chegar aos fundos da casa.

Assim que me levanto, ouço vozes masculinas. É possível que minha presença – ou ausência – já tenha sido notada. Não vale a pena retroceder. Se Tristan vai ficar irritado e rezar uma longa ladainha no meu ouvido, é melhor continuar, pelo menos vai valer a pena. Eu acho.

Tiro o outro chinelo, e consigo firmar meus pés no terreno que agora é menos firme para meu passo manco. Um flash de luz passa por mim. Só pode ser uma lanterna. Me jogo no chão e aperto os olhos, rezando para não ser percebida entre as folhagens que me cercam. Só mais alguns metros. Nada mais que quinze ou vinte passos.

Vamos lá, Liz!

Levanto-me e dentro do que me é fisicamente possível, corro. Ouço mais vozes, e já começo também a ouvir risadas e conversas truncadas. Alcancei meu objetivo. Estico os braços, apoiando meu corpo contra a parede de janelas de madeira bem altas. Seguindo por ela, circulo a lateral e acho uma porta larga e de metal. Comemoro minha pequena conquista, inclinando meu corpo para frente para tomar fôlego, apoiando as mãos nela.

Sou surpreendida quando cede sob meu toque e me arremessa para dentro de um ambiente escuro, voltando a se fechar automaticamente. Tento abri-la para garantir que terei como sair daqui, e para minha surpresa, ela está travada – trancada.

Uma porta que só abre por fora. Era o que faltava.

No completo breu, tateio o espaço ao meu redor até minhas mãos tocarem algo de ferro, uma espécie de corrimão. Levo meu corpo mais próximo e dou passos cautelosos. Nada. Eu termino minha meia dúzias de passos quase dando de cara na parede. Escolho tentar o lado oposto. Tenho mais sorte pois meus pés tocam um degrau. Ergo o pé, e percebo que há outro corrimão do lado oposto.

Perfeito. Com as mãos segurando firme nas estruturas de metal, começo a subir os degraus. À medida que me distancio do chão, um pouco de luminosidade vai se misturando à escuridão. Quando me alço ao último degrau, já estou num corredor branco, bem iluminado com inúmeras portas dos dois lados. É um lugar estéril, como a ala de internação de um hospital.

Essa comparação para mim é natural. Passei muito tempo da minha vida passeando pro corredores estéreis com portas brancas de mesmo tamanho e mesma cor, num silêncio sufocante. Aqui, no entanto, são vozes, risadas e barulhos de copos e taças que preenchem o corredor. Tristan deve estar lá embaixo, se divertindo com essas pessoas.

Penso em dar um passo à frente, tentar espiar dentro de algum desses cômodos, ou ouvir o que está acontecendo pela porta. A minha ideia é finalizada pela abertura duma porta do lado direito, no meio do corredor. Dela sai um homem alto, vestindo calças pretas e uma camisa branca com as mangas enroladas até os cotovelos. Ele mantém os olhos focados no fim do corredor do outro lado, por isso não consigo ver seu rosto, mas noto que algo de cor escura pinga de suas mãos. Colo meu corpo na parede para dificultar que minha presença seja percebida, quando noto que mais pessoas se movimentam para sair pela mesma porta.

Sou surpreendida pela cena que se segue: um homem, com as mesmas vestimentas que o anterior, é carregado para fora por outros dois. De sua cabeça, caída para frente, também flui um líquido escuro. Eles não parecem se importar muito com o estado do homem, pois o puxam pelos braços, suas pernas se arrastando pelo chão frio do corredor, deixando um rastro avermelhado por ele, até chegarem à ponta final e virarem à direita, um provável acesso para o andar inferior.

Não vou tentar me enganar. Sei muito bem o que acabei de ver; e que não deveria ter visto. Não posso arriscar ser pega aqui. Mas, como retornar se a porta no andar de baixo só abre por fora? Algo me diz que se for pega aqui não será uma ladainha que vou ouvir de Tristan, vai ser a playlist inteira. Tomo fôlego, torço para minha perna, mais frágil ao esforço, aguentar, e dou passos longos e rápidos pelo corredor, tentando cruzá-lo e, por fim achar uma saída. Ouço passos e vozes vindo do lado oposto. Estarão os dois que carregaram aquele pobre homem para fora de volta? Se o estado do tal indivíduo é indício do que são capazes, não vou ficar aqui para descobrir se vão me ignorar ou fazer o mesmo comigo. Por instinto levo a mão na maçaneta dourada da porta branca mais próxima. Para minha sorte, ela se abre. Entro rapidamente, fechando-a com cuidado.

Aliviada por ter me livrado de um problema percebo que caí em outro. Muito pior que o primeiro. Pisar para dentro foi como cruzar o portal de algum multiverso criado por Quentin Tarantino. Antes do meu cérebro ser tomado pelo total pavor, pude contar oito armas – dos mais diferentes calibres – apontadas para mim. Engoli de volta o bolo que parou no topo da minha garganta e ergui os braços. Sem muito controle sobre meu corpo, que entrou em modo ‘fugir ou encarar’, não conseguia sequer mover meus lábios para dizer qualquer coisa que impediria que algum daqueles homens, que me tinham em suas miras, não puxasse o gatilho. Meus olhos correram pelo local, acessando meus arredores. Pobre cérebro! Acha que ativando meu instinto de sobrevivência eu tenha qualquer condição de escapar daqui sozinha.

Contando os homens sentados ao redor da mesa de madeira escura e lustrosa, e os que se levantaram ao serem surpreendidos por mim, há dezenove deles. A maioria bem mais velho, percebo por suas cabeças brancas e linha capilar retrocedente. Em seus rostos havia medo, surpresa, impaciência e humor. O homem que ria vestia uma camisa cinza e uma corrente de ouro tão grossa ao redor de seu pescoço – se ainda não faz, vai precisar de muitas sessões de fisioterapia em breve – achou graça em algo em mim.

Minha reação automática é pensar que são as cicatrizes no meu ombro e braço expostos. Relembrando como percorri o caminho até essa casa, entretanto, devo estar parecendo o monstro de Loch Ness ou, sei lá, uma hippie que viajou no tempo e caiu aqui direto da primeira edição do festival Woodstock. Bem que podia ser verdade. Qualquer argumento é

melhor que a verdade que precisarei contar se alguém me indagar sobre a minha entrada, no mínimo, invasiva.

— Ei, Vlad. — um homem sentado do lado direito da longuíssima mesa retangular chama por outro, no lado oposto ao seu, seus olhos ainda em mim. — O que vocês fizeram a esse bichinho assustado?

Vlad é o homem da correte de ouro. Ele passa a língua pelos lábios espichados por um sorriso cínico, seus olhos ainda em mim, e responde a provocação:

— Eu não sei, Zaitsev. Mas, se fugiu, não tem mais dono. Pode levar para casa. — tira os olhos de mim, finalmente. — Se tiver coragem.

Todos os homens riem. O humor, por uma piada que certamente é interna, não me trouxe alívio, mas o fato de todos terem abaixado suas armas e voltando a se sentar, sim.

— Ilka vai adorar arranjar espaço para mais um dos seus brindes. — outro homem, de cotovelos na mesa e uma barba que encosta no tampo, completa, prolongando as risadas em uníssono.

— O espaço que vai arranjar para você será ser na casinha do cachorro. — Alguém diz, e mais risadas seguem.

O rosto de Vlad foi aos poucos mudando para algo mais sério. Seus olhos me escanearam e ele inclinou para trás, relaxando os ombros no encosto da cadeira preta de couro. Apesar de não estar sentado no topo da mesa – esta cadeira está vazia – ele manda uma mensagem bem clara que é, no mínimo, o segundo no comando por ali. E eu achei que não conseguiria sentir mais medo.

— Diga seu nome e o que quer aqui, kolibri. — Vlad diz, sotaque russo é mais perceptível agora que sua voz é a única que preenche o espaço.

Parto os lábios, por instinto. Não sei o que dizer. Talvez diga alguma coisa que vai me levar direto para a porta anterior onde dois caras vão me deixar num estado até pior do que o pobre homem que encontrei momentos atrás.

— Acho melhor me dizer rápido, pequeno passarinho. A pessoa que se senta naquela cadeira — aponta para a cadeira vazia encabeçando a mesa —, não tem o menor senso de humor. Alguns concordam, acenando com a cabeça.

Um clique e o barulho de uma porta sendo aberta, encurta o que poderia ser uma longa conversa – monólogo – do tal Vlad. Todas as cabeças viram para o lado oposto ao que estou. A porta que se abre está exatamente

atrás da cadeira vazia. A pessoa a passar por ela é Leonard. Já decorei seu nome, e apesar de parecer ter a mesma idade que eu, é o chefe da segurança interna. Quando me vê, sua surpresa é imediata. Seu pomo de adão sobe e desce múltiplas vezes e seus olhos estalam.

Sua presença é, para mim, boas e más notícias. Espero que venha até mim, e depois de uma desculpa qualquer me tire desta sala, mesmo sabendo que vai me levar exatamente onde Tristan está, me arrastando pelo braço como uma criança malcriada, não uma mulher de vinte e cinco anos. Como se eu não fosse a segunda mais importante autoridade naquela casa, por que meu nome agora é Elizabeth Swan Sawyer. Senhora Sawyer, nome que muita gente no staff da casa já me chama.

Porém, ele para bruscamente e dá um passo para o lado. Nesse momento, sei que estou muitíssimo em apuros. Como dizem, nunca nada é tão ruim que não pode ficar pior. A minha situação ficou, pois atrás de Leonard vinha o próprio Tristan, que me encarou, perplexo. Seu rosto se contraindo e formando uma feição que eu conhecia bem. Era a que fazia para os garotos da escola quando caçoavam dele – suas caras virando massa de tomate nos corredores em seguida; para seu próprio pai ao enfrentá-lo e não mais permitir ser seu saco-de-pancadas; para qualquer pessoa que ousou, sequer tentar, me fazer mal.

Sim, eu sabia o que aquilo significava, e preferi que ao invés, apontadas para mim, estivessem as oito armas.

A DANÇA DOS CISNES – Parte 3 (7)

"Você é ambas a quietude e a confusão em meu coração."
– *Franz Kafka, Cartas à Felice*



Atualmente

— Espero que tenham uma boa explicação para esse fiasco da segurança. — digo a Leonard.

Não importa o que Liz fez para chegar até aqui. Uma mulher pequena, com clara dificuldade de locomoção, conseguiu burlar a segurança e expor seus responsáveis. Uma falha inadmissível.

Fecho a porta atrás de mim, lutando contra o embaraço de ter que lidar com mais uma escapada de Elizabeth. Só pode ter sido proposital. Tudo o que tem feito é me testar, provocar, desafiar, desobedecer. Fazer questão de me mostrar o tempo inteiro que fui ingênuo em achar que um contrato – um pedaço inútil de papel – garantiria sua cooperação. Não estou surpreso, no dia do nosso casamento, enquanto eu saía da limusine para entrar no avião, ela me fez uma promessa – uma ameaça nada velada: um dia testemunharia a destruição de tudo que eu mais amo – meus negócios.

Não deveria tê-lo feito, uma vez que minha ação a deixaria ainda mais irritada, mas só pude achar graça da ironia de ser justo ela a me dizer isso e lhe abrir um sorriso.

— Traga Tuka e um carro para levá-la de volta a casa principal. Agora! — faço Leonard se mover, passando quase correndo pelo lado dos membros da mais alta hierarquia dentro da OZRA.

Finalmente, volto a olhar para minha esposa. Mal reconheço a criatura petit, constrangida e acuada, de cabelos e rosto com pingos do que só pode ser lama; descalça, com pés também enlameados e usando um sobretudo muitos números maior, que escorre pelos seus ombros, revelando um pescoço comprido e delicado. Seus lábios tremem, não sei se de medo ou frio – ou os dois.

Limpo a garganta e ignoro qualquer constrangimento. — Senhores — digo ao caminhar até ela —, deixe-me apresentá-los a minha esposa, Liz. — paro ao seu lado e abraço-lhe pela cintura. — Elizaveta Lebedeva Sawyer. — digo seu nome de batismo. Mesmo sem ver seu rosto, sei que me odeia um pouco mais por isso.

— Lebedeva, como em filha de Viktor Lebedev? — Vlad, meu homem de confiança dentro da Ozra, sugere. — Pensei que a filha de Viktor tinha morrido num acidente de carro.

Já esperava ser questionado sobre isso, mas não tão rápido. Me preparo para responder de forma neutra possível, mas meu pequeno cisne deu um passo para frente, se livrando do meu contato, e responde:

— Sim. A filha de Viktor Lebedev morreu sim num acidente. Meu nome é Elizabeth Swan.

— Sawyer. — completo.

— Por que mudou o seu nome russo? Deveria se orgulhar de nossa cultura milenar, de suas raízes. — Vlad indaga. Parece realmente ofendido pela mudança de Liz.

Nesse momento, eu faria uma estratégia de contenção. Muitos aqui têm ligações diretas com o próprio, ou pessoas muito próximas, ao Kremlin. Não foi fácil fazer um grupo tão orgulhoso de suas raízes, e que se sentem representantes de uma nação, aceitar que um jovem americano encabeçasse os negócios de Viktor. Estou sempre pisando em ovos. Qualquer deslize pode colocar minha competência, e mais importante, minha lealdade à OZRA, em dúvidas. Isso não seria bom para ninguém. Muito menos para Liz.

— Eu não sou russa, meu pai é. — ela rebate, cruzando os braços na frente do peito. Uma posição tão altiva e segura que nos faz esquecermos

que, além de ter menos de um metro e sessenta, está com lama cobrindo-a dos pés à cabeça.

— A sua mãe também. — Dimitri, o membro mais antigo do grupo comenta. — Você se parece muito com ela.

Não gosto do rumo dessa conversa. Volto a abraçar a cintura de minha esposa, indicando que a troca precisava acabar. Mais uma vez, se desvencilha de mim de forma acintosa.

— Você conheceu minha mãe? — encheu-se de esperança.

Dimitri e eu travamos uma curta discussão em silêncio. Aquele assunto precisava ser encerrado. Ele pareceu ter entendido isso, acenando para mim com a cabeça discretamente. Senti alívio até vê-lo dar de ombros, se ajeitar na cadeira e responder:

— Sim. Quando ainda não era namorada de seu pai.

— Ela era mesmo uma bailarina? — Liz pergunta. Sua voz emocionada. Meu estômago se contorce de irritação pela boca mole de Dimitri, a insistência de cygnet e minha própria culpa.

O homem ri, e diz:

— Ela certamente pode ter sido uma. — muitos ao redor da mesa riem. — Era pequena e delicada como você. Passaria facilmente por uma bailarina de alguma companhia russa. — mais risos. — Ela também foi muitas outras coisas.

— Menos minha mãe. — completa solenemente.

Meu coração dói por ela. Como doeu todas as vezes, desde sua infância, ao fantasiar sobre como sua vida seria diferente, mais feliz, se tivesse – ao menos – conhecido sua mãe. Não queria vê-la sofrer pela tal mulher, ou pela história idealizada que sobre quem sabe tão pouco.

— Acho melhor continuarmos essa conversa em outra oportunidade. Minha esposa precisa se recolher agora. Com licença, senhores.



— O patrão não acha melhor ter essa conversa depois? A senhora Sawyer está com muito frio. Vou preparar um banho bem quente para ela. — Tuka tomou a frente da conversa.

Conheço a senhora de meia idade. Poucos dias de convivência e ela já se afeiçoou por Liz. Seu argumento do banho é só para dar tempo para eu

me acalmar e não dizer tudo que frita dentro da minha cabeça. De certa forma, Tuka está certa. Não posso deixar minha raiva sobressair ao meu senso de preservação. Não posso expor minha esposa na frente dos funcionários desta forma. Pode instigar que eles também não a respeitem. Mas, vou ter essa conversa com Elizabeth esta noite. De uma vez por todas.

— Tuka, você está dispensada pelo resto do dia. — digo, já subindo os primeiros degraus da escada. O elevador, ao lado, que carrega Liz, começa a se mover.

— Mas, senhor Sawyer, preciso preparar o banho... — ela tenta argumentar.

— Não se preocupe coma senhora Sawyer. Se ela consegue furar um grupo de seguranças treinados, consegue encher uma banheira com água. — digo passando meus olhos pelos dois: Leonard e Tuka. — Está claro? Ninguém incomoda a mim ou a senhora Sawyer até que lhes diga o contrário.

Leonard me devolve um aceno de cabeça e olhos concentrados. Tuka ainda está com os lábios entreabertos, a palavra que não a permiti dizer ainda querendo sair da sua boca. Sei que quer argumentar a favor de Liz.

— Eu disse ninguém, Tuka. — ênfase. Ela capta a mensagem de forma resistente, fechando a boca e travando o maxilar. O aceno de cabeça relutante demora bons segundos para seguir.

— Agora me deixem a sós com minha esposa, por favor. — subo os degraus com passadas largas e firmes.

Chego ao topo junto com o elevador. Caminhamos juntos até o quarto. As palavras quase não cabendo mais dentro da minha boca.

— Porra, Liz! — digo, assim que entramos. Quero canalizar toda minha raiva e frustração no fechar da porta do quarto, mas mudo de ideia. Não posso ser essa pessoa com ela.

Espero que nunca precise sê-la.

Ela passa por mim, mais uma vez, me ignorando deliberadamente. Deixa o roupão sujo escorregar pelo seu corpo, e depois pula o monte de roupa suja que ele forma. Entra no banheiro e se atreve a fechar a porta na minha cara.

Mer-da! Essa conversa vai ser pior do que imaginava. Chego perto da porta e levo uma mão a cabeça, deixo os dedos escorrerem pelos meus cabelos, buscando o último resquício de paciência que me resta.

— Que diabos há de errado com você? É a segunda vez que me pões numa situação constrangedora com nossos funcionários em menos de 24 horas!

Fixo meus olhos na mulher parada e trêmula perto da banheira, a luz entra pela janela e a camisola faz pouco para esconder sua silhueta de bailarina. Mesmo com olhos arregalados e pele esbranquiçada pela baixa temperatura, ela se senta na borda da banheira e me encara.

— Eles não são meus funcionários. — rebate, a petulante. — Se andar dentro dos limites da casa, que você vive repetindo que é minha, for quebrar alguma regra, acho que precisa rever seus argumentos. Ou eu sou tão dona disso aqui, ou sou apenas uma pessoa sendo mantida em cárcere privado, que só sai do quarto quando você permite.

— O que você quer, Liz? — É o que tenho me perguntando há anos.

— Você se esqueceu que só estou aqui por que me chantageou? Que estava tentando destruir a carreira de alguém importante na minha vida e que não tem nada a ver com nossa história. Que se eu não aceitasse me casar com você.

— Você não sabe do que está falando. — E mais uma vez sinto vontade de lhe contar toda a verdade, sobre tudo. Inclusive sobre mim.

— Não devo saber mesmo, Tristan. Porque eu não faço a menor ideia o que eu acabei de ver acontecer dentro da minha suposta própria casa. — liga as torneiras e derrama, displicente, sais de banho e sabão na banheira.

— E o que você viu? — indago fingindo não saber o que aconteceu na sala ao lado.

— Eu vi... — ela pausa, se levanta e de costas para mim, usa das duas mãos para puxar as alças finas da camisola.

O tecido leve, em descendência, lambe seu corpo até pousar em câmera lenta no chão.

Meus olhos me desobedecem e grudam nela.

Perfeito. Meu pequeno cisne é perfeito. Tudo nela é delicadamente forte, firme e tentador.

Tento domar memórias que inundam meus pensamentos, me perguntando se sua pele ainda tem a mesma textura, se sua boca carrega o mesmo gosto. Posso ouvi-la chamar meu nome num gemido.

— ...um homem que acabou de ser torturado por alguns de seus homens. — completa ela, pisando para dentro da banheira. A água quente

mergulhando sua figura numa nuvem de vapor. — Ele foi arrastado para fora como se fosse... — vira-se para mim e meus olhos vão além da sua beleza inocente exposta para meu deleite. São suas cicatrizes, presentes em tantas partes de seu corpo, que me deixam desnorteados.

Eu nunca fiquei próximo o suficiente de Liz após sua alta do hospital. E ela fez questão de deixar isso claro a todos para nunca permitirem que eu chegasse perto dela. Sua rejeição, no começo, foi um gesto de misericórdia por parte dela. Nunca vi o resultado do que causei. Nem o seu leve mancar, e sua óbvia dificuldade em executar alguns movimentos, foi tão chocante quanto ver as marcas no seu corpo, muitas ainda vermelhas, quase vivas, mesmo após sete longos anos.

Um grunhido de dor escapa de mim. Quero ir até ela, me ajoelhar e lhe pedir perdão. Há um nó no meu peito que me roubou o ar. Não sei se é o arrependimento e o peso na consciência por ter deixado ela entrar na merda daquele carro anos atrás. A vergonha de não ter admitido meus sentimentos quando ainda havia uma chance, mesmo que remota, que ela ao mesmo entenderia as escolhas que fizera até ali. Ou a covardia de ter acompanhado à distância toda sua batalha para voltar a ter uma vida normal e funcional, só para, mais uma vez, lhe tirar tudo.

Sem poder fazer nada disso. E por pura covardia, me viro e me movimento para deixar o banheiro. Não fujo dela, mas de mim mesmo. Mesmo assim, mantenho a farsa, e fingindo indiferença pelo que acabei de ver.

— Essa conversa não acabou, Elizaveta. Te vejo no café da manhã.

A VALSA DOS PEQUENOS CISNES (8)

“Às vezes encontramos pessoas, até mesmo estranhos, que começam a nos interessar à primeira vista, de alguma forma, de repente, de uma só vez, antes que uma palavra seja dita.”

— Fiodor Dostoiévski, *Crime e Castigo*



Cinco Meses Atrás

— Ele chegou!

O anúncio pouco contido veio junto com a porta do meu pequeno escritório sendo empurrada contra a parede de dry-wall. O barulho nem se compara a voz estridente que compete com ele.

— Amiga, ele está aqui!

A animação na voz da minha melhor amiga me fez revirar os olhos tão forte que achei que nunca mais voltariam para o lugar.

— Veio buscar a Brie! É a quarta vez seguida! — completa ela, sem conter sua empolgação.

Terminei de colocar os recibos na gaveta da minha velha escrivaninha de metal, fazendo força, porque a primeira sempre emperra, ao mesmo tempo que penso no que dizer a Laylah. Além de grande amiga e

sócia no estúdio de dança, gosta de brincar de cúpido com qualquer cara que entra aqui e se atreve a trocar comigo algo mais longo do que uma olhadela despreziosa. Já tive candidatos desde o cara que faz as entregas de compras pela Internet até, Walter, o senhor setentão que é síndico do prédio comercial. Para Laylah não importa.

Nossa amizade é forte, porém não muito longa. Conheci Laylah há pouco mais de seis meses, no primeiro andar deste mesmo prédio, uma cafeteria onde trabalhava como barista. Vim falar com a corretora sobre alugar o espaço no andar de cima.

Vazio as seis e pouco da manhã, pudemos conversar. Contei-lhe contei sobre meu desejo de abrir um estúdio para crianças com deficiência. Se apaixonou pela ideia e ofereceu-se para ajudar no que quer que eu precisasse.

E eu precisei de muita ajuda. Foi graças a Laylah e conhecidos seus que, apesar do pouco dinheiro, levamos apenas duas semanas para ter um estúdio montado e pronto para receber sua primeira turma: oito crianças entre seis e onze anos com diferentes tipos de deficiência. O grupo de balé mais diverso que já se ouviu falar.

Nem mesmo nos meus sonhos mais idealizados conseguiria uma rotina com crianças com deficiência visual, auditiva, de mobilidade... e que daria certo. Posso dizer com todo orgulho e honestidade do mundo, está funcionando. Estamos aqui há seis meses, e na próxima semana faremos nossa primeira apresentação pública.

— Ele tem feito isso desde aquela semana que a babá dela ficou com dor de estômago, lembra? — junta as mãos e suspira, batendo os cílios para mim. Provocação pura.

Me levanto e círculo a escrivaninha, tentando ignorar sua insistência. De nada adianta, pois continua:

— Ficou totalmente hipnotizado por você, Liz. acredite em mim. Eu conheço homens. Sabia que ele arranjará uma desculpa para te ver de novo. Tem feito isso já vai completar um mês!

Encosto o quadril na mesa e cruzo os braços contra o peito, esperando-a terminar seus devaneios românticos.

— Laylah, por favor, o pai da Brie é um representante do povo, muitos anos mais velho que eu...

— Ah, não vem com essa, Liz Swan. — me interrompe. — Ele tem 35, só dez anos mais velho que você. Sim, ele é um político, mas e daí?

Pare de enrolar e encare o óbvio: mais cedo o mais tarde ele vai te chamar para sair.

— O óbvio que só você consegue enxergar, Laylah. — começo a me mover. — Chega dessa conversa, por favor, amiga. — passo por ela sem lhe olhar.

Ela não desiste. — Promete para mim que não vai fazer como tem feito desde que te conheci. Você nunca aceita sair com ninguém. Tem sempre um impedimento que você inventa, algo errado com o cara e blá-blá-blá.

Torço a maçaneta e abro a porta, ignorando-a.

— Já te adianto que não há nada de errado com o cara de terno do outro lado dessa porta. Ao contrário, parece um ator de Hollywood. Um Richard Gere de olhos verdes.

— Laylah, Richard Gere deve ter uns 70 anos.

— Estou falando dele nos anos 90. Tipo, uma linda mulher, outono em Nova York...

— Tenho certeza que ele já era quase cinquentão naquela época. O pai da Brie...

— Vincent Hawke.

— ... deve ter uns quarenta.

— Trinta e cinco! Já disse que li tudo sobre ele na Wikipedia. Quer saber? Não importa. Você entendeu minha mensagem. Para de ser tão chata com esses... fatos. Vai dizer sim até se ele te convidar para ir até o bebedouro beber um copo d'água com ele. Entendeu?

— Já acabou? — piso para fora da sala.

— Ainda nem comecei... Sorria e tente fazer pelo menos um pouco de contato visual com ele. Semana passada, ele te fazia perguntas e era pra Brie que respondia, parecendo uma... uma...

Deixo-a para trás, mas ainda consigo ouvi-la dizer:

— Uma tonta!

Talvez eu seja mesmo. Por uma série de razões, não por essa. Minha interação com o Senador Vincent Hawke é normal. Claro, ele é charmoso, tem um jeito simpático de conversar, e tudo mais. Habilidades que devem vir no pacote premium dos políticos. Nada fora dos padrões. O que gosto mesmo nele é forma como sorri quando interage com sua filha.

Não estou falando do estereotipo pai solteiro, que reza a lenda, atrai as mulheres. O que me atrai nele... se é que posso chamar isso de atenção, é

que nada em Vincent Hawke acende o sinal vermelho na minha cabeça. Não consigo lembrar quando foi a última vez que isso aconteceu. Talvez seja um sentimento inédito.

Laylah está certa – mas nunca vai ouvir isso da minha boca – a forma como ele me olha, tem um contraste gigantesco para com a forma como usa as palavras comigo. Quando conversamos, suas palavras são leves, educadas. Nunca se prolonga demais num assunto. Suas frases são sucintas e objetivas – deve vir do ofício. Mas, o olhar dele é bem mais que isso. Há algo quente dentro deles, um tipo de vislumbre que ele parece manifestar só para mim.

Eu demorei para perceber. Confesso que, se não pela múltiplas vezes que Laylah tocou no assunto, jamais teria começado a prestar atenção. Porém, só precisei fazer isso uma vez, e na próxima as minhas bochechas já começavam a arder – como fazem agora – sabendo que vamos interagir por alguns minutos. Essa timidez, no entanto, não tem nada a ver com o sentimento de insegurança ou de estar pisando em território hostil, como tende a acontecer em relação a outros caras, que tentei me relacionar nesses últimos anos. Vincent Hawke me traz tranquilidade. Talvez porque, sendo ele pai de uma garotinha que ficou com sequelas após um acidente de carro – que foi fatal para sua mãe – me sinta mais à vontade sabendo que não preciso dar muitas explicações sobre o meu mancar, a minha dificuldade de fazer determinados movimentos – tão fáceis e simples para a maioria das pessoas – e, o mais importante, as cicatrizes que estão em todos os lugares no meu corpo.

Mesmo não querendo admitir, as sequelas do meu acidente são, sim, um fator que me torna mais seletiva ao iniciar uma relação, mesmo que só por uma noite. Não quero ver dó ou repulsa nos olhos dele. O que aconteceu mudou a minha vida e meu corpo, não quero passar pelo trauma da possibilidade de rejeição.

Tenho orgulho do que me aconteceu. Não do acidente em si, mas do fato de que sobrevivi, consegui me recriar, e descobrir uma nova paixão. Tenho motivos para voltar a sonhar e orgulho de quem escolhi ser.

Ao aproximar-me da sala de dança, avisto Brie e seu pai do outro lado, perto da porta. O homem diz algo que faz sua filha enquanto coloca uma garrafa de água dentro da mochila que tem no colo.

Mesmo com sapatilhas de pano, para não riscar o assoalho liso e lustrado — que só não custou mais do que cobrir vinte metros de parede

com espelhos de dois metros de comprimento — minha aproximação é percebida de imediato.

— Professora Swan! — Brie anuncia, virando sua cadeira na minha direção e erguendo os braços com entusiasmo.

Abro um sorriso para a garotinha de oito anos, e olho rapidamente para seu pai, que punha a mochila cor de rosa pendurada no seu ombro esquerdo. Um contraste colorido ao terno monocromático e sério.

— Papai tem uma coisa bem legal para te perguntar. Ele quer te fazer um convite. — a empolgação em sua voz compatível com a que ouvi de Laylah alguns minutos atrás. Não é à toa que a interação das duas é sempre das mais barulhentas, com risadas altas e gritinhos animadas. — Né, pai? — ela bate uma mão na perna terna, ordenando que o homem diga algo.

Quase tropeço no meu próprio passo. Isso acontece sempre, é uma seqüela do meu acidente. Mas, também porque a danada da Laylah conseguiu construir um hotel resort na minha cabeça com essa história de que o senador pelo estado de Washington estaria interessado em mim.

Sou rápida em disfarçar a surpresa, ou assim espero. A alguns passos dos dois, paro e o cumprimento:

— Boa tarde, senhor Hawke.

— Fala logo, pai. — Brie insiste.

— Boa tarde, professora Swan. — ele responde, soando menos confortável que o usual. — É sobre a apresentação do grupo no paço municipal no fim de semana.

— Pois, não. — respondo sem esconder a repentina preocupação com a possível ausência de Brie. Ela é a bailarina central de dois terços de nosso número. Isso me causaria uma enorme dor de cabeça.

— Convidei todos do grupo para um jantar em nossa casa após a apresentação. Gostaríamos muito de poder contar com a sua presença, também. — ele põe as mãos nos bolsos da frente da calça e relaxa os ombros. Olhos de folhagens frescas em uma manhã quente de verão — verdes e receptivos — revezam entre sua filha e eu.

— Um jantar? — seguro a surpresa na garganta para não engasgar.

Laylah, o que você fez comigo?

— Isso, professora Swan. — Brie interrompe. — Todo mundo vai estar lá. Você precisa ir, por favor.

Minha vez de revezar o olhar entre Brie e seu pai algumas vezes, até focar nele, que prensa os lábios e dá de ombros, concordando com os argumentos da pequena.

Reunião simples na casa de um dos nossos alunos já aconteceu várias vezes nesses seis meses, mas nunca algo que pareceu tão formal como ir à casa de um senador.

— Claro que estarei lá, Brie! — respondo, juntando as mãos e sorrindo, fazendo parecer que meu silêncio foi um suspense intencional.

— Eba! — Brie comemora, empurrando a cadeira até mim e me abraçando pela cintura. — Vai ser um dia muito especial, professora. Quero te mostrar meu quarto e meus brinquedos. Sabia que um dos quartos de hóspedes meu pai transformou em estúdio de dança só para eu poder ensaiar?

— Uau! Isso é muito legal. — digo, olhando para o homem que sorri timidamente, como se sua filha tivesse revelado um segredo familiar. — Desse jeito você vai se tornar uma bailarina profissional bem rápido. — pisco para ele, que me sorri de volta, aliviado.

— Bom, então é isso. — o homem diz, dando uma rápida olhada na tela do celular que retirou do bolso. — Filha, despeça-se da professora. Precisamos ir.

— Até sexta-feira, professora. No paço municipal, duas horas antes para o último ensaio e preparação. — Brie completa.

— Exato. — aceno com a cabeça e me abaixo para abraça-la. — Boa noite e até breve, Brie-Brie.

Nos despedimos e eu assisto Brie passar pela porta, sua cadeira sendo empurrada por seu pai na direção dos elevadores. Fecho a porta, e caminho até a janela. A linha do horizonte já está pintada de laranja, formando o chegar da noite. Baixo os olhos para a rua, onde uma enorme SUV preta está parada na frente do prédio, pisca alerta ligado – o carro oficial do pai de Brie. Sua pequena cadeira é posta facilmente no banco de trás, e ela é pega no colo por seu pai. Antes de entrarem na parte de trás, o homem aponta para cima e acena, parecendo saber que eu os observava. Brie repete o gesto, e sem opções, aceno de volta. Eles entram no carro e partem.

Viro-me e me deparo com Laylah e sua cara de ‘eu te falei’. Antes que começasse com suas ideias malucas, me adianto:

— Me chamou para um jantar coletivo, com nossos alunos.

— Eu sei. Fui convidada também, antes da aula. — bate os cílios com deboche. — No seu caso, essa foi a forma que achou para jantar com você. Criar alguma conexão fora do contexto das aulas da filha dele, sabe? Ele é uma pessoa pública, tem muito a perder com qualquer deslize. Os gestos dele – acostume-se – serão discretos. Cada passo que ele der para se aproximar de você, vai dar dois para trás. É a forma de tentar olhar a situação de fora; ponderar quando e como dar o próximo.

— Você fala como se o conhecesse de algum lugar. — passo por ela, indo à cozinha pois estou faminta, e porque, mais uma vez, preciso fugir dessa conversa.

— Sabe como é essa tal de Internet, né? Te faz um expert em qualquer assunto em poucas clicadas. — ela me segue. — O que precisa saber sobre seu futuro marido?

— Marido, Laylah. Pelamor... Eu tenho 24 anos...

— Ele é tão perfeito... — seu tom apaixonado começa a me irritar.

— Um homem, rico, jovem; político ambicioso com óbvias pretensões presidenciais. Isso não soa como perfeição e sim como uma dor de cabeça para mim.

— Ele gosta mesmo de você, Liz. É tipo coisa de contos de fadas...

— O príncipe encantado, lindo e poderoso, se apaixonando perdidamente pela donzela manca, pobre, sozinha, humilhada. Tirando-lhe das provações da vida e levando-a para um castelo onde viverão felizes para sempre.

— É sobre isso, amiga. — Laylah acredita tanto nas suas ideias românticas que não detecta a óbvia ironia nas minhas frases.

— Não, amiga, não acredito em conto de fadas. A vida não é mágica e cheia de coincidências perfeitas. É cruel, principalmente, com quem ignora sua realidade. Vivi muito tempo dentro de uma redoma que outras pessoas criaram para mim. Tive que me espatifar num penhasco para quebrar a porcaria do vidro e me libertar.

— Você tem certeza que só tem vinte e quatro anos? Não sei se me surpreendo com sua maturidade, ou lamento. Jovens, via de regra, são pessoas cheias de ideários de vida e relacionamentos.

— Não sou madura, sou calejada.

— É tudo a mesma coisa. — rebate com despeito.

— Nas pessoas maduras, as experiências ruins deixam ensinamentos. Nas calejadas, deixam marcas, traumas e muita raiva.

Passo por ela e rumo à cozinha. Não estou com fome, só preciso de uma forma de acabar com essa conversa. Abro a geladeira, não procuro nada em específico. Talvez alguma sobra para requentar. No meio da minha escolha ouço os passos de Laylah se aproximando. Solto um suspiro alto. Não quero mais falar sobre Vince Hawke, minha falta de vontade de começar relações...

Minha amizade com Laylah talvez não tivesse acontecido se não por ela conhecer as pessoas certas para me ajudar com o estúdio. Foi nossa convivência que ditou o ritmo de nossa amizade. Sei que temos mais diferenças que coisas em comum. Ela é uma pessoa leve e cheia de expectativas positivas sobre a vida. Sou o oposto: um rochedo no topo de uma montanha, segura por uma pequena pedra como encaixe, prestes a rolar e esmagar a pequena vila lá embaixo. Carrego muita bagagem pesada há muito tempo. É difícil dividir o peso com alguém. Sei que preciso carregá-la sozinha. Aprender a desfazer essa bagagem; separar item por item. Compartimentalizar. Viver um dia de cada vez. Lidar com um problema de cada vez. Não é justo esperar que Laylah entenda isso.

— Ei, Liz. — ela soa menos animada do que momentos antes. — Me desculpe se desrespeitei seu passado. Talvez, algum dia dessa semana, a gente possa tomar um vinho e conversar sobre nossa trajetória até aqui.

— Laylah... — digo ao fechar a porta da geladeira com as sobras do almoço. — O que te disse não foi para te causar desconforto. O que mais luto é para que um evento trágico na minha vida não me defina como pessoa. Me pego fazendo escolhas baseadas em não ser e pensar da forma que fazia antes dele. Isso me confunde, assim como confunde as pessoas ao meu redor.

— Mesmo assim, eu sinto muito. — senta-se à mesa quando me vê pondo as sobras no micro-ondas. — Honestamente, não acredito muito nas minhas próprias palavras. Quero dizer, seria o máximo te ver feliz com alguém que te olha com a admiração que o pai da Brie te olha. Não quero que pense que só quando estiver numa relação encontrará felicidade. É um pensamento ultrapassado, eu...

— Esquece. — ponho o prato com a lasanha e mais um na mesa, junto com talheres. — Divide comigo. Não gosto de comer sozinha.

Ela aceita. Comemos em silêncio. Nós nunca comemos juntas e em silêncio. O que quer dizer que as coisas ainda estão diferentes entre a gente.

A única forma de tentar colocar as coisas no mesmo patamar de antes de nossa discussão é mostrar que o assunto não é tão sério:

— Lay, posso te confessar uma coisa?

Ela abre um sorriso imediatamente. — Claro que pode! — Olhos cor de ônix, curiosos e ansiosos, brilham para mim.

— Se o pai da Brie me convidasse para beber uma água no bebedouro, eu aceitaria. — o alívio daquela confissão me surpreende e faz meu corpo relaxar.

— Ah! — ela quase pula da cadeira, apontando para mim. Molho bolonhesa escorrendo pelos seus lábios. — Sabia! — comemora novamente, ajeitando a postura na cadeira e limpando o resto de molho com a língua. — Você não me engana, Elizabeth Swan!

— Não nada do jeito que fala. É um crush bobo. Tipo, o acho muito atencioso. Essa coisa de ser político deve moldar muito a forma como ele interage com as pessoas. Fala, olhando nos seus olhos, como se fosse a única pessoa ali. Quando falamos com ele, é a mesma coisa. Deixa claro que a atenção dele é toda sua. Sua atenção, às vezes, é tanta que me deixa sem jeito. Não sei como me comportar perto dele.

— Gosto do perfume dele. Não sei o nome. Deve ser coisa chique e cara. Tem cheiro de homem bom. Fragrância que só cara bonitão, cheio de atitude, estilo, usa? Essa é a fragrância do senador. — confessa com um gritinho estridente.

— Sei do que está falando. Gosto do cheiro dele também. — concordo, encabulada.

— Do que mais gosta nele? — ela se empolga. — Posso te mostrar umas coisas que eu achei dele na net?

Lá vamos nós...

SAWYER, SWAN E LEBEDEV (9)

"O que chamamos de começo é muitas vezes o fim.
E fazer um fim é fazer um começo.
O fim é de onde começamos."
— T. S. Elliot



Quatorze anos atrás

Eu odeio tudo hoje.

Odeio que depois de três dias, hoje – justo hoje –, o dia tenha começado claro e quente.

Odeio a brisa fresca mantendo a temperatura amena. Dane-se o clima!

Odeio as pessoas fazendo caminhadas e corridas, em duplas ou trios; cuidando da saúde para garantirem que viverão muitos outros dias como o de hoje.

Odeio os pássaros cantando uma felicidade egoísta.

Odeio como as árvores parecem mais frondosas e as flores mais coloridas.

Hoje: um dos piores dias da minha vida.

O pior dia da minha vida.

Não é pelo que está acontecendo. É o que vai acontecer. Não é só pela tristeza que estou sentindo. É pela tristeza que ela vai sentir. O tipo de

tristeza da qual eu não poderei defendê-la. Não poderei amenizá-la. E isso está me deixando muito, muito irritado mesmo.

Seguro as bordas do volante com força, como se fosse quebrá-lo e buzino para o carro da frente, que corretamente não correu para atravessar o sinal amarelo.

Tenho pressa. Muita pressa.

As aulas de Liz terminaram há meia hora. Não a busco às quartas. Vai direto para o estúdio de dança de carona com uma amiga, ou o grupo todo caminha as três quadras até lá. Porém, hoje, ela não irá à aula de balé. Explicar a ela a razão, vai ser a coisa mais difícil que vou fazer hoje.

O sinal finalmente abre. O motorista-lesma a minha frente, felizmente, sinaliza e vira à direita. Com o caminho livre, acelero para compensar o tempo perdido. Próximo à escola, ainda vejo crianças caminhando pelas calçadas, vestindo uniformes e carregando suas mochilas pesadas. Desacelero só ao passar na frente da escola para me certificar que Liz ainda não foi ao estúdio. Ganharia muito tempo se estivesse aqui.

Com um suspiro de frustração continuo pela rua. É provável que terei que ir ao estúdio. O que quer dizer que vou ter que dar explicações à professora sobre estar lhe tirando da aula. Não é o tipo de notícia que posso dar assim, na frente de todos, mesmo sabendo que moro numa porcaria de ilha – uma cidade pequena onde todo mundo sabe da vida de todo mundo. Ela não merece essa humilhação pública. Só tem dez anos.

— Tia Pam! — Ouço Liz chamar assim quer viro na rua do estúdio. Sendo no centro da cidade, o trânsito é sempre um pouco caótico, pois os carros se misturam as bicicletas, scooters, motos, patinetes e todos os outros possíveis modos de locomoção. Só consigo parar o carro uma dezena de metros à frente.

Pelo retrovisor, vejo-a correndo para o carro, um sorriso largo e inocente no rosto. Com o cabelo preso num coque apertado no topo da cabeça, e já vestida da roupa de balé, fica ainda menor e mais frágil. Em pouco tempo, serei eu a pessoa a tirar sua tranquilidade de criança e jogá-la numa situação insuportável e traumatizante.

O arrependimento me bate, e eu quase faço o que minha mãe mandou: conto para ela mais tarde, depois da escola, talvez até mesmo depois do jantar. É o melhor a ser feito. Mas, não é o certo.

— Liz, é seu irmão Tristan!

Tão distraído, não percebi que uma das suas colegas já alcançara o carro e tinha a mão na maçaneta da porta de trás, esperando-a ser destravada.

— Trist? — Um oceano inquisitivo me encara ao abrir a porta da frente e entrar no carro. — Cadê a tia Pam?

— Põe o cinto, Liz. A gente precisa ir. — mantenho me voz calma, mas já sinto o tremor na minhas mãos.

— Ei, esqueceu da gente aqui atrás. — A garota bate no vidro, quatro rostos me olhando pelo vidro de trás.

— Você não vai abrir? — Liz riu da minha possível distração.

— Não. — Arranco de uma vez, e já faço o retorno na rua de duas mãos, acelerando para alcançar o outro lado antes do próximo carro.

— O que você está fazendo?! — sua pergunta é abafada pelo cantar dos pneus. — Me desculpe! — ela grita, erguendo-se do banco para conseguir ver do outro lado da rua. Suas amigas vestindo pontos de interrogação de todos as formas e cores.

— Eu disse para pôr o cinto, Liz! — relembro-a.

— Tristan Sawyer o que você pensa que está fazendo? Aquelas garotas nunca mais vão olhar na minha cara!

— Danem-se elas! Nunca foram suas amigas mesmo. — desabafo, sem dizer uma mentira.

— O que quer dizer com isso? — ela me encara novamente. — A tia Pam sabe que você pegou o carro dela? Porque se ela não sabe você me fala. Preciso pensar em alguma desculpa para dar, afinal você só tem quinze anos, ainda não pode dirigir. Imagina se a polícia te para. Seu pai vai ficar muito bravo e eu não quero que ele te machuque.

— Liz, chega! — comentários sobre Chuck Sawyer sozinhos já me deixam irritado. — A gente está correndo contra o tempo aqui!

Não queria ter sido tão grosso e impaciente. Ela precisa de atenção, reafirmação.

— Para onde está me levando? — rebate com o mesmo tom de irritação.

— Estamos indo para casa.

— Tristan, eu tenho balé hoje! O que está acontecendo?

Tento contar a verdade a ela. Parto o lábio, e tento jogar as palavras para fora. Elas não vêm. Não querem sair. Por algum tempo, ficamos assim em silêncio, o olhar dela perdido, escolhendo o que dizer.

— Tá tudo bem, besouro? — diz, finalmente.

Suspiro. — Não, cygnet. As coisas estão um monte de merda neste momento.

— Alguma coisa que aconteceu na sua casa? Com seu pai? Sua mãe?

— Não. — Pauso. — Se eu te falar prometo que não vai ficar triste?

Foi tudo que precisei dizer para lhe dar a pior notícia da vida. Ela entende o que quero dizer. Provavelmente, lembra-se daquele jantar. Eu também nunca vou esquecer. Quando, do nada, ele disse que um dia pessoas viriam buscá-lo. Poderia demorar um dia, um ano ou dez, mas eles viriam e nós dois precisávamos estar preparados. Nos fez, um por um, prometer que ficaríamos fortes e unidos.

— Eles vieram... — comenta, com voz de choro; confirmando minha suspeita.

— Sim. — Vejo mais lágrimas rolaem por suas bochechas avermelhadas.

Assim que viro à esquerda, na nossa rua, me deparo com um cenário ainda mais caótico do que o que deixei menos de uma hora atrás. Além do grande número de carros de polícia e da agência federal, havia até uma ambulância estacionada no gramado, na frente da casa de Liz. Tudo isso para prender um homem desarmado.

Curiosos também se acumularam por ali e foram isolados por um cordão preto e amarelo, com alguns policiais fazendo a guarda, mantendo-as afastadas. Todo mundo está aqui, menos uma pessoa, certamente. Um covarde do caralho chamado Chuck Sawyer.

Paro o carro na frente da casa de um vizinho, muitas casas da de Liz e descemos. Assim que põe os pés na calçada, começa a correr.

Merda! — Liz, espera! — não adianta, ela já está bem à frente, desviando dos vizinhos e estranhos que andam sem rumo, apenas querendo testemunhar a tragédia alheia.

Sigo atrás dela, mas mesmo mantendo seu ritmo, não a alcanço antes de chegar ao cordão de isolamento. Um policial a para, e parece fazer perguntas, acelero meu passo e sinto alívio ao ver minha mãe também correndo para ampará-la. Ela toma a mão de Liz, aponta para mim, e depois de trocar algumas palavras com o homem, as duas seguem juntas para a frente da casa.

— Pai! — Ouço o grito de pura dor de Liz. Passo pelo policial sem ser barrado e me aproximo da casa. Minha mãe, que subia os poucos degraus da entrada atrás de Liz, parou:

— Você não deveria ter feito isso, Tristan! — caminha até mim. — Não deveria ter trazido essa pobre menina aqui!

A porta da casa está escancarada. Mesmo com a aproximação da minha mãe, mantenho meu foco no que ocorre lá dentro. Graças a minha altura, consigo ver Liz sentada no colo de seu pai, seu rosto enterrado no seu pescoço enquanto soluça de chorar. Virando meio de lado, Viktor tem os braços levados para trás, para que um agente federal lhe ponha as algemas.

— Por favor, moça, não deixem eles levarem meu pai. — implora a policial que lhe pede para afastar-se do seu pai.

— Está tudo bem, Elizabeth. — Viktor diz ao levantar-se do sofá. — Lembre-se do que prometeu ao papai. — Beija-lhe a face. — A gente se vê em breve.

— Tristan! — minha mãe tira minha atenção da cena. — Por que fez isso? Eu te pedi, filho!

Lhe dou um segundo da minha atenção. — É o pai dela, mãe. A gente não sabe quando vão se ver novamente. Se é que um dia vão se reencontrar.

Minha mãe faz outro comentário, mas eu já parei de ouvir, pois Viktor está saindo, com Liz grudada nele pela cintura. Um de seus advogados ao seu lado. Flashes e gritos surgem com sua aparição do lado de fora.

— Vem aqui, meu amor! — Minha mãe pega Liz pela mão. Ela aceita de forma relutante. Não quer se afastar dele. Eu só queria que tudo isso acabasse logo.

Os três passam por mim, outros policiais e agentes vêm atrás.

— Tristan! Venha cá, filho. — Viktor me chama, e por um segundo fico imóvel. Parece que só naquele momento realmente entendo a gravidade do que está acontecendo: a única pessoa que me tratou com amor paterno está sendo levada para a prisão. Não fará mais parte de minha vida. Está indo embora. Faço o que nunca pensei fazer: entro na frente dele e me jogo contra seu peito, abraçando-o com toda força que tenho; meu rosto afundado no seu ombro.

— Fique forte, garoto. Tá ouvindo? Fique bem e seguro, e por favor, mantenha milha filha bem e segura.

— Eu prometo, tio. Eu prometo. — palavras trêmulas e em tons diferentes saem da minha boca. Aperto ainda mais o abraço.

— Eu sei que vai. Isso me deixa muito tranquilo. — beija o topo da minha cabeça. — A gente se fala em breve.

— Eu te amo, pai! — Liz surge entre nós. Seus braços juntando nos três num abraço de despedida.

— Tratem de cuidar um do outro. Vocês dois são as pessoas mais importantes da minha vida. Precisam ser a família um do outro. Lembrem-se da nossa promessa.

— Hora de ir, senhor Lebedev. — Um agente diz, parando ou nosso lado.

Mais uma vez minha mãe pega Liz pela mão e a leva para o lado.

Quando começo a afastar meu rosto de seu pescoço, Viktor sussurra no meu ouvido:

— Bolso direito da jaqueta de Liz.

No susto, dou um passo para trás, mas me lembro de acenar firmemente com a cabeça. O que tiver naquele bolso, será a missão mais importante da minha vida.

Assisto-o ser colocado no banco de trás da viatura, entre dois outros policiais, e com sirene ligada ser levado. Deixando para trás tudo o que realmente importava na sua vida.



— Você acha que vou ver meu pai de novo um dia, Trist?

A pergunta de Liz interrompe um silêncio de quase uma hora. Há quase um hora seu pai foi embora e ela entrou chorando, subiu as escadas e se jogou na cama que é de seu pai, mas onde ele dormiu poucas vezes. Me deitei ao seu lado, virado para ela, minha mão esquerda sobre sua direita. O toque me traz calma, e espero que tenha lhe trazido também.

De certa forma, estou feliz que tudo tenha acabado. É mais fácil cuidar das consequências de um acontecimento do que tentar evitá-lo. É menos esforço, você gasta menos tempo, e lida com coisas concretas. Para

evitar algo, por mais exato que seja, você sempre lida com a ‘possibilidade’, a ‘previsão’, a incerteza.

— Claro que sim. — finjo segurança. — Vocês ainda se verão muitas vezes. — reforço a mentira.

— O que vai acontecer comigo? Não queria sair daqui. Os parentes do meu pai são todos de Nevada. Quero ficar com vocês.

— Nada vai mudar, cygnet. — Lhe asseguro, pois sou capaz de mover céu e inferno se alguém tentar tirá-la de perto de mim. — Seu lugar é aqui com a gente. Você faz parte da nossa família. Não faz sentido você ir morar com estranhos.

— O que seria da sua vida sem mim, besouro! — gargalha e eu não poderia me sentir mais aliviado.

— O que seria da sua sem mim, pequeno cisne? — retruco.

— Muito, mas muito... — seu rosto vai para algo debochado e eu já sei como terminará a frase.

— Feliz? — digo, fingindo ingenuidade.

— Sim! — confirma em tom de provocação. — Imagina não ter essa pedra gigante na minha sapatilha o tempo inteiro me vigiando. — gargalha novamente.

— Tá achando graça, é?

Uso seu ponto fraco como arma e começo a lhe fazer cócegas nas axilas e pescoço. Não preciso mais que poucos segundos para tê-la se contorcendo entre gargalhadas e pedidos para que eu pare. Só paro quando os pedidos viram ameaças a minha integridade física e juramentos de vingança. Todos sob gargalhadas, claro. Tem muita coisa que as pessoas falam em tom de brincadeira, que nunca deveriam ser levadas na brincadeira. Ameaças de morte e vingança, por exemplo. Considerando que estou lidando com uma Lebedev, o peso da ameaça é ainda maior.

Rendida, com o rosto afundado no travesseiro. Aproveito para levantar-me.

— Mamãe já nos chamou para jantar duas vezes. É melhor irmos para minha casa.

— Pode ir. — diz ela, movendo-se até a borda do colchão. Preparando-se para se levantar. — Vou pegar roupa limpa e o resto do meu material de amanhã.

— Não demora. Sabe que dona Pâmela fica ofendidíssima com atrasos.



Levo pouco mais de um minuto para descer, sair pela porta dos fundos e cruzar o gramado de ambos os quintais. Entro pela cozinha, onde o cheiro de comida quente e bem temperada me lembra que essa será a minha primeira refeição do dia.

Ou seria, pois quem está aqui, abrindo uma garrafa de cerveja é o suposto braço direito de Viktor Lebedev. Meu pai, Chuck Sawyer.

— Ah, olha ele aí, finalmente. — diz, sempre no seu tom de pouco caso. Não espero algo diferente. Nunca fez questão de esconder o quanto me odeia.

— Digo o mesmo. — retruco. — Não sei se ficou sabendo, mas seu chefe e melhor amigo, foi preso hoje. — paro ao seu lado, puxo um copo do armário, cujas portas já estavam abertas, e me sirvo de água da torneira. — Com direito à transmissão ao vivo. Um verdadeiro show.

— Pois é, foi por uma delas que acompanhei tudo. — vira-se e caminha para fora da cozinha, em direção à mesa de jantar. Senta-se a mesa, ao lado da minha mãe, que me olha de forma apreensiva.

— Será que a gente pode fazer nossa refeição e deixar os acontecimentos de hoje suspensos. — minha mãe pede. Sua interrupção é respeitada.

Tomo a cadeira de frente para minha mãe e começo a me servir.

— Vá buscar sua irmã de criação, Tristan. — Chuck comanda, como se tivesse qualquer autoridade sobre mim.

— Ela disse que já vem. Estava pegando roupas e coisas da escola. — respondo à minha mãe, pois sei que ela tem a mesma dúvida.

— Você expôs Elizabeth ao país inteiro trazendo-a para cá. — Chuck continua.

— Charles, eu pedi para falarem sobre isso mais tarde.

— Não estou tocando no assunto. — ergue as mãos ao lado dos ombros como se minha mãe lhe tivesse acusado de algo. — Só estou falando para o seu filho que ele – mais uma vez – quebrou as regras. Está sempre com essa mania de achar que as ideias dele são melhores. Que tudo que os outros fazem é errado. Só ele está certo.

— Ela precisava ver o pai. Era sua última chance em muito tempo. — justifico.

— Ela precisava ser preservada. O rosto dela está em todo lugar. Você acha que sabe das coisas. Se soubesse, entenderia o mal que causou à essa criança. — ele ergue a voz e meu punho se fecha automaticamente.

— Dane-se. Pelo menos, pode se despedir do pai. — dou de ombros e, desta vez, o olho para ver sua raiva crescendo.

— Você é um petulante. — soca a mesa de leve. Fazendo os pratos e talheres pularem. — Não é à toa que Viktor gosta tanto de você. Dois cabeças-duras e arrogantes que cedo ou tarde metem os pés pelas mãos.

— É a última vez que vou pedir para mudarem de assunto. — minha mãe insiste, mas é tarde demais.

— Viktor gosta de mim e me trata como filho porque me conhece, se interessa pelo que penso. Além disso, sabe que de você não posso esperar por nenhum dos dois.

Meu pai se levanta tão rápido que a cadeira em que se sentava, cai para trás. Sua mão direita foi direto para minha garganta, juntando os lados da gola da minha jaqueta num laço apertado.

— Charles solta o garoto. — minha mãe diz em tom baixo, mas exigente. Por favor, será que não conseguimos jantar sequer uma vez em paz?

— Você é um moleque ingrato. — me puxa para ele.

Meu pai é muitos centímetros menor que eu, mas é bem forte. Aprendi isso ao longo do tempo. Sei o peso da sua mão na minha cara, a pontaria precisa do seu soco no meu queixo e nariz. Sei também quanta dor causa na boca do estômago. Por isso, quase sorrio quando ele tão facilmente me ergue, fazendo meu tronco pairar sobre a mesa.

— Petulante! — ele grita e pedaços de algo que ele comeu voa no meu rosto. — Não trabalha, não ajuda em casa, vive do bom e do melhor, graças ao meu dinheiro, e ainda se acha no direito de me exigir coisas.

— Tristan, filho, por favor. Pare de provocá-lo. — minha mãe pede. Se não tivesse concentrado em conseguir respirar pelo pouco espaço que ainda restou na minha garganta, reviraria os olhos para ela.

Meu pai me solta e eu caio de volta na cadeira como um boneco de pano.

Sinto muito pela minha mãe. Às vezes, não muito. De certa forma, ela parece sempre tomar o lado do meu pai. Sei que com o tempo vou

aprender a perdoá-la, algo que nunca farei à Chuck Sawyer.

— Eu não estou provocando ninguém, mãe. Desde quando falar que uma pessoa não te ama e não se importa com você é provocação? É apenas a mais pura verdade. — explico, minhas palavras impregnadas de sarcasmo. — Certo, Chuck?

Não sei bem o que me acertou em seguida. Só sei que veio do lado direito porque a primeira coisa que senti foi um estrondo dentro do meu ouvido e depois meu corpo foi lançado de cima da cadeira direto para o chão, alguns metros dali. Fiquei atordoado. Mesmo abrindo os olhos tudo parecia rodar em alta velocidade, como um carrossel fora de controle.

— Não pense que acabou.

Sinto meu corpo ser erguido do chão, minha garganta tão apertada que tentava puxar o ar pela boca, mas nada vinha, só um estranho gosto de ferro.

— Você é um merda! — meu pai diz, prendendo meu corpo entre a parede e sua mão, que continua esmagando minha traqueia. Já sem ar, meus pulmões parecem pegar fogo. Pisco, mas ainda não consigo acertar o foco.

— Solta ele, tio! — o grito fino e estalado é cheio de fúria e medo.

Liz...

— Eu disse para soltar ele! Agora! — a voz fina comanda.

Forço os olhos e vejo uma imagem borrada. Vejo meu pequeno cisne dando socos no braço que me impede de respirar. Quero pedir para ela parar. Quando meu pai entra nesse estado, ele fica descontrolado, perde a noção de tudo. Não quero que se machuque.

As imagens aos poucos começam a tomar formas mais claras. Liz continua puxando o braço dele, suas mãos raspando a pele de seu braço. Consigo ver as marcas avermelhadas, rastros que suas unhas estão deixando.

Levo minhas duas mãos ao punho de meu pai, e puxo-o para trás, aliviando a força que me prendi ali. Ele não move um milímetro. Não sei se a raiva multiplicou seus músculos, ou a falta de ar que dividiu a minha pela metade.

Baixo os olhos para Liz no momento que meu pai lhe empurra com outro braço e ela morde sua mão, soltando um grunhido de raiva.

— Ah! — ele grita, e sua pegada se afrouxa no meu pescoço. Porém, não posso sequer comemorar pois meu ar me é roubado novamente quando a mesma mão que Liz segura e morde lhe empurra com tanta força

que seu corpo franzino é atirado contra a mesa. Ouço a arfada de dor que solta, e meu corpo estremece quando seu corpo franzino rebate no móvel e cai no chão, sendo coberto por uma das pesadas cadeiras de madeira maciça.

O que acontece em seguida viraria flashes de memória apenas. Tirando forças de um lugar que eu desconhecia, começo a mover meus braços e pernas na direção de Chuck. Ainda sinto sua força no meu pescoço, mas, de repente sua pegada parece não surtir o mesmo efeito, não me causa a mesma dor. Dou socos e chutes a esmo, sem um alvo específico, entretanto, sei que estão surtindo efeito pois Chuck começa a andar para trás, a tentar fugir deles. Eu não desisto, quero ir até o fim, quero fazê-lo pagar por tudo que já me fez, por toda a humilhação que causa a minha mãe, e principalmente por ter machucado Liz.

Ele cai no chão e usa os braços para proteger a cabeça. Meus braços estão extenuados, doloridos, dormentes, contudo não consigo parar. Quero acabar com ele de uma vez por todas, mostrar que nunca mais vai encostar um dedo em mim, e não vai fazer mal a ninguém que amo.

— Já chega, Tristan. Você acertou uma bem no queixo dele. — uma voz masculina diz, mas não é do meu pai. — Para, bro. Você quer matar o cara? Ele é um merda, mas é seu pai. — ouço, enquanto duas mãos me seguram pelos ombros e me tiram de cima de Chuck, ou do que sobrou dele.

Dou um passo para trás, o transe de pura ira começa a se desfazer. Encontro Ozzie e seu pai na nossa sala. Minha mãe deve tê-los chamado, ao invés de chamar a polícia, como fez a última vez que Chuck me espancou. Não que tenha feito qualquer diferença, o pai de Ozzie é policial.

Sou afastado de Chuck enquanto Oficial Gordon o ajuda a levantar. Não consigo esconder o sorriso de satisfação ao ver sua cara toda torta e ensanguentada.

— Vem, Sawyer. Vamos até a sala. Precisamos conversar. — Gordon diz e meu pai, ainda zozó só aquiesce.

Me livro da pegada de Ozzie e me aproximo de Chuck. Gordon toma a frente, colocando seu corpo entre nós. Ergo os braços, demonstrando que não tenho intenções de continuar a briga.

— Essa é a última vez que encostou o dedo em mim, na minha mãe ou em Liz. Se fizer de novo, você é um homem morto, Chuck. Lembre-se

disso. Você mesmo já me disse que sou um cara de palavra, que sempre cumpro o que prometo. Não se esqueça disso. Eu não vou esquecer.

— Chega, Tristan. — Gordon dá um passo para frente, me fazendo recuar. — É seu pai. Não vai fazer nada disso.

— Mano, vem. Sua cara também está horrível. Vou te jogar na ducha. — Ozzie me puxa.

Olho ao redor e não encontro minha mãe ou Liz. Entendendo minha preocupação, Ozzie adianta:

— Minha mãe levou dona Pam e Liz para casa. Elas vão dormir lá. Fica tranquilo. — começamos a subir as escadas. — Agora, me diz, onde você aprendeu a socar daquele jeito? Bro, que pena que peguei a surra pela metade, você destruiu o cara...

O MERGULHO DO CISNE (10)

"Em todos os lugares, através das tristezas das quais nossa vida é tecida, alguma felicidade radiante passará alegremente."

— *Nikolai Gogol*



Quatro meses atrás

Uma enorme bola de neve.

Não dessas que desce montanha abaixo como metáfora das consequências de alguma decisão errada que a gente toma. Essa daqui está alojada no meu estômago, e foi crescendo à proporção que o carro de Laylah engoliu os quilômetros pelas ruas de Seattle, rumando à região montanhosa de Alpine Valley, onde Brie e seu pai, Senador Hawke moram.

Já acordei com uma sensação fria, uma bolinha de pingue-pongue. Nada demais. À medida que a apresentação no paço municipal foi se aproximando, ela crescia. Cheguei ao salão de eventos da prefeitura com uma rígida bola de tênis dentro de mim. Ao ver as crianças todas presentes, as roupas prontas e a estrutura bem montada, ela se desfez e eu só conseguia sentir o calor do orgulho e do alívio.

Deu tudo certo no ensaio. Repetimos a rotina, pelo menos, três vezes. Nenhum erro, nenhum encontrão, ou esquecimento. Perfeito.

A ansiedade por sermos o número de abertura do evento cultural, que acontece todo ano, voltou a esfriar a parte baixa do meu estômago. Essa sensação, estou certa, dividia com todos os adultos do grupo. Desejei ter o otimismo curioso das crianças, que se jogam no desconhecido pelo prazer da descoberta. Elas estavam animadíssimas.

Quando os primeiros acordes da ‘valsa das flores’ soaram do outro lado das cortinas vermelhas do palco, não havia espaço dentro de mim para a ansiedade ou nervosismo. Entrei, empurrando a cadeira de Brie – nossa ‘fada açucarada’. Recebemos uma longa salva de palmas. Foi a primeira e última vez, até o último passo do nosso número, que pude olhar para a plateia, principalmente as primeiras cadeiras.

De todas as figuras políticas importantes presentes ali, e apesar das luzes fortes voltadas para o palco, não demorei muito para achar a mais interessada naquela apresentação. Não pude ver seu rosto por inteiro, como de todos os outros pais orgulhosos, estava escondido atrás do celular levantado, apontado para Brie; mas podia ver seu sorriso largo e, de certa forma, isso me acalmou.

Voltei a interagir melhor com meus arredores quando, ao final da apresentação, pisei na coxia, ouvindo a empolgada comemoração de todos dentro e fora dela. Pais emocionados, crianças felizes, minha amiga tentando dar conta de todos os celulares que lhe entregaram para fotos e registros.

— A gente se vê daqui a pouco, Swan. — Elena, esposa de Billy, disse ao se despedir com um abraço.

Sua fala um lembrete do próximo ‘ato’ do dia. Talvez, o mais importante daquele final de tarde de sexta-feira. O jantar na casa de Vince e Brie Hawke. Quando respirei fundo, ela estava lá, maior que nunca, ocupando meu estômago por inteiro.

— Chegamos. — Laylah anuncia, puxando o freio-de-mão. — Cedar Road, 824 — continua, olhos grudados no GPS, numa conversa que parece ser consigo mesma — Logo, a casa é... — olha pela janela do meu lado — Aquela ali. — aponta para o outro lado da rua.

Meus olhos acompanham a direção que aponta com o queixo e encontro uma casa cuja frente se estende para ambos os lados por muitos metros. Apesar de sua extensão, sua fachada é modesta. Uma mistura de

requite e simplicidade. Um lugar onde poderíamos imaginar que mora a família de classe-média, funcionários de uma ‘big tech’ ou mesmo um senador.

Não há árvores ou cerca na entrada, apenas dois pilares quadrados de cerca de um metro e meio. Robustos, eles marcam o espaço do caminho de cimento – com desenhos geométricos – que nos conduz por uma dúzia de metros até a porta da frente. Um deles tem uma placa de metal prateado mostrando que aqui, como Laylah disse, é o número 824.

— Você estava certa. — Laylah disse ao caminhar à porta. — Deveria ter feito como você e vindo com um sapato mais confortável. Esses saltos estão me incomodando, e agora tenho que prestar atenção para não prendê-los nos vãos desse caminho.

Não troco sapatilhas por nada. Só admito que meus pés sejam espremidos e esmagados quando danço. Senão por isso, nenhuma dor na base que sustenta todo nosso corpo vale a pena, por nada, por ninguém. Um dos meus lemas de vida.

— Você ficou ótima com eles, por falar nisso. — ela comenta, apontando para o vestido leve e rodado que me emprestou.

— Também gostei, a não ser pelas alças. Não gosto de expor meus ombros, me sinto... vulnerável.

— Entendo... — ela responde, pensativa. — Na minha opinião, você está linda e não há nada em você que deveria esconder. Ao contrário, é uma mulher maravilhosa.

Sua empatia demonstrando uma atitude diferente desde a nossa conversa na cozinha. Nada de acusações em tom de piada, ou ignorando minhas inseguranças. Acho que estamos nos conhecendo de verdade, enfim.

— Você também, amiga. — retribuo.

Com um sorriso, ela aperta a campainha, que soa em dois tons suaves e longos, desses que deveriam ser usados para colocar crianças para dormir.

— Chegaram! Finalmente! — ouço Brie comemorar do outro lado da porta, antes que ela fosse aberta.

— Boa noite. Sejam bem-vindas. — Sue, a babá de Brie, diz, ao abrir a porta, dando um passo para o lado para entrarmos. — O jantar será servido no jardim. Por aqui, por favor.

Pisar para dentro da residência dos Hawke foi como passar por um portal, pois o que a casa tinha de modesta do lado de fora, tinha de requinte

e luxo por dentro. Seguimos reto, passando por uma sala de estar com sofás brancos de tecido com detalhes pretos de madeira, numa conversa interessante com os quadros de fotos de atores antigos – como Marlene Dietrich, Audrey Hepburn e Charlie Chaplin. A sutileza da coordenação das cores me fez sorrir. Antes de cruzarmos as portas francesas duplas, já podia ouvir as conversas e risadas dos adultos e a empolgação das crianças.

A vista era de tirar o fôlego. Uma visão privilegiada do encontro de um dos grandes lagos com as montanhas. O final da tarde pintando o céu de alaranjado. As luzes da cidade se acendendo aos poucos.

— Laylah, Liz, sejam bem-vindas. — Vince Hawke em toda a sua beleza e doçura aparece na nossa frente com um sorriso de milhares de megawatts.

Meu coração deu um salto que ganharia nota 10 em qualquer olimpíada. Meus pulmões foram espremidos pela bola de neve que se agigantou dentro de mim.

— Senador! — Laylah diz, empolgada. Toma o homem num abraço, que de tão espontâneo o pega desprevenido. Sua primeira reação é erguer os braços, depois os poussa delicadamente uma mão no meio das suas costas, dando dois tapinhas.

Não sei se foi o atrevimento dela ou a falta de jeito dele com tal atitude que me fez segurar uma risada, que quase explodiu pelos meus lábios. Os olhos de Vince por um segundo pareciam querer pular de suas cavidades, e mesmo sendo tão menor que ele, que, de certo, passa de um e oitenta, Laylah o fez dar um passo para trás para retomar o equilíbrio. Essa era minha amiga. Você passa de estranho para amigo numa conversa curta. Se convidá-la para um jantar na sua casa, são amigos íntimos.

Bom para ela. Eu estou muitos passos atrás neste quesito, por isso meus músculos enrijecem quando sinto a atenção de Vince Hawke vindo para mim. Entendo a reação de Laylah. Em jeans escuro e bem gasto e camisa polo vermelha, fazendo um contraste absurdo com seus olhos, ele parece um cara que você não ignoraria numa balada. Bem mais acessível do que quando está vestido de um dos seus ternos de dezenas de milhares de dólares e sapatos cuja primeira língua não se fala nesta parte do globo. Cometo o erro de olhar antes para Laylah –, que fecha os olhos e respira fundo, indicando que sentiu a usual fragrância de ‘homem bom’ da pessoa que me oferece a mão para um cumprimento.

— Obrigada, Senador Hawke. — digo, levando minha mão à dele. Laylah desaparece de cena.

O encontro delicado que divide o calor da sua mão com a minha me lembra que esta é a primeira vez que nos tocamos. A conclusão chega acompanhada de um fio quente que percorre todo o meu braço, desce pelo meu peito e circula a bola congelante dentro de mim, derretendo-a em segundos. Líquido quente se acumulando abaixo do meu umbigo.

Mergulho meus olhos nos dele, tentando achar algum sinal de que tenha sentido o mesmo ou que tenha percebido o efeito em mim. Nada encontrei. Não devo ser tão boa em tirar gestos espontâneos das pessoas como Laylah. Além disso, pura ingenuidade minha querer ler o rosto de alguém que faz de sua imagem de neutralidade seu ofício.

— Você estava linda lá em cima. — ele disse, e sua mão fez uma pequena pressão na minha.

Parti os lábios e discretamente puxei o ar para dentro na tentativa de não acusar o golpe. Tais palavras, ensopadas de intimidade, escorreram pelos lábios deles, cruzaram a distância entre a gente e me acariciaram onde eu desenvolvi uma vulnerabilidade só para ele. E ele parece saber disso.

— Digo, vocês todas estavam. — ele consertou, e a bola de neve preencheu meu estômago de uma vez, como o Alien crescendo na barriga da Sigourney Weaver. O sorriso apologético que deu em seguida não diminuiu meu embaraço.

Terminamos o cumprimento e tive que me controlar para não levar as mãos às bochechas, para sentir a quentura e certificar que não ficou tão óbvio a montanha-russa de emoções que passei com um mero cumprimento e troca de palavras.

Pedindo licença, ele continuou a cumprimentar outros convidados que, acredito eu, também chegaram há pouco. Dou passos bobos para frente, olhando ao meu redor, buscando minha postura profissional, pois aqui, no jantar para meus alunos, é isso que sou, professora Swan. Não há espaço para a garota de vinte e quatro anos, que se acha supersegura, e deixa se abalar por um flerte imaginário.



— É aqui...

Brie cruza o corredor com suas perninhas em forma de rodas, sempre empolgadíssima com minha atenção. Tive que acelerar o passo para conseguir acompanhá-la. Já passamos por vários cômodos da casa. Uma turnê inesperada, porém, interessante. Aprendi que o lado direito da casa é onde ficam os quartos. Visitei o seu, e ouvi pacientemente a história de todos os seus bichos de pelúcia e decorações de mesa e parede. Me senti privilegiada quando dividiu comigo o que descreveu como ‘segredo que nem meu pai sabe’, que escolheu o tom verde pastel para seu quarto pois eram a cor e tom preferidos de sua mãe. Tive que lhe dar um abraço e agradecer por sua sensibilidade e confiança. Queria também ter algo sobre minha mãe que se foi para poder dividir com ela de volta. Saber qual foi a cor preferida dela, já seria algo precioso para mim.

Agora viemos para o lado esquerdo, a parte funcional da casa, onde ficam a cozinha, salas de estar, jantar, leitura, e o que ela tanto quer me mostrar.

— ... é a minha sala de ensaios! — para na porta e faz um movimento com as mãos, indicando que eu deveria entrar primeiro.

— Uau, Brie! — exclamo. — É perfeito! — completo, caminhando até o meio, encarando meu reflexo nos espelhos que cobrem toda a parede à nossa frente.

— Meu pai mandou fazer para mim. — para ao meu lado, me olhando pelo espelho.

— É maravilhoso, Brie!

— Aqui era um quatro de hóspedes. A gente tirou tudo, a cama, a penteadeira, a TV, e tudo mais.

— Ficou ótimo. — tento inserir algum comentário entre os seus, mas ela é muito rápida e eu escolho apenas escutar.

— Tudo que tem no seu estúdio tem aqui, até o som, a música.— Aponta para o canto esquerdo.

Seu sistema de som anos-luz mais moderno que o nosso. Acho que não saberia onde apertar para ligá-lo.

— Ah! — continua. — A gente tem piano.

Olho para o outro canto da sala e acho o que só pode ser um Ludwig clássico. Já dancei acompanhada por alguns.

Alheia aos meus lamentos internos, Brie mais empolgada que nunca, continua:

— Lembra que disse que vai comprar um para o estúdio também?

Sim. Por enquanto, isso é só uma vontade. Já venho pesquisando alguns usados para comprar. Talvez, em quatro ou cinco meses já tenha condições de pegar um mais simples, usado. É importante os dançarinos terem esse contato de perto, com o ritmo mais humano do toque e tempo da música.

— Se você quiser, posso te emprestar o nosso piano.

— Ah, Brie. Você é muito gentil e generosa. Fico muito...

— O meu pai toca, mas depois que minha mãe morreu ele não toca mais. Quando eu peço, ele fala que cada tecla que ele aperta dói no coração dele. Sabia que meu pai queria ser músico? Ele tinha até uma banda, era tecladista. Olha a música que eu tenho aqui...

Quando se aproxima para ligar a música, a voz de Sue ressoa na sala, que parece também ter uma acústica perfeita.

— Brie, seu pai já está no seu quarto te esperando para te pôr para dormir. Vem!

Minha aluna faladeira tenta negociar alguns minutos a mais. Sue se mantém firme. Vencida pelo cansaço e pela falta de argumentos Brie se despede.

Penso em sair da sala e voltar a me juntar ao resto dos convidados, afinal, sou parcialmente anfitriã desse jantar. Minha curiosidade sobre o piano, no entanto, me pediu para chegar perto.

Caminhei até ele e toquei sua superfície preta e lustrosa, meus dedos acompanhando as curvas de sua cauda. Dei mais alguns passos e cheguei a sua frente, confirmando que era, enfim, um ‘Ludwig’, o mesmo que minha primeira professora de balé tinha. Ela gostava de dizer que o bailarino precisa estar integrado à música, sincronizar a batida do nosso coração com o compasso dela; e a melhor forma de aprender isso é ouvindo o piano, ali, perto de você, orgânico, vivo.

Levanto o tampo e aperto uma das teclas com o dedo indicador – sem a menor intimidade com o instrumento que sempre foi essencial a cada passo rítmico que já dei. Antes de apertar a próxima tecla, ouço um passo abafado. Ergo os olhos e encontro Vince parado na porta. Ainda não me acostumei com sua aparência informal, que aliada à sua feição sempre receptiva, formam um combo perigoso pois faz rachaduras na minha armadura e consegue me atingir com facilidade.

— Toca? – pergunta ele.

O tampo do teclado escorrega da minha mão. — Não. — digo ao mesmo tempo que o tampo cai sobre o teclado. O barulho me assusta; meus dedos estão salvos, no entanto. Sem graça, emendo mais um comentário para tirar o constrangimento do momento. — Brie disse que você toca muito bem. Já até teve uma banda. — vomito um monte de informações por que fiquei nervosa com minha falta de jeito perto dele.

— Já faz um tempo... — a voz dele abaixa um tom. — Com a vida corrida, é difícil ter tempo para relaxar na frente do piano.

Quanto ele se aproxima, por puro instinto eu continuo circulando o piano e acabamos em lados opostos.

— Queria te ouvir tocar. — confesso, sem saber de onde veio essa repentino conforto em conversar com ele.

Ele dá de ombros, e sem pensar duas vezes, senta-se no banquinho do piano. Apoiando o cotovelo no tampo do teclado, diz:

— Eu toco... se você dançar.

Sorrio. O que Brie disse sobre ele sentir dor ao tocar, deveria me fazer recusar sua oferta. Ao mesmo tempo, se este for o momento que vai poder superar isso e passar por cima da dor, não posso negá-lo. Farei isso por Brie, que quer tanto ouvir seu pai tocar novamente. Por isso, sem pensar muito, digo:

— Desafio aceito, Senador.

Ele dá de ombros, suspende o tampo do teclado, e para minha surpresa abre com os primeiros acordes de um piano concerto de Tchaikovsky. Uma música difícilíssima de tocar, principalmente sem o acompanhamento dos violinos.

Estou surpresa e emocionada. Conheço esta composição muito bem. Ele faz parte da minha vida. É a mesma música que usaram na segunda fase minha audição para entrar no Instituto Americano de Balé. É quase inacreditável que Vince saiba tocá-la. Justo essa. A temida composição que eliminou tantos candidatos antes de mim na época. Lembro das caras de choro e da decepção de muitos que abriam a porta e simplesmente começavam a trocar de roupas, sabendo que teriam que esperar mais um ano para dar o próximo passo na carreira.

Um ano muita coisa pode mudar. Muitos ali já haviam tentado duas, três vezes. Esses veteranos de audições, mesmo sabendo que naquela parte do teste para entrar no IAB, eles escolhiam a música e você improvisava, não conseguiam dar aos avaliadores o que queriam. E esse concerto para

piano do maior compositor clássico russo, pedia muito de tudo. Na minha vez, ela também me fez tremer de um medo tão intenso quanto minha decisão de atacar cada acorde, cada pressionar de tecla como se minha vida dependesse disso. Naquela época, por tudo que eu queria me tornar. Ela dependia.

Usando as bordas do piano como apoio, para não forçar minha perna, afinal estou sem os sapatos adequados – e a roupa também – faço movimentos simples, mas que imitam os que fiz na audição quase dez anos atrás. Lá, eu tinha tantas coisas diferentes na cabeça. Olhava para frente e via um futuro simples e ao mesmo tempo tão mágico: vivendo da dança, do meu mundo, das minhas pequenas conquistas.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto. Eu não a enxugo, deixo que ela sirva como incentivo para canalizar minhas emoções na música que Vince toca tão bem. O som vezes melódico e calmo, vezes dramático e robusto, preenche toda a sala. As notas reverberam pelas paredes e me atingem em ondas que exigem que me movimente.

Nossos olhares cruzam algumas vezes, ele está tão entregue ao momento quanto eu. Lembro da minha professora e do que disse sobre o ritmo da música ser o ritmo do meu coração. Me sinto energizada. Me afasto do piano e meus passos começam a ocupar toda sala de ensaios da Brie. Movimentos que não faço há anos, começam a aflorar, fazendo meus dedos doerem ao mesmo tempo que liberam dopamina no meu sangue, e eu não quero parar nunca mais. Rodopio, pulo, faço meu corpo dobrar de formas que já fui proibida de fazer. Mas como negar isso aos meus instintos? Como tentar controlar algo que está dentro de mim?

Quando a quantidade de vezes que as teclas são acionadas começa a desacelerar, sei que Vince está próximo do fim. Volto, ainda performando, para perto do piano. Olho-o. No seu rosto a concentração e determinação de alguém que tem total domínio do seu instrumento. Sorrio, espichando os músculos que enrijecem meu rosto com determinação. Há uma sincronia, uma sinergia entre nós: dois estranhos. Dividimos um momento intenso, numa intimidade que nem deveria existir. Como se a razão para eu dançar, e a dele para tocar, estivessem intrinsecamente conectadas.

De certa forma, estão. Eu danço de saudades, de raiva, de resignação. Danço por acreditar que sou mais forte do que qualquer obstáculo que a vida me impôs até aqui; danço por todas as perdas que já tive e tudo que conquistei. Os olhos marejados de Vince Hawke me dizem a

mesma coisa: é sobre perdas; assim como os vincos de determinação, de raiva, em sua testa me garantem: é sobre o ponto de reinício.

Quando Vince pressiona a última tecla, por pura empolgação, com um pequeno impulso me sento no piano e vou descendo o tronco para trás até minhas costas encostarem na superfície gelada. Estico o braço, dedos apontados para cima. A leveza do movimento, um contraste com o esforço que faço. Minha cabeça descansa na madeira polida e firme, meu olhar se prende ao de Vince. Lágrimas incessantes cascateiam pela sua face, e mesmo distantes, se misturam às minhas.

Tirando as mãos do teclado e juntando-as contra o peito, ele baixa os olhos e as observa, entrelaçando os dedos, sentindo cada junta, como se tais mãos não fossem suas. Lágrimas molham seu punho e percebo como seu corpo reage à tardia realização de que tudo que sentia por dentro ao tocar, transbordou.

Constrangido, baixou o rosto e enxugou o rosto com as costas das mãos.

Ergo o tronco e me sento no piano. Meu corpo, agora, começa a manifestar seu total repúdio ao meu desrespeito às suas limitações. Sinto a fisgada no quadril, e a pressão entre meus omoplatas. Vou me importar com isso mais tarde, em casa, dentro de uma banheira quente, temperada com sais de banho e relaxante muscular.

— É um pianista muito talentoso, Senador. — digo, interrompendo nosso silêncio. — Eu nunca ouvi essa composição sendo tocada assim. Duvido que alguma vez tenha sido tocada assim. Talvez, só pelo próprio Tchaikovsky.

Ele ri. Mesmo de cabeça baixa, percebo o leve chacoalhar de seus ombros.

— É boa nisso, professora Swan. — diz, antes mesmo de erguer a cabeça para me olhar. — Fazer as pessoas se sentirem bem em seus momentos. Não é à toa que depois de sorvete e batata-fritas, seu nome é o que mais sai da boca da minha filha.

Estou sem fôlego, exausta, e mesmo assim só consigo sorrir.

— Isso foi incrível, Liz. — ele disse, me chamando pelo meu primeiro nome, e meu coração voltou a capotar no meu peito.

Limpei a garganta para disfarçar a sensação. — Você foi incrível, Vince. — devolvi.

Ele gostou do que ouviu. Abriu um sorriso e se levantou. Copiei seu movimento, jogando o peso nos braços e tirando o quadril da superfície de madeira, controlando o peso para não fazer minha perna já cansada absorva todo o impacto do meu pulo.

— Eu te ajudo. — se prontificou.

Antes eu tivesse negado, pois suas mãos foram para os lados da minha cintura, quentes, firmes e um turbilhão imenso de coisas invadiram meus pensamentos, todas elas inapropriadas para aquele momento. Uma delas, minha confissão à Laylah de que tenho um crush pelo Senador Hawke. Ou a lembrança no nosso cumprimento mais cedo, de como um mero toque fez tanta coisa comigo.

Estava prestes a dizer algo, como ‘tudo bem, eu posso descer sozinha’, qualquer coisa que terminasse aquele contato, que bem dentro de mim, era bem-vindo. Não deu tempo, desperdicei minha última chance, pois ele me puxou em seus braços. Meu corpo deslizou contra o seu, e por instinto segurei seus ombros. Ele se inclinou para frente, olhos dentro dos meus, até que meus pés voltassem para o chão por completo. Seu rosto invadiu ainda mais o pequeno espaço entre nós, e sei que tinha apenas uma fração de segundo, para impedi-lo de fazer o que eu também queria que fizesse. Minha boca se abriu com um suspiro de surpresa assim que colou sua testa à minha.

— Eu quero muito te beijar. — sua confissão sai em forma de lamento. — É só no que consigo pensar quando estou perto de você.

— Eu quero que me beije. — confesso.

— Tem certeza? Eu... você sabe, sou um viúvo, tem uma filha, sou um político ativo, e principalmente, sou mais de dez anos mais velho que você... não quero que pense... isso pode soar muito... não quero passar dos limites aqui.

Levo uma mão ao seu rosto, deslizo-a por sua face. Ele fecha os olhos por um momento.

— Eu quero muito te beijar. — digo, repetindo suas palavras. Os olhos dele abrem num estalo. — Você sabe, tenho 24 anos, solteira, sem filhos, professora de balé ativa, e principalmente, não me importo que sua certidão de nascimento tenha sido datilografada.

Ele demora um momento para entender minha piada. Em seguida, ri. A apreensão deixando seu rosto. No próximo momento, ele estava me beijando, beijando a garota exatamente que eu descrevi.

Exceto que todos pensam que levo uma vida modesta e em conformidade com a moral e os bons costumes, mas na verdade tenho uma vida secreta. Danço num clube privado, seminua, por dinheiro – muito dinheiro, toda semana. E é esse ofício que realmente me possibilita ser a professora Swan, e fazer meus alunos sentirem-se realizados. Essa também é a parte de mim que nunca vai me permitir ir além desse beijo com o Senador Vince Hawke, por isso não quero pensar nisso. Só quero beijá-lo.

O mesmo Vince Hawke que apareceu na porta do meu apartamento tarde da noite, rosto exausto, mas sorriso amigável. Uma imagem tão vulnerável que, depois de descobrir quem ele era, senti remorso. Ele havia mandando sua secretária, Frida López, conversar comigo sobre sua filha entrar no grupo. Recusei fazer isso por intermédio de terceiros. As vagas eram limitadas. Não poderia simplesmente ceder uma a alguém que meramente manifestou interesse. “Se tem interesse que venha pessoalmente.” Disse à mulher, pois era o mínimo que os pais deveriam fazer já que são aulas gratuitas.

E ele fez. Apareceu no meu estúdio quase me matando de susto. Havia acabado de chegar da capital. Deveria retornar menos de 24 horas depois. Ele cruzou o país inteiro só para matricular sua filha no nosso balé.

Desde o primeiro dia eu vi algo nele que me trazia esperança e medo. Que eu queria descobrir e ao mesmo tempo temia as consequências de fazê-lo. Quero aproveitar, saborear e memorizar este momento.

Sua língua correu ao longo das bordas dos meus dentes. Puxada contra seu peito, agarrei a gola da sua camisa polo e segurei. Havia pouco mais que eu pudesse fazer. Além do mais, há tanto tempo desde a última vez que fui beijada que quase me esqueci de como fazê-lo corretamente. Seus braços circularam minha cintura, e ele colou meu corpo ao dele, e aquele contato era o que meu corpo mais pedia. Queria ficar para sempre nos braços de Vince Hawke.

SERVIR E PROTEGER (11)

"Para se fazer um grande bem, há que se fazer um pouco de mal."
— *William Shakespeare, O Mercador de Veneza*



Oito anos atrás

Assim que paro meu carro no posto de gasolina, de frente para o parque municipal, meu celular começa vibrar em frenesi.

Checo as mensagens:

22h31 – Cygnet: Você precisa vir me buscar.

22h31 – SamLei: Fiz o que pediu.

22h32 – Cygnet: Estou no posto de gasolina.

22h32 – SamLei: Acho que deu certo. Não consigo vê-la aqui.

22h32 – Cygnet: Vem me pegar.

22h33 – Cygnet: Agora, besouro!

22h33 – Cygnet: Por favor...

22h34 – SamLei: Favor debitar este da longa lista de favores que ainda te devo.

22h34 – SamLei: Ah, e antes que me esqueça: Vá para o inferno!

Solto uma risada, fingindo apreciação pela ofensa, e respondo:

22h34 – Você para SamLei: Eu já estou nele. Legal te encontrar por aqui.

A resposta vem instantaneamente.

22h35 – SamLei: Dane-se!

Essas são sempre as últimas palavras que trocamos. Ainda assim, talvez em um ou dois dias, vamos nos encontrar como se nada tivesse acontecido. Não posso me preocupar com isso. Tenho que cuidar do meu pequeno cisne ferido.

Vejo-a sentada numa cadeira alta, dentro da loja de conveniência, olhos focados aqui do lado de fora, certamente esperando meu carro aparecer. Mesmo disfarçando bem, posso ver a decepção no seu rosto. Confesso que foi a mesma que senti quando três meses atrás descobri que tinha sido traído pelo meu amigo de infância. Não posso dizer melhor amigo. Ao longo dos anos, Ozzie Gordon me causou mais dor de cabeça do que esteve ao meu lado quando importava. Sua pseudo lealdade lhe garantiu não ter seu nariz quebrado por mim uma vez por mês como acontecia com o resto dos babacas com quem ele gostava de andar no colegial.

Hoje vejo que definitivamente deveria tê-lo incluído no pacote. Não teria tido a audácia de se aproveitar que de minha ausência, agora que estudo em Massachussetts, para se aproximar de Liz dessa forma; sair falando para os quatro cantos de Avalon que são namorados.

A partir de hoje, felizmente, isso vai ser conjugado no passado. Que para mim é mais que perfeito. E melhor ainda, neste momento esse namoro está no futuro do passado.

Ele sabe o que fez.

E mais importante: sabe que eu sei o que fez.

Isso, sozinho, já deveria tê-lo feito recuar. Ao invés, o idiota tornava a relação deles cada vez mais pública.

Burro!

Você não pode fazer uma coisa na minha frente e outra, bem pior, pelas minhas costas. Pessoas assim me forjaram como sou hoje. Sou expert em não ser passado para trás e implacável com aqueles que dão sorte de conseguir fazê-lo.

Ele sabia o que lhe esperava. Talvez, por isso, espalhou para todo mundo, para ter certeza que chegaria aos meus ouvidos de muitas fontes.

Sua forma de fazer pressão social, se fazer de vítima; afinal, sempre foi super popular na escola, tanto entre os professores quanto as garotas.

Azar dele que o que mais lhe dá segurança, é o que garantirá sua derrocada. Se o que Liz descobriu hoje cair na boca do povo, Ozzie, pela primeira vez na vida, vai ter que arcar com as consequências de suas próprias atitudes. Não vai ter ninguém para passar pano para ele. Nem mesmo seu pai – por ser figura importante na cidade – sempre o tira de todas as enrascadas.

Nessa história toda só tenho pena mesmo de Samara Leighton. Poderia dizer que de Liz também. Mas, ela tem a mim. Samara não tem mais ninguém.

Checo as horas. 22h45. Dez minutos seria o tempo necessário para chegar até aqui vindo de casa. Ponho o carro em movimento, entro no posto e paro na frente da a loja de conveniência. Liz desce da cadeira num pulo. O sorriso aliviado por me ver dura meros segundos. Vejo seu rosto indo da impassividade para a tristeza, e quando entra no meu carro, já está em lágrimas.

— Por favor, me tira daqui! — disse, antes de cobrir o rosto com as duas mãos e soluçar.

Maldito Ozzie. Você causou isso!

— O que aconteceu, Cygnet? E onde está o... — não quero mentir para ela, mas preciso perguntar.

— Não! — ergue o rosto, expondo sua tristeza para mim. — Não se atreva a dizer esse nome perto de mim! — Seus olhos eram cheios do mais puro ódio, um sentimento raro vindo dela. — Só me leva para casa, besouro, por favor!

Ligo o carro e engato a ré. — O cinto, Liz. — são as últimas palavras que vamos trocar durante todo o percurso. O interior do carro só não é mais silencioso pelo ronco nervoso do motor do carro e o choro incessante de Liz. Oswald Michael Gordon vai pagar por isso mais cedo do que imagina.

Liz desce do carro antes mesmo de eu pará-lo para o completo. Sobe os três degraus da varanda de uma vez e cruza a porta da frente. Posso ouvir minha mãe perguntando o que aconteceu e os passos firmes dela subindo as escadas. Engulo de volta a bílis da culpa que quer subir pela minha garganta.

Ela não vai sentir falta de Ozzie. É uma garota linda, inteligente, está prestes a ser formar no grupo pré-profissional do Instituto Americano de Balé, a maior e melhor companhia do país. Em menos de um ano, assim que se formar no colegial, não vai se lembrar do que deixou para trás. Nem de Avalon, nem de Ozzie Gordon, ou mesmo de mim. Isso faz parte da vida. Ela vai encontrar caras muito melhores que aquele idiota, que não vão enganá-la, seduzi-la, usá-la e descartá-la como ele tem feito com todas as garotas que se deixaram fisgar pelo seu papo desprezioso e atitude de mocinho. Não me sinto culpado por tê-la ajudado a encontrar outras, e melhores, opções que Ozzie.

— O que houve com ela dessa vez? — minha mãe pergunta quando entro. — O que você fez a ela desta vez?

Pam Sawyer, agora Pamela Stevens – seu nome antes de se casar com Chuck – me conhece como ninguém.

— Eu não fiz absolutamente nada, mãe. Apenas fui buscá-la. Ela não me diz o que aconteceu, só chora.

— Com quem você acha que está falando, Tristan Sawyer? Quem você acha que é para tentar jogar um argumento frouxo desses em cima de mim? Nos últimos anos, não vi Liz chorar ou ficar triste uma vez e você não estar direta ou indiretamente envolvido no sofrimento dela.

— Mãe, está sendo injusta. Se eu não me envolvesse, aí sim você veria essa garota triste o tempo inteiro. Tudo que eu faço é para ajudá-la. Para o bem dela.

— Para o bem dela... Sei bem para o bem de quem... Só posso rezar para que o tempo passe logo, e ela se junte ao corpo de balé e comece a viajar pelo país e pelo mundo. Vai ser a melhor coisa para ela, ficar longe de Avalon, e de você.

— Uau, Pam. Quem dera você tivesse tido esse tipo de atitude quando Chuck espancava seu filho, hein? Ele jamais teria enfiado minha cabeça na privada quando eu tinha oito anos, ou me jogado escada abaixo quando eu tinha onze...

— Tristan...

— Mas, como dizem, antes tarde do que nunca. Então, parabéns pela mulher que se tornou. Agora, com licença, minha mãe. Vou subir conversar com Liz, e deixá-la ainda mais triste e mais desolada, porque de acordo com você, é só isso que sei fazer.

— Filho...

— Boa noite, Pam.



— Vai me dizer o que aconteceu, ou vai ficar com a cara enterrada nesse travesseiro o resto da noite?

— Já falei que quero ficar sozinha, Trist. Não quero falar sobre isso agora. Não quero te envolver nos meus problemas.

— Cygnet, você já me envolveu, quando me mandou aquela mensagem. Não é justo você vir de lá até aqui chorando dentro do meu carro e agora não me contar o que está acontecendo. Acha mesmo que vou conseguir dormir sabendo que está aqui se sentindo desse jeito. Aliás, eu nem ia dormir aqui na casa minha mãe.

— Por favor, não vai. Acho que não tenho coragem de contar o que aconteceu para mais ninguém. Estou me sentindo tão envergonhada, tão... humilhada. Eu sou um lixo... eu não valho nada...

— Do que está falando, Elizabeth? Me fala agora o que está acontecendo?

— A Samara Leighton está grávida do Ozzie...

— O quê? — a minha pergunta não podia ter sido mais sincera. Samara me contou que ela e Ozzie estavam saindo ao mesmo tempo que ele namorava Liz. Pelo menos, no primeiro mês. Não me disse que estava esperando um filho dele.

Merda!

Que grandessíssima merda...

— Tenho certeza que essa história está mal contada. Samara não seria burra de...

— Ela me contou hoje. Sentou-se com a gente no parque, e deu as notícias, como se tivesse me convidado para um chá da tarde. Me pediu desculpas. Ozzie ficou lá, boquiaberto, sem noção. Eu fui embora ele nem tentou vir falar comigo. Ficou lá com ela. Foi até bom ter ficado. Se ela está mesmo esperando um filho dele, vai ter que dar toda a atenção para ela. Mas, isso não deixa de me fazer me sentir tão mal. Tão descartável. Ele estava saindo com as duas.

— Vindo do Ozzie nada me surpreende.

— Mas, ele disse que tinha mudado. Que estava apaixonado por mim e que isso lhe fazia sentir vontade de ser uma pessoa melhor, para mim e para ele mesmo. Ele me enganou. E eu acreditei nele. Trist, eu pretendia fazer sexo com ele. Perder minha virgindade com ele. Com o cara que eu achei que era especial. Que me fez acreditar que era especial. Agora não quero nem olhar na cara daquele idiota. Nunca mais.

— Liz, você ainda tem 16 anos, não acha que é cedo para fazer esse tipo de, sabe, plano? Deveria esperar até os dezoito. Juridicamente é a idade do consentimento aqui.

— Interessante, juridicamente é válido tanto para garotas como garotos. Com quantos anos fez sexo pela primeira vez, Trist?

— Opa, essa guinada na conversa...

— Responda honestamente. Ah, e quem tocou no assunto foi você.

— Eu e a garota tínhamos 18, OK? Logo, você tem que se segurar por pelo menos mais dois anos. De qualquer forma, foi bom isso acontecer antes que tomasse uma decisão dessas.

— Sinto pela Samara, apesar de tudo. — ela muda de assunto, e eu não poderia ser mais grato.

— Eu também. — digo, sinceramente.

— Imagina: grávida, morando com aquele homem horrível que é o tio dela. — pondera. — Nunca gostei dele, sujeito nojento. Sempre olhando para a gente de uma forma esquisita. Os pais de Samara devem ser pessoas horríveis para ela preferir morar com aquele homem...



O toque incessante do meu celular me desperta. Alcanço-o na mesa de cabeceira, dando uma rápida olhada para Liz, que adormeceu ao meu lado. Xingo baixinho quando vejo que é o nome de Samara que pisca na tela.

Checo as horas: 03h25

Ah, merda. O que será dessa vez?

— Alô.

— Boa noite, essa é uma ligação da emergência do hospital West Avalon.

— Emergência? O que aconteceu?

— O senhor é o contato de emergência de Samara Marie Leighton. E precisamos de sua presença aqui com urgência, por favor.

— Mas, o que aconteceu?

— Senhor, não podemos passar esse informação por telefone. Precisamos de um responsável pela senhorita Leighton aqui imediatamente.

Ah, Samara no que se meteu? Levanto-me o mais rápido que posso e tento fazer o mínimo de barulho possível. Pego as chaves do carro e rumo para o andar de baixo. Felizmente, minha mãe não está assistindo TV até tarde, nem lendo seus livros de romance.

Tudo que preciso é de sete minutos. Chego ao hospital em sete minutos. Paro o carro perto da entrada da emergência, mesmo sabendo que posso levar uma multa por isso. Corro para dentro, parando na recepção para me identificar. Eles me dão poucas informações, mas precisam de alguém responsável para assinar a entrada dela na emergência porque ela não tem seguro ou convênio de saúde. Assino o papel e ainda tenho que fazer um cheque caução de oitocentos dólares.

Bem-vindo a terra da liberdade, onde até sua saúde está à venda.

Mesmo sem toda a informação que preciso para saber o quão grave é a situação de Samara sou apontado para onde ela está: a enfermaria. Apesar de preocupado, algo em mim se acalma. Se está lá quer dizer que o pior já passou, é algo tratável e não-fatal.

Não tenho acompanhado a vida de Samara nos últimos anos, mas ela sempre foi muito sozinha e acaba se relacionando com as pessoas erradas. Já fez isso com muitos caras da escola, com Ozzie Gordon, e antes dele, comigo. Há tantas razões para Samara estar aqui, tantas coisas fodidas na sua vida. A última: não só dormiu várias vezes com Gordon enquanto ele já namorava Liz, mas também engravidou dele; o que me faz querer quebrar a cara dele em pedaços ainda menores.

— Pois não? — A enfermeira se aproxima do balcão.

— Sou o acompanhante de Samara Marie Leighton...

Com a maior calma do mundo, ela puxa uma lista debaixo do balcão e vai olhando nome por nome. Mordo os lábios para não pedir que fosse direto à letra 'S' da porcaria da lista, pois há pequena chance que esteja em ordem de chegada.

— Samara Marie Leighton... — pausa. Seus olhos mexendo freneticamente, lendo as informações escritas no papel. Enfim, diz:

— Foi para o tratamento intensivo.

— Mas, o que aconteceu com ela?

— Moço, não posso afirmar, uma vez que ela sequer ficou aqui, foi diretamente transferida. Mas, a princípio seria para tratar incisões profundas na região dos punhos. É tudo que posso dizer.

Tenho que engolir saliva várias vezes. A bÍlis da culpa voltou a encher minha garganta.

Não pode ser, Samara. Que merda!

— Vocês me ligaram, pediram para eu vir até aqui, e agora não sabem me dizer exatamente o que aconteceu com ela, ou onde está. Por que ela foi direto para a UTI?

Ela me olha por um momento, seu semblante não muda sequer um centÍmetro, deve ser rotina para ele isso aqui. Mas, não para mim, principalmente se quer dizer que a vida de uma amiga está em risco. Mesmo que não seja tão minha amiga...

— Um momento, por favor.

Enquanto ela pega o telefone e fala com alguém do outro lado, meto as mãos nos bolsos de trás da calça jeans e tento pensar nas possibilidades, e no que fazer. Preciso contatar mais alguém, talvez a mãe dela em Baltimore, ou seu irmão, Rico, em Connecticut. Definitivamente, não vou ligar para seu tio, que lhe dá um teto para morar, e só isso. Não se importa com ela.

Meus olhos, junto com meu corpo, fazem um giro lento de trezentos e sessenta graus. Fico mudando o ângulo e para onde olho, buscando que isso acenda alguma luz dentro da minha cabeça e eu consiga fazer a melhor escolha quando chegar a hora. Nunca estive nessa situação, até agora...

— Moço, ala norte, a recepcionista de lá vai te passar mais informações. Só seguir a linha vermelha até os elevadores. É no segundo andar.

Meu corpo começou a se mover antes que eu tenha terminado de decifrar a frase, ou sequer esperado que ela terminasse. Se acelerasse mais um pouco estaria correndo pelo hospital. Sinto alÍvio quando um dos elevadores está lá, vazio, de portas abertas, me esperando. Não que eu faria questão de tomá-lo, afinal são apenas dois andares, mas algo me diz que esse é o caminho mais rápido a fazer. Entrei e comecei a repetir palavras, desejando que Samara estivesse bem. De certo, o mais próximo que já cheguei de rezar.

O elevador para no segundo andar e eu piso para fora, procurando a continuação da tal linha vermelha.

— Você fez isso com ela! — a fala veio bem depois do tranco que levei no pescoço. Foi como se alguém tivesse mirado no meu queixo e acertado a junção do meu maxilar e pescoço. Tombo para trás, mas consigo recuperar o equilíbrio que perdi mais pelo susto do que pela força empenhada no golpe.

Ozzie tentou desferir mais um, mas um segurança do hospital o segurou. Vieram para mim também, mas eu não tinha a menor intenção de revidar o soco que sequer me acertou. Tinha vontade, mas não razão para fazê-lo.

— Se ela morrer a culpa é sua, Sawyer! Está ouvindo, seu assassino!

Não disse nada de volta. Apenas assisti Ozzie sendo retirado do hospital pelos seguranças.

— Eu sei o que você fez. Achou que iria me prejudicar acabou matando-a, seu maldito. Vai carregar essa culpa para o resto da vida, Sawyer! Vai ter matado Samara e o bebê. Vou provar que cometeu duplo homicídio. Eu tenho as mensagens. Ela me mostrou! Eu posso provar, Sawyer. Você matou a Samara, e matou meu filho, também!



05h23 – Cygnet: Onde você está?

05h23 – Cygnet: Aconteceu algo horrível com Samara.

05h24 – Cygnet: Avalon inteira está indo para o hospital.

05h24 – Cygnet: Acho que deveria ir para lá também.

06h02 – Cygnet: Trist, cadê você? Está todo mundo aqui.

06h03 – Cygnet: As notícias não são nada boas.

Meu pequeno cisne estava certo quando disse que Avalon inteira estava fazendo vigília na porta do hospital.

Incrível como a tragédia une as pessoas. Todos estão aqui por ela. Pelo menos, é isso que vão dizer. Porém, alguns estão aqui por curiosidade, outros pelo prazer de fazer parte de um evento que gera tanta comoção, outros pelo alívio de não estarem internado lá dentro, correndo o risco de – no mínimo – perder a vida que carrega dentro de si.

Certamente, não encontrarei qualquer pessoa que está aqui por Samara. Porque se todas essas pessoas que agora me olham curiosas ou com expectativas – a maioria da mesma idade que ela –, se realmente se

importassem, Samara jamais se sentiria tão desolada e solitária a ponto de tentar fazer o que fez.

Não. Ninguém aqui é amigo de Samara.

Ninguém aqui se importa com ela.

Samara é como aquele personagem de filmes trash de terror; a loira, burra e gostosa que aparece correndo, a câmera focada mais no top curto, que delinea o volume e balanço de seus seios do que na sua técnica de atuação.

A vida daquela personagem não importa, ela é só distração, entretenimento para o momento. É assim que todos tratam Samara. Ela é invisível, até algo acontecer com ela, e conscientes de nossa indiferença, guiados pela culpa, fingimos que nos importamos. O que une as pessoas aqui esta noite não é o amor, carinho ou amizade por Samara. É a culpa de saber que nunca lhe ofereceram nada parecido com isso.

Posso dizer por mim. Por muito tempo ela foi minha ‘foda fácil’. A garota que não se importava que eu chegasse à sua casa de madrugada, bêbado, ou frustrado com alguma coisa. Uma lata de cerveja, um baseado e ela a noite inteira te servindo do jeito que quisesse: companhia para um papo, para um jogo de cartas ou uma transa – sem restrições e sem compromisso.

Não fui o único. Samara é ou foi provavelmente a iniciação sexual da maioria dos caras de Avalon e adjacências, que tem a nossa idade. Todos nós tiramos vantagem dela. Ninguém nunca pensou em como isso poderia foder com a cabeça dela, ou com seus sentimentos. Ninguém nunca se importou. Ozzie não se importou. Eu também não. Ainda assim, nos achamos no direito de nos surpreender que Samara tenha, consciente ou não, tomado a decisão de não querer mais ser o último degrau de dignidade humana dentro da sociedade medíocre de Avalon. Cada um de nós, até mesmo dos que nem aqui estão, contribuiu para que esse ponto.

É bom mesmo que façam uma vigília, pois não podemos voltar no tempo, muito menos alterar o passado. Nossa única esperança é que ela saia dessa, para que possamos nos livrar da culpa, respirar aliviados de que está tudo bem com ela, e seguirmos nossas vidas, o lugar onde nunca há espaço para acolher alguém como Samara.

Na multidão de pé, reunida em pequenos grupos, de mãos dadas, fazendo círculos de oração; ou sentadas nas calçadas conversando, contando versões aumentadas e inverídicas sobre a vida de Samara, meus

olhos não encontram Liz. Não que ela teria se juntado a qualquer um dos dois tipos de grupo. Mas, acredito que estaria perto de suas amigas mais próximas, que obviamente fariam.

— Ei, Sawyer! — Giro o corpo quase cento e oitenta graus para encontrar Rico Leighton, ao lado do seu tio Zed.

— Cara, obrigado pelo telefonema. Vim o mais rápido que pude. Como minha irmã está?

Dou de ombros. Não sou muito bom em dar notícias sejam boas ou ruins. As sobre Samara é um pouco dos dois. O que eu não queria mesmo, por ter me transformado – a força – nesse porta voz dela, é dar a notícia de sua gravidez ao irmão e ao tio. Penso que posso pular essa parte, deixar que os médicos revelem. Se ao menos eu encontrasse uma forma honesta de fazer isso sem omitir informações...

— A medida do possível, bem. Os cortes que sofreu não foram fundos o suficiente para serem fatais. Ela não perdeu muito sangue, já está estabilizada e bem. — Meus lábios tremem, preciso emendar as notícias sobre a gravidez, mas não consigo. Não sei se porque acho que posso estar expondo-a, ou porque meus instintos, que sempre acendem todos os alertas quando estou perto de Zed Leighton-Myers, me dizem que ele não deveria saber sobre ela.

A CRUELDADE DE COISAS SINGELAS (12)

"A distinção entre o passado, o presente e o futuro é apenas a teimosia insistente de uma ilusão."
— *Albert Einstein*



Atualmente

— Elizabeth, abra a porta!

Sinto uma pontinha de satisfação percebendo que a voz de Tristan está ficando cada vez menos paciente.

Não. Não vou abrir. Estou cansada de ficar recebendo castigos ridículos como se fosse uma criancinha malcriada. Sei que estou me prejudicando, mas de agora em diante, como quando eu quiser, faço meus passeios na hora que eu bem entender. Se isso não acontecer, para quer ter acesso dessa porta para fora?

— Senhora Sawyer...Liz! — Ouço Tuka pedir. Meu pseudo marido está usando a pobre como ferramenta de persuasão.

— Não faça isso, Liz. Não faz nenhuma refeição desde o café da manhã de ontem. — Tuka completa, com uma nota dramática.

Entendo sua boa intenção, mas minha negociação aqui é com seu chefe – de inclinações totalitárias.

Já refleti sobre o que fiz semana passada. Sei que, apesar de certa, não foi coreto ter me aventurado no meio da noite para adjacências. Comprometi sua reputação de alguma forma. É ridículo, no entanto, que tenha restringido ainda mais minha liberdade de locomoção, além de confiscar meu celular e me impedir de receber visitas.

— Elizabeth, abra a porta agora! — Tristan insiste, soando mais impaciente a cada minuto.

Bom. Muito bom. Quero vê-lo perder a paciência. Que arrombe a porta. Faça um show fantástico e humilhante para ele na frente de toda a staff da casa. É a minha única forma de pagar de volta a que tem me causado.

— Vai embora. — respondo, forçando uma irritação na voz que contrasta com o fato de eu estar confortavelmente sentada na poltrona perto da janela, lendo meu livro tranquilamente, de consciência limpa.

Meu estômago dói, é verdade. Aliás, desde ontem à tarde, ele já reclamava por estar vazio.

— Não antes de você abrir a porta. — ele rebate.

Eu sorrio da sua irritação ascendente. E provoco:

— E o que vai fazer se eu não quiser abrir a porta? Arrombá-la?

Queria ser uma mosquinha e voar para o lado de fora, só para ver a cara dele para Tuka, e vice-versa.

— Não. — rebate mais uma vez, soando irritantemente calmo. — Eu tenho a chave.

Merda! Quer dizer que não tenho liberdade nem dentro da porcaria do meu quarto?

Tomada por uma irritação que até um segundo atrás não existia, caminho até a porta e a destranco; abrindo uma pequena greta, ponho a cabeça para fora para olhar na cara do meu marido ditador.

Ele, que eu não via há dias pois estava na costa oeste fazendo ‘negócios’, chegou ontem, e hoje, novamente, parece estar de saída. Ou isso, ou vai participar de um encontro com fãs do show Peaky Blinders.

O terno de três peças, escuro e de tecido leve, parece que foi recortado ao redor de seu corpo, de tão perfeito em sua figura. A barba rala, propositalmente deixada lá, também é novidade, pelo menos, para mim. Sim, ele se encaixaria perfeitamente num episódio da série, de qualquer série de gangues de mafiosos, de Thomas Shelby a Vito Corleone. Subo o olhar por seu corpo, paro por um momento para observar como o colete abraça seu tronco, deixando seus ombros largos ainda mais poderosos. Completo o resto do percurso, aterrissando de uma vez nos olhos apertados e impacientes dele.

Bem-vinda de volta à realidade, Elizabeth Swan.

Não me deixo intimidar. Abro um pouco mais a porta e cruzo os braços, mantendo minha postura. Tuka se aproxima. Vai tentar me persuadir. Melhor agir rápido.

Estico o braço e coloco a palma da mão direita para cima. — A chave do quarto. — Balanço a mão aberta. — Ela me pertence. — detesto que minha voz tenha saído tão estridente e afetada. — Este é meu quarto.

Ele puxa enfia as mãos nos bolsos da frente das calças, relaxa os ombros e inclina o corpo um pouco para frente. Sua postura tão relaxada é totalmente o contrário do que eu queria ter encontrado.

— Em teoria nosso quarto, querida esposa. — ele sorri. Tuka vira o rosto, escondendo o riso. Já deve ter visto seu chefe ser sarcástico muitas vezes nesses anos de convivência.

Tristan Sawyer sorrindo. Taí uma coisa que não mudou nele. Seu rosto longo, de ângulos fortes e retos, continua parecendo que não foi feito para aninhar algo tão singelo e desprezioso quanto o sorriso que ele me dá, com direito a lábios espichados e exposição de dentes brancos e perfeitos.

Vamos ver quem vai rir por último, pois vai ganhar uma linda portada na cara.

Essa era minha intenção, porque ele, antecipando meu movimento, cobriu os poucos metros entre a gente num milissegundo e colocou o pé no canto. A porta voltou para mim com a mesma força que apliquei, me deslocando para trás.

— Pode preparar uma refeição reforçada para a Senhora Sawyer. — disse à Tuka em voz alta para eu não ter a menor dúvida que vai me encher o saco até que eu faça o que está pedindo.

— Pode deixar, senhor Sawyer. — Tuka responde animada. Pobre dela, só quer o meu bem.

Sento-me de volta na poltrona ao lado da cama, pego o livro que deixei aberto no braço do móvel e faço de conta que ele não está parado ali.

— Espero que saiba a diferença entre você entrar aqui e você me obrigar a sair daqui. — não tiro os olhos da página, pois preciso ignorar o fato que ele tirou o paletó, colocando-o no encosto da poltrona floral oposta à minha. O conjunto cinza de flanela, agora de apenas duas peças –, além da gravata vermelha e a camisa branca –, deixando bem claro: o tempo só pode ter feito bem para Tristan Sawyer.

Ela olha para um lado, depois para o outro. Parece estar pisando aqui pela primeira vez na vida. Depois de contemplar os dois lados por alguns segundos, cruza o quarto e alcanço o lado oposto, entrando no meu closet. Ouço-o abrindo gavetas, e deslizando cabides para um lado e o outro. Tenho que controlar minha curiosidade para não ir atrás dele e ver o que está fazendo. No mesmo momento, ele surge lá de dentro com um vestido de algodão o qual reconheço pela cor.

— Vista-se, Elizabeth. — Senta-se na cama e estico o vestido na cama, ao seu lado, mantendo seu olhar em mim.

Ele está mesmo determinado a me ver sair do quarto antes de partir para seus ‘negócios’.

— Para quem sempre diz estar ocupado, até que você tem bastante tempo de sobra para ficar atrapalhando minha leitura, senhor Sawyer. — provoco.

— Vista-se. — engrossa a voz e aumenta o tom.

— Podemos negociar. Se me vestir e descer, quero meu celular de volta.

— Não.

— Quero dirigir meu próprio carro e ter liberdade para visitar meus amigos.

— Negativo.

— Quero aumentar meu número de aulas no estúdio.

— E com isso quebraria uma cláusula de nosso contrato, então, não.

— Quero que vá para o inferno!

— Não preciso ir, você está tornando este momento um verdadeiro inferno para mim. Pela última vez, levante-se e vista-se.

— Ou? — antecipo, por que conheço suas frases de efeito em tom de ameaça. Convivência de muitos e muitos anos.

— Ou aquele estúdio fica fechado até você aprender a cooperar e evite colocar sua própria integridade física em perigo.

— Você não faria isso! — deixo o livro cair no meu colo e olho para ele.

— Tudo que precisa fazer para descobrir é continuar aí, sentada. Você tem exatamente três segundos para começar a se vestir. Esse é o tempo que levo para puxar o celular do bolso e fazer uma ligação que encerra o contrato de aluguel do estúdio de dança.

Quero achar o sarcasmo e o sorriso de quem está dizendo tudo por provocação em seu rosto. O que encontro me diz o total oposto. Seu jeito peculiar de olhar, principalmente para aqueles que lhe causam algum problema. Olhos frios e duros, que te atingem e parecem tirar sua humanidade. Você vira apenas uma pedra no caminho dele, e ele não tem compaixão por pedras, principalmente as que se põem no seu caminho. Nunca duvide de uma promessa de Tristan Sawyer se te olha desse jeito.

Eu não me atrevo a duvidar. O estúdio é a única coisa que ainda me liga a vida que escolhi para mim. E a forma de continuar a ter o mínimo do que se pode chamar de vida social.

Tudo isso foi ele que me tirou. Sempre tira coisas de mim, e nunca está satisfeito. Maldito!

Jogo o livro na cama, e lamento baixinho que não tenha quicado no colchão macio e acertado Tristan. Bato as mãos nos braços da poltrona e projeto o corpo para cima. Aterrisso levemente em ambos os pés. Ajeito o nó do meu robe e passo marchando por ele. Pego o vestido de cima da cama com um puxão e dou alguns passos para trás.

— Você sente orgulho de ser assim? — faço uma pergunta obviamente retórica.

— Mais preocupado com sua saúde que você? — provoca. — Sim, altruísmo é um sentimento muito nobre.

— Não há nada nobre em me manter prisioneira neste casa, me forçando a fazer parte de uma vida que eu nunca escolheria para mim. — dou a cartada para calá-lo de uma vez.

— Sabe muito bem que as coisas não estariam neste ponto se colaborasse mais. Está tudo no contrato, Liz. Te dei a opção de concordar ou não com as cláusulas.

— Não sou ingênua de acreditar que alguém como você se sentiria impedido de fazer o que bem entender por conta de um pedaço de papel. Já te disse uma vez. Aquele contrato não importa, nem pra você ou pra mim. O que me mantém aqui é a possibilidade de você usar de seus meios para destruir pessoas que eu gosto. O que espera que eu faça?

— Pode começar vestindo essa roupa e descendo para almoçar. — rebate, demonstrando incômodo com minha fala.

Expiro tão forte que parece sair fogo de minhas narinas. Minha indignação toma conta de mim. Meus pensamentos estão confusos. É sufocante estar do lado mais frágil de uma negociação. Tristan é a mão maior, ela não segura só as cartas altas, ele tem todas as cartas. As consequências do que pode fazer para me atingir, vai muito além de mim. Eu só queria ter vantagem em alguma coisa para fazê-lo tremer de medo e raiva, como sempre me faz.

Nunca pensei que me tornaria uma pessoa amarga e vingativa. Pois, vingança é o que tem ocupado minha cabeça desde que pisei naquela igreja.

Talvez haja algo que eu possa fazer para, pelo menos, contrariá-lo. Paro a poucos passos dele e desamarro o robe. É a segunda vez que faço isso. A primeira vez, quando me viu despida, fugiu do banheiro, como se tivesse visto algo chocante, feio. Espero que fuja novamente, e entre em seu carro e desapareça por mais uma ou duas semanas. Ou para sempre.

Quando o tecido vai do meu corpo ao chão, a única coisa que me cobre é a calcinha de renda azul. Respiro profundamente uma vez, depois duas, quando vejo a percepção do que eu acabara de fazer acertá-lo. Nada muda na sua feição, a não ser o maxilar que fica travado. Mesmo sabendo que meu corpo está totalmente descoberto bem na frente de seus olhos, é dentro dos meus que ele se prende.

Seu foco intenso me balança. A segurança que tinha um minuto atrás, de usar meu corpo e as marcas nele como forma de afugentá-lo, se esvaiu no momento que ele escolheu não baixar os olhos de meu rosto. Não sei por que faz isso, se é para me mostrar que ganha qualquer disputa que eu esteja propondo, ou realmente não suporta olhar as consequências do que aconteceu comigo.

Um soluço de decepção e vergonha bloqueia minha garganta. Não. Não posso deixá-lo vencer mais uma vez. Não posso deixar minha insegurança me vencer. Preciso ser forte. Ele tem que ter algum ponto fraco. Tem que haver alguma coisa em mim que o deixe de joelhos, que o faça

temer, que eu possa usar como moeda de troca e livrar a mim e com quem me importo das chantagens de Tristan Sawyer.

Vamos, Liz. Faça alguma coisa. Dou mais dois passos. Nossas pernas quase se esbarram.

Mais uma vez, ele não reage, apenas continua me olhando. Agora, mais perto dele, seu queixo, coberto com a barba rala, está apontado para cima. Seus olhos, que geralmente parecem folhas secas no começo do outono, estão escuros e misteriosos, me impedindo de vê-lo além do que ele quer que eu veja.

— O que foi, Tristan? — inclino para a frente, apoiando minhas mãos em seus joelhos.

Sinto o calor de seu corpo pelo tecido leve da calça. Nossos rostos tão próximos que sua respiração quente sopra contra meus lábios. Ele não esboça qualquer reação.

— Meu corpo não te excita mais? — sussurro, ainda mais debochada, mais insistente. A pergunta, no entanto, foi sincera. — Minhas cicatrizes te assustam? — espremi meus lábios num sorriso para tirar sua atenção de como minha voz saiu trêmula. Minha garganta mais uma vez estava bloqueada com o soluço com o qual eu tenho que lutar. Desta batalha, uma lágrima solitária se prende no canto do meu olho.

Merda! Eu traidora de mim mesma. Espero que ele não tenha enxergado a tristeza no fundo dos meus olhos, ou como minha voz tremulou. Uma declaração intrínseca de minha insegurança.

Ele não se moveu, e eu, mis uma vez, na tentativa de acertá-lo só me expus mais. Agora só me resta juntar os cacos do que sobrou da minha dignidade, por aquele vestido e sair daqui. Não porque me dobrei as exigências de Tristan Sawyer, mas pela vergonha de ter me exposto tanto a ele. Ergo o tronco de uma vez, preparada para dar um passo para trás e me vestir. Com um movimento, a lágrima desceu pela minha face e eu tive que virar o rosto para esconder mais uma humilhação de Tristan.

Não tenho tempo de secá-la pois duas mãos enormes me seguram pelos antebraços e me puxam. Antes de colidir com o corpo de Tristan ele me abraça pela cintura e me joga na cama. Seu corpo pairando sob o meu, sem tocar nenhuma parte dele.

Minha respiração fica acelerada e curta, refletindo a gama de sentimentos que se misturam no meu peito: o medo, a insegurança, a curiosidade, a expectativa...

Com o olhar ainda endurecido e frio, ele escaneia meu rosto com precisão mecânica. Em seguida, desce os lábios lentamente, até alcançar meu ouvido e sussurrar:

— Você me fez perguntas. É assim que vou respondê-las, Cygnet...

Ainda tento recuperar o fôlego e acalmar meu coração pois, além de inesperado, Tristan Sawyer pairava sobre meu corpo. Quando ele afastou o rosto do meu, senti sua língua quente e úmida acariciando ao longo da minha cicatriz mais profunda; a que tenho vergonha que as pessoas vejam pois tem um aspecto visualmente desagradável. Eu gemo de susto, de surpresa e da sensação que seu toque em meu corpo. Algo que por um tempo em minha vida era tudo que mais desejava. Isso não importa agora. Não quando usa isso para provar um ponto de vista.

Sensações antagônicas se formam em partes diferentes do meu corpo: minha pele, meu coração e minha cabeça.

Alheio às múltiplas batalhas internas que travo, Tristan está implacável, usando lábios, língua e dentes para traçar cada milímetro da minha cicatriz, mapeando as marcas do meu renascimento com um astrônomo mapeia uma nova constelação.

Na briga entre meu coração e minha razão, sou uma mera espectadora. Minha cabeça precisa se manter lúcida para não me esquecer que este homem – esta versão atual dele – que me chantageia para me ter sob seu controle, nada tem a ver com meu grande amor do passado. Aquele Tristan jamais me prejudicaria.

Não posso me excitar com seu toque. Não devo me sentir atraída por ele.

Os lábios quentes rumam para baixo, pelo meu lado esquerdo, circulando meu seio. Eu ignoro algo em mim que deseja que ele usasse sua boca no pico rígido e rosado que implora por um pouco daquela atenção.

Ao invés, ele ataca uma outra cicatriz, abaixo da linha do meu busto, abaixo da linha do coração. Memórias do meu acidente, das múltiplas cirurgias pelas quais passei, e da minha longa estada no hospital se acendem. Da minha recusa de aceitar as visitas de Tristan, mesmo ele sendo a pessoa mais próxima de mim; a pessoa responsável por eu estar ali, e ao mesmo tempo responsável por garantir que eu saia dali andando, mesmo que em forma de colcha de retalhos, afinal ainda era meu guardião legal.

Apenas uma vez consegui burlar a segurança e entrar no meu quarto. Deixei claro que aquela seria a derradeira. Jamais me viria

novamente. A partir daquele momento, e somente para ele, era como se eu nunca tivesse sido retirada do meio das ferragens com vida. Ele se recusou de desistir de ser meu guardião legal, então pra me livrar dele, tive que abdicar da pensão que recebia de meu pai desde a sua prisão. Foi ótimo. Me livrei de dois fantasmas na minha vida de uma vez.

Aperto os olhos para me desvencilhar das sombras de um passado recente e lágrimas escorrem pelo meu rosto. Tristan, concentrado na sua imissão, continua fazendo meu corpo arder. Ele parte para a cicatriz que cruza meu abdome, me fazendo gemer alto. Tentei me controlar, mas não tenho mais forças. A dor das memórias do passado enchem meu peito de tristeza, me consomem tão vorazmente quanto Tristan explora partes do meu corpo.

— Tristan... — quero pedi-lo para parar. Ao invés, embrenho minhas mãos nos seus cabelos. Ele entende meu gesto como incentivo.

Ao chegar à minha última cicatriz, no meio da minha coxa, estou tão embebida nos seus estímulos que tudo que quero é que se dispa e me tome de uma vez, saciando meu corpo tão negligenciado nesses últimos sete anos.

De nada adianta minha vontade. O foco de Tristan é outro. Tanto que nada do seu corpo toca o meu, senão sua boca. Uma forma clara de demonstrar que o que me faz não são carinhos e sim sua forma de me mostrar os pontos de seu argumento, de me dizer que as marcas de meu acidente não lhe causam repulsa ou medo.

A dor no meu peito continua a arder. Soluço, já exausta pro lidar com tantas batalhas em tão pouco, e ao mesmo tempo. Volto a fechar os olhos e me rendo às sensações que Tristan provoca em mim. É o que me resta. Não me importo que as lágrimas continuam descendo pela minha face.

— Olhe para mim, Cygnet. — ele pede, sua voz leve e terna.

Abro-os devagar por causa da umidade nos meus cílios, e por não querer encontrar seu olhar duro e frio para mim. Não é isso que encontro. Há uma sombra estranha no seu olhar, pois a frieza, a dureza se foram, mas nada surgiu para substituí-las. Nos olhamos por alguns segundos, como se um esperasse que o outro dissesse algo. Em seguida, sou surpreendida por uma longa investida do seu quadril contra o meu, com nervos tão alertas e supersensíveis.

Seu rosto baixa em direção do meu. Seus lábios indo, mais uma vez, na direção do meu ouvido, onde ele sussurra:

— Considere suas perguntas respondidas.

Mais uma vez, seu quadril empurra o meu para baixo, de forma firme, arrastada, deixando claro o comprimento e rigidez de seu desejo por mim.

— Acredito que não tenha mais dúvidas, por enquanto. — se levanta, como se nada tivesse acontecido. E eu me seguro para não protestar por sua partida. — Sempre que se sentir na dúvida sobre isso, é só me perguntar. Reiterarei meu ponto de vista com prazer. — o sorriso que não combina com seu rosto, está de volta. — Aliás, tenho muitas outras formas de respondê-las. Estarei de volta em breve, talvez queira conhecer meus outros argumentos. — pega a jaqueta do paletó. — Agora, vista-se, Cygnet. — joga o vestido na cama. — E desça para almoçar. Não vai se arrepender. Tem algo especial esperando por você lá embaixo.

Enquanto me visto e ensaio para responder ao que tinha dito, ele já havia desaparecido pela porta. Sento-me na cadeira para pôr meus sapatos e noto a movimentação do lado de fora. Espicho o pescoço para espiar. Vejo Tristan entrando na Mercedes prata, a que geralmente vai me buscar no estúdio. Pelo visto, a viagem vai ser longa mesmo. Uma das poucas coisas sobre a rotina dele aqui que aprendi é que quando Jerry vai junto eles voltam mais rápido, são viagens mais curtas. Quando ele entra na limo, assim, para ser levado ao aeroporto, vai ficar dias, talvez semanas fora de casa. Desde o dia do nosso casamento, tive poucas oportunidades de aprender qualquer coisa sobre a rotina de Tristan quando está em casa, pois ele simplesmente nunca está. O que deveria me deixar, feliz, animada. E deixa, ao mesmo tempo que me faz sentir um vazio esquisito.

A janela do lado que ele sentou desce quando o carro está passando embaixo da janela do quarto. No ângulo exato e preciso, ele olha pra fora, para cima... para mim... acena um tchau discreto, que eu retribuo no automático. Depois, ele abre um sorriso. Não daqueles que de tão largos não combinam com seu rosto. Esse é menos ostentoso, mais direto, ele serve só para me fazer olhar para seus lábios, os mesmo que estavam em mim poucos minutos atrás, me fazendo gemer e desejá-los em todos os lugares. Era esse o sorriso, de quem sabe o poder que tem sobre mim, sobre meu corpo.

Eu nunca me senti tão presa.

O VAZIO DE SE AMAR COISAS BELAS (13)

"O melhor a se fazer é tornar o lugar onde nos perdemos o melhor lar que podemos."
— *Christopher Fry, The Lady's not for Burning*



Atualmente

— Uau, Liz! — Laylah, a surpresa que Tristan disse ter para mim, suspirou, olhando ao redor da mesa onde almoçávamos.

Confesso que tive essa mesma reação quando entrei nesta casa pela primeira vez. Desci da limosine que me trouxe direto da igreja – onde selei meu acordo com Tristan –, desolada, psicologicamente exausta; e me deparei com a exuberância arquitetônica e natural do que a partir daquele momento chamaria de lar.

O solário, onde estamos agora, é, especialmente, uma das minhas partes favoritas. Uma extensão da casa, rodeada por paredes e teto de vidro, que nos dá a sensação de estarmos dentro da vegetação nativa que nos rodeia. A vista para o lago e as montanhas, torna qualquer refeição que façamos aqui, a mais deliciosa que já tivemos.

Apesar de não refletir o que sinto neste momento, estou certa que a reação de Laylah confirma as minhas primeiras impressões. Desde que nos encontramos, e depois de um longo abraço, tudo que tem feito é suspirar de admiração por cada cômodo, cada pequena parte da casa por onde passamos. Me mantive quieta, tentando deixar que sua animação contaminasse meus sentimentos, e tirasse o que acabara de acontecer no quarto da minha cabeça, pelo tempo que compartilhamos.

— Imagina o que é acordar num lugar desse. — filosofa. — Ao invés de buzina de carros e sirene de ambulância você ouve pássaros cantando; abre a janela e tudo que vê: árvores enormes e uma montanha rodeada por nuvens ao fundo. Nada de barulho de helicópteros pousando no topo do prédios. Ninguém te empurrando na calçada, com pressa... — tira os olhos do cenário para me olhar. — Deve se sentir a mulher mais feliz do mundo aqui!

Baixo os olhos, fingindo cortar um pedaço do filé no meu prato, escolhendo as melhores palavras para respondê-la.

— É bem... diferente mesmo. — ponho o máximo de entusiasmo que consigo. Não é muito, mas parece convencê-la.

— Hmm — resmunga virando o copo de suco de laranja e me olhando por cima da borda. — Ainda precisa me contar em detalhes como você passou de garota solteira... — põe o copo de novo na mesa e inclina o corpo para a frente, encurtando a distância entre a gente para cochichar — que semanas atrás tava beijando a boca do senador Hawke, para casada com um bilionário que já saiu até na lista da Forbes.

— Como sabia que beijei Vince? — pergunto no susto. E quanto ela sorri cinicamente, sei que cai numa armadilha.

— Você acabou de me contar, amiga. — pisca.

Balanço a cabeça em sinal negativo, censurando mais minha ingenuidade do que a perspicácia dela.

— Já fiz minha pesquisinha online sobre seu marido. — ela continua enquanto ataca o filé mignon com garfo, faca e determinação. — O cara é bem discreto. Achei muito pouco sobre ele. — apoia o cotovelo na mesa e aponta o garfo espetado com um pedaço de carne para mim. — Sabia que só achei duas fotos antigas dele na net?

Balanço a cabeça fingindo surpresa.

— Sabe quem estava ao lado dele nas duas?

Dou de ombros. Não sei se quero saber das aventuras sexuais de Tristan nestes últimos sete anos.

— Errou! — Ela brinca com o fato de eu não ter tentado adivinhar.
— Você mesmo!

— Eu? — estou genuinamente surpresa.

— Sim. Quer ver?

Não tenho tempo para responder, ela já busca a bolsa pendurada no braço da outra cadeira, puxa o celular de dentro e corre os dedos pela tela rapidamente.

— Aqui! — comemora. — Achei a primeira. — vira a tela do celular para mim.

A legenda da foto está cortada. Pelo fundo, consigo saber exatamente quando e onde foi tirada: a formatura do colegial de Tristan. Não imagino a razão de uma foto tão familiar ter ido parar na Internet.

Foco minha atenção na menina loira de rabo de cavalo e sorriso largo. O braço de Tristan, tão mais alto, no meu ombro. Sempre protetivo. Pareço tão pequena, tão criança perto dele. Percebo que a imagem não está completa. Nesta foto, Tia Pam está ao lado de Tristan, e Ozzie ao meu. Foi muito divertido aquele dia. Comemos fora, nos divertimos. Meu peito dói de saudades. Me pergunto onde estaríamos agora se eu nunca tivesse entrado naquele carro. Se Tristan não tivesse mentido para mim...

Laylah leva celular para si, sabiamente interrompendo minhas memórias, que começavam a ir numa direção nada agradável.

— E tem essa aqui. — vira a tela novamente para mim.

Baixo os olhos para a foto e meu garfo cai de volta no meu prato com um tilintar alto. Na imagem, um 'selfie', Tristan sorri para câmera erguendo uma taça de champagne, enquanto uma linda mulher loira lhe beija o rosto e toca a taça com a sua. Embaixo um 'sticker' de "Feliz Ano Novo". Pelos números colocados na parede atrás deles, foi tirada poucos meses atrás. Não é o choque de ver Tristan com uma mulher, é o fato de tal mulher ser Samara Leighton que me choca.

— Tá tudo bem? — Laylah me força a me livrar da profunda irritação que me tomou de repente.

— Claro. — minto.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Sim. — volto minha atenção à comida, mesmo sentindo meu estômago revirar de raiva, de choque...de ciúmes...

— Aqui, na primeira foto, aparece o nome de seu marido, Tristan Sawyer, mas a garota ao lado dele, que só pode ser você, é identificada como Elizaveta Lebedev...

— Lebedeva... — corrijo-a por instinto, por ter feito isso, pelo menos, um milhão de vezes na minha infância.

— Isso. — ela ri, sem graça.

— Esse é meu nome verdadeiro, Laylah. — continuo com os olhos baixos, encarando o prato, já quase vazio.

— Como assim nome verdadeiro? Você não é Elizabeth Swan?

Levanto a cabeça e Laylah me olha com tanta surpresa que tenho a impressão que vai se levantar da mesa e sair correndo a qualquer momento.

— Elizabeth é o nome que eu adotei há alguns anos. O nome que está na minha certidão é esse da foto.

— Eu confesso que estou bem confusa agora. — ela mantém a atenção na tela do celular, claramente disfarçando incômodo e fugindo de ter que me encarar.

— Laylah, há muita coisa sobre mim que precisa saber. Coisas que, no momento certo, eu prometo, você vai saber. — consigo que ela tire os olhos do telefone. — O que posso te adiantar é que meu nome de nascimento é Elizaveta Lebedeva, e eu sou filha de Viktor Lebedev.

Laylah leva as duas mãos à boca e arregala os olhos.

— Você quer dizer ‘o Viktor Lebedev’. O mafioso russo?

— Sim. — não há o que fazer a não ser confirmar.

— Amiga — sua reação se transforma em empatia num mero segundo. — Sinto muitíssimo. — alcança minha mão por cima da mesa.

Laylah sempre faz isso. Quando percebe qualquer sentimento negativo muito tempo no meu rosto, pega minha mão e aperta levemente. É seu código para ‘estou aqui’, ‘você não está só’ e ‘eu te entendo’. Adoro que faça isso, me traz conforto e segurança.

— É óbvio para mim agora porque não quer mais usar aquele sobrenome. Apesar de achá-lo lindo. Os dois: nome e sobrenome.

— Obrigada, Laylah.

— O que ele quer dizer? Digo, seu sobrenome.

— Como deve imaginar, Elizaveta é Elizabeth, e Lebedeva, que indica que sou filha de Lebedev, significa cisne, ou Swan.

— Uau! — suspirou. — Que história fascinante você tem amiga! Não vejo a hora de poder ouvir todo o resto, Elizaveta. — pisca. —

Gostaria muito de saber mais sobre Tristan Sawyer, esse cara que, me parece, você conhece há anos. Um cara que nada na grana, sabe que você vive uma vida simples, sempre na corda bamba com dinheiro, e mesmo assim nunca fez nada para te ajudar.

— Bem, ele se casou comigo.

— Isso é verdade. Não dá para falar que foi um casamento precipitado pois passaram a vida inteira juntos praticamente. — suspira. — Deve ser muito bom casar-se com o amor da sua vida.

— Sim. É perfeito. Do jeito que eu... sempre quis.

— Ai, amiga. — aperta ainda mais minha mão. — Estou tão feliz por você. Tomara que eu encontre o amor da minha também, e me case com ele...

Voltando aos poucos ao humor do início, Laylah relaxa na cadeira. No mesmo momento, seguranças subordinados de Jerry, que eu carinhosamente apelidei de exército do MIB, passam na frente do solário. Eles conversam sobre algo, apontam para a casa, depois na direção do muro, muitos metros à frente. Percebo a atenção de Laylah se voltar totalmente para eles. Sei quem ela procura.

— Ele não está ali. — digo, sorrio e bato os cílios, do mesmo jeito que ela gosta de fazer para mim. — Jerry Kudrow é o nome dele. O cara que foi te buscar em casa esta manhã.

— Aquele homem gigante que o que tem de grande tem de gostoso? Por favor, dê meu número pra ele, peça para me ligar — ela brinca. — se for solteiro, é claro.

— Não usa aliança, pelo menos.

— Quando abri a porta do meu apartamento e me deparei com aquele home alto e totalmente massivo nos lugares certos achei que estava sonhando. Que pena que ele não está aqui.

— Não se preocupe. Jerry levou Tristan ao aeroporto, não vai demorar para ele ficar nos rodeando como um satélite artificial.

— Sabe o que é mais engraçado. Jerry é esse homem cuja presença é impossível de ignorar, mas foi seu marido, Tristan, que mais me surpreendeu quando nos cumprimentamos esta manhã. Ele tem esse jeito de olhar que parece um raio-x. Tipo, nem te passa pela cabeça tentar enganá-lo, mentir pra ele, parece que ele vê tudo, vê através de você, tudo que você esconde. Não sei se é só a minha impressão, mas não pude evitar tê-la.

— Você é uma boa observadora, Laylah. O que acabou de descrever é uma das características mais pessoas de Tristan. Não é todo mundo que consegue perceber, nem mesmo quem convive com há bastante tempo.

— Você o ama? — joga a pergunta no ar. Em seguida, recua. — Não precisa responder se não quiser. Acho que passei um pouco dos limites aqui. Eu só quis dizer que, olha pra isso. — aponta para meu anel de casamento. — É uma pedra preciosa enorme e brilhante, além de muito, muito, muito cara. Ele deve te amar muito.

Por instinto olho o anel no meu dedo, contemplando o que realmente significa usá-lo. — É realmente algo lindo, brilhante e muito caro. Acredito, no entanto, que por toda a vida, convivendo com Tristan, ele tenha feito e sido coisas para mim que são muito mais valiosas que o anel de casamento mais caro do mundo.

Laylah suspira. — Tá bom, amiga. Que lindo isso que falou. Agora não tenho – se é que tive – qualquer dúvida que você ama o cara, e ele te ama de volta. Que venham os Tristanzinhos e as Elizavetinhas.

Rimos. O peso de sua conclusão, porém, continuava comigo.

— Sabe o que a gente poderia fazer agora? — pergunto. — dirigir até a cidade, rodar o centro, entrar num bar, tomar uns drinks, depois ir ao shopping.

— Adorei a ideia. Seu closet precisa demais de um upgrade. Vamos, amiga!



— Você acertou! — Laylah abre um sorriso cheio de malícia. — O segurança fortão chegou.

Ah, merda.

Olho para trás e vejo Jerry Kudrow, no seu usual terno preto, cruzar para dentro do bar às margens de Lake Union.

Volto-me para Laylah, que não para de mexer no cabelo. Ela diz:

— Amiga, vou dar uma corridinha no banheiro acertar o cabelo e a ‘make’. Não deixe esse homem lindo e enorme ir embora antes de eu voltar, por favor.

Fico aliviada que Laylah não vai estar aqui para ouvir minha conversa com Jerry. Ainda não tive coragem de contar para ela, e acho que

não devo, sobre as circunstâncias do meu casamento com Tristan. Temo que ao dividir tal informação posso comprometer sua segurança, e liberdade também.

Brinco com o canudo do drink que eu já terminei. De certa forma, estou curiosa para saber como Jerry vai tratar o fato de que não só saí da propriedade sem segurança, como peguei um dos carros de Tristan ‘emprestado’.

Sorriso, orgulhosa da minha ‘malcriação’. Escolhi o carro menor, e que parecia mais confortável. Laylah também adorou. Afinal, foi ela que veio dirigindo. Eu ainda tenho alguns resquícios do meu acidente para superar. Não me sinto muito confortável para sentar-me atrás do volante de qualquer carro, por enquanto.

— Senhora Sawyer... — ele toma o banquinho vazio ao meu lado esquerdo, virado para mim; apoia um cotovelo no balcão do bar e a outra mão descansa no seu joelho.

— Jerry... — digo, sem olhá-lo. Ao invés, aceno para o barman, que desde que nos sentamos aqui, horas atrás, tem sido bem prestativo. — O que vai querer, Jerry? — pergunto quando o rapaz simpático está a meros passos de nós.

— Eu não bebo em serviço, senhora. — responde soando quase orgulhoso da própria força de vontade.

— Como posso te servir, Liz? — carinha do bar diz, fingindo uma intimidade que só na cabeça dele existe. Valeu pelo vinco que criou no meio da testa do Jerry. Já começo a temer pela vida do jovem do outro lado do balcão.

— Pete, certo? — confirmo seu nome. Ele assentiu. — Mais um desse para mim... — Olho para o lado direito, onde Laylah estava sentada. Seu copo, vazio. — E outro daquele para minha amiga.

— A senhora precisa voltar para casa... — Jerry começa assim que Pete se afasta.

— Senhora, Jerry? — ironizo. — Eu tenho vinte e quatro anos. Pode me chamar de Liz, de você e todos os outros pronomes informais que quiser.

— Liz. — diz, com seu jeito ‘sem cerimônias’ e acredito que nunca ouvi meu nome ser pronunciado de forma tão contundente. — Você precisa voltar comigo. Voltar para casa.

— Bom, certamente voltarei para lá, afinal é minha casa. No entanto, não tenho intenções de fazer isso por agora. Estou tendo uma tarde adorável

com uma grande amiga. Por favor, não estrague.

— Sinto muito. — diz, honestamente. — Mas, precisa voltar casa imediatamente.

— Devo me preocupar com o que acontecerá comigo quando eu voltar? — arrisco. Bem no fundo, temo a resposta.

— Nada vai acontecer. — aperta o queixo com o polegar e o indicador, seus olhos vasculhando os meus arredores. — Não vou relatar o ocorrido ao senhor Sawyer.

Dou uma risada alta e exagerada. Pete põe nossos drinks na mesa e pisca para mim, faço questão de piscar de volta. O vinco na testa de Jerry duplica, ele ainda lança um olhar matador para o pobre Pete.

— Boa estratégia para me convencer, mas sinto que não vai funcionar, Jerry. Que razão teria para não reportar o que aconteceu hoje à Tristan? Você é leal à OZRA. Além disso está tentando criar cumplicidade entre nós para me fazer ceder mais facilmente aos seus argumentos.

— Não devo lealdade à OZRA. Sou leal ao seu marido. — ele pausa, um pouco contrariado. — e por consequência, sou leal a senhora... a você, também. Precisa acreditar que o senhor Sawyer não saberá do que ocorreu na sua ausência. — ele puxa algo do bolso e põe por sobre o balcão do bar.

Meu celular! Nunca imaginei que sentiria falta de um objeto como senti do meu telefone.

— Essa é a segunda parte da surpresa que seu marido lhe prometeu esta manhã. — estico o braço para alcançá-lo. Jerry o empurra para o lado, longe do meu alcance. — É importante que já esteja em casa, quando ligar o aparelho.

Uma forma sucinta de me dizer que a porcaria é rastreada. Ou seja, Tristan saberá que não estou em casa se o fizer aqui.

— Você receberá uma ligação dele esta noite, por volta das dez. Se continuar aqui, não vai poder atender. Automaticamente, saberá que quebrou as regras mais uma vez. Vai ficar decepcionado com a senhora, e comigo, também.

— E você odiaria que ele se decepcionasse com você, não é mesmo? — indago em voz alta. — Você é leal ao meu marido por que o respeita, ou porque o teme, Jerry?

— Eu nunca quebro regras, então não tenho razão para temê-lo. Sei o que acontece com os que ousam quebrá-las.

— Quer dizer que eu devo temê-lo? Temer o meu marido?

O silêncio dele me aflige. Dá para ver as engrenagens girando dentro de sua cabeça.

— Você não deveria temê-lo. — vira o corpo e encosta as costas contra o balcão. Seus olhos atento à movimentação atrás de nós. — O jeito como fala e trata a senhora deixa claro que jamais lhe causaria qualquer mal. Analisando friamente, ele deveria temê-la, pois é imenso o poder que exerce sobre ele.

A fala de Jerry me deixa confusa. É um argumento audacioso, inconveniente. Ele está arriscando muito para me convencer a voltar.

— Você fala como se não soubesse as circunstâncias do meu casamento. Foi testemunha ocular de todas as fases antes de eu entrar naquela de igreja. Ativamente participou de todas as manobras chantagistas dele.

— Você conhece um lado dele que poucas pessoas, talvez nenhuma outra, conhecem. Uma história... longa. — ele joga mais informações no ar. Já não sei se quer me convencer a ir embora, ou me ameaçar por não querer ir.

— E você conhece nossa história? — dou um gole no coquetel que até agora fazia o copo suar no balcão.

— Só as partes que são importantes que eu saiba; para garantir a segurança dele... e a sua.

— Minha segurança... — rio. — E seu eu te disser que a única pessoa que ameaça a minha segurança neste momento é o seu chefe? Você vai me proteger dele, Jerry?

Gostaria muito de saber sua resposta. No entanto, ela fica suspensa, pois Laylah se aproxima em passos ondulados, cheios de segundas intenções para com o braço direito do meu marido.

— Oi, de novo, Jerry. — ela abre um sorriso. Seus lábios pintados de um rosa cremoso que os deixa mais grossos.

— Boa noite, senhorita. — ele responde, corrigindo a postura e passando uma mão gigante pela gravata preta fina. Seguro um sorriso por perceber que o interesse deles é mútuo. De forma egoísta, espero que Laylah não tenha percebido.

— É Laylah, para você, Jerry. — diz ela, deixando o nome dele sair mole pelos seus lábios rosados.

Ele limpa a garganta e assente. Põe os pés firmes no chão e se levanta.

— Estou esperando aqui na porta, senhora Sawyer. — reforça, seu tom menos informal agora.

Ele não espera pela minha resposta. E se afasta. É Laylah que acompanha sua saída do bar, depois solta mais um suspiro. O centésimo do dia, o segundo por Jerry. Ela ainda está sorrindo quando dá o primeiro gole de seu drink.

— Laylah... — começo a dizer, mas ela me interrompe.

— Ah, eu sei. — vira-se para mim. — Aquilo foi péssimo. Ele quase saiu correndo daqui.

Ela não percebeu. Minha parte egoísta celebrou.

— Fala como se essa fosse o último encontro que teremos. Quero você na minha casa, pelo menos, uma vez por semana.

— OK, senhora Sawyer. Seu pedido é uma ordem. — ri e bate os cílios pra mim, me provocando. — Agora, vamos porque a gente tem dois andares de closet para encher de roupas, sapatos e acessórios.

Sim, um dos nossos planos era ir às compras. Ela ficou inconformada que o closet do meu quarto tinha meia dúzia de roupas, dois pares de sapatos – de sapatilhas – e alguns poucos acessórios. Ela vê uma mulher que se casou com um bilionário, eu vejo a minha situação como passageira, e não quero usar um tostão do dinheiro de Tristan – e do meu pai – para isso. Mesmo sabendo que todo o dinheiro que tenho ganhado nesses últimos meses tenha vindo dele. Meu ‘patrocinador’.

Um chantagista. Manipulador. Mentiroso. Essas são as palavras que preciso repetir toda vez que meu cérebro quiser substituí-las pelo que aconteceu esta manhã.

— Sobre isso, amiga. A gente vai ter que deixar para nosso próximo encontro. Eu... — odeio ter que dizer isso. — Preciso ir...

— Mas, aconteceu alguma coisa? É por isso que está aqui? — ela pergunta, desconfiada.

— Está tudo bem. — minto. — Só preciso muito ir. Só isso.

— Amiga, você jura? — alcança minha mão e a aperta. O conforto quase me desfaz, como seu abraço quando nos encontramos. Preciso muito desabafar, contar sobre minha situação para alguém, Laylah seria a melhor pessoa...

— Não se preocupe. — cubro a sua mão com minha outra. Sorrio. — A gente vai se ver no estúdio daqui dois dias. Quem sabe não vamos direto ao shopping depois?

— Boa ideia. — ela comemora, eu também, pois soube usar um bom argumento para distraí-la.



Faltavam três minutos para as dez quando Jerry parou o carro na garagem.

Quando eu e Laylah saímos do bar, eu descobri que não era só Jerry que tinha ido atrás de mim. Encostados na Land Rover preta, parada poucos metros da entrada do bar, mais dois seguranças aguardavam pacientemente pelas instruções de seu chefe. Jerry assumiu a direção. Sua figura gigantesca confinada no carro compacto tirou de mim e Laylah boas risadas. Abafadas, claro. Pois o desconforto estava claro no rosto de Jerry.

— Ligue-o.

Jerry apertou um botão e porta luvas na minha frente se abriu lentamente. Lá dentro, meu celular, desligado.

Não precisava ter me pedido. Assim que apertei o power uma sinfonia de notificações virou fundo musical para minha caminhada da garagem até a sala de TV.

Sento-me no sofá e busco o controle na mesa de centro. Procuo algo para assistir enquanto espero pela ligação de Tristan.

Tenho várias mensagens para responder. Passei os olhos pelo aplicativo de mensagens. Pais de alunos, alunos, as meninas da *Blossom*, inclusive Priscilla, Billy e Elena; todo mundo sentiu minha falta. A pessoa com quem mais queria conversar, no entanto, não estava entre eles. Nossa última conversa foi sob tanta confusão e estresse, queria ter podido, ao menos, me despedido dele, ou lhe dado alguma explicação, mesmo sabendo que seria mentira.

Sinto falta dele. De seu jeito acolhedor. De sua atenção... Afundo o rosto na almofada para abafar a minha vontade de gritar. A maciez me trouxe conforto. Tanto que acho que cochilei ali mesmo. Fui acordada pelo barulho suave da notificação de uma mensagem recebida algum tempo depois.

Busco o celular, que escorregara da minha mão e parou perto do meu ombro, e levo-o até os olhos.

00h17 - ? – Como foi o seu dia?

A mensagem vem de um número que não está na minha lista de contatos. Porém, só pode ser uma pessoa.

00h22 - você – OK.

Não vou fingir animação. É o que ele quer, que eu me agarre às suas migalhas; que associe coisas básicas de qualquer ser humano livre para ir e vir com recompensas dele por bom comportamento.

00h24 - ? – Se divertiu com Laylah?

Ah, merda. Jerry prometeu para mim que não contaria. Ou talvez seja apenas minha consciência pesada falando mais alto. Ele deve estar insistindo porque ainda não ouviu o que quer. Mas, não vai ouvir. Não de mim.

00h28 - você – Você sabe que sim.

00h28 - você – Sabe de todos os meus passos aqui.

00h29 - você – Por que ficar perguntando?

00h29 - ? – Está claramente chateada. Conversamos mais tarde.

00h30 - você – Não estou chateada, Tristan.

00h30 - você – Só quero que entenda que não vou jogar seu jogo de faz-de-conta.

00h30 - você – O que quer de mim?

00h30 - você – Que eu te agradeça por ter me dado o privilégio de passar algumas horas com uma amiga?

00h30 - você – Nem se sofresse da Síndrome de Estocolmo.

00h30 - você – Não tenho a menor intenção de me sentir grata a quem me aprisiona e chantageia.

Meu desabafo é sinal da minha fadiga mental. Respiro fundo. Contudo não quero continuar essa conversa.

00h32 - você – Estou cansada, preciso me deitar.

00h33 - ? – Claro. Vou deixá-la descansar.

Ótimo.

00h33 - ? – Só mais uma coisa.

00h33 - ? – Preciso de você aqui na sexta.

00h34 - você – Você diz, eu viajar para a costa oeste?

00h34 - ? – Vou participar de um evento importante.

Ele ignora minha pergunta.

00h34 - ? – Quero minha esposa ao meu lado.

Será que precisa mesmo. Que eu saiba Samara Leighton mora em Boston. Aquela foto do réveillon do ano passado mostrava que os dois continuavam bem íntimos. Tenho certeza que ela vai adorar passar tempo com Tristan. Como sempre fez.

00h35 - ? – Fale com Tuka, ela já está providenciando tudo.

00h35 - você – E o meu estúdio? E as minhas aulas? Meus alunos?

00h36 - ? – É só pelo fim de semana.

00h36 - ? – Além disso,

00h36 - ? – Minha mãe vai estar aqui.

00h37 - você – Tia Pam?!

00h37- ? – Sim.

00h37 - você – Ela já sabe sobre nós?

A pausa longa dele me deixa ansiosa. Ela não deve saber. Jamais concordaria com isso.

00h39 - ? – Vai saber quando você chegar aqui.

Bingo! Agora tenho alguém com quem posso desabafar.

00h39 - você – Sinto muita falta dela.

00h41 - ? – Eu também, Cygnet.

00h41 - você – Sinto falta da nossa vida antiga.

00h42 - você – Nós três. Morando juntos.

00h42 - você – A gente era feliz.

00h45 - ? – Preciso ir. Aqui já é dia.

00h45 - ? – Tenho uma reunião às 7h.

00h45 - ? – Boa noite, Cygnet.

Chego a digitar a mensagem de volta: boa noite, besouro. Meu coração insiste em ver meu Tristan nesse homem que me aprisiona e subjuga. Ele, no entanto, não está mais lá. Por isso, apago a mensagem, deixo o celular na mesinha de centro, e subo para meu quarto.

TRINTA GRAUS MAIS PRÓXIMOS – Parte 1 (14)

"Não se aprende a sofrer menos. Aprende-se a se esquivar da dor."
— Anaís Nain, **Henry e June**



Sete anos e seis meses atrás

Dizem por aí que cerimônias de casamento e velórios são a mesma coisa. A única pequena diferença é que no final de um você tem uma pós-festa, e no outro um pós vida. Engraçado imaginar que Chuck experimentou eventos nos dois. Sim. Morreu na mesma semana que minha mãe enfiou os papéis do divórcio e uma medida protetiva na cara dele. Uma redenção para Pam depois de passar uma vida inteira – mais de vinte anos –, olhando para o outro lado quando Chuck cometia as piores atrocidades com o próprio filho, e acreditava no seu arrependimento e mudança quando toda sua covardia e crueldade era direcionada a ela.

Por algum tempo, tentei entender por que meu pai era assim. Se havia algo realmente ruim e errado comigo e com minha mãe, ou com ele. Até que um dia, quando peguei detenção por ter esmurrado um garoto, fui obrigado a ler dois livros – e só sairia de lá após terminá-los. Um deles era

o ‘manual do aluno’, uma lista infinita de tudo que se podia ou não fazer dentro da escola – e com a cara de seus colegas.

O outro era um livro de poemas, uma coletânea com todos esses caras chatos que a gente tem que saber que existiram e escreveram coisas numa espécie de código, e você tem que decifrar para conseguir entender de forma superficial. Achei o livro uma chatice. Até chegar na página desse tal de W. H. Auden. Passei os olhos pelas estrofes do seu texto e achei a resposta que procurava:

“O mal não é espetacular e sempre humano, e divide nossa cama e come em nossa própria mesa.”

É possível que tenha interpretado as palavras do cara de topete engraçado de forma equivocada, mas para mim, Auden escreveu sobre o meu pai, mesmo sem conhecê-lo. Minha mãe e eu tínhamos a epítome do mal vivendo sob o mesmo teto, dividindo a mesa conosco.

Hoje esse mal se extinguiu.

Melhor tarde do que nunca, verme.

Não adiantou ele tentar fazer as pazes com minha mãe pela milésima vez. Deixou-a com um antebraço quebrado. Foi preso e levado para a cadeia. Fui com prazer visitá-lo e lhe dar a notícia que não estabeleceram fiança. Foi bom ver o desespero no seu rosto, a raiva. E quando seu esbravejo de indignação virou choro de medo, fiquei grato que aquela seria a última memória que teria do meu algoz. Um covarde. Um traidor.

“Vá com o diabo, capeta! Você não fará falta.” Uma pena eu não poder dizer isso em voz alta. Minha mãe está segurando minha mão, sua pegada tão firme, algo me diz que ela vai desmaiar a qualquer momento. Seu braço esquerdo está engessado. Foi o que ela usou para se proteger quando meu pai tentou partir a cabeça dela em duas com um ‘pé de cabra’. O desgraçado tentou matar a minha mãe. Espero que tenha um local mais quente e mais profundo que o inferno para ele.

Me pergunto o quão difícil deve ter sido para o padre Phillip para escrever um texto sobre as virtudes de um merda como meu pai. Duvido que tenha achado motivos para elogiá-lo como pai, marido, amigo e integrante da comunidade. Bom, ele está falando há pelo menos meia hora. Seja lá o que conseguiu juntar, está fazendo um bom trabalho. Preciso lembrar de fazer uma boa doação à igreja em breve. O esforço de padre Phillip merece ser compensado.

Há, também, bons atores na pequena multidão que participa do enterro. Ouço choros exagerados, soluços e rostos consternados. A única outra pessoa que não está sendo cínica de lamentar a morte de um canalha como meu pai é Liz. A forma como olha para o caixão que desce para dentro de sua cova neste momento é pura indiferença. Não vou me surpreender se ela cuspir na pá de terra que jogará no caixão quando chegar sua vez. Ela deve cuspir na minha cara também, quando passar por nossa família para oficializar as condolências.

Já faz tempo que nos falamos pela última vez. Tenho evitado vir à Avalon. Em parte por causa do meu novo negócio em Boston, e dar a ela e essa porcária de cidade um pouco de espaço. Ela também tem passado pouco tempo por aqui. Sua vida está muito concentrada em Nova York, aprendendo as dinâmicas do que é morar numa megalópole, pois agora que foi aceita no corpo profissional da companhia de balé, vai ter que se adaptar à vida de um novaiorquino.

Sua admissão no IAB foi tão importante que ela já está escalada para ser uma das bailarinas no ‘Quebra Nozes’, na celebração para as crianças na sede das Nações Unidas. Será a fada açucarada. Um personagem que ela sabe os passos de cor desde muito tempo. Vai tirar de letra.

São raros os dias que passa em Avalon. Acho que só volta mesmo por causa de minha mãe, sua mãe de criação. Ela não me disse nada disso, mas eu tenho meus meios de descobrir as coisas quando quero. Principalmente, sobre ela.

Sinto falta das nossas conversas. Sinto falta de ouvir sua voz, sua risada... Saber que está feliz e realizada já é o suficiente para mim. Nesses quase onze meses que não conversamos, ela parece ter crescido, amadurecido. No seu rosto e corpo, há poucos traços da garotinha bailarina que me seguia por todos os cantos. As linhas do rosto mais definidas, os lábios mais grossos. No seu corpo, as curvas substituem boa parte do que antes eram linhas retas, braços e pescoço longos, pernas finas e cumpridas. Ela ainda é pequena e delicada. Porém, você não encontra mais a garota com inocência pueril. Olho para meu cisne e vejo determinação, independência, dedicação... Só tenho razões para admirá-la ainda mais. A única decisão que tomou que me deixou extremamente decepcionado, foi ter aceitado o bosta do Ozzie de volta. É por causa dele que a gente não se fala mais. Ele contou a versão deturpada dele da história com Samara, e ela

acreditou. Preferiu – escolheu – acreditar nele, que sempre foi um idiota mentiroso, do que em mim. Mesmo após Samara ter ido atrás dela e lhe contado a verdadeira versão do acontecido, ainda assim, preferiu acreditar em Ozzie Gordon.

Talvez tenha sido melhor mesmo. Minha mãe comentou que Liz estava muito feliz toda vez que vinha visitá-la. Sorrindo muito. Pam acha que de todas as coisas boas que têm acontecido com Liz, a melhor foi eu não estar mais interferindo na vida dela. Ela deve ter razão.

Minha mãe sempre tem razão.

Nós nos olhamos mais cedo. Na verdade, peguei-a me olhando, e para não dar o braço a torcer que fazia isso sem eu perceber, continuou me encarando. A forma como me olhava era diferente, de tão intenso parecia passar pelo meu corpo. Entretanto, como em todas as nossas brigas silenciosas e disputa de encaradas, eu não desviei o olhar. Foi o canalha do Ozzie que a abraçou pelo pescoço e puxou-a para si, forçando-a a encostar a cabeça no seu peito enquanto todos rezavam uma das muitas rezas durante o enterro. A próxima vez que olhei na sua direção, era Ozzie que me encarava, e fez questão de me mostrar o dedo do meio. Tive que rir. Era patético termos chegado a esse ponto. A risada também foi uma forma de não levar a sério e não me irritar com a situação. É mais fácil lidar com algo quando se põe humor na mistura. Você mantém aquilo perto do peito, não deixa subir para a cabeça. Se não fizesse isso, iria até Ozzie, e teríamos dois enterros no mesmo dia. Padre Phillip teria que improvisar mais um discurso sobre outro babaca que não vale o ar que respira. Pobre Liz. Se tornaria viúva do cara que gosta tanto de dizer que é o homem da sua vida. Boa sorte para ela.



Samara Leighton mora no final de uma longa estrada de terra no bairro mais afastado do centro da cidade. Muitos achariam a localização como o último refúgio para um amante da natureza. Esses, certamente, não ficaram sabendo dos últimos acontecimentos.

A vegetação densa, que de dia transforma a casa num paraíso e de noite num lugar misterioso, quase assombrado, pouco tempo atrás escondia um monstro ardiloso e cruel. O nome dele: Zed Leighton-Myers.

Felizmente, ele não mora mais aqui. Isso fica bem claro quando faço a última curva da rua estreita, e ao invés de um depósito de objetos de metal e outras coisas inúteis, há um jardim com árvores frutíferas, arbustos e flores – muitas flores – em todos os lugares. Tudo plantado por membros da comunidade de Avalon após a história de vida de Samara vir à tona. A casa não é mais de um bege descorado, que Sammy apelidou de bege doente. Agora a casa de dois andares recém-pintada era amarela, a cor preferida de sua única moradora. paro o carro e puxo as três sacolas de papel de cima do banco do passageiro. A anfitriã do jantar que ela nem sabia que faria comigo já está de pé na porta, me olhando com cara de quem não gosta – mais – de visitas surpresa no meio da noite.

— O que você quer Sawyer? — puxa os lados do cardigan azul que usa e cruza os braços.

Com a luz da sala acesa bem atrás dela, seu rosto está na penumbra, entretanto, posso dizer que sua aparência também é bem mais saudável. Seu corpo preenche a calça jeans de forma saudável. Bem diferente da figura esquelética e frágil das últimas semanas antes de seu... acidente.

— Você costumava ser mais receptiva quando eu vinha te visitar, Sammy. — brinco, indo em sua direção.

— Não quero visitas à esta hora. Acabei de chegar do trabalho. Estou exausta e faminta. Preciso de banho, comida e cama. Por favor, vai embora, Sawyer. — sem cerimônias, ela entra e fecha a porta.

Depois de tanto tempo, não esperava uma reação muito diferente dela. Estou até surpreso que a única palavra que ela usou para indicar sua irritação comigo foi me chamar pelo meu sobrenome. Um ano atrás, esse seria a única palavra ‘limpa’ no seu discurso.

Subo rapidamente os dois degraus, cruzo a varanda e empurro a porta, para garantir que entraria antes que ela resolvesse me trancar para fora.

— Você disse faminta? — pergunto em voz alta, pois ela já está no final do corredor, indo na direção de seu quarto. — Bom saber. Trouxe jantar para dois. Vai tomar seu banho. Eu ponho a mesa.

A casa, do lado de dentro, também está diferente. Percebo alguns móveis novos, e o cheiro peculiar de cigarro e hamburger, que impregnava todos os cômodos e móveis, agora é um odor adocicado que lembra ‘casa limpa’.

Vou até a cozinha, impecavelmente organizada e coloco as sacolas em cima da mesa. Só vi ótimas mudanças até agora. Sei que Rico está mais presente na vida da irmã. É importante para Samara ter alguém em quem ela pode confiar. Por mais que nos tornemos bem próximos por certo período, ninguém substitui família.

Mesmo as coisas mais trágicas têm um lado bom, este foi definitivamente a aproximação de Samara e Rico. Mesmo assim, é difícil dizer que o que Zed fazia com Samara tinha algo bom. Era a mais pura crueldade. Mais um psicopata que não vejo a hora de estar, como meu pai, a sete palmos de todos, para nunca mais machucar ninguém.

— Ei, Sawyer. — Samara me chama do quarto. — Me diz o que você quer.

— Jantar com uma velha amiga. — respondo da cozinha, buscando pratos e talheres nos gabinetes e gavetas.

— Eu não vou transar com você! — ela grita, e eu sou forçado a rir. — Quero ficar bem longe de qualquer coisa que tenha um pênis por muito tempo! Principalmente se vier de Avalon!

Ela brinca, mas imagino que por dentro, esse comentário não tenha graça alguma. Samara foi uma criança rejeitada pelos pais e seus parentes. Passou muito tempo sendo jogada de um lugar para o outro como um pacote pesado e incômodo.

Na escola isso não era diferente. Carente de atenção por não conseguir achar coisas em comum com nenhum grupo acabou por se aproximar do único grupo que, por interesse, lhe aceitou: dos babacas populares do colegial. E foi ali. Bem ali, que Samara entendeu que para garantir que continuaria a pertencer à algum grupo, onde teria alguma 'proteção', precisaria acatar as expectativas deles. O mesmo tipo de chantagem que seu tio usava para tirar dela, desde tão pequena, o que queria. Sammy aprendeu desde cedo que as pessoas só topariam ficar se ela lhes desse o que queriam.

Quando Zed se ofereceu para morar com a sobrinha, todos adoraram a ideia. Não porque Zed era um cara decente. Eles simplesmente não aguentavam mais serem obrigados a passar longas temporadas com Samara.

Ninguém parecia se importar muito com Zed, ninguém pensou em considerar se ele tinha verdadeiras condições de cuidar de uma garota pré-adolescente. O resto da história, que só Samara pode contar, é a coisa mais

grotesca que alguém pode vivenciar, com crueldade e muita chantagem emocional e psicológica.

— O que você quer, Trist? — o cheiro de shampoo e banho fresco anunciou sua chegada antes de terminar sua pergunta.

— Já disse. É só um jantar, Sammy. E jogar um pouco de papo fora. Nada sobre o passado. Vamos discutir o futuro!

Com uma risada abafada, demonstrando sua desconfiança, ela circulou a mesa de quatro lugares e se sentou de frente pra mim. Cabelos loiros e cacheados, que descem húmidos até bem abaixo de seus ombros, fazem moldura a um rosto, agora, de aparência e cor bem mais saudáveis do que a última vez que nos vemos, na sua alta do hospital. Olhos acinzentados e grandes me olhando com um misto de curiosidade e desconfiança.

— Por que tá me olhando desse jeito, Sawyer? — leva uma das misturas até perto do nariz e inala seu aroma. — Já disse que não vou transar com você. Nem com você, nem com ninguém.

— Ninguém que tenha um pênis, você disse. Ainda pode transar com os outros quarenta e nove por cento da população mundial. — provoco-a.

Ela dá a língua pra mim ao mesmo tempo que me entrega um prato. — Comida indiana. — estala os lábios. — Nem me diga quantos quilômetros teve que rodar para fora de Avalon para achar um restaurante que venda esse tipo de comida.

— Sua preferida. — digo.

Ela sorri. — Uau, Trist, você se lembra.

Aquiesço.

— Antes que eu me esqueça, te ofereço minhas condolências, mas não sou hipócrita, estou feliz que Chuck se foi.

Mais uma vez, aquiesço.

— Agora, me diz, por que está sendo tão gentil? Pela milésima vez, eu não vou t...

— Quero que trabalhe comigo em Boston, Sammy. — digo, fingindo naturalidade.

Divido igualmente as porções de frango Tandoori, e o cheiro que sobe desperta meu apetite. Lembro-me que não me alimento desde que deixei Boston esta manhã para participar do enterro de Chuck.

Ela recebe o prato de minha mão, mas continua me encarando, esperando que eu ou complete a informação ou diga que é brincadeira.

— O que eu vou fazer em Boston? Além disso, estou muito feliz no meu emprego na pet shop. Eles me tratam com respeito lá. Não fazem perguntas inconvenientes sobre ... aquilo... Não quero sair de Avalon agora. Sei que o destino de todo mundo é cair fora daqui, mas pra mim não é tão simples. Mesmo com meu irmão ajudando, tenho pouco dinheiro para partir em aventuras assim...

— Não é uma aventura, Sammy. E dinheiro não é o problema. Ao contrário.

— Mas, não entendi. O que quer exatamente? Não me diga que é para... — ri da própria brincadeira.

Quanto a mim, estou falando sério demais, e ela precisa acreditar nisso.

— Estou abrindo um negócio novo. Uma espécie de consultoria de investimentos. Vai começar com um capital muito grande para circular. Preciso de alguém em quem confio para ser meu braço direito. Lembro de você na escola, sei o quanto é boa com números. Quero que trabalhe para mim.

— Sua oferta é muito interessante e tentadora, Trist. Obrigado por pensar em mim. Mas, não sei se ainda estou preparada para lidar com altos níveis de stress. Espero que entenda. A terapia está ajudando muito a manter meus monstros do passado, na coleira, mas não sei quanto tempo isso vai durar. Não quero te desapontar. Talvez numa outra oportunidade.

— Sammy, a oportunidade é agora. Não haverá outra. Eu preciso de você. Te ofereço salário compatível, moradia , transporte, e o que mais precisar.

— E de onde está vindo todo esse dinheiro, Tristan Sawyer?

— Uma herança que eu só poderia usufruir depois que completasse vinte e um anos.

— Do pai da Liz?

Sinalizo que sim e desvio o olhar.

— Por falar em Liz. Vocês não estão conversando, né?

— Não vim aqui falar sobre Liz. — minha reação automática é acompanhada da irritante lembrança de Ozzie Gordon abraçado a ela, como se fosse seu dono. Como se tivesse estado ao lado dela sempre que precisou. Como se depois de todos esses anos, e como um personagem descartável, eu tenha sido facilmente deixado de lado. Não posso deixar que isso tire meu foco do que vim fazer aqui.

— Vem para Boston comigo, Sammy.

— A resposta é não. Uma coisa, porém, me intriga: o que te faz achar que pode confiar em mim?

— Porque você confia em mim. Eu fui o primeiro a receber a ligação do hospital aquele dia.

— Foi a última pessoa com quem conversei. Foi por isso.

— Pode ser. Seu irmão Rico confia em mim. — pausa. — Não precisa responder agora. Pensa melhor, com calma. Vou te dar um emprego, com um salário compatível, além de um lugar para ficar. Uma vida nova. Uma que você realmente merece.

— A gente vai transar? — ela ri de nossa piada interna.

— Não faz parte da proposta. Mas, somos duas pessoas jovens, sãs, donas da própria vida. Se for algo que nós dois queremos. Por que não?

Ela ri novamente.

— Já fizemos muitas loucuras juntos, Trist. Principalmente na cama. É sério. A gente era bom juntos. Era o único cara que eu realmente torcia para vir aqui me fazer companhia. Você sempre me tratou com respeito. Se preocupou comigo. Me tratou como um ser humano de verdade. Não só como a garota que está sempre disposta a te fazer um boquete ou transar com você. Com você era o mais perto do que era transar com alguém que realmente se importa. Era divertido com você, menos humilhante. Você se satisfazia, mas garantia que eu também. Era muito fácil para mim me encontrar apaixonada por você. Por um bom tempo, eu fui. Mesmo sabendo que seu coração jamais seria meu. Ele sempre pertenceu à outra pessoa. Mesmo que você mesmo não queira admitir isso.

— Estou aqui para falar de Boston, Sammy.

— Falar sobre isso é falar sobre Boston.

— Definitivamente não.

— Definitivamente sim. Você disse que quer me levar para lá porque confia em mim. Mas eu guardo algo de você. Algo que pode mudar muita coisa na sua vida se souber. Ainda assim, eu guardei essa verdade para mim. E fiz isso por um motivo egoísta. Achei que se você soubesse a verdade, nunca mais ia querer me ver, me visitar... Você era a única pessoa... Eu não queria me sentir sozinha... O que eu fiz foi muito errado.

— Se é algo tão secreto assim, acho melhor continuar guardado com você.

— Ela...

— Sammy, seja lá o que está prestes a dizer, não diga.

— ... te ama. Tanto quanto você a ama. Eu sei que há vários obstáculos, Trist. É agonizante vê-los fazer isso um com o outro. Vocês estão se afastando. Vão ser duas pessoas vivendo vidas separadas e sofrendo pelas mesmas coisas, pela ausência do outro. O lugar de vocês é um com outro. Ela precisa de você tanto quanto precisa dela.

— Você não sabe do que está falando, Samara.

— Sei. E você também sabe.

Me levanto. Essa conversa já foi longe demais.

— Me manda uma resposta sobre Boston até a próxima sexta. Como disse, estou contando com você, Sammy.

— Tristan, não é com Ozzie que ela quer estar.

— Ela está melhor com ele!

Enfio a carteira e o celular nos bolsos da calça jeans e apresso o passo até a porta. Não quero ouvir mais nada. Já convivo com fantasmas o suficiente para querer mais uma ilusão estúpida na minha vida.

— Ela só estará melhor com você! — levo as mãos aos ouvidos para tampá-los. Não vou deixar Samara Leighton querer me dar lições sobre amor.

Cruzo a porta quase correndo até o carro. Ignoro o par de degraus entre a varanda e o caminho que me levará dali. Algo me diz que Samara virá atrás de mim, querendo continuar a conversa. Sei que dirá o nome 'dela'. Não quero ouvir que 'ela' me ama.

Para ser honesto, não me importo com quem me ama. É fácil lidar com quem insiste: você ignora suas demonstrações de afeto, eles se cansam e finalmente vão embora. O que me deixou irritado para caralho foi quando disse que eu 'a' amo. Eu não amo ninguém. Nem a mim mesmo. Talvez, nem minha mãe.

Perdi minha habilidade de saber realmente o que é amar alguém quando o merda do Chuck enfiou minha cabeça na privada por tê-lo visto dando uma bofetada na minha mãe. No dia do meu aniversário de oito anos.

É difícil saber amar quando tudo que aprendeu desde pequeno é a odiar. Samara sabe bem disso. Passou por coisas parecidas, até piores, que eu. Não é justo, aceitável, que ache que esse tipo de conversa seja agradável de ter.

Ira cresce dentro de mim. Sinto suas garras me arranhando, afinando a pele calejada ao redor do meu coração. Um desespero me toma,

condicionando meus pensamentos, controlando minhas ações. Me aproximo do meu carro, puxo a maçaneta, e só percebo o tamanho da força, da raiva, que empenhei para abrir a porta quando sou jogado para trás, forçado a ajustar meu equilíbrio. A revolta por aquela maldita ter escolhido justo esse momento para me antagonizar me fez arremessá-la de volta com toda força que tinha. Não satisfeito, a abri a porta só para repetir o gesto, e ter certeza de que aquela porcaria de metal não se atreveria a me desafiar nunca mais. Para garantir, fiz mais uma, e depois outra. O barulho estrondando nos meus ouvidos, o alarme do carro soando, as luzes do pisca alerta refletindo as gotas que brotam na minha testa e as que de forma incessante descem pela minha face.

Continuei punindo aquela maldita. Do mesmo jeito que deveria ter feito com Chuck Sawyer todas as vezes que machucou a mim ou a minha mãe; e com Zed Leighton-Myers, aquele pedófilo desgraçado. O som da porta se fechando com violência, ao mesmo tempo que atijava minha vontade de continuar punindo-a, também me acalmava.

É disso que sou feito: de ira, de força, de violência. Não há espaço dentro de mim para ser amado, muito menos amar alguém. Meu amor é um fardo pesado, impossível de ser carregado. Uma prisão perpétua com grades intransponíveis. Amar alguém para mim é anulá-lo, sufocá-lo, destruí-lo. Meu amor é morte. É fim.

Chuck Sawyer se foi. Sua malignidade, no entanto, já tinha me contaminado, penetrado minha pele, e se alojado – se escondido – em algum lugar por dentro. Tarde demais para mim, e para aqueles que me amam, pois jamais serão retribuídos.

— Tristan, para! — Ouço Sammy gritar ao mesmo tempo que sua mão me segura pelo antebraço. Não querendo machucá-la, solto a porta, que mesmo assim explode contra o carro.

— O que há de errado com você, Tristan? — Sammy me empurra.

Sua força sozinha não é capaz de me mover, mas a exaustão de repente chega, e eu deixo meu corpo cair para trás, até minhas costas descansarem contra o carro. Abaixo o tronco, mãos apoiadas nos joelhos, e tento retomar o fôlego. Meus braços doem, minha cabeça lateja, e uma fileira enorme de soluços começam a travar minha garganta. Para conseguir respirar, preciso expeli-los um por um. O esforço e a forma seca e dolorosa como saem por minha boca, arrancam lágrimas dos meus olhos. Aos

poucos, minhas pernas vão cedendo e eu termino de joelhos, mãos apoiadas na grama, cabeça baixa, expelindo soluços de raiva, de culpa e dor...

— Está tudo bem, Trist. Põe tudo para fora. — Samara se agacha e põe uma mão no meu ombro.

— Ela não pode me amar, Sammy. Não deve. O melhor lugar para ela é bem longe de mim. — soluço — Ele está em mim. — enxugo as lágrimas com a manga da jaqueta. — Não sou diferente dele. Não sei ser diferente dele.

— Você é muito melhor do que ele. — sinto suas mãos nos lados da minhas face, me pedindo para erguer a cabeça e olhá-la. Sem escolhas, é o que faço. Encontro olhos cheios de compaixão por mim. — Além do mais, ele se foi, Trist. Nunca mais vai machucar você ou sua mãe. — ela continua. — Ela está livre. Você também. Tem o direito de amar e ser amado. Tem o direito de amá-la e ser amado por ela.

— Você não entende, Sammy. — afasto suas mãos e me levanto.

— Entendo sim! — ela também se levanta e me segue até o carro. — Eu sou a única pessoa nesta cidade inteira que entende exatamente o que está passando, Tristan Sawyer. Eu também convivi com um monstro que tentou me roubar a capacidade de confiar, de acreditar, de amar... — a voz dela falha e algo no meu peito se contorce. — Não vou deixá-lo fazer isso comigo. Eu mereço ser amada, principalmente por mim mesma. E sei que um dia vou ser amada por alguém, vou ter uma família, vou ter filhos que tudo que receberão de mim será amor. Se eu consigo, você também consegue, Tristan Sawyer.

— Eu não consigo. Vou machucá-la.

— Vocês se conhecem há anos...

— Exatamente por isso. Conheço muito bem tudo que pode machucá-la. Merda, Sammy. Não sei por que estamos tendo essa merda de conversa. Eu preciso ir. Por favor, pense na proposta que fiz. Quero você, comigo, em Boston. — Abro a porta, que depois de tanto abuso, cedeu com uma sinfonia de barulhos.

— Tem certeza? — indaga ela, segurando meu braço, tentando me impedir de entrar no carro. — Por favor, fique, Trist. Não quero que dirija desse jeito.

— Boston, Sammy. Não se esqueça. — entro no carro e Sammy continua protestando a minha partida.

TRINTA GRAUS MAIS PRÓXIMO – PART 2

(15)

"Dois seres separados, em circunstâncias diferentes, frente a frente em liberdade e buscando a justificação de sua existência um através do outro, viverão sempre uma aventura cheia de riscos e promessas."

— Simone de Beauvoir, **O segundo sexo**



Sete anos e meio atrás

“Ela te ama.”

Não, Sammy. Ela não me ama. Ela ama uma versão de mim que não existe. Em parte, a culpa é minha. Na intenção de protegê-la criei uma realidade paralela para ela, onde todos são bons, e ninguém nunca vai lhe fazer mal.

Um grande erro. Liz aprendeu a só ver o lado bom das coisas e das pessoas. Uma ingenuidade que não faz muita diferença quando se é criança, mas não quando está prestes a completar 18. A realidade é muito mais dura. Se enxergasse, perceberia que Ozzie nunca vai ser o homem dos sonhos dela – como ela mesma afirmou –, e eu não mereço, nem devo ser o recebedor de seu amor. Nem por escolha, nem por mérito.

Entro no elevador e aperto o número para meu apartamento, um pequeno flat, quase no centro de Boston. É um pouco caro, mas a vista é

bonita e me ajuda a tirar da cabeça assuntos que não valem a pena. Como a voz de Sammy me dizendo que Liz me ama no ‘repeat’ desde que deixei Avalon quase três horas atrás.

Piso para fora com pressa, assim que o elevador para no meu andar. Preciso de um banho e o sossego de uma boa noite de sono...

Tenho que piscar múltiplas vezes quando avisto alguém no final do corredor. Na frente do meu apartamento. Como a personificação de pensamentos indesejados, Elizaveta Lebedeva está sentada no chão carpetado: pernas cruzadas, olhos e dedos totalmente dedicados a tela do seu celular.

Percebo que ainda não notou minha presença. Ainda posso dar meia volta e sair dali. Talvez dormir em um hotel até ela desistir de me esperar e ir embora. É o que eu deveria fazer. Só esqueci de avisar isso para as minhas pernas e pés, pois eles me conduziram diretamente a ela.

Com a cabeça baixa, foi seu cabelo – seu penteado – a primeira coisa que notei nela. Durante o enterro ela usava o capuz da jaqueta, mas agora posso ver que está com o penteado que mais gosto nela. Um que começa com duas tranças finas nos lados da cabeça, se encontram no meio formando uma bem maior, e cascadeia até abaixo dos seus ombros, mostrando os detalhes de seu enlaço intrincado. Ela também tem usado mais acessórios que o ‘normal’: brincos dourados grandes e muitas pulseiras. Tanto penduricalho, que cada movimento de suas mãos ou cabeça fazem, geram uma sinfonia de ‘blings’ de todos os tons. Suas roupas também mudaram. Estão mais justas, mais curtas. Como a camisa de mangas compridas cortada um pouco abaixo a linha de seu busto, e as saias pretas e curtíssimas. Sem esquecer das plataformas de dezenas de centímetros, que, agora que notou minha presença e se levantou, percebo que lhe deixa tão mais alta que não me lembro a última vez que o rosto dela esteve tão próximo do meu.

“Ela te ama.”

— Por favor, me diga que não veio dirigindo, de Avalon até aqui, aquela lata velha que não merece ser chamado de carro. — passo por ela, indo direto destrancar a porta.

Ela aperta os olhos, quase fechando-os, e enfia um envelope pardo na frente dos meus olhos, quase acertando meu nariz. — Por favor, não me diga que assinou essa porcária de papel, quebrando toda a confiança recíproca que construímos em dezessete anos!

Merda. Sei do que se trata. E, sim, assinei.

— Não assinei esse documento do mesmo jeito que você não veio para cá dirigindo um Toyota 1997.

Enfio a chave e giro duas vezes da forma mais firme e rápida possível. Entro, deixando aberta para Liz entrar, vou direto à cozinha. Abro a geladeira e busco algo para beber que seja forte e refrescante, que me ajudaria a ignorar as três palavras que brincavam de ciranda dentro da minha cabeça: Liz – Amor – Guardião Legal. Tudo bem, quatro palavras.

Sem muitas opções, pego a penúltima lata de cerveja do ‘pack’ e me viro, esperando pelo sermão de Liz. Que não vem. Largo a cerveja no balcão e volto para a sala. Vejo que Liz continua do lado de fora, braços cruzados na frente do peito e o envelope debaixo do braço.

— Você vai entrar ou não? — pergunto, já impaciente, pois sei que vamos discutir. Qualquer coisa que envolva dinheiro e o nome de seu pai sempre nos deixa em lados opostos em qualquer questão.

— Não preciso entrar se me prometer que segunda feira, sem falta, vai ligar para o advogado e pedir para cancelar esse papel que te torna meu guardião legal.

— Impossível. — digo, por que é a única verdade.

— Você precisa pelo menos tentar anulá-lo. Não pode fazer isso comigo.

— Não entendo o que está te deixando tão chateada.

Minha frase parece acender ainda mais o fogo dentro de seus olhos. Ela puxa o envelope, ergue-o na frente de si e começa a rasgá-lo em pequenos pedaços.

“Ela te ama.”

— Você é um idiota traidor. — Ela grita. Sua voz eco em ondas poderosas pelas paredes do corredor do meu andar. — Você é um traíra, controlador de merda. — emenda, ainda mais alto. — Espero que todos nesse prédio estejam ouvindo para saber que tipo de gente mora com vocês!

— Entre agora, Liz. Merda! — pego-a firme pelo braço, empurro-a para dentro e fecho a porta com um chute leve.

— Tira as porcarias das mãos de mim, seu idiota! — força o braço fora da minha pegada. O movimento fazendo fios do seu penteado trançado se soltarem e caírem nos seus olhos.

É o que faço imediatamente. Não deveria ter lhe dado sequer um pouco de atenção, agora ela já está conseguindo mexer com meus nervos.

“Ela te ama.”

Largo-a no foyer e caminho até a sala de estar. Ignorando sua presença, tiro os sapatos, deito-me no sofá e ligo a TV. Meus olhos estão na tela, mas minha atenção ainda é dela, que continua olhando para mim como se eu tivesse inventado a bomba-atômica, ou escolhido aquele fim para Leonardo di Caprio em Titanic.

Mesmo quando ouço seus passos na minha direção, finjo estar compenetrado com um programa que eu nem sei por certo do que se trata. Ela para no meio, na frente da TV. Felizmente, está montada na parede, no alto, e nem os saltos de sua plataforma conseguem ajudá-la a me atrapalhar.

“Ela te ama.”

Vendo que não conseguiu a atenção que queria, volta a me provocar:
— Lugar legal, numa área nobre da cidade. O aluguel deve ser uma fortuna. É isso que significa se tornar meu guardião legal? Que tem acesso a todo o dinheiro do meu pai e pode pagar por lugares legais como este? É isso que sou para você, Tristan? Apenas alguém que precisa manter sob controle para poder continuar aproveitando todos os benefícios que isso te traz?

“Ela te ama.”

— É isso que pensa de mim, Elizaveta?
— Não me chame por esse nome!
— Por todos esses anos, depois de tudo que passamos e encaramos juntos, foi a essa conclusão absurda que chegou? Que de todas as pessoas que já passaram por sua vida, justo eu seria pessoa que tiraria proveito seu? Eu nunca precisei ou usei um centavo da pensão de seu pai, mesmo sendo indiretamente responsável pelo pagamento.

“Ela te ama.”

A gravidade da acusação vai me alcançando aos poucos. Logo tenho uma real dimensão de como é grave o que acabou de dizer. Por isso, continuo:

— Você dirigiu por quase três horas, no dia que meu pai foi enterrado, para chegar aqui, na minha casa, e me acusar de ter feito coisas que eu nunca, sequer, considerei fazer mesmo se vivêssemos num mundo distópico paralelo.

“Ela te ama.”

— Você nunca me contou que tinha assinado aquela merda de papel. O que quer que eu pense, que agora, de forma conveniente, o advogado do

meu pai me entrega uma cópia, assinada por você, Tristan Sawyer!

— Veio até aqui apenas para me insultar. Se prestasse atenção, se pudesse ouvir o que está dizendo perceberia que é absurda essa acusação. Quem você acha que é? Cai fora daqui!

“Ela te ama.”

Estou gritando com ela. Eu nunca grito com ninguém. Talvez tenha gritado com o verme, que agora está a sete palmos.

Ela se cala. Seus lábios serrados e colados um no outro, como se tentasse controlar as palavras que podem sair lá de dentro. A Liz de Avalon estaria chorando agora. A Liz de Nova York, no entanto, parece atordoada, mas ficou firme. Bom para ela. Talvez, como Pam disse, minha ausência lhe fez muito bem. Está muito confortável nesse seu novo lugar. Finalmente, livre para ser o que quiser.

“Ela te ama.”

Eu deveria estar orgulhoso.

Eu estou.

De verdade.

Ela começa a caminhar rapidamente para a porta. O som de seus passos vindo junto com todos os outros ‘blings’ da Liz Novaiorquina.

“Ela te ama.”

Merda!

Começo a me mover e, graças aos meus passos largos, chego à porta junto com ela. Minha mão cobrindo a dela, que segura a maçaneta.

— Espera! — digo, sabendo que estou caindo em contradição.

— Preciso ir para casa. Para Nova York.

— Já são mais de nove da noite, Liz. Não posso te deixar dirigir aquele pedaço de metal enferrujado até lá. Sei que vou me arrepender de dizer isso, mas esta noite, você fica.

— Quero sair daqui. — força a maçaneta para baixo.

Uso a minha para puxá-la para cima.

— Me deixa sair daqui! — protesta. — Você acabou de me dizer para fazer isso.

“Ela te ama.”

— Eu não quero que vá embora. Quero que pare com essa palhaçada. Vai parar?

Ela força a maçaneta novamente. E mais uma vez. E de novo. Até estar usando a força do corpo inteiro para me vencer e abrir a porta.

Irritação aparente no seu rosto vermelho.

“Ela te ama.”

— Chega, Liz! — seguro-a pelos ombros. Olhos cinza escuros como tempestade me encaram. Seus lábios tremem, mesmo travados numa linha fina. Então, começa a tentar se livrar de mim.

“Ela te ama.”

— Por que está fazendo isso? — pergunto honestamente. — O que há de errado com você?

Samara me fez essa mesma pergunta poucas horas atrás.

“Ela te ama.”

— Não! — aponta para mim. — O que há de errado com você, Tristan? — me empurra e volta para a sala. — Fez suas escolhas. — vira-se, dedo em riste. — Deixou Avalon, deixou sua mãe, e a mim também. Escolheu não mais fazer parte da minha vida. Então, eu te imploro. Me deixa em paz de uma vez! Não tente me manter ligada a você enquanto entra e sai da minha vida quando e como quer. Não quero ser uma marionete que faz tudo do jeito que julga ser o melhor para mim. Você não sabe o que é melhor para mim!

“Ela te ama.”

Me aproximo, não só porque preciso que me escute. É que esse é meu lugar: perto dela

— Está completamente enganada, Liz. Está livre para ser e viver o que quiser. Não é isso que significa aquele papel. É apenas uma porra de burocracia inútil. Assinei esse papel anos atrás. Só tomou efeito agora porque meu pai morreu. Além disso, Chuck foi seu guardião por todos esses anos e você nunca reclamou daquele bosta ser a pessoa responsável por você. Por que está tão irritada com isso agora? Ele era seu primeiro guardião, eu me tornei o segundo na fila. Nada vai mudar.

— Tudo mudou! Tudo! Eu mudei, minha vida mudou, a cidade que moro mudou...

“Ela te ama.”

— Pensei que estava feliz por ter sido aceita no IAB. Animada por estar passando mais tempo com suas amigas de Nova York. Bem perto de viver a vida que sempre sonhou...

“Ela te ama.”

— E estou!

— Porra, Liz. Estou confuso. — reclamo, as meras oscilações na sua voz me fazem querer protegê-la. Tirar o que a aflige do seu caminho.

“Ela te ama.”

— Eu sinto sua falta. — ergue os braços, como se pedisse ajuda divina.

“Ela te ama.”

— As coisas ficam muito diferentes sem você por perto.

“Ela te ama.”

— Também sinto muito sua falta, Cygnet. — digo, porque é verdade. Pelo menos, parte dela.

“Ela te ama.”

— Não. Mas, não é desse jeito genérico de sentir falta. — suspira, impaciente.

“Ela te ama.”

— Eu tenho, de forma orgânica e implacável, sentido sua falta, besouro. — junta as mãos e as leva ao peito, ao lado do coração.

“Ela te ama.”

Algo começa a me puxar para ela e não sei como vou reagir quando estivermos perto um do outro.

“Ela te ama.”

— As coisas que mais desejei na vida estão acontecendo para mim. — diz, sua voz menos firme. — Mas, cada notícia boa que recebo, acaba perdendo parte de seu encanto porque nenhuma das pessoas com as quais eu divido essa grande alegria é você, besouro. — as lágrimas, por fim, aparecem.

“Ela te ama.”

— Queria que estivesse ao meu lado, Trist. Me abraçando e me dizendo o quão orgulhoso de mim você está. Porque suas palavras... — engasga com um soluço. — ...elas importam para mim.

Porém, são suas palavras que se expandem pela sala, preenchendo todo o vazio que existe aqui: esse momento de silêncio; o vazio da pequena distância entre nós, e o que existe dentro do meu peito.

“Ela te ama.”

— Você me conhece, Tristan Sawyer. Sabe o ritmo que meu coração bate. Sabe o quão importante essas pequenas vitórias são para mim. Não quero receber uma mensagem congratulatória curta e impessoal no meio da noite. Quero você ao meu lado... — dá um passo para frente e leva as mãos

ao meu rosto, exigindo que olhasse para ela. Por alguma razão, não consigo. Fixo minha atenção em seus lábios úmidos e trêmulos.

“Ela te ama.”

— ...Poder te abraçar, sentir seus braços ao meu redor, afundar meu rosto no seu peito, e saber que sempre estará lá comigo...

“Ela te ama.”

— Cygnet... — é tudo que consigo dizer. Ela me olha com expectativa, espera que eu continue. Não o faço. Sou covarde. Quero apenas ouvi-la escancarar seu coração para mim.

Não preciso pedir que continue.

“Ela te ama.”

Suas mãos vão para meu peito. — Esses dez meses têm sido o inferno na terra para mim. Nunca tinha ficado tanto tempo longe de você. — tenta enxugar as lágrimas, mas outras vêm.

“Ela te ama.”

— Você é importante para mim, Trist. A pessoa mais importante...

Dobro o corpo para frente, meu rosto descendo na direção do seu. Algo me faz rejeitar minha primeira intenção, e descanso a testa contra a sua. Estava prendendo o fôlego e só percebi quando ele começou a sair entre lábios e dentes cerrados num assobio baixo e agudo. Nosso olhar tão conectado...

“Ela te ama.”

— Minha vida é uma merda sem você nela, Trist. Não percebe?

Suas mãos voltam para meu rosto e seu toque me faz apertar os olhos e desejar que em todo mundo só existisse nós dois. Num mundo onde criamos a nossa própria história, sem traumas, sem medos, sem expectativas, apenas o momento. Este momento.

“Ela te ama.”

— Eu preciso de você, Trist.

O que está escrito no seu rosto lindo e vulnerável afaga a pele endurecida ao redor do meu coração, desacelerando-o, me tirando do estado de alerta, me trazendo uma sensação – pouco familiar – de paz.

“Ela te ama.”

— Eu te amo, besouro.

Sua confissão laça uma amarra forte que captura o que há dentro de mim, perdido, não lido, ignorado, e com um puxão firme os une, dando-lhes cor, forma e significado: amor.

“Ela te ama.”

Eu devo ter perdido a porra da cabeça porque estou beijando a boca da garota que eu prometi cuidar e proteger. Tenho ela presa entre meu corpo e a parede, e mesmo sabendo que o que faço é errado, não consigo parar...

“Ela te ama.”

Eu também a amo.

O QUE NOS MANTÉM AQUI (16)

"Seu intelecto pode estar confuso, mas suas emoções jamais mentirão para você."
— Roger Ebert



Atualmente

— Sente-se melhor? — Jerry se inclina para a frente na limosine e me oferece o copo d'água.

“Sobre o quê!?” era o que deveria ter perguntado de volta. Há muitas coisas fazendo me sentir péssima nas últimas semanas. Meu casamento de mentira, por exemplo. Ou o fato de estar com uma ‘jet-lag’ massiva por ter viajado de costa a costa em três horas, e perdido seis. Entretanto, sei que o que me incomoda é estar de volta à costa oeste. Mais precisamente, à Nova York. O lugar onde meu grande objetivo de vida cresceu e morreu.

Não posso punir Jerry por se preocupar comigo, mesmo sabendo que o faz por obrigação. Então, aceito o copo de plástico e tomo seu

conteúdo num longo gole. Espio pela janela da limosine e reconheço o caminho que fazemos. Estamos na vinte e um, indo em direção a avenida Leste, no máximo duas quadras do IAB. Sinto um gosto amargo de saudades de uma história que nunca foi...

— Diga ao motorista para irmos pela avenida Leste. — peço a Jerry.

Ele reluta em tirar os olhos da tela do celular, olha pela janela, identificando os arredores. — Sinto muito, senhora Sawyer. Não posso fazer isso. Estamos quarenta e cinco minutos atrás do que foi planejado. Há uma staff nos esperando no hotel...

— Motorista... — tento lembrar o nome que disse quando nos encontramos no aeroporto. — Stanley, por favor, pegue a avenida Leste.

O homem grisalho me olha com desconfiança pelo retrovisor. Sei que espera pela confirmação de Jerry.

— Só quero passar na frente da companhia de balé que frequentei anos atrás. Não vai demorar. É o mesmo caminho.

Jerry me encara, parece ponderar algo. Como se seus olhos tivessem um detector de mentiras. No fim, acho que passei no teste, pois ele olha para Stanley pelo espelho e com um mero aceno de cabeça autoriza a pequena mudança no itinerário.

A mistura de sentimentos: de rever minha antiga escola e lembrar tudo que passei e deixar de passar lá seca minha boca. Busquei a última gota de água dentro do copo que ainda segurava. Precisava de mais água. Não deu tempo de pedir. Viramos à direita após um semáforo, e os arredores do IAB me trouxeram as mais felizes das memórias. Ponho o copo no console e levo as mãos à boca, surpresa de que muita coisa ali não mudou em tantos anos. Conseguia me ver andando por aquelas calçadas, mochila nas costas, conversando com minhas amigas, esperando o sinal fechar para atravessarmos a rua na frente de nossa cafeteria preferida. O ponto de encontro do pessoal do balé. Lá não havia hierarquia; professores, veteranos, calouros e os alunos aspirantes sentavam-se juntos nas mesas, sempre lotadas. Este era meu universo, dentro e fora do IAB. Eu amava balé, respirava e sobrevivia dele.

Suspiro alto de saudades quando passamos pela entrada principal do Instituto. Lá estava ele, do outro lado da larga avenida, um prédio antiquíssimo, histórico e que se estende por todo o quarteirão. Viro meu corpo totalmente para a janela, agarrando o descanso de braço da porta. Tento baixar o vidro. Mesmo apertando diversos botões ele não desce.

Lanço um olhar proporcionalmente ameaçador e suplicante ao chefe da segurança.

— Pare, por favor, Stanley. — ele diz, para minha surpresa. — e destrave as portas. Vou descer com a senhora Sawyer.

Sorrio e lhe digo um obrigada silencioso, ao qual, mais uma vez, ele retribui apenas com seu usual aceno de cabeça.

A limosine desliza lentamente até parar próximo a faixa de pedestres a qual atravessava várias vezes por dia.

— Eu abro a porta. — não sei se disse isso a mim ou a Stanley. De qualquer forma, espero por ele para sair.

Um outro carro para na nossa frente, estilo SUV. Jerry caminha até ele, troca algumas palavras com os ocupantes, e dois integrantes do exército do MIB saem de dentro. Só então, na companhia de ‘seus homens’ Jerry me deixou sair.

— Temos cinco minutos, senhora Sawyer — disse com voz postada e firme. Algo me diz que o fato dos outros homens estarem tão perto, ele precisava manter ‘a pose’.

— Não vou demorar. Prometo. — cochicho quando me oferece a mão como ajuda para sair do carro.

O sinal para pedestres está aberto. Apresso o passo para ter tempo de atravessar os dois lados da larga avenida. Sou seguida, em fila indiana, por Jerry e seus auxiliares, numa inusitada paródia da capa de Abbey Road.

Sou tomada por uma nostalgia que não me traz lamento, mas orgulho. Encaro a fachada majestosa e imponente, que parece ter sido tirada de algum filme hollywoodiano da década de 1920, tipo a mansão do ‘Grande Gatsby’: “uma imitação fiel de algum ‘hotel de ville’ na Normandia”. A fachada de blocos cinza rústicos, com janelas cheias de ângulos acentuados, ladeados por colchetes artesanais e encimadas por frontões fechados. Uma mistura de clássica de arquitetura e engenharia. Uma obra de arte. Essa é a razão de ter tantos turistas tirando fotos por ali. Impossível ignorar tanta beleza. Magnífico mesmo, no entanto, era poder estar lá dentro.

Dou mais alguns passos, e suspiro. — Eu fui muito feliz aqui, Jerry. — digo, ao percebê-lo ao meu lado.

— É um lugar muito bonito, Liz. — usa meu primeiro nome, finalmente.

Queria mesmo era poder entrar, participar de um ensaio ou aula. Sei que não é possível. Seria quase impossível para mim dançar em nível profissional com tantas limitações que tenho agora.

Jerry limpa a garganta e sei o que vai dizer.

— Temos que ir, Liz. — seu tom estranhamente ameno.

Prengo os lábios e aquiesço. — Muito obrigada por isso, Jerry. — bato a mão de leve no seu braço, estranhando o quão rígido aquela parte é.

— De nada, Liz.

Rio da nossa recém-descoberta intimidade.

— Você é solteiro, Jerry?

Ele não demonstra surpresa, mas percebi a breve vacilada no seu passo.

— Tô perguntando por uma amiga. — pisco.

Ele limpou a garganta e percebi como um leve rubor surgiu no seu rosto.

Laylah ficaria feliz em saber.

— Liz?! — o meu nome em forma de pergunta veio de uma garota que vinha na direção oposta à minha e usa um coque no topo da cabeça.

Coque de bailarina.

Seu sorriso largo e olhos enormes e arredondados, cor de âmbar, me fizeram lembrar de uma colega de turma. Aquela que traçava uma linda carreira no IAB em pouco tempo: Isabella Maksim.

— Isa!

Para desespero de Jerry nos cumprimentamos ali mesmo, no meio da faixa de pedestres, com o sinal verde piscando seus últimos segundos para nós.

Somos obrigadas a apressar o passo. Escolhemos o caminho mais curto, e volto para frente do IAB.

Tento, ao máximo, disfarçar meu mancar.

Recebi visitas de colegas e professores do IAB no hospital, mas não sei se a gravidade dele foi mencionada. Agora não seria a melhor hora para falar disso.

— Ainda não acredito que é você, Liz! — volta a me abraçar. — Me conta tudo! Quero saber tudo! — diz, revezando entre me olhar e me abraçar. Na minha visão periférica percebo Jerry indicando para Stanley para deste lado da rua.

Sei que não posso ficar.

— Isa me dá seu número. – puxo o celular do bolso da minha jaqueta. — Eu preciso ir.

— Estará aqui amanhã? Faremos uma apresentação gratuita no Central Park. Toda a nossa turma estará lá. Eles vão adorar te ver. Não vão acreditar que está... sabe...

— Viva! — completo para encurtar o momento constrangedor.

Quando meu comboio para ao meu lado, já havia me despedido de Isa.

— Por favor, senhora Sawyer — Jerry diz, voltando ao modo neutro e formal.

O resto do caminho eu esqueço tudo que me irrita. Tristan, o cansaço, o jatinho particular que me deixou enjoada de tanta turbulência... Isa não sabe, mas salvou meu dia.*



A varanda da suíte me lembrou muito o solário da casa em Seattle. Tudo é de vidro, feito para se apreciar a vista. Mergulhar nela. Aqui, no entanto, ao invés da imensidão verde, há uma selva de prédios, torres e arranha-céus. Ainda assim, de tirar o fôlego. É até estranho sentir tranquilidade ao olhar um horizonte tão caótico, porém meu corpo relaxou de uma forma que não fazia há algum tempo; e me rendeu um longo cochilo na poltrona absurdamente confortável. O céu já se pintava de um laranja intenso quando finalmente acordei.

A falta de condições financeiras sempre me ajudou a não querer voltar para costa oeste. Estava sempre dividida em me afastar de tudo e de todos e voltar algum dia para rever aqueles que valem a pena – como minhas amigas do balé. Encontrar Isa me mostrou que não posso jogar toda a minha história no lixo, nem tudo é sofrimento, decepção, desilusão. Muitas pessoas, a maioria delas, que encontrei no caminho, foram boas para mim. É nisso que preciso focar para conseguir sentir orgulho de mim mesma, aprender que sou forte, que posso fazer minhas escolhas, certas ou erradas, mas minhas escolhas. Como a que faço neste exato momento: amanhã estarei no Central Park para ver a apresentação do meus amigos. Ninguém vai me impedir.

Por falar em ‘ninguém’, nem sinal de Tristan.

Quis perguntar a Jerry sobre a razão de sua ausência, mas depois de ver a foto dele com Samara Leighton, prefiro não saber de nada que Tristan Sawyer faz longe de casa. Meu único interesse seria conseguir provar uma traição para anular esse casamento. A grande questão é se o todo poderoso Tristan Sawyer, ‘senhor de todos os números e investimentos’, seria tolo de se deixar ser pego num escândalo como o que seria este.

— Senhora Sawyer — Jerry surge na porta da varanda como se invocado pelos meus pensamentos. — A senhora Stevens, erm... sua sogra...

O nome não me é familiar, mas só uma pessoa no mundo pode ser minha sogra, então fica fácil saber de quem se trata. Espicho o pescoço e vejo a mulher elegante vindo em nossa direção.

— Pam! — pulo da poltrona cobrindo a pequena distância entre nós em passos apressados, e me jogo em seus braços. — É você mesmo?

Rimos, embrenhadas num abraço apertado que cessa a nossa distância que não pode ser medida em metros, mas em tempo – sete anos .

Acomodo-me na doçura daquele abraço, no seu cheiro tão familiar e acolhedor, de repente tão feliz por ver a minha mãe de criação, que me ensinou o que era o amor de mãe; inundada por um sentimento que fez as lágrimas brotarem em meus olhos.

— Deixa eu olhar a minha nora linda. — ela desfaz o abraço, me segurando pelos ombros e me olhando dos pés à cabeça. — Sim, sou mesma, Pamela Stevens. — enfatiza o Stevens. — E esta mulher linda aqui é você!

Seu visual está diferente, de cabelos curtíssimos e platinados, e usando roupas elegantes e caras. Pouco lembra a mulher sofrida que convivia com um marido abusador. A ausência de Chuck foi o que precisava para dar a sua ‘volta por cima’.

Nos abraçamos mais uma vez.

— Você é minha nora agora. Quem poderia imaginar que vocês dois, que sempre foram a sombra um do outro, terminariam juntos? — ironiza.

Meu casamento é cheio de piores partes, porém acho que nada supera o fato que terei que mentir, por muito tempo, para as pessoas que eu gosto.

— Obrigada por não desistir do meu filho, Liz. É muito importante para mim saber que mesmo na minha falta ele terá um porto seguro; alguém

para acolhê-lo. — me aperta ainda mais no seu abraço. — Foi isso que ele tentou ser para você também.

— E conseguiu. — respondo, sabendo até um certo momento de nossas vidas, era a mais pura e cristalina verdade.

— Sim, ele conseguiu. — se afasta, mas continua segurando minhas mãos. Seus olhos marejam e meu estômago embrulha por estar mentindo para ela. — Preciso saber cada detalhe do reencontro de vocês. — pisca rapidamente para se livrar da emoção do momento e volta ao tom animado. — Imagina o que o destino deve ter aprontado para vocês dois, morando em costas diferentes do país, se reencontrarem e finalmente admitirem o amor um pelo outro.

Ah, Pam, você não faz ideia...

Felizmente, ela me interrompe; a história fantasiosa do meu reencontro com Tristan, sobre o qual nunca imaginei precisar contar a alguém, foi adiada.

— Uma pena que não poderei ficar mais. — me surpreende com a notícia. — Tristan disse que você precisa descansar. Eu entendo. Viajar de costa a costa é muito cansativo mesmo. Mas, precisava muito te ver antes do evento. Espero que possamos passar um tempo juntas amanhã. Você precisa conhecer o Roger, meu namorado. Sei que é estranho falar namorado. Uma mulher da minha idade.

— Você merece toda a felicidade, tia Pam. Que encontre um cara legal, que faça tudo valer a pena.

— Roger está sendo exatamente isso, minha querida. Ele é muito especial, e me faz muito feliz. Vai ser muito importante que você o conheça e ele finalmente encontre em pessoa a mulher linda de quem eu sempre falo.

— Claro, Pam! — a sugestão não poderia ser mais conveniente, pois preciso muito de um motivo para ir ao Central Park amanhã. — Podemos dar uma volta na cidade. Nova York é tão interessante!

Ela sorri e me abraça mais uma vez, antes de sumir porta afora. Ao mesmo tempo, Jerry reaparece, seguido de um 'entourage'. Mulheres com o uniforme do hotel, segurando malas dos mais variados tipos. A mulher jovem, de cabelos negros e sorriso simpático, ao lado de Jerry, segurava três sacolas – duas grandes e uma bem menor.

— Senhora Sawyer, esta é Zelda May e sua equipe. Vão ajudar com a preparação para o evento desta noite.

Assenti e sorri, no automático. Havia me esquecido da minha real razão para estar em Nova York. Mesmo não recebendo nenhum detalhe, tudo indica que a presença de Tristan tem menos a ver com o objetivo do evento e, mais com quem estará nele. Em outras palavras: negócios.

Sou convidada a seguir ao quarto gigantesco da proporcionalmente gigantesca suíte presidencial da Spring Tower, cuja diária deve custar, chutando baixo, o que eu ganharia nos próximos dez meses – sem a ajuda do meu ‘patrocinador’.

Nem naqueles devaneios românticos de criança, em que se sonha que é uma princesa cheia de mimos – um ‘empregado’ que escovas seus dentes para você, outro que prepara o mesmo ovo dezenas de vezes para ter certeza que pelo menos um está ao seu gosto –, eu imaginaria que seria tocada por tantas mãos ao mesmo tempo.

Pude tomar meu banho e lavar meu cabelo tranquilamente e com privacidade, mas do momento que pisei fora do banheiro, vestindo o meu roupão, sofri uma ‘ofensiva’ de Zelda May e seu grupo. Mãos puxadas para um lado, pés para outro, cabelo e cabeça para todas as direções. Conversas paralelas, as vezes nem direcionadas a mim preenchiam os espaços. Me esforcei para acompanhar tudo. Estranhamente, o que parecia um exercício corporal exaustivo, acabou me relaxando. Principalmente, quando vez ou outra, uma taça de champagne surgia na frente do meu rosto, e eu era encorajada a tomá-la por uma ‘torcida’. No final, já sabia o nome de todas as ‘meninas’, um pouco sobre a vida pessoal de cada uma, e fiz declarações de amor e respeito por suas profissões, além de prometer que um dia quero levá-las todas para trabalharem exclusivamente para mim em Seattle. Só não posso afirmar se quem disse todos esses absurdos foi minha sã consciência ou o champagne na minha corrente sanguínea.

Quando chegou a bendita hora de pôr o vestido, dispensei a ajuda de Zelda May e suas Zeldettes. As convenci a descansarem nas muitas poltronas e sofás daquele quarto, que muito bem poderia ser um salão de beleza chique de Manhattan, e levei uma das sacolas comigo – a que Zelda, um pouco a contragosto, me entregou.

A peça não poderia ser mais simples. Um vestido tubinho, que se estendia até pouquíssimos centímetros abaixo da minha cicatriz na perna. De cor discreta – um bege escuro, quase um ‘nude’ – sua caída em meu corpo me deixou satisfeita por enfatizar minhas curvas normalmente discretas.

Pisei para fora do banheiro e fui recebida por uma onda de sons misturando ‘uau’, ‘nossa’ e outros elogios. Entretanto, precisava ser honesta. Um detalhe me incomodava muito. O corte que expunha meus ombros, também expunha a minha pior cicatriz. Tive que ser honesta:

— O vestido é lindo, mas não me sinto muito confortável nele. — Não precisei me alongar. A marca horrível no meu ombro é autoexplicativa.

— A senhora Sawyer esqueceu da outra parte do vestido. — uma delas diz, ansiosa pela revelação de algo que parecia ser uma boa surpresa.

— Isso mesmo! — Zelda se aproxima com algo na mão, que retirara da outra sacola grande. Me conduz até a frente do espelho de corpo inteiro perto da cama, me faz ficar de frente para ele e no próximo momento está cobrindo meus ombros com um robe – uma sobreposição ao vestido – de tule que me cobre do pescoço até os calcanhares.

Sou tomada por um alívio indescritível quando o visto e posso notas todos os seus delicados detalhes. Como os pontos de cristais presos aos tecido, formando estrelas estilizadas; no meu caso, disfarçando o que eu não queria expor. As mangas são compridas e cheias. Sem botões, o que mantém seus lados presos, é o lindo cinto, também cravejado de cristais. Gosto muito do que vejo agora.

— Maravilhoso! — Zelda May soa orgulhosa de sua criação. — Agora, o toque final. — gesticula para uma de suas assistentes que se aproxima com a última sacola, a menor e me entrega.

A primeira coisa a ser notada na pequena sacola vermelha é o logo da joalheria. Todas ficam em silêncio, ansiosamente esperando pela revelação da surpresa que a sacola guarda. A pressão silenciosa me faz enfiar a mão dentro e puxar uma pequena caixa da mesma cor, mas leve e de veludo. Presa nela, um pequeno cartão.

— Conta para a gente o que diz no cartão, Senhora Sawyer. — ouço alguém dizer.

Sorrio, sem graça. Talvez nossa amizade momentânea tenha criado intimidade demais. Agora, era tarde. Não poderia deixar de lê-lo, apesar de saber que nada ali era sincero, de verdade.

— “Por favor, use-os esta noite. Estou contando os minutos para te ver. Com amor, seu marido Tristan.”

Aquelas palavras deixaram minha boca com um gosto amargo e meu peito vazio. Preensei os lábios e sorri sem muito entusiasmo, mesmo minha

torcida suspirando de admiração pelo meu marido apaixonado, o meu casamento perfeito e o nosso amor incondicional.

Sabendo que a plateia queria que o ‘presente’ fosse revelado, coloquei o cartão de volta na sacola e jogando-a na cama, foquei minha atenção no objeto macio e de adornos dourados. Abri o feixo que se soltou com um clique delicado e as duas partes se separaram revelando o conteúdo. A joia, de brilho ofuscante, era um lindo par de brincos em formato de cisne. Contas de diamantes, safiras e rubis dão cor, forma e leveza às pequenas peças.

— Um clássico Sarcowisky. — Zelda cochicha. — Deixe-me ajudá-la.

Segura a caixa, e eu retiro um dos brincos e prendo-o na minha orelha direita. A plateia volta a suspirar.

— É lindo. — encaro o pequeno pássaro delicado adornando minha orelha, suas asas subindo pelo meu lóbulo, enquanto uma corrente dourada finíssima desce até perto dos meu ombro.

— Deve ter custado uma fortuna. — uma voz cochicha, e é silenciada com um ‘chio’.

— Uma fortuna. — outra completa, menos preocupada se será ouvida. — Chuto uns 30 mil.

— Menina, aquilo é um Sarcowisky. Chuto uns 40 mil cada peça...

— Queridas. — Zelda vira-se para seu contingente. — Não acredito que a senhora Sawyer esteja tão encantada pelos brincos por causa do valor, e sim porque foi um lindo presente de seu marido. Desculpe-me pela falta de modos das garotas, Senhora Sawyer. — diz em voz alta e cala a todas.

Termino de pôr o outro brinco e dou um passo para trás, para apreciar o conjunto. Não posso evitar pensar que há quase cem mil pendurados nas minhas orelhas. Ainda não me acostumei com essa ideia de que Tristan é um jovem milionário e poderoso, que tem seu próprio jatinho, dezenas de carros de luxo, casas em ambas as costas, e precisa de tanta segurança para fazer as coisas mais simples como se deslocar de um lugar ao outro.



— Jerry? — Olho-o pelo reflexo nas portas metálicas do elevador. — Eu ainda não entendi. Você vai me levar ao evento?

— Tecnicamente, sim. — dá de ombros. — Mas, se estiver perguntando sobre o seu marido. Ele nos aguarda no saguão do hotel.

Olhos o painel apontando os números em ordem decrescente e a ansiedade, que se manteve calada boa parte do dia, volta como a desnecessária sequência daquele filme de muito sucesso, feito para ser único: um mix de curiosidade e a certeza de que não vai ser tão bom assim.

— Como estou? — dou uma leve cotovelada em Jerry, forçando-o a olhar para mim pelo reflexo. Sinto-o tensionar todo o corpo.

— Está ... ótima. — ele diz com olhar grudado no painel de led.

— Seja sincero, Jerry. Você sequer me olhou. — protesto.

— Está... — finalmente baixa os olhos para meu reflexo, por um milésimo de segundo. — ...radiante. — completa, desconfortável.

— Radiante... — repito, como se nunca tivesse ouvido aquela palavra antes.

— Radiante. — ele confirma, agora com a voz mais firme, certo de sua opinião; um sorriso estica seus lábios.

— Obrigada, Jerry. — viro-me para ele e levo as mãos à sua gravata. Finjo acertar o nó. — Você fica bem com essa cor, cinza. — brinco, sabendo que estou o torturando com minha invasão de seu espaço. Gosto de brincar com sua postura de certinho. — Aquele pretinho básico está bem 'out' hoje em dia, viu?

Continuamos com as piadas e os trocadilhos até as portas do elevador se abrirem para o luxuoso saguão da Spring Tower. A decoração é requintada, dourada e alva do mais puro mármore. Nada, porém, me deixou mais admirada do que a beleza do homem parado, de braços cruzados e jeito impaciente, a poucos passos da saída do elevador.

Tristan Sawyer estava completamente, absolutamente maravilhoso.

Delicioso.

O terno de três peças estava de volta, com relógio de bolso e tudo mais. Sua barba, antes rala e espalhada, agora preenche toda a parte baixa e as laterais de seu rosto, cheia, encorpada, destacando o seu novo corte de cabelo, quase raspado dos lados e mais longo na parte de cima.

Sei que não são pensamentos que se deve ter do homem que te abduziu e enclausurou. Só não conseguia negar o óbvio. Algo em mim, por menor que seja, sempre vai pertencer a Tristan Sawyer. E era essa parte,

apenas ela, que admirava o homem de postura altiva e misterioso que nos olhava.

Em uníssonos, Jerry e eu retomamos a postura e caminhamos até ele. Ele sequer me olha. Puxa Jerry para o lado e os dois vão se afastando de mim.

Sem muito o que fazer desço os poucos degraus que separam a área do elevador do saguão em si, e tomo uma das poltronas. Usando saltos – o que não faço há muitos anos – preciso poupar meu corpo do esforço extra que hoje em dia preciso fazer para conseguir me equilibrar neles. Olho ao meu redor. Pelo dia e horário, imaginava que haveria um entra e sai frenético de pessoas se preparando para aproveitar uma noite do começo do fim de semana. Se bem que se você é tão rico, dia de semana e fins de semana são iguais. Você não precisa se prender às correntes da carga horária semanal obrigatória. Sua existência vai além do tempo de vida que dedica a transformar produtos e serviços em dinheiro para as pessoas que frequentam lugares assim.

Este não é meu lugar.

— Quanto tempo antes que comecem a te incomodar?

Estico o pescoço o máximo para ajudar meus olhos a encontrarem o rosto de Tristan lá no alto de seus um metro e oitenta e muitos, da minha posição sentada. Quando eles finalmente chegam, ele aponta com o queixo para meus pés.

— Umas duas horas, talvez.

— Ótimo. É o tempo que preciso para conversar com duas pessoas importantes, e podemos cair fora de lá. — me estende a mão para ajudar-me a levantar.

Assim que me ponho de pé ao seu lado, ele engancha meu braço ao redor de seu cotovelo e começamos a caminhar para fora do hotel. Vários funcionários do hotel passam por nós e o cumprimentam com respeito, chamando-o de Senhor Sawyer, nos desejando uma noite agradável. Ele retribui a todos com um aceno de cabeça e algo muito perto do que poderia ser um sorriso.

Ao sairmos na calçada, há dois carros na porta. O de trás eu reconheço como o que fez minha escolta esta manhã. O da frente, do qual Jerry sai, se aproxima e entrega as chaves a Tristan, é esportivo e diferente de todos os outros que ele tem em Seattle. O concierge, pedindo licença, caminha até a porta do carro e a abre, Tristan me ajuda a entrar. Ele então

circula o carro e desliza atrás do volante, colocando-o em movimento em seguida.

O carro cruza a cidade num ronco poderoso, mas domado. Senão por isso estaríamos mergulhados no mais puro silêncio. Essa indiferença dele me incomoda um pouco. Talvez por ter levado a sério demais aquela porcaria de bilhete. Levo minha atenção para fora, mas nem essa vista é interessante, uma vez que tudo que temos a frente é muitos carros, muito trânsito.

Num gesto inesperado, sinto a mão de Tristan sobre a minha, que repousava tensa – com punho cerrado e contraída – perto do meu joelho esquerdo. Sem querer demonstrar a surpresa, viro o rosto devagar, e baixo os olhos para onde sua mão está, depois ergo-os para ele. Seus olhos estão no caminho. Mesmo assim, leva minha mão aos lábios – me fazendo me aproximar mais dele – e beija sua palma por mais tempo que eu consideraria necessário. Até ali eu não imaginaria que havia uma ligação tão direta entre a palma da minha mão e outras terminações nervosas bem específicas no meu corpo.

Porcaria de corpo, se ao menos ele obedecesse a minha cabeça ao invés do meu coração estúpido e meus hormônios revoltados.

Tento, da forma menos desesperada possível, tirar minha mão dali. Na segunda tentativa ele a solta. Como uma boba, levo a mão aberta e a descanso no meu colo, palma para cima, olhando-a com curiosidade, me certificando que o fio elétrico que percorreu do encontro dos lábios de Tristan com minha pele não deixou qualquer marca.

— Você está linda. — diz, tirando os olhos do tráfego por um momento.

— Obrigada. É como toda essa produção que me fizeram me faz sentir-me, também.

Minha falsa modéstia parece agradá-lo. Ganho mais um beijo na palma da mão. Desta vez, antes de eu começar a protestar ele a solta.

— Obrigada por eles. — toco um dos brincos. — São maravilhosos.

Ele apenas assentiu. E de repente voltamos ao nosso silêncio estranho.

PERDAS E DANOS (17)

“É preciso sempre esperar até que o açúcar derreta, a memória morra, a ferida cicatrize, o sol se ponha, a infelicidade desapareça.”

— Simone de Beauvoir, **A Mulher Destruída**



Atualmente

“The Flanagans Hall” já foi ironicamente chamado de sala de estar de Anne Marie Flanagan, a socialite – ou alteza – dos ricos e famosos de Nova York e adjacências. Herdeira de um dos pioneiros do petróleo americano, foi amiga íntima de Andy Warhol e namorada de Bob Dylan. Com sua morte, e sem herdeiros diretos, o espólio familiar foi transformado numa casa de eventos, uma das mais famosas do mundo, por abrigar desde uma apresentação de ópera, passando pelas premiações nacionais e internacionais de cinema, teatro e televisão, até desfiles da Nova York fashion week; ou este evento ainda misterioso para mim, do qual eu e Tristan nos aproximamos.

Notei que cada metro coberto pelo carro de Tristan em direção ao evento, mais tensão via nos seus braços e maxilar. Aos poucos, a mancha

escura de corpos se movimentando na frente do prédio vai tomando forma. Há um cordão preto e amarelo isolando os curiosos dos convidados. Para passar por tal cordão há uma fila enorme de carros. Não sei exatamente o que significa para Tristan, mas o deixa profundamente irritado.

— Merda, Jerry! — ele xinga, mas sua voz está incrivelmente contida. — Eu disse que precisava de uma entrada tranquila. Vocês me jogaram no meio da merda da entrada que a mídia está cobrindo.

Olho para fora e confirmo o que Tristan descreve. Há, pelo menos, uma dúzia de canais de TV por ali, além de muitas outras dezenas de fotógrafos e paparazzi.

— Chefe, estamos tentando. — a voz de Jerry estronda pelos autofalantes do carro. — Eles fizeram a alteração de última hora, aparentemente por exigência da segurança da Secretária de Estado, que vai participar do evento.

— Dane-se a Secretária de Estado. Não é o dinheiro dela que sustenta esses políticos de merda. Não quero nenhum microfone ou câmera empurrada contra meu rosto ou de Elizabeth! Conserte isso! Agora!

Não posso julgar o esforço de Jerry. Conhecendo-o, apesar da pouca convivência, sei que está tentando, porém se o que Tristan não queria era o assédio de fotógrafos, já era tarde demais. Os poucos metros que nos restavam até uma das entradas para o evento, foram percorridos lentamente e iluminados por um canhão contínuo de flashes. Tive que desviar o olhar da janela.

— Você está bem, Cygnet? — me perguntou com a voz genuinamente preocupada.

Olhei-o e assenti. — E você? — perguntei, mesmo sabendo a resposta pelo incômodo estampado no seu rosto.

— Vou ficar quando conseguirmos nos livrar desses abutres.

Ao finalmente chegarmos à entrada, nosso carro é cercado por mais fotógrafos, os flashes, agora tão perto, iluminavam tudo do lado de dentro do carro. A frustração só crescia em Tristan.

— Mantenha-se perto de mim. Não solte do meu braço. Não responda quaisquer perguntas. Apenas sorria e vire o rosto na direção que chamarem por alguns segundos, depois volte a me olhar. Vou tentar fazer nosso caminho até o prédio a mais rápida possível.

Ele sai do carro e entrega a chave para um homem de terno. Circula o carro pela frente, mas um dos concierges da festa já abriu a porta para

mim. Vejo meu marido de mentira usar seu tamanho para me alcançar e se pôr ao meu lado assim que desço do carro. Os primeiros segundos de nossa chegada fazem a noite ficar dia. Como Tristan previu, há muitos gritos para nos virarmos para essa ou aquela direção. O que ele faz pacientemente, mas sempre dando um passo ou dois para frente no tapete vermelho escuro.

— Tudo bem? — ele pergunta quando nos olhamos pela décima – ou será vigésima – vez. Me oferece um sorriso que sei bem não ser para mim e sim para as fotos que tiram da gente.

Também sei jogar esse jogo de faz-de-conta, mesmo à revelia.

— Sim. Está tudo bem. — devolvo o sorriso de mentira.

Como um enviado dos céus, um dos anfitriões da festa nos encontra e, trocando algumas palavras – que eu não consegui ouvir – com Tristan, temos uma desculpa para simplesmente andar para dentro do prédio.

Só quando finalmente sentimos menos expostos do lado de dentro que percebo a força que fazia, praticamente agarrada ao braço de Tristan. Quando o soltei, ele me pegou pela mão e resmungou:

— Fique sempre perto de mim, Cygnet. — solta da minha mão e me puxa para perto, mantendo uma mão possessiva ao redor da minha cintura.

Ensaio um protesto, interrompido pela chegada de Pam e seu namorado. Roger Kovack, é alto, simpático e dono de uma cabeleira grisalha – a parte de trás tocando seus ombros –, e me toma num abraço apertado assim que as introduções são feitas. Meus pés quase foram tirados do chão, senão pela mão de Tristan que continuou firme na minha cintura, me mantendo no chão... ao seu lado. Seu toque sempre me trazendo sensações dúbias, a inquietação do desejo, da atração, e a tranquilidade da familiaridade, da confiança...

Quando somos encaminhados à nossa mesa, Tristan já não está mais conosco. De certa forma foi melhor. A conversa entre Pam, Roger e eu fluiu muito mais fácil. Aprendi que se conheceram num cruzeiro pela Europa, e foi amor à primeira vista. Deve ser uma experiência incrível, amar e ser amado de volta; se apaixonar por alguém que lhe retribui da mesma forma e ao mesmo tempo. A experiência que tive foi sempre de correr atrás, de ficar minando pequenas demonstrações, migalhas de amor – e me dando por satisfeita com elas –; me abrindo, me expondo e me machucando profundamente, de forma figurada e literal.

Não sei se Pam já conversou com Roger sobre Chuck – talvez nem deveria –, Chuck não merece ser lembrado. Contudo é difícil não pensar

nele e no tipo de vida que levavam. Nunca entendi a razão de meu pai confiar tanto em Chuck, de nunca ter tirado Pam e Tristan das garras daquele maldito, e ao invés, ter confiado nele a guarda da sua única filha.

Meu pai...

Viktor Lebedev é um bom homem. Pelo menos, foi. Para mim ele foi. Sei que isso não significa absolutamente nada. Afinal, Tristan também foi meu melhor amigo, minha família, e tantas outras coisas; mesmo assim foi capaz de me chantagear e ameaçar, me prendendo numa farsa ridícula; um buraco negro que suga minhas forças, enfraquece minhas condições de me livrar desta situação, me fragiliza.

Há uma pequena movimentação no palco a nossa frente. Deve ser sinal que o 'show' está para começar. Ainda com luzes baixas, o painel ao fundo deixa bem claro a razão daquele evento. Por fim entendi o que me fez cruzar o país só para estar aqui com Tristan. Uma reunião da nata novaiorquina para arrecadação de fundos para a campanha dos candidatos locais e federais de um dos dois partidos principais nas eleições deste ano. Vereadores, deputados e senadores.

Senadores. Senador.

Eu poderia ter pensado em Vince. Poderia inclusive ter pronunciado seu nome em voz baixa, só para matar as saudades de como ele ainda desliza fácil por meus lábios. Não foi preciso, pois em cima do palco, junto com as luzes que se acendem, surge o senador pelo estado de Washington Vincent Elias Hawke.

Minha primeira reação é exatamente a total falta dela. Fico congelada, com os olhos grudados nele, esperando o momento que seus olhos vão encontrar os meus e ele vai me reconhecer. Sei que preciso me levantar, fazer algo para que ele não me veja. Ainda não pensei no que posso dizer a ele, não estou preparada para reencontrá-lo. Como explicar que o larguei no momento mais delicado da sua vida apenas para sumir por completo e lhe deixar um mero recado por uma amiga avisando-o que me casei? Só isso, um recado. Tudo que eu achei que ele merecia saber. Essa não é a verdade, mas é importante para ele e para Brie que seja nesta versão que acreditem. Para o bem deles.

Vejo-o abrir seu usual sorriso. Aquele que te faz relaxar, e no próximo minuto já está totalmente enfeitiçada pelo charme irresistível do poderoso, e ainda assim acessível, senador mais jovem e mais popular do país.

Para mim, ele é mais que isso. É o cara por quem me apaixonei, apesar de ter lutado tanto contra o sentimento. Apesar de ter demorado tanto para admitir. Hoje pago o preço de ter deixado crescer tantas dúvidas e tanto medo. A gente poderia ter aproveitado mais. Se conhecido melhor. Talvez assim, eu não teria tido medo de lhe contar a verdade sobre minha ‘vida dupla’, ou sobre o fantasma de Tristan que, um dia, se personificaria para atrapalhar minha vida, como ele tem feito nos últimos meses.

Eu deveria tê-lo beijado todas as vezes que me chamou de ‘minha linda ballerina’, ido até o fim na noite de meu aniversário quando encheu meu apartamento de flores, inclusive das minhas favoritas. Essa história terminou também graças a mim e minha covardia de enfrentar minhas inseguranças e meus fantasmas. Agora, ouvindo sua voz, ele é só um desejo distante, uma oportunidade que ficou no passado, aquilo que não tem mais volta.

— Com licença — digo ao casal, e para Pam eu gesticulo a palavra ‘toalete’. Ela sorri e assente. Pronto. Estou livre para sair dali e evitar que Vince me veja.

Levanto-me rápido. Os saltos escorregam no piso liso e eu tenho que forçar o corpo a manter o equilíbrio. Meus pés reclamam. Minhas pernas reclamam. Meu quadril reclama. Engulo um gemido e dou o próximo passo, e mais outro, indo na direção oposta a que uma centenas de pessoas vem para acompanhar o discurso de Vince. Devem estar vindo de um outro ambiente, talvez aberto, onde tenha um canto seguro onde eu possa me ‘esconder’ por algum tempo; lambe minhas fúrias, lamentar que o que tenho é vontade de mudar tudo e pouca condição de fazê-lo.

Estou a poucos passos de desaparecer da frente do palco quando ouço a voz de Vince dar uma pequena vacilada. Isso só pode significar uma coisa. Olho para trás, para ele, só para confirmar. Nossos olhares cruzam e ficam presos um no outro pelo segundo mais longo da história.

Que merda. Que grandessíssima merda. Desvio o olhar, preciso focar no que têm a minha frente, para onde estou indo, torcendo para encontrar um lugar onde possa ficar longe de Vince. E de Tristan. E de mim mesma.*



No meu refúgio eu tenho companhia, uma gárgula em forma de carpa dourada. Uma das excentricidades do prédio que é a cara da famosa Anne Marie Flanagan. Obviamente, na época da construção de sua ‘sala de estar’ o sistema de escoamento da água da chuva já era moderno o suficiente para não se precisar contar com as boquinhas escancaradas das estatuas com cara de poucos amigos. Porém, estamos falando da mulher que muitos especulam ter sido uma das inspirações da arte pop de Warhol.

De qualquer forma, sou grata à Senhora Flanagan, pois foi graças à sua atitude ‘over’ que os cantos do terraço – o encontro entre duas ou mais estátuas – se transformaram em esconderijos perfeitos para pessoas querendo fugir da agitação da festa. Como eu.

Sei que há um pouco de exagero da minha parte, afinal há tanta gente neste evento que achar um local vazio é agulha em palheiro. A vantagem daqui é que minha presença se torna discreta, e ainda tenho perspectiva de quem se aproxima.

Não deveria ter largado Pam e Roger daquele jeito. Mas, não é como se eu tivesse um minuto sequer de tranquilidade para poder focar no meu presente, quando tudo que faço é driblar, afugentar ou simplesmente fugir dos meus fantasmas do passado – longínquo ou recente.

Procurando uma distração, busco a mensagem que Laylah me mandou horas atrás e digito uma resposta.

17h02 – Laylah – Oiêêêêê. Por favor, mande notícias. Saudades. Quero fotos de tudo, do vestido, da make, da composição, do marido, da festa...

18h49 – você – Você não imagina como queria que estivesse aqui comigo. Nunca imaginei que festas da ‘high-society’ seriam tão cheias de pompa e chatice. Mando fotos depois.

18h51 – Laylah – Ainda assim queria que eu estivesse aí?

Rio do humor sempre certo de minha amiga.

18h52 – Você – Claro. Eu estou aqui.

18h52 – Você – O Jerry também.

Dou risada da minha própria provocação. Espero por sua resposta com ansiedade. Os três pontinhos mostram que está digitando, mas a mensagem nunca vem. Melhor me preparar para o textão.

18h53 – Onde você está, Cygnet?

O número não identificado, que faço questão de não identificar, já notou minha falta. Admiro a rapidez que monto a desculpa com uma justificativa tão plausível.

18h54 – Você – Num canto qualquer, descansando os pés.

18h54 – Preciso de você aqui. É importante.

18h55 – Você – A caminho.

Não tenho muita opção aqui. Ou me movo, ou sei que não vai demorar para Tristan vir atrás de mim. O que é ridículo, e só faz me lembrar do quão à mercê de suas vontades eu estou.

Levanto-me e começo a fazer o caminho de volta. Uma mensagem de Laylah pisca na tela do meu celular:

18h59 – Laylah – Me manda uma foto do Jerry.

Rio junto com a carinha com língua para fora com que completa a mensagem. Com a atenção mais voltada para o celular que para onde estou indo, desvio – quase esbarrando – das pessoas dentro do corredor que me leva de volta ao evento e a Tristan.

19h00 – Você – E como eu explicaria o porquê de estar tirando uma foto dele?

Pergunta sincera.

19h01 – Laylah – Sei lá. Fala que é para o seu TCC.

Rio alto. Mesmo distante Laylah torna meus momentos mais leves.

— Não se assuste! — o aviso sussurrado veio meros segundos antes de sentir uma mão circular meu braço esquerdo e me puxar em direção à parede ao meu lado. No entanto, não colido contra a parede. Ao invés, passo, quase flutuando, por uma porta que nem parecia estar lá, tamanha era sua discrição por ser pintada exatamente da mesma cor que a parede.

A porta se fecha num ‘claque’ discreto, e do lado de dentro só não é pura escuridão por causa das duas fendas de luz iluminando a parede a minha frente, que entra pela janela basculante perto do teto.

Merda, Tristan. Para que me dar um susto desses?

— Ballerina...

Meu coração se parte em dois – metade felicidade, metade medo – no mesmo segundo que reconheço aquela voz...aquela palavra. Só uma pessoa me chama por esse apelido.

— Vince... — sussurro.

Não enxergo seu rosto, para mim ele é apenas uma sombra, mas reconheço seu cheiro e a firmeza do dos braços que agora me envolvem, me trazendo contra seu peito, seu rosto se encaixando no vão do meu pescoço, sua respiração profunda inalando o cheiro e o calor da minha pele.

— ... a gente não pode fazer isso. — me esforço para manter as emoções sob controle.

— Não deixei de pensar em você um minuto sequer desde a última vez que nos falamos. — Seus lábios sobem secos e quentes pelo meu pescoço, acariciam a pele tenra atrás da minha orelha, antes de partirem num sussurro soprado dentro do meu ouvido. — Por que, Ballerina?

Quero lhe contar a verdade. Ele precisa saber. Merece saber. Mas, não posso arriscar. Ele tem muito mais a perder do que eu. Não posso deixar a obsessão controladora de Tristan arruinar mais vidas.

— Eu não menti para você quando disse que conseguiria resolver aquele assunto, Ballerina. — ele continua, sua voz impregnada de emoção. — O pior já passou. Paguei o que eles queriam, está tudo resolvido. Eles se foram, Ballerina. Por que não me esperou? Estava completamente apaixonado por você... Ainda estou...

Eu também, Vince. Queria poder dizer isso a ele. Muito mais, queria sair daqui e gritar isso no meio daquele salão, ou em cima daquele palco: estou apaixonada por Vince Hawke. Me libertar dessas amarras da culpa e da vergonha por ter sido tão facilmente manipulada. O peso da realidade, da verdade, recai nos meus ombros, e dando um passo para trás, termino nosso abraço.

— Eu era um risco para você. Eu sinto muito ter feito dessa forma, mas não me arrependo. — digo, sinceramente.

— Liz... — volta a me tocar. Primeiro no meu ombro, como se precisasse sentir onde eu estava exatamente. — Você foi... é luz na minha vida e na da minha filha. — sinto sua mão subir para minha nuca, seu polegar traçando a linha do meu maxilar.

Quero mais desse contato, quero tudo que ele puder me dar neste momento. Mesmo sendo errado. Levo a mão e cubro a sua, inclinando o rosto para aproveitar cada segundo daquele toque.

— Acha mesmo que entre isso e um cargo político, eu preferiria o segundo? — sua voz está mais próxima. — Por que fez a escolha por mim? — seu polegar acaricia o canto da minha boca, o encontro dos meus lábios. — Por que, Ballerina?

— O que está feito, está feito. — aperto os olhos, odiando minhas palavras. — Se algum dia aquelas fotos ou vídeo vieram circular, não vão te prejudicar. Jamais me perdoaria se deixasse aquilo machucar você ou Brie.

— Merda, Ballerina. — um sussurro impaciente me atingiu, cheio de raiva e decepção, tão agressivo quanto os lábios que se chocaram contra os meus, marcando território, exigindo passagem.

Meu celular vibra na minha mão.

— Vince — viro o rosto, mesmo desejando aquele beijo do fundo da minha alma. — tenho que ir.

Ele se afasta sem oferecer qualquer resistência. — Você ainda está apaixonada por mim. — diz, uma estranha satisfação no seu tom.

Antes que caia em contradição e me jogue de volta em seus braços, eu tateio a escuridão até achar a porta.

— Eu ainda estou apaixonada por você, Vince Hawke. — digo, assim que piso para fora. Aquelas palavras precisavam sair, mesmo sendo para ninguém mais ouvir além de mim.

Meu celular vibra novamente, me alertando da notificação. Deslizo o dedo pela tela e leio as duas mensagens de Tristan.

19h22 – Cygnet?

19h26 – Cygnet!

Incrível como uma pontuação faz toda a diferença do mundo, pelo menos quando se trata de Tristan Sawyer.

19h26 – A caminho.

Acelero o passo o máximo que os saltos altos e finos me permitem. Cruzo a imensa área em formato de túnel até voltar ao salão. Por um segundo, não consigo me lembrar onde estava sentada com Pam e Roger. Paro e rapidamente vasculho o ambiente, tentando me localizar. Agora que as pessoas estão concentradas num mesmo lugar, ocupando todas as mesas e cadeiras, qualquer mesa pode ser ‘nossa mesa’.

Droga! Tudo que eu não precisava era aguentar mais uma cara de Tristan me censurando, fazendo-me sentir culpada...

— Aqui está ela!

A mão de Tristan na parte baixa das minhas costas chegou antes de suas palavras. Me contorci por dentro para evitar demonstrar o quanto seu toque inesperado me assustou. Engoli a culpa. Tristan não merece que me sinta culpada pelo que ainda sinto por Vince e por ser o toque dele, a companhia dele, o amor sincero e sem chantagem dele que quero, que necessito.

Como um robzinho programado, abro um sorriso para a mulher com quem ele conversa, deixando-o descansar seu braço ao redor do meu

ombro, me trazendo para tão perto que minha cabeça quase encaixa na sua axila.

— Madame Secretária, esta é minha esposa Elizabeth Sawyer. — ele diz a mulher de meia idade.

Sei quem é a mulher. A Secretária de Estado Alicia Hubert, do mesmo partido que Vince, e pré-candidata à presidência nas últimas eleições. Não foi a escolhida pelo partido nas primárias, mas ganhou um cargo de muita importância dentro do governo atual. Nas pesquisas que Laylah fazia sobre Vince, Alicia sempre aparecia ao seu lado. Em algumas reportagens, elogiava a atuação do jovem senador e enfatizava que sua aprovação e aceitação pelo público dava ao partido uma cara mais nova e mais moderna.

— Olá, Elizabeth. — tocamos as mãos brevemente.

— Madame Secretária. — respondo, seguindo os protocolos.

— Nosso partido só tem a agradecer a vocês pelas contribuições generosas que têm feito nos últimos meses.

Ela reveza o olhar entre mim e Tristan e eu finjo que a informação que divide não é novidade para mim.

— Principalmente apostando tanto na agenda do senador Hawke. — ela completa.

Resumo da ópera: Tristan tem feito doações generosas para a campanha de reeleição de Vince há meses. O mesmo político cuja carreira, meses atrás, ele ameaçou destruir.

Você é um monstro manipulador, Tristan Sawyer.

— Ah! Por falar nisso! — ela olha para alguém atrás de mim e acena.

Não olho para trás, mas minha percepção não falha. Sinto... sei que a pessoa que vai se juntar a nossa conversa é Vince Hawke.

Ele surge do lado de Tristan, cumprimentando-o com um aperto de mão firme e um abraço com direito a tapas de camaradagem nas costas.

— Fala, Sawyer. Obrigada pela ajuda, mais uma vez. — Vince diz, sem notar minha presença. — Sei que conseguiu, pelo menos, mais duas figuras para abraçar nossa causa.

— Não, por isso, Senador. — Tristan responde com uma naturalidade e uma intimidade que sinto que vou vomitar ali mesmo. — Uma dos grandes desafios para Seattle agora é a falta de moradia e os moradores de rua. É quase endêmico na cidade esmeralda. O seu projeto de

habitação popular é muito interessante. Moro na cidade há poucos meses, mas minha esposa já está lá há muitos anos. Nós dois gostaríamos de ver esses problemas sendo, pelo menos, tratado com seriedade.

— Você conhece a senhora Sawyer? — a mulher pergunta.

Desta vez não consigo disfarçar a surpresa tão bem. Meu corpo tensiona tão rápido que fico zozza por um momento. Percebo Vince dando um passo para frente para poder me ver. Os poucos segundos que leva para me olhar – me reconhecer – sei que são os últimos em que ele ainda conjugaria o que sente por mim no presente. Ele jamais entenderia, não sem a completa versão dos fatos. E obviamente não darei isso a ele.

— Elizabeth... — ele diz, já com o braço estendido para o cumprimento.

Se não houvesse passado tanto tempo olhando dentro daqueles olhos e aprendendo o significado de cada expressão daquele rosto, não teria notado o sutil vacilo em seu olhar. Mas, estou falando de um político experiente. Vince disfarçou tão bem que é capaz de me convencer que essa é a primeira vez que nos encontramos.

— Senador Hawke. — ofereço a mão que ele toma e parece guardar dentro da sua.

— Eles já se conhecem. — Tristan diz, encurtando nossa conexão. — Não é verdade, Hawke?

Vince me dá um último aceno de cabeça e um sorriso. O que me mostra não importa. É o que tenta disfarçar, esconder que faz diferença. É desolador encontrar um vazio tão escuro dentro de seus olhos.

— Isso mesmo. — Vince concorda. — A senhorita Swan... — não tira os olhos de mim e eu começo a ficar sem ar tamanha o constrangimento. — Agora, senhora Sawyer, é professora de balé da minha filha.

— Que ótima coincidência e que nobre profissão. — a mulher comenta.

Tristan aquiesce, mas não disfarça que sua atenção e foco estão na interação entre mim e Vince.

— Elizabeth é uma jovem muito dedicada com uma história de vida incrível Alicia. — a honestidade nas suas palavras acertam como flecha o meu coração já despedaçado. Sei que é genuíno. — Você deveria conhecer o projeto dela. — ele completa. Um tique insistente no canto dos seus lábios.

— Eu adoraria. — Hubert manifesta. — Vou fazer questão de visitar seu projeto na próxima vez que for à Seattle.

— Será um prazer, Madame Secretária. — penso em responder, mas é a voz de Tristan que diz as palavras.

— OK, queridos. Mais uma vez obrigada pela grande contribuição de vocês. — a secretária diz, já caminhando em direção a um outro grupo de doadores.

— Também preciso circular. — Vince diz, menos animado que a mulher. — Mas, saibam que são meu casal favorito! — ri, com os olhos ainda vazios.

Aperto os meus porque não quero ver o esforço que faz para agir naturalmente. Sei que está sofrendo tanto quanto eu. Talvez mais. Quando os abro, ele está lá olhando pra mim, me fazendo perguntas silenciosas.

— Até breve, Elizabeth. — ganho palavras leves e um aceno de cabeça.

Vince e Tristan voltam a se cumprimentar de forma amigável e com certo grau de intimidade, e sinto a estranha vontade de berrar de frustração, de raiva. Estou zozna, atordoada. Sei que isso tudo é culpa de uma só pessoa: Tristan Sawyer.

Maldito.

Manipulador.

Monstro.

FELIZ ANIVERSÁRIO, LINDA BALLERINA (18)

"Uma vez segura a mão do amor, tudo é superável."
Eddie Vedder, Love Boat Captain



Quatro meses atrás

— Sou eu, Ballerina.

Seguro uma arfada de surpresa, levando a mão a boca e agradecendo aos deuses por Vince não poder ver meu rosto agora.

A gente não se encontrou desde aquele beijo. Aquele inesquecível beijo. Que ficou ainda mais mágico quando me chamou de sua 'ballerina', e depois sussurrou ao meu ouvido 'minha linda ballerina'. Aquele beijo tinha que acontecer, estávamos tomados por ondas de sentimentos, de saudades, de tanta coisa boa e ruim, que quando nossas emoções se juntaram, deixamos nossas vontades se aflorarem.

Pelo menos, esse é o discurso que farei a mim mesmo na frente do espelho quando perceber que Vince Hawke não corresponde ao meu ‘crush’.

Sorrio e coloco o interfone de volta no gancho na parede da cozinha. Agora que sei que está subindo, entro um pouco em pânico. Vince não é um ‘cara’. É um homem. O homem. Rico, lindo, mora numa casa legal numa parte nobre da cidade e eu sou uma ‘maria-ninguém’ com muita bagagem. Ao mesmo tempo, dane-se! Foi só um beijo. E agora, o que ele me faz, é apenas uma rápida visita. Não estou apaixonada por Vince Hawke, apenas tenho um ‘crush’ por ele, que se aguçou um pouco mais hoje, por todos os buquês de gerbera – minha flor preferida – que me mandou. Um a cada hora desde que abri o estúdio, às oito, até a hora que o fechei, às vinte horas – doze horas depois.

Doze buquês com duas dúzias de flores em cada. Uma flor para cada ano de vida.

Talvez, eu esteja mesmo com medo por Vince está realmente correspondendo ao meu ‘crush’.

Relaxa, Liz.

Não há razão para pânico.

Ah, quem eu estou tentando enganar? Mando tão mal nas mentiras que não consigo mentir nem para mim mesma.

Levo a mão aos lábios quando memórias do nosso beijo surgem na frente dos meus olhos. Eu beijei a boca do senador Vince Hawke. E, não foi só um beijo. Até o momento de nos despedirmos aquela noite, me ‘roubou’ beijos quando havia a chance de me puxar rapidamente para um canto, enquanto os outros estavam distraídos demais para perceber nossa momentânea ausência. Foi como viver os namoricos da escola – os que nunca tive – com um pouco de ‘delay’. A sensação, porém, de estar vivendo algo deliciosamente proibido, me fez sorrir muito aquela noite, e meu ‘crush’ por esse homem lindo, atencioso e tão delicado, aumentou exponencialmente.

Como vou conseguir olhar na cara dele agora?

Para piorar, assim que piso na sala, vejo a bagunça que meu apartamento está. Hoje foi além de um dia normal de aulas, foi o dia da minha festa ‘surpresa’ de aniversário. Corro de um lado e outro, arrumando as almofadas no sofá, esticando os lados dobrados do tapete, levo alguns copos e pratos descartáveis ainda espalhados para a cozinha. Sento no apoio

de braço da poltrona perto da porta, cruzo as pernas e espero pelo toque da campainha.

Ansiosa, passo a mão pelo cabelo e percebo que me preocupei demais com a aparência da casa e me esqueci de checar a minha aparência. Corro até a sala de jantar e arrumo o rabo de cavalo pelo espelho acima do aparador.

A campainha toca.

Descalça, volto correndo até a porta. Respiro fundo duas vezes, aperto os olhos e abro a porta. Vince está bem ali, cotovelo apoiado contra a guarnição, testa apoiada no antebraço. Seus olhos esmeralda estão mais profundos do que antes graças à gravata verde que veste. Seu cabelo castanho-escuro e comprido está lambido para trás, e eu não consigo respirar.

Me abre um de seus muito-bem-treinados sorrisos de milhares de megawatts, e agora tenho certeza que não há mais oxigênio dentro de mim.

— Oi... — sua voz chega a mim como um carinho, me abraçando devagar, e me fazendo torcer para que seus braços façam o mesmo em breve.

Encaro-o, forçando meus músculos tão tensos a retribuir o sorriso. Minhas pernas amoleceram. Meu corpo inteiro parece prestes a derreter. Se Vince não entrar logo, vou virar apenas uma poça encabulada pelo ‘crush’ na porta do meu apartamento.

— Senador Hawke. — cruzo os braços na frente do peito e encosto a cabeça na guarnição oposta.

— Para você. — me entrega um enorme buquê de rosas vermelhas. — Feliz Aniversário.

— São lindas. — aproximo o rosto e deixo algumas pétalas acariciarem minha face.

— Não tão lindas quanto você, Ballerina. — diz, ganhando toda a minha atenção de volta.

Meu rosto inteiro arde, sinto a quentura do meu queixo à minha testa. Sei que notou, gostou do efeito que suas palavras tiveram em mim, por isso seu sorriso satisfeito continuava lá, mesmo ele parecendo cansado. A jaqueta do terno jogada de qualquer jeito por cima do ombro, e a forma displicente como segura a alça de sua maleta preta de couro só confirmavam as minhas impressões.

— Muito obrigada por elas. Por todas elas. — lembro de incluir todos os outros buquês que recebi e que agora enfeitam o balcão do canto da cozinha, dentro de um balde pois não tenho doze vasos disponíveis. Estas, porém, serão postas como enfeite na mesa de jantar. São especiais, foram entregues pessoalmente.

— Vou colocá-las na água. Se quiser entrar...

— Claro.

Vince entra enquanto caminho com as rosas para a cozinha, percebendo tardiamente que não tenho vasos de flores. Nunca os tive. Nunca fui de recebê-las. Acabo abrindo uma porta aleatória e tirando uma panela de inox velha. Aí está meu vaso estilizado, supermoderno, super ‘millennial’ e ‘hipster’.

— Brie disse que você ficaria duas semanas em D.C — digo, arranjando as rosas da melhor forma, mesmo a panela não sendo funda o suficiente. Satisfeita com meu arranjo caminho à mesa de jantar colocando o buquê com o maior orgulho.

— E vou ficar. — ouço dizer lá de dentro da cozinha. — Meu voo de volta à capital sai em seis horas.

— Seis horas. — volto, parando na porta. Vejo-o se aproximar da mesa e colocar a maleta na mesma cadeira onde pendurou sua jaqueta.

— Sim. Seis horas. — apoia a mão no encosto da cadeira e joga o peso neste braço. — É o que tempo que tenho para passar aqui com você.

— Você cruzou o país só para passar seis horas comigo no meu aniversário? — entro e caminho até a pia. Viro-me, e encontro-o me olhando ‘esquisito’.

— Teria me esforçado para chegar mais cedo, se imaginasse que poderia ficar te olhando desfilar seminua pela cozinha só para mim.

Suas palavras – pronunciadas por uma voz rica e aveludada – me trouxeram a realidade da minha vestimenta ao mesmo tempo que as pontas duras e sensíveis dos meus seios denunciaram a textura do suéter gigante que vestia.

Ah, merda! Minha primeira reação foi olhar para baixo, para me certificar que sua extensão me cobria até o joelho, a outra foi arrumar a gola larga que escorreu pelo meu ombro e caía perto do meu cotovelo, e finalmente, cruzar os braços na frente do peito para disfarçar a reação espontânea, automática, do meu corpo à sua cantada em forma de piada.

A atmosfera mudou por completo. Olhos verdes, me encaravam, firmes, revelando intenções que talvez ele não pudesse confessar a mim... ainda.

— Vince, eu sinto muito. — gaguejei, jogando o peso do corpo numa perna depois na outra. Inquieta. Constrangida. — Foi tão inesperado, eu me esqueci...tava me preparando para dormir...

— Eu que tenho que me desculpar. — afrouxa a gravata de forma displicente, puxando-a para frente até o nó se desfazer à força. Joga-a em cima da jaqueta, enrolando as mangas da camisa branca até os cotovelos em seguida. — Era um comentário para quebrar o gelo. Não quis te constranger. — põe as mãos nos bolsos das calças. — Foi uma piada infeliz. — solta uma risada contida e sem humor — Piadas nunca foram meu forte mesmo. — se move em minha direção enquanto eu o estudo, procurando uma dica do que pretende fazer quando ficar muito próximo. — Além disso, vim sem avisar.

— Ahmm... — procuro algo para dizer, qualquer coisa para sair de seu foco. — Você deve estar super cansado, com ‘jetlag’...

Ele assente, mas continua se aproximando. Vasculho seu rosto por suas intenções, não encontrando nada além de lindos olhos verdes e um sorriso que já deve ter feito muitas mulheres arrancarem as calcinhas e jogarem para ele. Eu arrancaria a minha se estivesse usando uma.

Que merda!

— Sente-se! — movo-me quando está a poucos passos de mim. — Deve estar faminto também — digo, ao abrir a porta da geladeira. — Que tal sobras de bolo de aniversário e um copo de suco de laranja? — digo, desanimada pelo total despreparo, e como as vezes ser uma pessoa que mora sozinha passa um atestado triste sobre meus hábitos alimentares.

— Perfeito! — responde, seu tom mais neutro me alivia.

A tensão sexual de segundos atrás estava me deixando em pânico. Primeiro, porque só me faz perceber o quanto estou atraída por ele, e segundo, por que minha falta de experiência me deixa insegura perto de um cara tão mais velho, mais experiente em tudo, demonstrando tanto interesse em mim.

— Você recebeu todas essas flores hoje? — Ouço-o arrastar a cadeira e sentar-se à mesa. Seu rosto virado para o balcão no canto, perto da janela, onde está o balde verde – que comprei na loja de 1,99 – repleto de gerberas.

— Sim. — dou de ombros. — Você as mandou.

— Eu?!

— Talvez, mais especificamente Frida López.

— Certamente, algo que Frida faria por mim. — concorda com um aceno de cabeça.

— Mais uma vez, obrigada. São lindas.

— Não tão lindas quanto você. — rebate, usando a mesma cantada de minutos atrás. Me arranca um sorriso largo. Pelo seu tom sei que está sorrindo também.

Sirvo suco de laranja no meu melhor copo – que não é da última geleia de cranberries que comprei – e pegando o prato com a fatia de bolo, levo-os até a mesa. Até ele.

— Você que fez? — pergunta ele ao receber o prato de sobremesa e o copo.

— Quem dera. — lamento sinceramente. A falta de intimidade com uma parte tão importante de uma casa é uma frustração para mim. — Cozinha não é o lugar mais familiar para mim. — confesso, sem jeito. — Esse foi feito por Elena. Não sei se se lembra dela no jantar...

— Claro. — dá uma garfada no bolo e abocanha a massa cremosa branca com pedaços de morango. Aperta os olhos e solta um ‘hmm’.

O fato de eu achar isso tão erótico mostra o grau da minha situação. Melhor voltar ao assunto.

— E você?

— Se cozinho?

Aquiesço.

— Posso dizer que sim. O que achou do jantar?

A primeira coisa que veio à minha cabeça foi nosso beijo. Aquele jantar virou sinônimo disso: a primeira vez que beijei Vince Hawke. — Maravilhoso. — respondi, finalmente. Minha resposta poderia muito bem ser a descrição de tudo que a boca dele fez com a minha.

Não tão maravilhoso quanto você, ou seu beijo.

Bem que eu poderia ter tido coragem para dizer isso. Afinal, era a mais pura verdade, além de que certamente o faria corar, como fez comigo.

O sorriso – aquele que fazem as mulheres perderem a cabeça (e as calcinhas) – brota lentamente nos lábios dele quando baixo os olhos para olhá-lo. O impacto daquela cumplicidade silenciosa me tira o equilíbrio.

Para disfarçar, encosto o quadril contra a mesa, minha coxa quase tocando a sua.

— Obrigado. — responde e dá um longo gole no suco de laranja. Estalando os lábios em seguida.

— Você está me dizendo que preparou todo aquele jantar?

Ele sorri orgulhoso e assente.

— Uau! Cozinha bem, toca piano melhor que muito pianista profissional por aí, é um político popular... Um homem de muitos talentos.

— Faço a reflexão, e a conotação sexual que minhas palavras tomam me causa mais um embaraço.

Vince disfarça seu sorriso enfiando o resto da fatia de bolo na boca, chantili se espalhando pelos seus lábios, um pouco ficando preso no canto. Arremata com um longo gole, esvaziando o copo do suco de laranja.

— Você não faz ideia... — me lança um olhar de quem continua se divertindo com meu embaraço.

Percebo que o constrangimento começa a me fazer me contorcer. Tento disfarçar cruzando as pernas na altura dos calcanhares, me agarrando a borda da mesa com as duas mãos.

— ... o quão bom sou em dormir em avião, por exemplo. — coloca o copo de volta na mesa. — Janela ou corredor. Pra mim não faz diferença. O momento que encosto minha cabeça no apoio da poltrona, já era. — ele sorri.

Eu também, mas para disfarçar a vontade que estou de limpar o chantili da sua boca com a minha. Numa atitude inesperada e que, se parasse para respirar por dois segundos a mais não a faria, levei o dedo indicador até seus lábios e raspei o pouco de creme. O sorriso que ele vestia morre nos seus lábios no mesmo segundo. Olhos verdes e escuros me encaram, fazendo promessas que eu desejo que sejam cumpridas ainda esta noite.

Sua mão agarra a minha pelo punho, me impedindo de afastar-me com o pingo de chantili que roubei. Ao invés, leva minha mão na direção de seus lábios. Seus olhos tão grudados nos meus que não consigo desviar o olhar. Não o faria nem se pudesse, pois assisto com total interesse ele passar a língua ao longo do meu dedo, consumindo o chantili. A ponta do meu dedo desaparecendo entre seus lábios grossos por um milissegundo, sendo acariciado com a ponta da sua língua quente.

Tento fingir que aquilo não me afeta e falho miseravelmente pois ouço um chiado, um assobio leve, fugindo pelos meus lábios cerrados quando tento controlar minha respiração.

— Uma delícia. — faz uma pausa para testar minha reação, sabendo que o que testa mesmo é minha determinação. — não tanto quanto você, Ballerina.

Dá um leve puxão no meu braço, indicando o que gostaria que eu fizesse – que me aproximasse – , ao mesmo tempo que me dá espaço para fazer tal escolha sozinha. Meu nível de excitação e envolvimento com o jeito sedutor desprezioso do senador Hawke não só me fazem me aproximar dele, como ser mais ousada, mais assertiva. Sento-me no seu colo; mais que isso, monto nele, como se fôssemos íntimos e já tivéssemos feito isso algumas vezes antes. Como um casal, numa relação séria, dividindo momentos íntimos.

Não éramos. Mas, só por este momento, por esta noite – a noite do meu aniversário – , queria poder imaginar que esse era o status da nossa relação.

Minha atitude atrevida não parece tê-lo surpreendido. Senão por um grunhido soprado entre seus lábios. O calor de seu corpo tão intenso que me acalma ao invés de me deixar ansiosa. Seu cheiro tão bom como sempre, me inebria. Cruzo meus braços ao redor de seu pescoço e baixo meus olhos para o mesmo cantinho onde continha chantili e faço o que deveria ter feito antes: passo a língua bem devagar pela área, sentindo o gosto açucarado misturado ao gosto de sua pele.

Suas mãos vão para minhas costas. Uma sobe para o meio das minhas costas, entre meus omoplatas, empurrando meu torso contra ele, colando meu peito no seu; a outra para o norte, descansando na curva do meu quadril.

— Minha linda Ballerina... — ele diz com a voz estrangulada. Posso sentir seu corpo tensionar, os músculos de suas coxas poderosas contraírem embaixo das minhas, a dureza empurrando o tecido de suas calças, fazendo pressão entre minhas pernas.

Sugo seu lábio superior, pedindo acesso, suplicando por seu beijo. Sua mão vai para minha nuca, ajustando o ângulo, me informando que o beijo está prestes a acontecer.

Olho nos seus olhos, e nunca havia os visto tão escuros... de desejo... por mim.

Lembrando da primeira vez que nos beijamos, pergunto:

— Posso te beijar, Senador? — faço a pergunta que me fez semanas atrás. Seguindo nosso script, ele responde:

— Eu gostaria muito, por favor, Ballerina.

Quando nossas bocas se abrem e nossas línguas se encontram, um milhão de explosões acontecem ao mesmo tempo dentro de mim. O alívio, a antecipação, o desejo, a excitação... Ouço o bater do meu coração, sinto a batida do seu, e é como se a junção de lábios tivesse colocado o mundo de volta no seu eixo. O beijo é mais intenso que o primeiro. Não estamos mais em território desconhecido. Sabemos exatamente o que queremos um do outro.

Ele escorrega a mão que antes apenas repousava na linha do meu quadril pela minha nádega, apertando-a. A sensação quente e deliciosa me faz gemer novamente.

Ele para. Congela completamente. Crio espaço entre a gente para poder olhá-lo.

— Elizabeth Swan, você está mesmo nua embaixo desse suéter... — seu tom é de aprovação.

Sorrio, sua reação me agrada e sua expressão de surpresa é recompensada por outro beijo meu.

Repete o gesto nas minhas nádegas agora com as duas mãos, empurrando meu quadril contra o seu.

— Você tá destruindo por completo minhas super cândidas intenções com você esta noite. Sabe disso, não?

Não respondo, apenas continuo movendo meu quadril, sentindo o volume entre minha pernas crescer.

Ele solta um grunhido contrariado. — Não consigo resistir. — reclama consigo mesmo. — Não quero resistir.

No próximo segundo sou sentada na mesa. Posso ouvir o barulho de vidro contra vidro e talheres tilintando pois Vince está abrindo caminho no móvel para mim, para nós.

Meu corpo está tão quente que a superfície da mesa parece estar em temperatura sub-zero.

— Você está bem? — pergunta ele. Eu aceno com a cabeça enquanto prendo minha atenção nos botões de sua camisa, desfazendo cada um com a velocidade da excitação que corre pelas minhas veias.

— Tem certeza de que quer isso? — insiste ele.

Desta vez minha resposta vem em forma de beijo. Devagar, profundo. Círculo seu quadril com minhas pernas e rodo meu quadril para enfatizar minhas intenções. Mais um grunhido e ele se livra da camisa com um ou dois puxões.

Tenho poucos segundos para admirar a beleza do homem que se despe para mim. Vince não é muito alto, mas tem um peitoral forte, que eu desejo tanto sentir contra o meu. Ter minhas mãos nos seus ombros largos, ao sentir o peso de seu corpo sobre o meu, investindo contra mim, preenchendo o vazio que tenho carregado aqui dentro todos esses anos. Enterrar minhas unhas nos seus bíceps quando estiver surfando meu clímax, pedindo para que não pare, que vá mais rápido, mais longe, mais fundo... mais forte.

— A gente não precisa ter pressa. — ele enfatiza. — Você dita o ritmo. Me avisa se eu estiver indo muito rápido. Eu não faço isso há algum tempo.

Sua confissão me deixa mais decidida a ir até o fim. Jogo o peso do corpo para trás, puxando-o comigo. Assim que minhas costas encontram a superfície da mesa, ele enfia uma mão por baixo do meu suéter, indo direto ao meu seio. Gemo uma vez. Então, gemo novamente, desta vez, mais alto, quando ele rola o pequeno pico endurecido entre seu polegar e indicador e o suga pelo tecido da minha roupa.

— Vince. — chamo por ele num sussurro.

Ele se afasta de repente. Ouço a cadeira se mexer e tenho a impressão que está indo embora.

Merda! O que aconteceu?

Subo o tronco apoiando nos cotovelos e olho para baixo. Encontro meu par favorito de olhos verdes e escuros de desejo me olhando com determinação. Está sentado na cadeira, olhando para mim – seu banquete servido à mesa. Suas mãos sobem pela parte interna das minhas coxas, afastando-as uma da outra, expondo minha carne úmida e ardente por ele. Seus polegares acariciam minha virilha, esticando a pele, separando meus lados, revelando o centro do meu prazer para ele. Sua boca segue o caminho que sua mão fez.

Não sei o que fazer. O que me resta é sentir aquilo e entre gemidos me perguntar se o que está acontecendo é realidade, ou estou tendo apenas mais um sonho erótico com o senador da república que tudo que teve que

fazer desde a primeira vez que me encontrou é me fazer sentir-me especial, de alguma forma diferente, achando algo em mim que só ele pode ver.

Sim, é verdade. Tanto quanto meu nome é Elizaveta Lebedeva. Há um homem, o homem, entre minhas coxas, prometendo me levar à lugares que há tempos não vou. Ou que talvez nunca tenha visitado.

Vince puxa meu quadril em sua direção. Por instinto, eu afasto mais as pernas, me oferecendo à ele.

— Você é tão linda, Ballerina. — ele sussurra contra a pele super estimulada da parte interna das minhas coxas; sua respiração quente, sozinha, provocando meu sexo. — Seu cheiro é tão bom. — Sua mão aberta desliza, de baixo para cima pela minha fenda, seu polegar mergulhando e deslizando por minha lustrosidade.

Eu o assisto, adorando a admiração no seu rosto. Suas mãos fazem o caminho de volta. — Feliz aniversário, minha linda Ballerina.

Parte os lábios quando seu rosto se aproxima do meu sexo, e começa a beijá-lo com fez com minha boca.

— Oh, Vince...

Sua resposta foi um som gutural ao aprofundar ainda mais o beijo.

Há tanto tempo não sou tocada tão intimamente, que não precisou muito para me sentir já em vias de explodir num orgasmo de proporções mega atômicas. Sua língua é implacável. Não há uma parte em mim que não toca.

— Tão doce... — sussurrou, mordiscando minha coxa.

— Sim, Vince! Por favor... — implorei, pois era tão bom, e eu estava tão perto...

— Vou te dar isso, Ballerina. Meu presente de aniversário para você. — disse ele. — Vou dá-lo agora.

Então, eu senti. Seus dentes foram direto para meu centro tão sensível e endurecido. O contato leve, mas firme, ainda mais enfatizado quando introduziu dois dedos no meu canal, expandindo-o, fazendo seus músculos contraírem ao redor dele.

Eu me desfiz.

E foi maravilhoso.

Empurrei meu quadril contra seu rosto, embrenhei meus dedos nos seus cabelos e deixei meu corpo cair. Isso não o fez parar. Continuou com empenho até me arrancar mais um orgasmo secundário, e depois mais um...

e o intervalo entre eles cada vez mais curto, que meus gemidos viraram um ‘hmm’ que durou vários minutos.

Ele só parou quando minhas pernas relaxaram junto com minha pegada no seu cabelo. Estava completamente saciada, sem fôlego e tão, tão relaxada.

— Agora vou te levar para a cama.

Com um braço passando atrás das minhas costas, me colou contra seu peito e eu o abracei pelo pescoço e pelo quadril. Cruzamos o caminho até meu quarto nos beijando, sentindo o gosto dele, do bolo e do meu próprio na sua língua.

Me deitou lentamente na cama de solteiro, e se encaixou atrás de mim, minhas costas contra seu peito, e em poucos minutos adormeceu.

A melhor noite de aniversário da minha vida.



— Bom dia. — digo ao homem na minha cozinha, virado para o fogão. O mesmo homem que poucas horas atrás me fez gozar múltiplas vezes. Estou dolorida, saciada e com muita fome. Dele e de comida. Porém, sei que só uma dessas fomes será saciada, pois ele está de partida. O fato que o que cozinha cheira tão bem mostra que ele tem o poder de saciar todas as minhas necessidades.

Olho meu reflexo na porta do refrigerador antes de me aproximar.

— Bom dia, Ballerina. — ele desvia a atenção do que está cozinhando para virar o rosto a tempo de me cumprimentar com um beijo nos lábios. — Com fome?

— Não estava até sentir esse cheiro delicioso. — estico o pescoço para olhar dentro da frigideira. Ele dá um passo para o lado para bloquear minha visão.

— Põe a mesa, Ballerina curiosa.

— De onde tirou todos esses ingredientes. Tenho certeza de que não havia nada aproveitável nos armários ou geladeira. — caminho até o balcão para pegar pratos, copos e talheres. Os que usamos horas antes estão lavados no escorredor.

— Não ofenda minhas habilidades culinárias... Não há impossibilidades na cozinha, há pratos a serem descobertos...inventados.

— Uau. Filosofia culinária, nunca imaginei que existia.

Ele ri. Sua risada rica e pouco familiar me faz rir também.

— Quanto tempo até a saída de seu voo?

— Pouco mais de uma hora. — lamenta ele, levando a frigideira até a mesa e dividindo seu conteúdo nos dois pratos.

— E o próximo? — arrisco. Ele entende a mensagem.

— Queria poder ficar aqui com você um pouco mais.

— Queria que pudesse aqui comigo um pouco mais. — repito. — Vou sentir sua falta.

Ele toma a cadeira e senta-se ao meu lado. Pega o garfo e prova a omelete do meu prato. Ergue uma sobrancelha e assente, apreciando o gosto. — Hmm... — aponta para o prato com o garfo.

Olho meu prato curiosa para saber que comentário fará.

— Talvez... — mastiga. — Eu possa te mandar uma passagem aérea para me visitar semana que vem...

Há um enorme ‘sim’ passeando dentro da minha boca. A melhor resposta, no entanto, é não. Por uma série de razões. Uma delas é que ainda não me sinto emocionalmente pronta para voltar à costa oeste. Há uma série infinita de memórias que não quero despertar agora, além da enorme probabilidade de cruzar caminho com Tristan – o fantasma do meu passado, presente e futuro. Sobretudo, Vince não me conhece. Por mais excitante que seja sua companhia e a recém-descoberta que faz meu corpo cantar por seu toque, que sou extremamente atraída por ele, ele não conhece a Liz Swan, muito menos a versão que veio antes dela. Não faz ideia de que a primeira dança num clube privado em troca de muita grana, e a última é filha de um chefão da máfia russa. Expor minha vida a ele é comprometê-lo com todos os segredos que guardo, é arriscar prejudica-lo por se envolver com uma pessoa com tanta bagagem quanto eu.

— Desculpe-me. — percebe meu silêncio e se adianta. — Não quis pular etapas aqui. Só quero uma outra oportunidade de passar um tempo na sua companhia.

— É o que quero também, Senador. — mastigo uma porção da omelete. — Isso aqui é maravilhoso. — olho para a mesa, surpresa que há um café da manhã completo nela. Frutas, café, chá, suco, torradas feitas com o pão que não foi para o lixo por pura sorte... — de acordo com o seu ritual, eu teria que ter acordado e preparado o café da manhã.

— Depois do que me disse há pouco, preferi não arriscar. — rimos da sua audácia. — Foi Sophie que criou esse ritual. Além de ótima cozinheira, adorava as pessoas, gostava de socializar. Entendia que se estabelece laços fortes com as pessoas através do que cozinhamos para elas. Sophie era uma comunicadora nata e adorava ver as pessoas relaxadas, confortáveis perto dela.

— Ela devia ser uma pessoa incrível. — comento. Ele assente, dando uma mordida na torrada. — Deve sentir muita falta dela.

— Todos os dias. — confirma. — Nós fomos melhores amigos antes de nos apaixonarmos e admitirmos os sentimentos um ao outro. Não me lembro de um momento importante sequer na minha vida em que Sophie não tenha feito parte. Depois que ela se foi, tive que entender que a minha vida não continuava, eu precisava começar uma nova, sem ela, pois sem ela aquela vida de antes jamais faria sentido.

Não consigo evitar em comparar aquela história com a que tive – ainda tenho – com Tristan. Sei muito bem o que quer dizer.

— Sinto muito que Sophie se foi, Vince. — alcanço sua mão sobre a mesa. Ele me olha, mas não há dor no seu olhar, apenas tristeza. — Desculpe-me por tocar no assunto...

— Não me importo em falar sobre ela. Com o passar do tempo o tipo de saudades muda. Primeiro, você sente falta da presença da pessoa, ver vazios os lugares que ela ocupava machuca. É uma saudade que te pune, te machuca. Acho que agora estou num estágio em que preciso falar sobre ela, pois minha saudade é da nossa história. É como chegar ao fim daquele livro preferido. Não há nada o que fazer, acabou. A sua forma de ‘continuar’ aquela história é contando-a para seus amigos, recomendando o livro... É o que penso da vida que tive com Sophie; ela precisa ser lembrada, e celebrada.

Ele pisca para se livrar de uma lágrima no canto de seus olhos marejados. Aperto sua mão.

— É a coisa mais linda que já ouvi alguém falar sobre, sabe... Obrigada por ter dividido isso comigo.

— Não me importo em dividir isso ou qualquer outra coisa sobre a minha vida com você. O que quiser saber é só perguntar.

Olho para aquele homem doce e sensato, de voz calma e sorriso amigável – o mesmo que minou minhas muitas camadas de proteção – e

sinto meu coração transbordar de um sentimento que ao mesmo tempo me assusta e me traz paz.

Estou me apaixonando por você, Vince Hawke...

Vince levanta-se, carregando seu prato copo e talher para a pia e eu sei o que isso significa.

— Preciso ir, Ballerina.

O QUE RESTOU DE NÓS (19)

"Por que estamos separados, tudo parece nos separar, até nosso esforço para voltarmos a ficar juntos."

— Simone de Beauvoir, **Os Mandarins**



Atualmente

Já se passaram quase duas horas desde que encontrei Vince. Atingi meu limite.

Estou cansada de posar de boa esposa apaixonada para Tristan impressionar pessoas influentes da quais ele quer apenas o dinheiro.

Eu não deveria estar aqui.

Não deveria ter ficado.

Deveria ter ido embora.

Do momento que Vince descobriu com quem me casei, e o quão real meu casamento parece ser, eu deveria ter ido embora. É insuportável vê-lo circular pelo ambiente claramente evitando me olhar.

Me sinto culpada.

Sou uma mentirosa, uma enganadora.

Várias vezes ele me deu a oportunidade de lhe dizer toda a verdade. O assunto sempre surgia quando pedaços de passado ficavam à mostra ao tentarmos encaixar a história de um na do outro.

Nunca escondeu nada de mim.

Ao contrário, sempre foi muito claro a respeito da relação de amor e cumplicidade com sua esposa – sua melhor amiga – e como sua ausência sempre será ‘presença’ na vida dele e de Brie. Mesmo assim, no final de cada pergunta que lhe fazia nunca havia pausa ou desvio de assunto; eu nunca retribuí seu respeito e entrega a relação que queria construir comigo. Mal sabia que, ao contrário dele, eu escondia verdades sobre uma vida que eram duas; algumas vezes, muitas mais.

Na verdade, eu deveria estar aqui sim. Mas ao lado de Vince, não de Tristan.

— Querida, você está bem? Está tão pálida.

Tirada dos meus pensamentos de forma abrupta, olho ao redor da mesa. Vejo a preocupação estampada no rosto de minha mãe, e até mesmo de seu namorado, que não me conhece mais do que poucas horas. E por fim, a do meu marido, de pé próximo à mesa a nossa frente, conversando com um casal. Vez ou outra lança um olhar pra mim.

Ele sabe.

É a mensagem que me manda com seu olhar censurador.

Não sei como nos viu, mas ele sabe.

Claro que sabe.

Não me importo. É bom que saiba que suas manobras não podem e nem vão mudar o que sinto por Vince, mesmo sabendo que jamais voltaremos a ter o que tivemos até poucas semanas atrás.

Mais uma vez Tristan Sawyer mudava o curso da minha história, alterando meu futuro.

Meu estômago embrulha, sinto o pouco que consumi esta noite subir amargo pela minha garganta. Vou despejá-los aqui mesmo se não agir rápido. Me levanto de uma vez, mão no estômago e segurando a respiração.

— Tudo bem, querida. Eu vou com você — Pam diz.

— Não se preocupe, Pam. — lembro de respirar. — Só preciso de um pouco de ar. — dou uma passo para o lado. — Com licença.

Pam diz mais alguma coisa, mas meus passos apressados já me levavam para longe. Longe deles e perto da saída do salão. Estou tendo um ataque de pânico. Algo que não tenho desde que comecei a terapia para a superação do meu acidente. Tudo dentro da minha cabeça já estava tão bem resolvido que fui dispensada das sessões. Agora, sou empurrada de volta à borda daquele precipício.

Passo pela recepção, agora vazia das centenas de fotógrafos e repórteres, e também do tapete vermelho, e saio na calçada. Estou do lado de fora e não pensei em que direção seguiria quando chegasse aqui.

A brisa fria e úmida esfria meu corpo, mas pouco faz para acalmar meu coração.

De imediato, o celular começa a vibrar de forma contínua na minha mão. Não preciso olhar. Sei que são mensagens rudes de Tristan.

Mais uma vez a brisa fria sopra meu rosto. As luzes fortes da rua, o barulho dos carros e as conversas do lado de fora me atordoam por um instante. Sei que não tenho muito tempo se quero achar um lugar para sentar e me acalmar. Preciso pensar no que fazer. É irônico que a cidade que por tanto tempo foi meu refúgio agora não parece me oferecer nenhum acolhimento.

Se ao menos não tivesse perdido o contato com meus amigos do balé. Poderia ligar para Isa. Não consigo. Imaginar que posso colocar mais pessoas no radar obsessivo de Tristan me freia.

Ouçõ uma buzina forte vinda do cruzamento na rua logo abaixo. O sinal sonoro parece ter me avisado que meu tempo esgotara. Era hora de me mover. É o que faço a despeito das dores que se tornaram companheiras inseparáveis há algum tempo. A tela de descanso do celular mostra que já são dez e meia da noite. Minhas opções de fuga ficam ainda mais limitadas. Só me resta apressar o passo. Seguir andando. Para bem longe.

A calçada lisa de concreto ecoa meus saltos, lançando-os contra as paredes do edifício à minha esquerda. Passo os olhos por suas janelas, tudo está iluminado lá dentro. Vejo pessoas sentadas as mesas sorrindo, conversando. Um universo paralelo ao meu.

Consigo chegar à esquina. Uma pequena vitória que comemoro com profundo alívio. Olho a placa indicando o nome das ruas e aperto os olhos

para cobrar de minha memória que parte da cidade estou e para onde posso seguir. Avenida Columbia com a 65.

Merda. Estou no coração de Manhattan. Minha única rota de fuga seria andar duas quadras até o metrô, ou pegar um táxi... Ponho o pé fora da calçada para atravessar quando a luz para pedestres fica verde, mas sou forçada a tirá-lo pois um carro preto para abruptamente na minha frente, bloqueando minha passagem.

Meu tempo acabou.

Todas as portas se abrem e o exército do MIB de Tristan desce.

— Boa noite, senhora Sawyer. — o que desce pela porta do passageiro segurando a gravata preta fina diz. Como se não tivessem vindo em disparada atrás de mim para impedir minha fuga. Como pode me desejar uma boa noite?

— Senhora Sawyer! — olho para trás e vejo Jerry correndo em minha direção. Testemunho a tensão dissolver no seu rosto à medida que se aproxima.

Para ao meu lado, mãos na cintura, recobrando um pouco do fôlego. — A senhora está bem? — Jerry pergunta. Pelo seu tom sei que está verdadeiramente preocupado.

— Vou ficar. Preciso ir embora daqui. — levo a mão à testa. — Por favor...

Fica a meu lado, mão nas minhas costas, dando um apoio que eu sequer notei precisar para continuar de pé. — Só mais um minuto, Liz. — ele sussurra. Suas palavras me trazem conforto.

— Eu a levo. — Jerry diz a seus homens. — Vocês ficam com o senhor Sawyer.

Os homens apenas se afastam quando me aproximo. Um deles abre a porta para mim, enquanto outro me auxilia a subir com os saltos, que tiro assim que entro no carro.

Deito no banco de trás, mesmo sobre protestos de Jerry de que segundo protocolos de segurança não pode permitir que ande daquele jeito. Preciso pôr o cinto de segurança. Ignoro seus pedidos. Meu corpo inteiro está dolorido. Por dentro e por fora.

— Porra, Kudrow, diga que já está com minha esposa! — A voz enfurecida de Tristan soa dentro do carro em Dolby surround sound®.

— Sim, senhor. — Jerry responde, sem parecer afetado pela ira de meu marido. — Ela está comigo. Estamos voltando para a Spring Tower.

— Graças... — a voz de Tristan desaparece por um momento e há uma longa pausa. Chego a pensar que desligou. — O doutor Shen já a aguarda na suíte. — solta um suspiro e faz mais uma pausa. — Por favor, faça tudo que pedir, sem restrições. Me mantenha informado.

— Absolutamente, senhor. — ele confirma me olhando pelo retrovisor de forma apologetica.

Solto um grunhido, contrariada. Não quero ir para aquela suíte que terei que dividir com Tristan por pelo menos mais um dia. Quero ir para casa. Não para a mansão de Seattle, para meu estúdio. Ou para qualquer lugar longe de Tristan Sawyer.

Fecho os olhos. A falta de luminosidade parece fazer o tempo passar mais rápido e o carro andar mais rápido também, pois em poucos minutos já cruzo o corredor que me leva até a suíte.



20h01 – Laylah – Acho que estou apaixonada!

Leio a primeira mensagem que me enviou horas atrás. As outras eram apenas fileiras infinitas de pequenos ícones como fogo, corações de todas as cores, um gatinho com olhos em formato de coração, uma berinjela, um filé... e não consegui decifrar todos os seus sentimentos por ter recebido uma foto de Jerry Kudrow usando um lindo terno cinza claro. Se Jerry descobrir que tirei uma foto sua enquanto estava distraído talvez não goste muito da ideia. Mas, minha amiga de todas as horas merece uma foto de seu ‘crush’.

Sorrio pela primeira vez esta noite. Pelo menos de forma sincera e espontânea.

Baixo os olhos da tela do celular e encaro a janela. A linha do horizonte marcada por luzes artificiais ainda é uma boa distração. Assim que o doutor Shen saiu, após me fazer dezenas de recomendações para descansar e tomar o arco-íris de pílulas que prescreveu, peguei um cobertor e me sentei na chaise lounge da sala. A mais perto da janela panorâmica. Volto os olhos para o celular.

00h07 – Você – Tá acordada, amiga?

Enquanto espero por sua resposta, torcendo para que possa conversar um pouco, clico no pequeno círculo vermelho acima do número

não identificado na minha lista e vejo as dezesseis mensagens que recebi de Tristan:

21h46 – Você está bem, Cygnet?

21h48 –Cygnet?

21h54 – Mais cinco minutos e vamos para casa.

21h58 – Alguma chance de querer se juntar a mim e os Sandoval?

21h58 – Acho que vai gostar de ouvir o que Martina tem a dizer.

Quando Tristan me falou que uma das pessoas com quem precisava muito conversar era Martina Sandoval, não me explicou muito bem o porquê. No entanto, é fácil imaginar. Tristan gosta e precisa de dinheiro, não só disso, dinheiro importante. Quem lhe confere a confiança do investimento muitas vezes é mais importante do que a quantia conferida. Não tirei isso da minha cabeça, foi uma das poucas coisas que me explicou esta noite. Como se eu estivesse com condições de me importar com isso. Apesar do nome Martina Sandoval me ser extremamente familiar, acredito que o resumo dessa ópera seja que é uma socialite badalada, riquíssima, e que uma vez que fizer qualquer negócio com Tristan, as portas do paraíso bilionário de Nova York se abrirão para ele.

As vezes que gastei alguns minutos prestando atenção na sua movimentação pelo salão, vi que não saiu da sombra do casal Sandoval. O que me chamou a atenção é que enquanto Martina, uma mulher jovem, recém-chegada ao quarenta, alta e esbelta como uma modelo de passarela, parecia muito entretida com a companhia de Tristan; seu marido, o cirurgião renomado, Greg Sandoval, mais baixo que sua mulher, calvo e de bigode branquíssimo, demonstrava um incômodo que era inversamente proporcional.

Senti empatia por ele. Olhando assim, de longe, é impossível não notar um certo grau de flerte entre os dois. Tristan tem apenas vinte e nove anos. Dentre os políticos e personalidades presentes neste evento, é , sem dúvidas, o mais jovem. Entretanto, sua atitude destemida, de tratar todos ali em pé de igualdade, aliada à sua presença marcante por causa de sua figura grande e poderosa – além da barba fechada que agora usa –, o torna alguém que entra no radar de todos, principalmente das mulheres. Martina seria tola em não aproveitar sua companhia. De acordo com os planos de Tristan, era isso que esperava que a mulher fizesse.

22h09 – Preso em mais uma roda de conversa inútil graças a Alicia Hubert.

22h12 – Você não parece bem. Está com dor?

22h18 – Meu carro está na saída sul.

22h22 – Jerry nos aguarda.

22h24 – Só mais um minuto.

22h27 – Cygnet?

22h27 – O que aconteceu?

22h27 – Você está bem?

22h28 – Onde está indo?

22h28 – Merda, Liz.

22h29 – Não dê mais um passo!

O fim da minha leitura é marcado com a porta da suíte sendo aberta de uma vez, em seguida fechada com a mesma força ou displicência. Jerry não entraria pela porta da frente, muito menos faria esse estardalhaço para anunciar sua chegada.

Ouçõ os passos de Tristan caminhando da entrada até a sala. Ele não acende as luzes, logo minha presença passa despercebida. Pelo canto do olho, percebo-o se despindo da jaqueta do terno, e do colete, jogando-os no encosto do sofá na sua frente. Afrouxa a gravata e a puxa por cima da cabeça. Quando a arremessa no sofá, seus olhos finalmente me acham.

— Cygnet... — meu nome sai encharcado de álcool. — Sente-se melhor?

— Vai pro inferno, Tristan. — digo, me surpreendendo com o cansaço na minha voz.

Encosta o quadril contra o sofá e sem muita coordenação vai desabotoando a camisa branca e tirando os sapatos. — Pelo que Doutor Shen prescreveu, imaginei que estaria dormindo profundamente por agora.

— Não tomei nada do que ele prescreveu. Não vou aceitar ser dopada só porque reajo aos absurdos que está fazendo comigo. Ainda tenho controle sobre o que coloco dentro do meu corpo. — puxo o cobertor e coloco os pés no tapete felpudo. É hora de deixá-lo falando sozinho.

— Ótimo. — caminha até o bar. Um balcão de madeira escuro com alguns banquinhos e muita bebida, ao lado da sala. — Espero que isso inclua o pau de Vince Hawke. — senta-se num dos banquinhos e puxa a garrafa do que parece ser uísque, puxa a tampa e bebe direto da garrafa.

Mais do que a forma chula de seu falar, foi o conteúdo por trás da afirmação que mexeram comigo profundamente.

— Foi por isso que me trouxe de Seattle até aqui? Para mostrar a Vince que foi com você que me casei?

Ele devolve a garrafa com um ‘tum’ grave, vira-se para mim com ar de impaciência.

— Cygnet, eu estou completamente bêbado. Você está cansada. Isso não é um bom momento para termos uma conversa, muito menos uma discussão. Vá para a cama...

— Eu vou se responder minha pergunta. — cruzo os braços.

Ele revira os olhos. — Eu te trouxe aqui porque tenho sentido saudades da minha esposa. Não temos passado muito tempo juntos...

— Eu não sou sua merda de esposa... — rebato com o resquício de calma que ainda existe em mim.

Ele acha graça. Sua risada chacoalhando seus ombros. Sua cabeça cai um pouco, num gesto obvio de quem já bebeu mais do que sua cota esta noite. Principalmente para quem, como ele, não está acostumado a beber. — Meus advogados vão discordar de você.

— O que você fez com Vince hoje foi ridículo. Está chantageando-o com dinheiro de campanha, que ele precisa tanto, para que se afaste de mim.

— Vince é um cara legal, um bom político, tem princípios. Isso é raro. Tenho certeza que não preciso chantageá-lo para entender que não deve se aproximar de mulheres casadas. Não concorda, Cygnet?

O jeito que me olha, as palavras pausadas, pensadas... Ele sabe. Sabe o que aconteceu entre mim e Vince hoje.

— A não ser que tenha mais alguma coisa que queira me contar sobre isso...

— Tenho sim. — surpreendo-o, dando mais um passo em sua direção. — Ele me disse que se livrou de seus chantagistas. Que pagou o que pediram para deixá-lo em paz. O que quer dizer que você extorquiou dinheiro dele. Como pôde?

Ele assume a culpa ao permanecer calado, ocupando sua boca com mais uma golada direto da garrafa de uísque.

— Tristan, me promete que não fará mal a ele ou Brie.

Ele ri de forma debochada, enchendo a bochecha com o líquido da garrafa e depois engolindo-o devagar, seus olhos frios em mim.

— Você sempre se gaba de cumprir tudo que promete. Quero que me prometa que nunca vai fazer mal a Vince. Preciso ouvir você dizer... —

digo, quase suplicando. Eu preciso ter essa certeza. Preciso saber que Vince está seguro.

Seu rosto vai lentamente se transformando na versão que uma vez, muito tempo atrás, jamais foi direcionada a mim, e que agora, faz questão que eu veja. Enfia a mão no bolso e puxa o celular, digita alguma coisa e o põe no balcão. Meu coração se aperta porque imagino o que sairá dele.

“Ballerina...”

A voz de Vince, alta, quase distorcida preenche a sala. Sua respiração abafando minha voz.

“Vince...”

O barulho de nossos sussurros e respiração ofegante me constrange.

“... a gente não pode fazer isso.”

Tristan parece gostar de ver o constrangimento no meu rosto. Aquiesce e espicha os lábios como se admirasse algo. — Ponto pra você, bailarina. — debocha. — Agiu como uma mulher casada. O que você é.

“Não deixei de pensar em você um minuto sequer desde a última vez que nos falamos.”

A fragilidade na voz de Vince me atinge novamente, aperta meu coração, esmaga meus pulmões.

“Por que, Ballerina?”

— Desligue isso, Tristan. — tento alcançar seu celular, ele bloqueia minha mão com seu braço e me lança outro olhar ameaçador.

“Eu não menti para você quando disse que conseguiria resolver aquele assunto, Ballerina.”

— Você é desprezível. Desliga isso, Tristan!

“O pior já passou. Paguei o que eles queriam, está tudo resolvido. Eles se foram, Ballerina. Por que não me esperou? Estava completamente apaixonado por você... Ainda estou...”

— Relaxa, Cygnet. A minha parte favorita ainda não chegou. — continua dando goles na garrafa, seus olhos ficando cada vez mais vermelhos. Ele não está torturando só a mim. Está torturando a si mesmo, pois essa é a nossa verdade, e eu não ligo que ela o incomode.

“Eu era um risco para você. Eu sinto muito ter feito dessa forma, mas não me arrependo.”

— Mulher corajosa. Atitude admirável. — continua debochando.

“Liz...”

— Por favor, desligue isso! — tento circulá-lo para alcançar o celular do outro lado, ele me segura pelo cotovelo. — nos encaramos. Pergunto com o olhar se é isso que quer? Me ferir? Enquanto a voz de Vince continua como fundo para nossa altercação.

“Você foi... é luz na minha vida e na da minha filha.”

Meu peito explode em lágrimas ouvindo a declaração de amor que Vince me fez.

“Acha mesmo que entre isso e um cargo político, eu preferiria o segundo?”

Me livro da mão de Tristan, dando um passo para trás. Levo as mãos ao ouvido. Mas, não é o suficiente para abafar sua voz.

“ Por que fez a escolha por mim?”

“ Por que, Ballerina?”

Eu não sei o porquê. Só queria protegê-lo. Acho que ele faria o mesmo por mim.

“O que está feito, está feito.”

“Se algum dia aquelas fotos ou vídeo vieram circular, não vão te prejudicar. Jamais me perdoaria se deixasse aquilo machucar você ou Brie.”

— Agora vem a minha parte favorita.

“Merda, Ballerina.”

A ausência de palavras fala bem mais alto. Só nossa respiração e o barulho dos nossos lábios se encontrando.

— Ele te beijou, Cygnet? — a voz de Tristan está ainda mais mole, e por conhecê-lo tanto, sei por que diz que essa é sua parte ‘favorita’. Finalmente, desliga o áudio. — Agora entende por que não sou eu quem tem que fazer promessas aqui?

— Vai pro inferno, seu monstro.

— É melhor fazê-lo não encostar mais um dedo na minha esposa. Da próxima vez... É melhor para ele não haver próxima vez... — ele se levanta e caminha na direção do quarto. Vai me deixar aqui falando sozinha depois de me torturar com esse áudio.

— Espero que o mesmo valha para Samara Leighton!

Ele para imediatamente e olha para trás. Para mim. — O que tem Samara?

— Eu sei que está trepando com ela. — afirmo falsamente.

— O quê? De onde tirou isso?

— Eu vi a foto, Tristan. Vocês dois, numa noite de réveillon, se beijando.

— Aquela é uma foto do réveillon no escritório. Samara trabalha para mim. Não há nada desrespeitoso naquela foto. Além disso, eu não era casado na época. E para deixar bem claro, não estou trepando com Samara Leighton.

— Não mais, não é verdade? Por muito tempo você fez como todos os caras babacas de Avalon, tratando-o a como um objeto descartável, um buraco na parede... Esse é o tipo de pessoa que você é.

— Essa conversa é inútil, Liz. Pelo menos não estou entrando em quartinho escuros com outras mulheres, enquanto a minha esposa está do lado de fora preocupada comigo. Novamente, é melhor Vince Hawke ficar longe de você. Já que não se importa comigo, apenas inverta os papéis e me diga se seria justo com ele...

— Se realmente me tratasse com o carinho e respeito de esposa eu não precisaria ‘te desrespeitar’.

— Então, é sobre isso? É sobre sexo? Você quer que seu marido te foda para não ter que procurar por isso com outra pessoa?

A forma como distorceu minhas palavras só não me surpreendeu mais do que ver sua figura se aproximar.

— Você está certa sobre algo, Cygnet. — Pelo caminho deixa o cinto que usava ao redor da cintura, sua calça descendo alguns centímetros por seu quadril estreito. — Eu realmente não tenho te tratado como a mulher com quem me casei, — termina de abrir os botões da camisa e a tira.—, pois a minha esposa não deveria estar morando numa parte separada da casa, com seu próprio quarto, vivendo uma vida paralela à minha...

Por um momento não sei se estou mais surpresa com sua aproximação ou com o fato que é a primeira vez que vejo Tristan sem camisa em anos, e ver seu torso e braços completamente tomado por tatuagens deixa sua figura já naturalmente poderosa ainda mais ameaçadora. Ele continua se movendo, e falando:

— ... Não! Esta é a vida de uma garotinha mimada e poupada, que se tornou uma mulher arrogante que acha que pode ditar como eu conduzo o meu casamento.

Quando para, tenho que esticar o pescoço ao máximo para continuar olhando nos seus olhos ameaçadores, lhe enviando o pior que eu consigo fazer de volta. Subo na ponta dos pés para deixar meu rosto um pouco mais

próximo do seu, para ter certeza que ouvirá cada palavra, que eu faço questão de pontuar.

— Eu. Não. Sou. Sua. Merda. De. Esposa!

— Sim. Você. É! — sussurra raivoso, álcool em vapor e gotas tocando meu rosto.

— Eu o amo, Trist. — não posso recuar. Não vou recuar. — Não há nada que possa fazer sobre isso. Está totalmente fora de seu controle. É isso que te incomoda. Você não consegue mais me controlar.

— Está casada comigo e não há nada que você ou ele possam fazer sobre isso, Cygnet.

Já que as cartas já estão todas na mesa. Não tenho nada mais para esconder.

— Eu não me arrependo, sabia? Ao contrário, se soubesse que estava ouvindo tudo deveria ter feito sexo com ele ali mesmo!

A reação no rosto de Tristan é automática. Foi como se tivesse enterrado um punhal no seu peito, do lado do seu coração. Tive que ignorar a dor que também senti por machucá-lo. Deixo a raiva falar por mim, e sabendo que consegui pôr fim lhe ferir, torço o punhal:

— Vou fazer questão de me lembrar disso na próxima vez que encontrá-lo.

Seu rosto se contorce ainda mais, e ele solta um grunhido. No próximo segundo, sinto meu corpo levitar e então, pousar de barriga no encosto do sofá. Consigo tocar apenas a ponta dos dedos no chão carpetado, uso os braços para jogar meu corpo para trás e sair daquela posição, mas a mão de Tristan, no meio das minhas costas, só precisa fazer uma leve pressão para baixo, para me desequilibrar novamente. Fico literalmente com o traseiro para o ar. O vestido tubinho virando um bolo enrolado ao redor da minha cintura. Estou totalmente exposta a ele.

— Tristan, que diabos! Me tire daqui!

Ouçõ sua respiração ofegante misturada com a minha, não sei se de raiva por minhas provocações ou pelo esforço de ter manobrado meu corpo no ar como se eu pesasse menos que uma pena. Ou os dois...

A mesma mão que me segurou agora desce pelas minhas costas, passa firme e quente pela linha entre minhas nádegas e se enrosca no filete de renda delicado da minha tanga.

— É assim que você gostaria que ele tivesse feito, Cygnet? — sua mão arde contra minha pele. — Aposto que não é a primeira vez que te

tomaria assim, por trás...

— O que há de errado com você, Tristan? — tento, mais uma vez, e em vão recobrar meu equilíbrio e sair dali.

— Já passou da hora de agirmos como recém-casados. Se esqueceu que é comigo que é casada, vai ser lembrada. — voltou a me ameaçar. É tudo que tem conseguido fazer.

Com um puxão leve, se livra do que agora é apenas uma tira descartável de renda e com um pé separa os meus. O movimento bruto contra minha perna ‘ruim’ sobe como lava escaldante pelos nervos, passam pelo meu quadril como estilhaços de granada e sobe em ondas secundárias da mais pura dor até minha nuca.

Gemo alto, de dor, de susto, de medo e de decepção.

— Eu te odeio, seu monstro maldito. — profiro com a voz fraca, molhada de lágrimas, saliva e ira. Tento olhar para trás. Não é só o ângulo que me é desfavorável. A dor é insuportável.

Não escuto mais Tristan, senão por mim que já estou hiperventilando, todo o resto é total silêncio.

— O que você está esperando. Acabe com isso de vez! — o desafio. Quero que minhas palavras, ao menos, acabem com o silêncio maldito que faz minha antecipação e medo crescerem. — Vá em frente! Prove que é um monstro desprezível!

Ouçõ movimentos, barulho de tecido contra tecido. Só posso imaginar que esteja se despindo.

— Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio... — começo a repetir como um mantra até convencer meu cérebro e meu coração que meu Tristan da minha infância, da minha noite de formatura, não existe mais. Ou talvez nunca tenha existido. Como tudo que foi minha vida por dezessete anos, devo ter idealizado suas intenções também.

Solto uma arfada de ar quando sinto o calor de suas coxas pelo tecido de sua calça contra a parte de trás das minhas. Aperto os olhos e continuo repetindo meu mantra. Deixo escapar um gemido quando sinto seu peito contra minhas costas, os pelos de seu peito roçando minha pele arrepiada e sensível.

— Eu te odeio, seu monstro ... — sussurro entre soluços quando sinto sua mão subir para meu rosto, fazendo um carinho bruto, que raspa minha pele úmida. Um braço tatuado até o punho me dá o suporte que

precisava, e de forma lenta, vai me erguendo até ser prensada contra seu peito. Os lábios de Tristan vão para o meu ouvido.

— Posso até ser um monstro. Mas, não para você, até agora. Te tratei com respeito e exijo que seja tratado da mesma forma. Se quer estar casada com um bom marido ou um monstro, lembre-se que a escolha é sua. Eu posso ser qualquer um dos dois, quando quiser.

No próximo segundo ele não está mais lá. Me soltou, deu um passo para trás e eu quase desabo no chão, senão por ter agarrado o encosto do sofá com as unhas, para manter-me de pé. Pelo canto do olho, vejo Tristan, vestindo calça, camisa e jaqueta do terno, rumando para a porta.

— Vá para a cama, Elizaveta. O seu dia será intenso amanhã. — diz alto, do foyer.

A porta da suíte fecha com um clique alto.

SOB SUAS ASAS (20)

“Isso é o que chamamos de amor.
Quando você é amado, você pode fazer qualquer coisa.
Quando você é amado, não há necessidade de entender o que está acontecendo, porque tudo acontece dentro de você.”

— Paulo Coelho, *O Alquimista*



Sete anos e meio atrás

Tristan Sawyer está me beijando.

Não como todos os outros beijos castos que me deu ao longo de nossas vidas: secos, rápidos, quase tímidos. Não, esse é o beijo pelo qual tanto esperei: quente, profundo, com seu gosto, sua língua quente na minha, suas mãos percorrendo cada curva do meu corpo enquanto me pressiona contra a parede.

Inalo seu cheiro amadeirado e o ar que parece ter aquecido desde que nossas bocas se tocaram. Não há nada gentil nesse beijo. Tristan rouba meu

ar, me consome centímetro por centímetro, como se estivesse esperando por esse momento tanto quanto eu. Como se quisesse tornar esse beijo inesquecível. Tornar um pouco de mim, só dele.

Tolo. Esse beijo já é inesquecível e tudo em mim pertence a ele: minha boca, meu corpo... meu coração.

— Ah, Cygnet. — tira seus lábios dos meus e sussurra. — Sua boca é tão doce. Não consigo parar de te beijar.

— Por favor, não pare. — pedi o óbvio. Colei meus lábios nos dele novamente.

Suas mãos, antes atrás de minhas costas e minha nuca, desceram pelas laterais do meu corpo, trilhando um caminho cheio de promessas pelas minhas costelas expostas pela blusa cropped, passearam pela minha cintura, quadril, até alcançarem a barra da minha minissaia jeans. Deu um leve puxão para alcançar a parte de trás das minhas coxas. Sem se afastar de mim, abaixou o tronco o suficiente para me puxar junto ao seu corpo, contra seu quadril. Antecipei o movimento e circulei seu pescoço com meus braços, tendo certeza que nossos lábios não se afastariam.

Nossos olhos se encontraram enquanto suas mãos apertam minhas nádegas, me pressionando ainda mais contra a parede, me fazendo testar a dureza do concreto e a que empurrava o zíper de sua calça jeans contra a carne tenra das minhas coxas.

— Meu pequeno cisne... — sussurra contra meus lábios. — ...você é tão doce.

A realidade do que estava acontecendo conosco me causou estranheza. Era o famoso momento: ‘é bom demais para ser verdade’. Estava nos braços do meu grande amor, meu amigo, meu protetor, a peça fundamental que me torna completa.

— O que está fazendo comigo, Cygnet... — disse em um sussurro rouco antes de sua boca começar a trilhar beijos quentes ao longo do meu pescoço e ombro. Roda o quadril, sua frente pressionando a minha, e tudo mais não importa para mim, a não ser o desejo que me inunda. Cruzo os braços na altura dos cotovelos, levando meu corpo ainda mais próximo, colando minha frente na sua, e copio o seu movimento. Ele grunhe contra minha pele, e eu solto um ‘ah’ num suspiro estrangulado pela pressão deliciosa.

— Eu devo estar perdendo a porra da minha cabeça. — murmurou. No próximo segundo, estávamos nos movendo. Ele me segurou firme e

caminhou rapidamente até seu quarto, me deitando em sua cama, em seguida. O desejo ardente nos seus olhos me estremeceu de antecipação por querer senti-lo ainda mais perto de mim, em mim.

— Já te disse que adoro seus olhos de oceano? — perguntou quando desceu o corpo sobre o meu. Apoiou um cotovelo ao lado da minha cabeça, dando suporte para seu rosto. A outra mão pouco abaixo da linha do meu busto, seu polegar a meros milímetros da excitação enrijecida dos meus seios.

— A única coisa que já me disse sobre meus olhos era que esperava que minha cabeça crescesse mais ao redor deles até chegar a fase adulta porque eram muito grandes para meu rosto. — rio do nosso momento nostalgia. Ele também.

— Eu sou um idiota. — seu rosto fica sério. — São os olhos azuis mais lindos que já vi na vida. Do tipo que se escreve poemas e músicas sobre.

Sorrio, encabulada. — Recite um poema sobre meus olhos, então. — proponho.

— Hm... — beija meus lábios de leve e faz cara pensante. — Vamos ver... — Leva a mão ao meu rosto, sua mão pousando na minha bochecha e o polegar traçando o desenho da minha sobrancelha.

Caímos num silêncio profundo por alguns minutos. Olha para mim com tanta atenção que parece estar me vendo pela primeira vez. Finalmente, diz:

— Oh, olhos de oceano, quem você ama? Diga que sou eu, meu coração clama. Quero a luz desses olhos iluminando minha vida, e a dona deles...nua na minha cama!

Tudo fica suspenso por um momento. Seu rosto sério, esperando por minha reação dura apenas poucos segundos. Caímos na gargalhada em seguida.

— Tava indo tão bem, besouro. — gargalho. — Nota oito.

— Oito? — protesta debochado. — As minhas rimas foram perfeitas!

— ... e meio. — conserto, meus ombros ainda chacoalhando.

Seu rosto volta a vestir a mais pura concentração. Como se tivesse virado uma chavinha em algum lugar. Me encara até eu precisar desviar o olhar.

— Você é linda. — diz, resgatando minha atenção. — Doce e linda... — me dá um beijo longo, profundo, que abandona meus lábios e se arrasta pelo meu queixo, passando pela minha garganta até o pequeno vale entre meus seios.

Prendo a respiração pois sei o próximo ponto a ser explorado por sua boca. Entretanto, distraída com esse pensamento, não percebi que a mão de Tristan desceu pelo meu quadril e pousou firme no meio das minhas pernas. O tecido de renda fazendo pouco para isolar seu toque da pele super estimulada ali.

— Trist... — murmuro. Na verdade, estou um pouco envergonhada da excitação líquida que encharca minha calcinha.

Tristan, não se importa. Ao contrário, gosta do que encontra. A confirmação vem de forma coordenada e implacável, pois ao mesmo tempo que sua boca acha meu seio desnudo por baixo da blusa, sua mão quebra a barreira do tecido delicado e seus dedos me invadem, acariciando minha carne tenra e úmida, e mergulhando dois dedos no mar do meu desejo por ele.

— Oh Deus! — gemi alto. Por instinto, dobro os joelhos, dando-lhe mais espaço para sua exploração deliciosa.

Já estou a ponto de explodir em êxtase. Posso sentir. Mesmo sendo tecnicamente virgem, não sou inocente, ingênua, muito menos pouco curiosa. Senão pelo ato em si, sei muito sobre sexo e sobre meu corpo. Além do mais, eu e Ozzie já chegamos várias vezes muito perto do ‘final’. Por uma série de fatores aleatórios isso nunca rolou entre a gente. Pode ser o destino ou o fato de que nas duas vezes que namoramos, nossa relação sempre foi à três. Ou era Samara interferindo, ou era a silenciosa, mas sempre presente, figura de Tristan assombrando nossos planos.

— Você está tão pronta pra mim. — diz contra meu seio. — Estou mais que pronto para você, Cygnet.

Um puxão e lá se foram minha saia e calcinha, arremessadas para o lado. Fica de pé para se livrar da camiseta, dos jeans e cueca e sou tomada por um pânico sufocante. Talvez eu seja mesmo uma virgem no sentido literal da palavra, pois o homem nu na minha frente, além de lindo, é... poderoso...

— Quase me esqueço! — diz ele, virando-se e caminhando até o banheiro.

Meu coração dá saltos mortais dentro do meu peito. Preciso manter a calma. Isso é uma coisa natural, todo mundo faz, e todo mundo que faz, fez pela primeira vez também. Não é nada demais. Além disso, quantas dessas pessoas teve a sorte de ter sua primeira vez com o cara, a pessoa, que ama?

Relaxa Liz, por favor.

Chegamos até aqui. Não pode entrar em pânico.

— Merda, Jerry. Onde você pôs os preservativos? — ouço Tristan reclamar, abrindo e fechando múltiplas gavetas. — Achei!

Ele volta apressado, tão á vontade com a sua nudez, enquanto me contorço de vergonha na cama pela minha. Seus olhos ficam grudados nos meus enquanto se cobre com a camisinha. Há um fascínio no seu olhar para mim.

— Você é realmente linda, Elizaveta. A garota mais linda que já conheci.

— Você também é lindo, Tristan Sawyer. O cara mais lindo e mais especial que já conheci.

Ele sorri, sobe na cama e logo seu corpo está pairando sobre o meu. Pousa o quadril, se alojando entre minhas pernas. Eu tremo. De antecipação, de dúvida...

— Sonhei com esse momento, sabia? — ele confessa, fazendo meu coração derreter. — Que um dia teria você para mim... assim...

— Eu sonhei com isso todos os dias desde muito tempo, besouro.

Nos beijamos e ele começa a ensaiar sua entrada triunfal no meu corpo. Uma investida, e ele desliza, roubando um pouco da lubricidade do meu sexo, mostrando a cadência que vai usar.

Prendo a respiração. Meu corpo está desesperado por ele. O vazio oco dentro de mim pulsa de vontade dele. Gemo alto. Se ele não fizer algo, vou entrar em autocombustão.

— É tão bom sentir seu corpo... — diz mordiscando o lóbulo da minha orelha. Faz a segunda investida de seu ensaio, usando um pouco mais de força, empurrando meu quadril contra o colchão e para cima ao mesmo tempo. — ... também esperei muito por isso...

Ele joga o quadril para trás. Sua boca mordisca meu ombro.

Sei que é agora.

Fico ofegante, com dificuldades em manter-me calma. Preciso relaxar. Pensar nele, em nós, não nesse pequeno detalhe técnico que uma

vez revelado pode atrapalhar o momento mais mágico que a gente já viveu.

— Cygnet... — ele sussurra rouco.

A estocada firme vem em seguida, me invadindo como brasa, vencendo a barreira natural que meu corpo impõe.

— Ah! — o que pensei ser um gemido ecoou pelo quarto como um grito. De dor. De prazer. Tudo dentro de mim se expande para acomodá-lo. Fecho os olhos com força, absorvendo a mistura de sensações. Minhas unhas fincam na pele, na carne, dos seus bíceps, e ele para de se mover.

Abro meus olhos e seu rosto está ali, próximo do meu, lendo minha feição. Seus olhos são de surpresa, e os vincos na sua testa e entre suas sobrancelhas são de preocupação.

Ele percebeu.

A pausa foi de poucos segundos, mas tivemos uma longa conversa. Ela foi necessária para dar tempo ao meu corpo de acomodá-lo, de se acostumar e se preparar para mais uma invasão deliciosa.

— Estou bem, Trist. — seguro os lados de sua face, trazendo sua atenção para mim, urgindo que a tensão no seu rosto se desfaça. — Por favor, não pare...

Beija meus lábios. — Devia ter me falado...

— Tinha que ser com você, besouro. Sempre quis tanto que fosse com você...

Minha confissão lhe tira reações diferentes, quase antagônicas. Primeiro, traça a linha do meu maxilar com o polegar e diz:

— Não quero te machucar...

Em seguida, seu corpo se afasta do meu – me deixando vazia dele, com saudades do seu peso sobre ele, e do seu calor – sua mão esquerda vai para baixo, encontrando meu joelho, puxando-o para si, e de forma lenta, mas firme, ele volta a reivindicar território dentro de mim. Com o ângulo ajustado, a dor sede ao prazer; arqueio a coluna, jogo a cabeça para trás, sobrecarregada com sensações que até aqui não conhecia, e solto um soluço.

— Paraíso. — sussurra contra meu pescoço quando pegamos uma cadência confortável para os dois. — Você é paraíso... — roda o quadril e meu corpo treme. Cada investida me levando mais próxima do momento em que me desfaço em puro êxtase.

— Está tão próxima. Consigo sentir... — beija meu lábios levemente, e faz o mesmo com meus seios, tirando mais palavras

desconexas, gritos, sussurros e gemidos de mim. Afundo ainda mais as unhas na sua pele.

O intervalo vai ficando cada vez menor até o barulho de carne contra carne ser mais alto que nossa respiração ofegante. Nunca senti algo assim, tão verdadeiro, tão intenso. Já podia sentir meu corpo contraindo e convulsionando por dentro, começando pequeno, como o afago de uma brisa da manhã, até crescer e ir tomando cada parte do corpo, despertando cada nervo.

— Besouro! — chamei por ele, e ele me atendeu, mantendo o ritmo e atacando minha boca, saboreando meus gemidos, se alimentando do meu prazer.

— Porra, Liz. Tão doce... tão apertada... — sussurrou contra meus lábios, sua respiração quente acariciando a pele do meu queixo. Começou a rodar o quadril, investindo contra mim em movimentos ondulares, mais firmes, mais fortes. Levou meu joelho ainda mais pra cima, me indicando para circular sua cintura com minhas pernas. Eu obedeci. E me desfiz ao seu redor.

Queria ter chamado por ele novamente, aberto meus olhos e mantido minha atenção nele, mas a sensação de tão intensa me fez jogar a cabeça para trás e soltar um gemido e um soluço para cada investida sua. Um gemido quando me invadia, um soluço quando me abandonava.

— Cygnet... — Tristan afundou o rosto no vão do meu pescoço e me assaltou, implacável, fazendo aquela onda de prazer se estender por todo o meu corpo, e uma segunda se formar.

Lá estava eu mais uma vez á beira de me desfazer em outro orgasmo. E a julgar pela forma como tudo em mim tremia e se contraía, seria mais forte que o primeiro.

Quando a explosão de sensações me arrebatou, ouvi Tristan gritar meu nome e seu corpo tensionar. Jogou a cabeça para trás e investiu uma última vez. Olhei nos seus olhos, em seguida, conectando o meu prazer com o dele, dividindo o mesmo momento. Seu corpo rígido, se derramando quente dentro de mim, enquanto me contorço e gemo embaixo dele.

— Porra, Liz. — suas palavras, ditas entre respirações ofegantes vieram com o relaxamento do seu corpo. Ainda conectados, ele começou a me cobrir de beijos. Na testa, no rosto, no pescoço e clavícula, nos seios. — Tudo em você é perfeito. — seu tom foi quase de reclamação. Beijou a

ponta do meu nariz e sorriu, mergulhando seus olhos de outono dentro dos meus.

— Eu te amo, Tristan Sawyer. — disse, primeiro por que era o único sentimento que preenchia meu peito naquele momento: amor. Por ele. O amor da minha vida. O amor de uma vida inteira. Segundo, por que era a mais pura verdade. Eu amo Tristan Sawyer, e nunca vou me cansar de repetir isso.

O sorriso morre em seus lábios, mas seu olhar, firme, cúmplice, continuava lá. Percebi que prensou os lábios, como se estivesse se auto censurando. Evitando falar algo.

Não me importa que não responda. Sei que me ama também. Tristan nunca foi um cara falador. Ao contrário, são suas ações, mais que suas palavras que me fizeram me apaixonar por ele. Talvez, um dia eu o escute dizer essa frase: eu te amo direcionada a mim. Talvez, nunca o faça. Não é isso que quero do meu besouro. Quero sua companhia, sua proteção, sua familiaridade e sua capacidade de ser uma pessoa humana e justa mesmo com aqueles que nunca fizeram o mesmo por ele. Aquele que pode até ter coragem de te empurrar num precipício, mas não antes de ter certeza de que há um colchão de ar lá embaixo para aparar sua queda...

— Já volto. — em passos longos ele entra no banheiro.

Seu corpo deixa o meu, e eu puxo a colcha para cobrir-me sentindo falta de seu calor. Busco um travesseiro e deito minha cabeça, aliviada, extasiada... feliz.

— Está bem? — deita-se de frente pra mim, como fazemos desde a infância: cabeça no mesmo travesseiro, corpos afastados um do outro, sua mão direita sobre a minha mão esquerda, um olhando para o outro, conversando, até finalmente adormecermos.

— Nunca estive melhor. — sorrio e faço uma leve pressão na sua mão.

— Eu te machuquei? — tanta vulnerabilidade no seu olhar faz meu coração apertar.

— Claro que não. — faço questão de enfatizar para amenizar sua preocupação. — Ao contrário, foi muito gentil... e paciente...

Ele umedece os lábios e balança a cabeça, censurando algum pensamento que teve.

— O que foi? — pergunto, resabiada.

— Você tem só dezessete anos... Eu deveria ter imaginado.... Deveria estar com suas amigas, sei lá, brincando de bonecas, ou escutando música de boy-band. Definitivamente não deveria estar nua na cama de um cara mais velho.

Só posso rir de seus argumentos. — Não faz diferença... E você não é qualquer cara. Além do mais, faço 18 em algumas semanas. Já sou uma mulher adulta. Deixei de ser sua responsabilidade. Sou independente, consigo me virar sozinha, fazer minhas próprias escolhas. E hoje eu escolhi fazer sexo com você. Por mais que não queira aceitar, essa é a verdade. — sorrio. Mas ele não acha graça.

— Faz sim... — discorda. — Eu tenho 22, Cygnet. Já me formei na faculdade. Você sequer se formou no colegial. Isso não está certo...

— Por favor, não diga que se arrepende. Acabei de viver um dos momentos mais mágicos da minha vida.

— Não me arrependo. — diz firme. — Só queria ter sido mais... sensato.... Foi uma reação de momento. Não pude resistir...

— Finalmente, você não resistiu... — brinco, olhando para cima como se agradecesse aos céus. Ele abre um sorriso, estica o braço, alcança minha cintura e me puxa pra ele. Deito a cabeça no seu braço e descanso minha mão no seu pescoço, acariciando a barba rala que começa a crescer, pinicando a ponta dos meus dedos.

— O que sentiu? — abaixa o rosto para me olhar nos olhos. — Sabe? Quando eu estava...hm... em você?

Sorrio pela ingenuidade de sua pergunta. — A mais completa e absoluta paz. — respondo sinceramente. — Como se todas as minhas dúvidas, meus anseios, meus medos tivessem se dissipado no momento que a gente ficou tão perto. — ele retribui o sorriso, parece gostar do que ouve. Baixa o rosto e toca meus lábios com os seus, puxando meu corpo para ainda mais perto. — E você, Trist? O que sentiu?

— Completo. — Foge do meu olhar, querendo voltar a esconder algo que não está acostumado a expor assim.

Minha mão escorre para trás de seu pescoço e eu mantenho seu rosto ali, quase colado ao meu.

— Eu te amo, besouro.

Ele suspira, contrariado, se livra da minha mão na sua nuca e vira de barriga para cima. — Não diga mais isso, por favor. Não sou merecedor do

amor de ninguém, muito menos de uma garota de coração tão puro como você, Cygnet.

— Eu te amo, Tristan Sawyer! — dou de ombros e imito sua posição, entrelaçando os dedos das mão na barriga.

— Entenda uma coisa... — leva as mãos ao rosto e o cobre com elas. — ...há tempos eu perdi minha habilidade de sequer simular qualquer coisa parecida com amor. — balança a cabeça, resignado. — Me amar é perda de tempo, Cygnet. Eu nunca vou conseguir retribuir. Não porque eu não queira, ou você não mereça. Eu simplesmente não sei... — a voz dele falta. — não consigo dizer essas palavras de volta. Elas são cheias de pureza e gestos nobres. Não sei ser assim. Tem algo de errado comigo. Essa porcaria de palavra parece que entorta minha boca, me engasga... — sinto um aperto no peito quando seus olhos ficam marejados.

Levanto-me e me sento no seu colo, coxas ao lado das suas. — Tá tudo bem, besouro. — Deito a cabeça no seu peito, ouvido no seu coração, aprendendo o ritmo das batidas. — Você está certo. Amor é só uma palavra. O que importa mesmo é o amor que a gente exerce. O que fazemos para alguém, por alguém... tipo, o que a gente deseja do fundo do coração para aquela pessoa...

— Quero que seja feliz. Que se sinta segura. Protegida. Jamais sozinha. Que realize seus sonhos. E se não for pedir muito, que eu possa estar perto de você quando tudo isso acontecer.

— Bem, essa é a definição do que a maioria das pessoas chamaria de ‘amor’. — Ergo o tronco quando ele se movimenta para se sentar na cama. — Do que chamaria isso? — indago quando sua mão acaricia meu rosto e seus olhos fixam na minha boca.

— Chamaria apenas de ‘você’.

PRIMA-BALLERINA (21)

“Mesmo antes de me tocar, eu já pertencia a você; tudo que precisou fazer foi olhar para mim.”
— Louise Glück



Atualmente

Não posso dizer que consegui dormir ontem à noite, mas fui para cama. Tudo que aconteceu ficou se repetindo na frente dos meus olhos como um filme ruim. Meu coração está dividido entre o que sinto por Vince, e o fato de que não me parece natural odiar Tristan. Esse sentimento, no entanto, é o único que pode classificar e definir o que sinto por ele: ódio.

Fiz um exercício, deveras nobre, de perdoá-lo pelo meu acidente. Entendo que não é o culpado do que aconteceu comigo diretamente, porém, me dói muito lembrar do que me disse e do que fez momentos antes dele acontecer. Ele mentiu para mim. Me ildiu. Transformou meus sentimentos numa arma que usou para me ferir de forma que alguém jamais o fez.

Pensei que se conversássemos, se ele me explicasse, poderia, ao menos, desaprender a esperar sempre o pior dele. Puro desperdício. O Tristan de

ontem me lembrou muito o que me mandou embora anos atrás, que jogou fora nossos sonhos juntos e me atirou num lago de vergonha, arrependimento e muita dor.

Muitas vezes tentei me lembrar o que exatamente aconteceu aquele dia, na estrada, voltando de Boston, que arremessou meu carro naquele precipício. Quando fecho os olhos, só vejo a luz forte dos carros que vinham na direção contrária, e como tinha que piscar para me livrar das lágrimas que atrapalhavam minha visão. Como ontem, as palavras de Tristan aquele dia também se repetiam dentro da minha cabeça, não me deixando pensar racionalmente. Eu só conseguia sentir. Decepção, raiva de mim mesma, raiva – muita raiva – dele.

Hoje sei que não preciso mais tentar entender. O Tristan que amei jamais faria aquilo comigo. Em parte, sei que a culpa é minha e do meu idealismo de amar alguém que jamais conseguiu sentir o mesmo por mim. A outra parte, covarde, é a triste realidade de alguém que te conhece tão bem que sabe exatamente como te ferir profundamente. Cheguei a um ponto que todas as coisas doces e boas que fez por mim foram obscurecidas por suas atitudes atroz de querer me controlar.

Não sei se essa raiva que sinto agora um dia vai diminuir – como tentei fazer com a que senti após meu acidente –, ou se algum dia haverá uma oportunidade para ele justificar suas escolhas.

Seria eu capaz de perdoá-lo novamente?

Meu coração e minha mente, finalmente num acordo, dizem – em uníssono –: Não! Preciso fugir de seu controle, deste casamento. Vou encontrar um caminho. Sei que vou encontrar...

Finalmente, desvio o olhar da janela ao notar a limosine entrando na Primeira avenida e encaro a tela do celular no meu colo. Preciso ver Vince, conversar com ele, contar-lhe a verdade. Ao menos, parte dela.

Percebo a concentração de Jerry, sentado na poltrona ao meu lado, no seu próprio celular, então deslizo o dedo para destravar a tela do meu discretamente e acho o número que preciso. Aperto o botão e levo o telefone à orelha.

— Alô, Frida? — digo, assim que ouço a voz feminina do outro lado da linha. — Aqui é, Liz. Liz Swan. — enfatizo o Swan.

Sei que Jerry está atento embora, observando-o de canto de olho, ainda esteja totalmente devotado ao próprio aparelho. Volto minha atenção à janela do carro, olhando aleatoriamente para as coisas que passam ao

cruzarmos a avenida em direção ao Central Park. Faço uma pequena prece para que ainda esteja na cidade.

O suspiro da assistente me traz alívio, por me reconhecer, e desconforto, por imaginar que ela já sabe o que aconteceu comigo... — Liz... Que bom que você ligou! Tudo aconteceu tão rápido, tive pouco tempo para tentar um contato e te parabenizar pelo seu casamento.

É minha vez de suspirar. — Obrigada. — é tudo que tenho para dizer. — Você pode me dizer se Vince ainda está em Nova York?

Ganho a atenção de Jerry no mesmo segundo. Percebo como endireita o corpo, limpa a garganta e coloca seu telefone no console. Seus olhos estalaram quando pronuncio o nome de Vince.

Ela fica em completo silêncio, ouço barulho de papeis sendo movidos, o celular sendo posto na mesa, depois buscado de volta.

— Hum... — ela parece procurar a informação no meio de alguns papéis. Sua demora criando redemoinhos congelantes no meu estômago. — Me desculpe pela demora. Essa visita a Nova York foi decidida de última hora. O próprio Senador Hawke comprou a passagem... — mais barulhos. — Achei. — comemora, em seguida. — O voo dele sai hoje ...hum ... às três da tarde...

— Para Seattle? — indago, esperançosa.

— D.C.

Lamento com um suspiro resignado.

— OK. Muito obrigada, Frida.

— Quer deixar um recado? Pedir para que retorne sua ligação?

— Não! — limpo a garganta para disfarçar minha reação. — Pode dizer que liguei, mas ele não precisa retornar à ligação. Eu também pego um voo perto do almoço. Estou voltando para Seattle, após participar de um evento aqui no Central Park.

— Eu entendo — parece desanimada com a notícia. — Faça uma boa viagem de volta. Por favor, mantenha contanto.

Desligo o telefone e continuo com minha atenção para fora do carro. Um gosto amargo na minha língua me faz jogá-lo garganta abaixo, mas não me livro da sensação azeda da decepção.

— Onde ele está, Jerry? — indago num suspiro, mas sei que o chefe da segurança pode me ouvir.

Foi ele que dividiu a farta mesa de café da manhã comigo, ao invés do meu marido. Assim que sentou-se comigo à mesa, me disse que Tristan

não voltaria, que eu deveria terminar meus compromissos em Nova York e voltar para casa. Para Seattle. Também me passou – como faz todas as vezes que saímos de casa – nosso itinerário, quem é o motorista: Stanley, e quantos outros me ‘guardarão’ durante minha ‘saída’.

Confesso ter me surpreendido que não precisei protestar e exigir que fosse trazida ao Central Park para ver a performance dos meus antigos colegas do balé. Era como se isso já tivesse sido planejado. Poderia ficar me perguntando como ele sabia, e por que me deixou vir. Não sou mais tão tola. Se pôde gravar uma conversa minha, deve saber, e até prever, cada pequeno passo manco que dou. Não importa. Sei que rever meus colegas será o melhor – o único verdadeiramente bom – momento da minha vinda para a costa leste.

— Ele quem, senhora Sawyer? O Senador Hawke? — ele pergunta, e eu não sei se foi uma provocação ou uma piada.

Solto uma risada sem humor e balanço a cabeça. — Não tenho a menor dúvida que sabe exatamente onde o senador Hawke está neste exato momento. Inclusive deveria ter te perguntando ao invés de ligar para a assistente dele sobre o voo. — desabafo.

— O senador está hospedado na casa da Secretária de Estado Alicia Hubert em Southampton. — diz, sem o menor constrangimento. — Seu voo, United Airlines 2395, sai às 14h59.

Aperto os olhos para conter mais uma risada sarcástica e começar uma discussão com Jerry. — Obrigada pela informação de utilidade pública, Jerry. — só me resta usar o sarcasmo.

— Exatamente isso, senhora. Essas informações estão disponíveis no site do senado. Vincent Hawke é um servidor público. Tem obrigação de publicar sua agenda, senhora Sawyer.

Jerry Kudrow, às vezes, me lembra muito Tristan, no seu jeito de argumentar, tentando mostrar que está sempre à frente no que faço e penso. Acho que a convivência, no entanto, está me ajudando a também antecipar e ver a verdade no que dizem. Por isso, rebato:

— Muito bom seu argumento, Jerry. Agora me diz — viro-me para ele —, o que te levou a entrar no site do senado para procurar pela agenda dele? — a cara dele já acusa que sua justificativa não me convenceu.

— Hum, exercendo meu dever de cidadão? — ele vira o rosto para a janela do seu lado. Está rindo. Sei que está. Não quer admitir que furei seu argumento.

Claro que estão vigiando Vince. Principalmente depois de ontem... Aquela gravação... Nunca me senti tão exposta, tão humilhada. De certa forma, foi bom. Eu precisava mesmo de algo contundente para não mais tentar humanizar as atitudes questionáveis de Tristan. Ontem, de uma vez por todas, ficou claro que preciso me livrar dele, de seu controle e dessa merda de casamento. Se puder fazê-lo pagar por tudo que me fez e me disse ontem, melhor ainda.

— Onde está seu chefe, Jerry? Seattle?

— Amsterdam.

Respiro aliviada.

— Quanto tempo vai ficar lá?

— Muito tempo...

— Você não sabe, não quer me falar ou não pode me falar?

— Sinto muito, Liz. Não tenho autorização para repassar qualquer informação sobre o senhor Sawyer e seus compromissos na Holanda.

— Não perguntei o que está fazendo lá, apenas quero saber quanto tempo de paz vou ter quando voltar à Seattle.

— Pode ser dias, semanas, meses... Ele nunca diz. As coisas são meio... imprevisíveis por lá. A última vez ficou três meses... Vocês têm uma casa lá. — conta, parecendo esperar que eu me empolgasse com a notícia.

— Vocês... — solto uma risada seca, sem humor. — Ele, você quer dizer. Só posso imaginar por que razões Tristan tem uma casa em Amsterdam. Até ele consegue se livrar dessa tortura de casamento de vez em quando, enquanto eu...

— É a sede de seus negócios na Europa... e Ásia também.

Negócios... A última vez que pude ouvir alguma conversa de Tristan ao telefone onde mencionara a Holanda, mesmo tentando disfarçar, foi audível e notável que falava o nome de uma mulher: Anya. Mais uma para lista que começa com Samara Leighton.

Sempre Samara Leighton...

Bom para ele. Nosso casamento. Como na maioria dos casos. Só é válido em território nacional. É um homem livre e solteiro em qualquer outro lugar do mundo...

Olho a tela do meu celular, procurando por uma mensagem de Laylah, com qualquer notícia, qualquer comentário, qualquer coisa para me distrair.

— Por falar em casa... — começo. — Estou me lembrando de uma coisa. Há quanto tempo conhece meu marido, Jerry?

— Quase dez anos. — puxar a informação da memória o fez esboçar um sorriso. — A gente se conheceu na época da faculdade. Jogávamos rugby no time da uni.

Dá para imaginar facilmente os dois num time de rugby. Não haveria um outro esporte que favorecesse o tipo físico dos dois. Gigantes na altura e na força.

— Vocês chegaram a morar juntos em Boston... — afirmo, ao mesmo tempo que tento afugentar o contexto daquela lembrança. Não quero que memórias positivas sobre Tristan emergjam.

— Chegamos, senhora Sawyer. — Stanley anuncia.



Foi uma atenuação dizer que minha vinda ao Central Park ver o pessoal do IAB seria a melhor coisa da minha visita à costa leste. Para minha surpresa e total deleite o evento é um workshop, e pude participar ativamente desde o começo.

É um projeto de popularização do balé que acontece há cinco anos e visa desmitificar à visão tradicional da dança clássica. Ao invés de uma apresentação no palco, uma estrutura completa foi montada atrás dele para dar a sensação do que é estar num ensaio de balé – só que ao ar livre. Uma ideia brilhante idealizada por alguns membros da direção do instituto; uma delas: Martina Sandoval.

Longe da pressão de estar no evento de ontem, ficou mais fácil me lembrar por que aquele nome me soava tal familiar. Martina Sandoval se tornou diretora do instituto no mesmo ano que ingressei no IAB.

Quando nos encontramos, me recebeu como se fôssemos amigas de longa data, e eu soubesse de antemão o que aconteceria no parque esta manhã. Ganhei um par de sapatilhas e o convite para participar das dinâmicas com os interessados nos workshops – geralmente crianças e adolescentes que já dançam, além dos curiosos que só querem fazer poses engraçadas ao lado das bailarinas e bailarinos e postar em suas mídias sociais.

Mesmo me sentindo cansada – exausta – e o corpo pedindo hidratação e descanso, não consigo parar. O piano tocado ao vivo, marcando os passos que convidamos os voluntários a virem repetir é um toque ainda mais delicado, e ao mesmo tempo profissional, que faz me sentir como se nunca tivesse precisado abandonar meu querido ofício. Sinto-me ‘em casa’ quando as crianças se aproximam, curiosas, determinadas, mostrando que querem muito acertar o passo e o movimento.

— Vamos aceitar os últimos voluntários, por favor. — Alguém anuncia e minha sensação já é de nostalgia e desejo que aquele dia durasse para sempre. Porém, entendo. Não se deve desafiar o poder do sol em Nova York mesmo tão próximos do outono.

— Liz! — Isa me toca no braço, fazendo-me virar pra ela. — Que bom que veio! — me abraça forte, em tom de despedida. — O que achou?

Quando formo a frase na minha boca, elas são inundadas por uma sensação de perda, de distância, e só consigo soprar as palavras pra fora. — Foi incrível. — tento sorrir.

— Até agora não consigo acreditar que está mesmo aqui. — apoia a mão nos meus ombros, dando um pequeno chacoalhão —, Quando Martina me contou as novidades me perguntei por que não me disse nada ontem. — dá um passo para o lado. — Esse projeto só saiu do papel esse ano graças a você... vocês.

Isa me reconheceu facilmente na rua ontem. Neste momento, no entanto, me pergunto se não está me confundindo com alguém. Não faço ideia sobre o que fala.

— Graças a mim? — pergunto-me em voz alta.

— Não seja modesta, Liz. Você e seu marido salvaram o IAB este ano. Perdemos muitos dos nossos maiores patrocinadores de uma vez. Chegamos quase próximos de cancelar a nossa tradicional turnê pela Europa...

Tristan. Claro que estaria por trás disso. Ele está por trás de tudo. Sempre.

Por isso de sua marcação cerrada em Martina ontem.

— Fico... Ficamos feliz em ... ajudar... — finjo saber do que Isa fala.

— Eu também. — Sorri enquanto observa os últimos voluntários se juntando aos bailarinos no tablado de madeira. — Agora, além de fazer parte do instituto vai poder abrir uma filial na costa oeste... Vai ser a primeira vez na história do balé que uma companhia tradicional aceitará

alunos com necessidades especiais. Tudo isso graças ao seu amor à dança, seu altruísmo...

Pisco, como se minha cabeça fosse um computador antigo precisando de tempo para processar todas as informações. Meu primeiro impulso foi querer buscar meu celular e mandar uma mensagem à Tristan. Mas, o que diria? Lhe acusaria de ser controlador e tomar a frente de tudo que pouco tempo atrás eram escolhas minhas – minha vida, minha realidade – ou lhe agradeceria pela surpresa maravilhosa que tive hoje?

Ele sabia. Estava tudo planejado... Se não tivéssemos brigado ontem estaria aqui comigo...

Mas, que droga, Tristan. Você tá tentando me enlouquecer...

— Ainda há tempo para mais um voluntário?

Aquela voz. A familiaridade... A resposta do meu corpo foi automática. Porém, pouco páreo para o reflexo de Isa, que suspirou e revelou a identidade do homem ao seu lado, antes que eu pudesse espichar o pescoço para identificá-lo.

— Senador Hawke...

Ele cumprimentou Isa com um aperto de mão, bem típico de um político, e sorriu – aquele sorriso de milhões de megawatts. Minha colega bailarina retribuiu, e seu olhar de puro fascínio me fez lembrar o meu próprio tantas vezes que tive que interagir com o senador, quando ele era apenas o ‘pai de Brie’.

Fui apenas uma voyeur esquisita na interação dos dois por uns bons cinco minutos. Isa estava curiosíssima sobre a razão de sua presença ali. Segundo ele, uma coincidência – mas piscou para mim discretamente quando disse isso. Também falaram sobre a reeleição de Vince – que Isa, em sua versão comentarista política, afirmou que acontecerá sem a menor sombra de dúvida. Também acredito nisso, ele sabe.

Para encerrar a interação dos dois, Vince disse estar curioso em participar do workshop, tirando uma gargalhada de Isa, que apontou para mim como a ‘professora’. Com sua aproximação, minha primeira reação foi deixar meus olhos vasculharem meus arredores discretamente, procurando por Jerry e sua trupe. Algum tempo atrás estavam bem longe, sob a sombra das árvores, mas havia sempre alguém mais próximo. Desta vez, não consegui localizá-los. Mesmo sabendo que estava sendo observada, não poder notar a presença dos capangas de Tristan me deixava um pouco mais tranquila.

— Estava procurando por mim, Ballerina... — sussurrou quando me cumprimentou com um beijo leve na face.

Agradei em pensamento por Frida ter passado o recado. Não podia ter dito claramente ao telefone por causa de Jerry, mas dizer aonde ia foi informação suficiente para ela entender minha intenção.

— Absolutamente, Senador. — sorriu para ele, olhando dentro dos olhos verdes mais lindos do universo, porém por menos tempo que gostaria já que Isa, como fiz por tantos minutos, observava nossa interação.

— Estava falando com Martina Sandoval minutos atrás. — ele me surpreende com a notícia. — O IAB abraçou seu projeto inclusivo de balé. Meus parabéns.

Sorri, e acenei rapidamente com a cabeça. O que queria mesmo era me jogar em seus braços, dividir aquela felicidade com ele, ir embora dali com ele, passar o resto da minha vida... com ele.

Alguém chama por Isa, ela pede licença e se afasta. Com muita culpa, me sinto aliviada. Precisava deste tempo com Vince.

— Brie vai ficar entusiasmada em saber que agora faz parte do Instituto Americano de Ballet! — ele, no seu jeito típico, enfia as mãos nos bolsos da calça social cinza claro e balança o corpo para a frente. — Martina disse que vão reformar o antigo museu do som, no centro de Seattle. Me parece uma ideia brilhante, aquele espaço merecia mesmo ser resgatado por seu valor cultural e histórico.

Nos dois rimos de seu minidiscorso em prol da cultura e da história de Seattle.

— Obrigada. — Concordo, pois, sei que aquele prédio seria perfeito para abrigar e expandir o que se tornou meu grande sonho. Sei que espera que faça mais algum comentário, contudo fui pega de surpresa por Tristan mais uma vez. Não sabia...

O que pensa que estava fazendo, Tristan? Por quê?

— Surpresa de um marido apaixonado, imagino. — Vince diz como se tivesse ouvido, lido, meus pensamentos.

O sorriso que veste seu rosto agora finalmente consigo distinguir, é longo o suficiente para parecer genuíno, mas curto demais em duração; e se desfaz em um maxilar travado de... decepção. A mesma que sinto.

Ele evita que caiamos num silêncio constrangedor:

— Tristan é um cara legal. — caminha para fora da área de madeira polida e eu o sigo, por instinto. — Obstinado. — emenda, me fazendo

contrair todos os músculos por querer muito dizer que o homem que elogia é o mesmo que nos separou. — Sei que é muito competente no que faz. — acena para algumas pessoas que cruzam caminho conosco ao nos aproximarmos de uma área de sombra. — Acho que se daria bem na política. Pelo que conversamos, nas poucas oportunidades que tivemos, pareceu ser bem estratégico, pensa fora da caixa, e o mais importante, acredita muito nas pautas mais progressistas. Elas reverberam muito com os jovens.

Paro ao seu lado, braços cruzados na frente do peito, me segurando para tolerar aquela conversa sobre o homem que tem me levado do céu ao inferno múltiplas vezes, como ascensorista do elevador das minhas verdades e emoções.

— Talvez você tenha razão. — suspiro. — Não é uma coisa que eu consigo ver nele. Acho que o garoto durão e de poucas palavras que conheci na infância faça minha opinião um pouco contaminada. — digo, honestamente. Ao mesmo tempo, não queria passar esse pouco tempo precioso com Vince falando sobre Tristan.

— Vocês fazem um casal muito interessante. Pareceram muito felizes ontem.

Aperto os lábios para segurar o grito que quero dar. Vince se esforça tanto para demonstrar que aceita a minha decisão de me casar com Tristan, sem fazer ideia como aquela festa terminou para nós dois ontem.

— Eu vim porque precisava te dizer isso. — finalmente, tira os olhos dos nossos arredores e baixa seu lindo rosto para mim. — Eu fiz uma coisa muito questionável ontem. Não costumo agir daquela forma. Te ver depois de tanto tempo foi, tem sido... difícil ficar longe de você, Ballerina. Além disso, eu precisava ouvir de você. Que está feliz.

Eu não estou feliz, Vince.

— Seu marido fala de você o tempo inteiro. Fala com orgulho. Mais do que isso, com a mais pura admiração. Fico feliz que tenha alguém como ele ao seu lado.

— Vince ... — tudo dentro de mim começa a se contorcer. Quero lhe dizer a verdade. Por que não consigo lhe dizer, pelo menos, parte dela?

— É uma garota muito especial, Ballerina. — baixa a cabeça, fingindo achar algo interessante no chão gramado. — Especial para mim... Só queria que soubesse disso. Você me fez olhar mais ao meu redor, entender que quanto mais aberto eu for para as coisas, mais consigo voltar a me sentir

vivo. Não posso desistir das coisas. Eu sou muito grato por ter me dado isso... esperança.

— Você merece ter isso, Vince. Esperança. Recomeço. Felicidade... — as palavras voam secas e sopradas da minha boca pois tenho que controlar o soluço alojado na minha garganta.

Seria egoísmo meu contar-lhe a verdade e escravizá-lo na esperança remota de que há uma saída para meu casamento com Tristan. Não é justo com ele. Deixá-lo ir é o melhor que posso fazer. É meu último gesto de carinho por ‘meu senador’. Uma forma de garantir que alguém dentro desse imbróglio ainda poderá encontrar a felicidade que quer... que precisa. Ele merece saber a verdade. Merece mais ainda estar livre dos meus dramas...

— Não vou negar, queria ter sido eu a pessoa que colocou esse anel no seu dedo. — me surpreende ao segurar minha mão esquerda e trazê-la para mais perto. Virando minha palma para cima, seu polegar acaricia a base de ouro de minha aliança, traçando, em seguida, uma linha reta e delicada até perto do meu punho; seu dedo faz o caminho de volta. — Não é inveja, é apenas ...idealização.

Aperto os olhos e fecho minha mão na dele. Preciso tanto de seu contato, seu amor...

— Preciso ir, Ballerina. — beija minha face num gesto rápido e surpreendente e eu deixo sua mão deslizar da minha.

Só quando está muito metros longe, quase sumindo no meio da multidão, deixo o soluço e as lágrimas que segurava escaparem.

OBRIGADA POR LER MEU LIVRO!

Me sinto privilegiada em poder dividir minhas histórias com você.

o que vem por aí:

O CISNE NEGRO

É o PRIMEIRO livro da SÉRIE/COLEÇÃO: O LAGO DOS CISNES

Os outros títulos são (por enquanto):

- **A DANÇA DO CISNE** - livro #2
- **O MERGULHO DO CISNE** - livro #3
- **O CANTO DO CISNE** - livro #4 (talvez)

Os livros são parte da mesma história - não são 'standalones', logo, o desenrolar da história acontece pelos três, ou possivelmente, quatro livros/partes.

A história (dentro de três livros) já está completa, e seus lançamentos estão agendados para:

Livro 1 - Novembro/22

Livro 2 - Janeiro/23

Livro 3 - Março/23

Livro 4 (talvez) - Maio/23